









**BRASILIA**  
**BIBLIOTHECA NACIONAL**

DOS

**MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS**

PUBLICADA

Sob os auspícios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II

---

**CASIMIRO DE ABREU**

## BRASILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL dos melhores auctores nacionaes, antigos e modernos, publicada  
sob os auspicios de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Já fazem parte desta interessante e monumental collecção as obras poeticas seguintes :

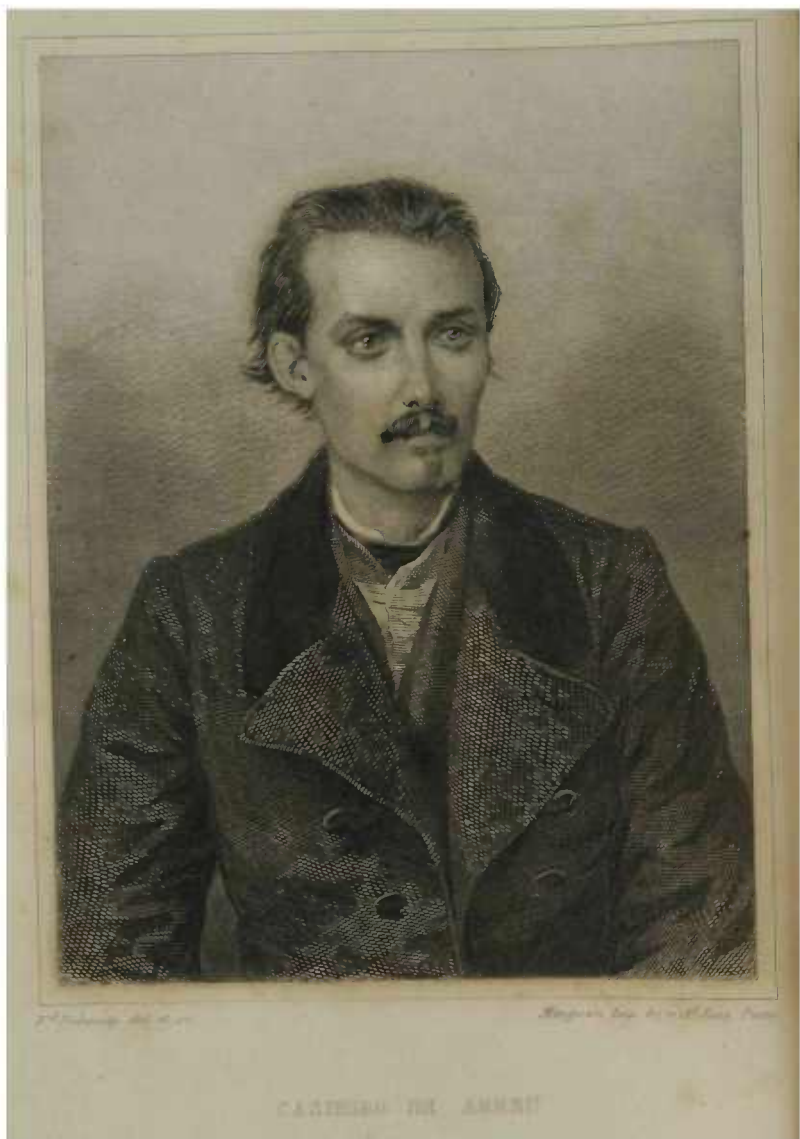
GONÇALVES DIAS (Poesias de), 6ª edição, 2 v. in-8º broch.....	4#000
Encadernado .....	6#000
Rica encadernação, 8#000 e.....	10#000
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Obras completas de)	
2 vol. in-8º enc.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (Obras completas de) 1 v.	
in-8º enc.....	3#000
Rica encadernação.....	4#000
ALVARES DE AZEVEDO (Obras completas de), 3 v. in-8º enc.....	9#000
Rica encadernação.....	12#000
Ficam ainda alguns exemplares in-4º enc.....	15#000
Rica encadernação.....	21#000
A ASSUMPÇÃO, poema de Frei Francisco de S. Carlos, 1 v. in-8º enc..	3#000
Ricas encadernações 4#000 e.....	5#000
CASIMIRO DE ABREU (Obras completas de), 1 v. in-8º broch.....	2#000
Encadernado.....	3#000
Ricas encadernações 4#000 e.....	5#000
JUNQUEIRA FREIRE (Obras completas de), 2 v. in-8º enc.....	6#000
Rica encadernação, 8#000 e.....	10#000
GONZACA, poema por ***. 1 v. in-8º.....	3#000
Rica encadernação, 4#000 e.....	5#000
MARILIA DE DIRCEU, por Thomaz Antonio Gonzaga. 2 v. in-8º enc.	6#000
Rica encadernação, 8#000 e.....	10#000
LAURINDO RABELLO (Obras poeticas de), 1 v. in-8º broch.....	2#000
Encadernado.....	3#000
Rica encadernação, 4#000 e.....	5#000

## LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS DOS PRINCIPAES AUCTORES PORTUGUEZES, seguidos de uma extensa noticia sobre a vida e obras do auctor, um juizo critico, apreciações de bellezas, defeitos e estudos de lingua, publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores da lingua portugueza, e dirigida pelo Visconde de Castilho (Antonio), e Conselheiro José Feliciano de Castilho.

ANTONIO FERREIRA. 3 v. in-4º enc. 15#000, in-8º.....	9#000
MANOEL BERNARDES. 2 v. in-4º enc. 10#000, in-8º.....	6#000
FERNÃO MENDES PINTO. 2 v. in-4º enc. 10#000, in-8º.....	6#000
GARCIA DE REZENDE. 1 v. in-4º enc. 5#000. in-8º.....	3#000
BOGAGE. 3 v. in-4º enc. 15#000, in-8º.....	9#000
JOÃO DE LUCENA. 2 v. in-4º enc. 10#000, in-8º.....	6#000





*J. P. [Signature]*

*Alfonso de [Name]*

CARTEIRO DE ANNO



# OBRAS COMPLETAS

DE

# CASIMIRO J. M. DE ABREU

COLLIGIDAS, ANOTADAS

PRECEDIDAS DE UM JUÍZO CRÍTICO DOS ESCRITORES NACIONAES  
E ESTRANGEIROS E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SEUS ESCRITOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA S.

---

QUINTA EDIÇÃO ORNADA COM O SEU RETRATO

MAIS CORRECTA E AUGMENTADA

---

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65, *Rua do Ouvidor*, 65

PARIS. — E. BELHATTE, Livreiro, 14, rua de l'Abbaye.

PORTO : Ernesto Chardron | BRAGA : Eugenio Chardron

LISBOA : Carvalho & Cia

1877

---

*Ficam reservados todos os direitos de propriedade.*

---

# INTRODUÇÃO



# I

## ADVERTENCIA

### SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Ha dez annos que a inevitavel mão da morte, cortára em flor um dos mais esperançosos poetas brazilienses, e suas obras, segundo a legislação patria, entram no dominio publico e fazem hoje parte da herança do povo, como um legado de seu auctor.

Annuido á justa reclamação dos amantes da nossa moderna litteratura, abro-lhe um lugar de honra entre os seus irmãos mais velhos, os auctores nacionaes que formam e devem formar com as suas antigas obras, esquecidas até aqui sob a poeira do tempo, pois que é elle bastante digno de figurar na *Brazilia*, bibliotheca nacional, cuja publicação se tem demorado por obstaculos de todo o genero não obstante a sua reconhecida importancia e evidente utilidade, não sendo o menor d'estes obstaculos a carencia de favores, aliás prodigalisados em tentativas menos valiosas á gloria litteraria do nosso paiz.

As *Primaveras* de Casimiro de Abreu foram recebidas com entusiasmo e lidas com avidez pelo publico e mórmente pelo bello sexo não só do imperio, como da nossa antiga metro polc. O fim prematuro do illustre cantor augmentou-lhes o merito, dando-lhes o realce que outorga o sellosagrado do tumulo e a sancção da morte, e a edição nitida e luxuosa, feita sob as vistas do proprio auctor, (1) esgotou-sc para logo, e só seis a sete annos depois appareceram as novas edições portuguezas do Porto (2) e de Lisboa, (3) com algumas novas produções do malogrado poeta.

Differe a presente edição das tres anteriores. Não só é mais completa como menos confusa, pois evitei a reproducção de algumas poesias não já com differentes, mas sob os mesmos titulos apresentados debaixo da apparencia de novidade, tacs quaes se veem nas duas edições portuguezas. (4) O auctor, logo depois da impressão das suas obras, mostrou-sc descontente da falta de ordem que guardára na distribuição de suas composições pelos tres ou quatro livros (5) de que se compoem as suas *Primaveras*, e seu editor esperava o restabelecimento de sua saúde para dar segunda edição muito melhorada e augmentada a esse respeito ; ambos porêm, auctor e editor, foram tolhidos nesse projecto pelo sôpro da morte.

No primeiro livro, a que o poeta consagra as suas poesias do exilio, (6) como chamava a sua forçada residencia em Portugal, faltam muitas das poesias escriptas fóra da patria as quacs todavia se encontram derramadas pelos livros seguintes, (7) assim como tambem contêm outras feitas já na terra natal e que podem e devem ter melhor cabimento entre as suas *Brazilianas*. (8)

O segundo livro que comprehende os cantos de amor, contem poesias deslocadas do livro das composições diversas que é o tercciro, (9) assim como n'este ha produções inspiradas pelo amor, que pertencem indubitavelmente ao segundo, (10) afóra as avulsas, que não são poucas. (11)

— 9 —

Ao livro terceiro destinou o auctor as poesias diversas pela variedade de seus assumptos, mas ainda assim deparam-se n'elle as poesias mais convenientes ao seu *Livro negro*, (12) as suas *Canções do exilio* e cantos de amor, (14) sendo necessario supprir essas faltas com as poesias avulsas. (15)

O *Livro negro* é composto de um pequeno numero de poesias ; ha ahí muitas, porém, que se acham no caso de lhe pertencer pelo seu estylo repassado da mais pungente e acerbaba melancolia e pelo seu colorido funebre, que só lhe podia fornecer o fel de que lhe impregnaram o coração ainda infantil, pela contrariedade com que torceram as nobres voçações da sua alma. (16)

Alem das poesias insertas nas *Primaveras*, existem outras que por occasião do passamento do auctor ficaram derramadas em numero de doze ou treze por varias revistas e gazetas. (17) Convem, pois, distribuil-as pelos diversos livros da sua preciosa collecção, deixando apenas de parte o pouco que escreveu em prosa (18) e o seu poema dramatico, (19) relativo aos ultimos momentos do grande cantor dos Luziadas.

Ousei pois fazer o que faria o auctor ; conservei as suas divisões, mas transpuz de uns para outros livros as composições que pediam essa traslação, pelos seus assumptos e pelo seu estylo, junctando-lhes convenientemente as poesias avulsas, de modo a tornar a sua obra mais perfeita quanto á distribuição das materias, collocando as poesias em harmonia com o assumpto de cada livro. Essa nova classificação se devo assim chamar a essas pequenas modificações, em nada altera os pensamentos do poeta, antes apresenta as suas idéas mais facilmente ao exame e comprehensão dos que leem e meditam sobre as poesias, embora os homens positivos ou dados unicamente ás sciencias, a tomem por litteratura frivola. (20)

Seguindo o plano adoptado para as obras d'esta collecção, juntei-lhe o juizo critico dos auctores nacionaes e estrangeiros, sendo n'esta parte a presente edição mais completa do

que as portuguezas, onde faltam alguns pareceres não inenos importantes, do que os publicados nas duas edições citadas. (21)

Corôa a presente edição uma apotheosis poética ou collecção de poesias tributadas á memoria do auctor, pelos seus amigos e admiradores Bruno Seabra, Almeida Cunha, J. V. da Silva Azevedo, Ernesto Cibrão, C. A. Barbosa de Oliveira, e Nuno Alvares e Eduardo de Carvalho ; guardada a precedencia segundo a ordem chronologica da apparição, sendo que para melhor uniformidade com o titulo geral, suppri mi os titulos de cada uma, dados por seus auctores, os quaes pouco ou nada differem entre si. (22)

---

Havendo-se esgotado a ultima edição d'esta obra, poz-se todo o cuidado para que a presente, que é a quinta, sahisse mais completa, e mais correcta.



## II

# JUIZÒ CRITICO

### DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

Nos dias de prosaico positivismo em que vivemos, acabam as letras brazileiras de receber mais um mimo.

Casimiro d'Abreu acaba de publicar as suas *Primaveras*. Cumpre ser moço, na verdade, para no meio da indifferença que enregela a sociedade, no meio do borborinho metallico que sôa a todos òs ouvidos, levantar a voz sonora e dizer a essa sociedade egoista — Attendei-me! — vou cantar os segredos de ternura da alma humana ; vou expôr-vos na lingua a mais doce e harmoniosa os sentimentos que estão nos vossos, como estão em todos os corações, mas de que tão accuradamente vos distrahis. — Cumpre ser moço para tental-o, e cumpre ter recebido do céo essa sublime inspiração, que constitue a verdadeira arte poetica, para conseguil-o. Casimiro d'Abreu o conseguiu ; seus versos são fluentes, rcios de melodia, apropriados ao assumpto, doces como elle. Qual é o assumpto ? Podeis perguntal-o ? O que pôde

cantar um moço senão o que lhe transborda do peito? —  
O amor.

A saudade da patria, a confiança nos destinos d'ella, a saudade da familia, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isso inspira o poeta; tudo quanto é sentimento terno, acha-se no seu thesouro. É porêem o amor o que mais constante lhe faz vibrar o coração, e a menor leitura do livro basta para mostrar que é escripto com o coração.

Não lhe escaceando o devido tributo de louvor e d'animação, a nossa imprensa deve mostrar ao joven poeta que nem tudo está tão frio, nem tudo é tão indifferente como parece: aqui e alli ainda batem corações sympathicos a todos os sentimentos nobres, nobremente exprimidos, e não faltam espiritos que prezem e cultivem as bellas-lettras.

Se para esses quizer viver Casimiro d'Abreu, se tiver a coragem de dizer aos mais — *Odi profanum vulgus et arceo*, — animações lhe não hão-de faltar, e longe de retirar-se da liça, depois de tão bella estreia, accrescentará mais cordas á sua lyra, aproveitará o raro talento de metrificacão que mostra possuir, em alguma composicão de mais alento. Para então o aguardamos nós; que hoje com tanto prazer lemos os seus versos e os accéitamos como um agouro ou uma promessa, para collocar-o na primeira linha dos nossos vates e mostrar com analyse de critico os seus titulos a essa gloria. (23)

JUSTINIANO ROCHA.

---

Saudemos a apparição de mais um bello livro de boa e verdadeira poesia, filha do coração e não do calculo.

Pertence o joven poeta á eschola brazileiro-romantica e d'entre os seus chefes parece dar preferencia a Gonçalves Dias. Conscio dó seu talento, desejar-lhe-iamos mais algu-

ma originalidade, pois que a imitação é um escolho, de que a sua fértil musa devêra arredal-o. Por maior que seja a admiração de um esperançoso mancebo pelas obras dos grandes mestres, cumpre eomtudo que não lhes saerifique o seu estro. Por tal modo impressionou a Casimiro de Abreu a leitura da riquíssima eanção do exilio de Gonçalves Dias, que a vemos por mais de uma vez transfolheada em seus versos.

De todas as produções, originadas pela saudade da patria, preferimos a que denominou *O lar*, que eomeça por estes melancolieos e sonoros versos :

« Longe da patria, sob um eéo diverso,  
« Onde o sol, etc. »

Verdadeiro sentimento inspirou-o quando tal eserevia; vê-se que o poeta sente o que diz, e que a sua tristeza não é artificial nem de convenção.

Das *Brazilianas*, cujo titulo pediu emprestado ás brilhantes poesias de Porto Alegre, agradou-nos mais a intitulada *A voz do Rio*, onde cheio de santo patriotismo exelama :

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,  
« O mar é manso, etc »

Se Casimiro de Abreu não pode luetar em vigor de imaginação eom o eantor do *Corcovado* e da *Destruição das florestas*, é mais meiga a sua harpa e mais aecessivel o seu canto.

É muitas vezes prejudieial aos poetas a summa faeilidade em metrifear, fazendo-os sacrificar o pensamento á forma. A prova d'esta asserção eneontrará o leitor muitas vezes nas composições de Casimiro de Abreu, verbi gratia, a que tem por titulo *Poesia e Amor*, onde deparará com lugares que lhe eausarão tédio pelo zumzum da rima. Sirva de exemplo a seguinte estrophe :

« A gota de orvalho,  
« Temendo, etc.

onde uma simples idéa é afogada n'uma alluvião de palavras.

Com chave de ouro fecha o poeta o primeiro livro dos seus canticos. Curta e sublime é a sua poesia denominada *Deus*. Tam grandioso é o pensamento que despedaça o envólucro, em que está confido, deixando ver por sobre elle uma serie de raciocinios, que o auctor artificialmente occulta. Inimitavel é este final :

Minha mãe a sorrir olhou p'ra os céos  
E respondeu, etc. »

Simple e elegante é a descripção que nos faz da primavera, e depois de tantas definições ainda soube dizer com graça e propriedade :

! A primavera é a estação dos risos,  
« Deus, etc. »

O mesmo reparo, que fizemos á canção *Poesia e amor*, applica-se ainda com justiça á *Valsa*, onde o poeta usou e abusou do metro de tres e quatro syllabas, com pouca vantagem empregado na nossa versificação.

*Pepita* é uma formosa lyra, repassada de *lamartinismo*, onde se engasta este delicadissimo pensamento :

! Minh' alma é mundo virge', ilha perdida  
! Em lagos de crystaes ;  
« Vem, Pepita, etc.

Dirigindo-se á *Mocidade* convida-a a consagrar ao amor a primavera da vida, e tomando o tom do velho Anacreonte, exhorta-a n'este termos :

! Anemos ! Este mundo é tam tristonho !  
A vida, etc. »

*Minha alma é triste !* que contraste com a jovialidade d'um mancebo, para quem o futuro sorri cheio de promessas. Quiz demonstrar-nos que sabâ tanger o alaúde de Job e de Jeremias. Sempre feliz em seus similcs, compara os seus cantos com o lyrio murcho pelos ardores do estio :

Como a criança, que banhada em prantos  
• Procura o brinco, etc.

N'este mesmo genero recommenda-se a mimosa nenia consagrada ao seu amigo Affonso Messeder, em que se mostra digno emulo do Sr. Dr. Firmino e de Gonçalves Dias. Como este final é sublime de melancolia, de resignação e de esperança de além do tumulo!

« Descança ! se no céu ha luz mais pura,  
« De certo gosarás, etc.

Sacro entusiasmo, dictado pela mais pura amizade, inspira-lhe elevados pensamentos na ode endereçada a Macedo Junior. Com que effusão lhe diz :

• Não desmintas, irmão, este propheta,  
Sybarita, etc. »

A desvellada e religiosa educação que no materno regaço recebeu Casimiro de Abreu, revela-se toda no seu mavioso canto *O homem de metal*, cheio de moralidade e sentimentalismo.

Para pagar um tributo ao gosto da epocha, quiz tambem o auctor queimar alguns grãos de incenso nas aras de Byron e de Alfredo de Musset, e aproximar-se n'este ponto a Alvares de Azevedo e Junqueira Freire, de quem seu estro tanto distanciava. Com franqueza diremos que no nosso humilde conceito o *Livro Negro* é o que mais nos desagradou de toda essa interessantissima collecção, que recebeu no baptismo da imprensa o nome de *Primaveras*. (24)

J. C. FERNANDES PINHEIRO.

---

*As Primaveras* formam uma collecção de harmonias singelas, como é singelo o coração, e ao mesmo tempo arden-tes como é ardente a febre : são cantos da mocidade.

Quando se abandona o collo d'uma mãe querida e se entra no mundo, scena grande, cheia de luzes e de bulicio, a commoção é violenta, a alma estremece c... começam os sonhos. E como é bello sonhar !

A imaginação cria um mundo á parte, rodeado de horizontes todos novos ; atira-se por ahí além, rindo e folgando, seguindo seus caprichos de menina voluvel ; na voz da brisa escuta harmonias do céu e vai trocando ternos olhares com alguma virgem que ella mesma ideou e que só ella vê.

A par dos sonhos, apparecem as primaveras d'essas scenas, que fazem esquecer as dôres d'um passado inteiro, cobrem de flores o presente e tornam-se uma fonte inesgotavel de mágoas para o futuro.

Scenas como todos almejam e como alguns apreciam. São lindas paizagens do Chanaan dos amores, os caminheiros do deserto as avistam de longe, e felizes aquelles que chegam a gosar as suas delicias !

Se tudo isso, porém, vive e palpita no bello livro de Casimiro d'Abreu, não faltam as côres sombrias. Que quereis? No sorrir do mancebo apparece ás vezes uma contracção ironica, um vislumbre de tristeza, fraco lampejo d'alguma dôr secreta.

Nas primaveras ha flores sepulchraes ao lado de flores festivas.

No primeiro livro ha d'esses versos que brotam do coração, quando pelo cahir da tarde a doce virgem da melancolia nos vem enlaçar em seus braços. Derrama-se então muita lagrima ; porém são lagrimas que alliviam e consolam ; a melancolia é uma bella companheira.

Por isso tambem não é das harmonias que ella inspira, que fallamos presentemente, mas sim da ultima parte do volume, e sobretudo do *Livro Negro*, onde se percebe o cunho d'uma idéa grave e um espirito, sob a impressão d'algum sentimento triste.

Leopoldo Roberto achava-se um dia entregue aos mais

agradáveis sonhos de ventura, seu rosto era altivo, seu olhar brilhante; tomou o pincel e desenhou com effusão a linda scena *Le carnaval de Venise*. Dias depois o artista esmoreceu e sobre a mesma tela, mesmo em cima d'aquellas figuras alegres pintou *Le départ des pêcheurs*.

Foi um sorriso suffocado por um soluço, diz Pelletan, o narrador d'esta scena. Casimiro d'Abreu, depois de cantos de vida e amor, escreveu o *Livro Negro*. São suas ultimas vozes, e por isso fecha-se o livro das *Primaveras* com o coração mergulhado em tristeza.

Porém não inporta; iremos ouvindo as suas canções, embora depois os eccos funebres nos arranquem dos sonhos.

O poeta colloca o ramilhete de suas flores sob o olhar terno e compassivo: esse olhar será seu *talisman*, seu *palladium*, e ao terminar, assim diz:

Se entre as rosas das minhas primaveras  
Houver rosas, etc.

A prece já foi murmurada, agora póde a lyra entoar seus cantos.

O livro primeiro das *Primaveras* tem um tom dominante, que é a saudade. A saudade não tem dous scntidos. Não é a tristeza que, desenhando-se no rosto d'aquelle que abandona o berço natal, desapparece quando desapparecc a sombra do amigo, que da praia accna um adeus; não é a tristeza que some quando se somem as serranias nos confins do horizonte.

A saudade é outra.

É o sentimento que nos acompanha longe do tecto paterno, dia por dia, em todos os passos. Dizem que tudo morre com o tempo: a saudade foge d'essa regra; á medida que os minutos se escôam, vai ella tomando mais vastas proporções.

Casimiro d'Abreu teve de partir criança ainda para fóra de seu paiz; abandonou o solo da patria e foi viver algum

tempo em Portugal. D'áhi cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do ar embalsamado de sua terra.

Das duas composições intituladas *Canção do exílio*, a que mais nos agrada é a segunda: a primeira é mimosa, porém faz lembrar um pouco a de Gonçalves Dias, que tem o mesmo título.

Alem d'isso, a outra é mais sentida, e vê-se mesmo que foi escripta sob toda a influencia da melancolia serena, que desperta a saudade do céu americano.

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
« Meu Deus, etc.

É oração do moço, que cedo arrebatado d'um mundo cheio de luz e de perfumes, quer expandir-se ao sol da patria e embriagar-se de poesia e de vida.

Quero dormir á sombra dos coqueiros,  
As folhas, etc.

Os versos correm sonores e tristes, como as cachoeiras de que nos falla o poeta; foi sem duvida uma canção modulada pelas horas plácidas da noite, á lembrança do luar tranquillo da sua terra.

Um dos caracteristicos notaveis de Casimiro de Abreu é a singeleza d'expressão. Nada de phrases enredadas e locuções difficeis; falla sempre a linguagem do coração. Por isso todos podem ler os seus versos.

Não é d'esses poetas enigmaticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de mil variados arabescos e complicados relevos, pensando que assim brilha mais; não é d'esses, cuja arte consiste em acabar um pensamento simples, quando não é vulgar, com palavras sesquipedaes e atroantes, como o ribombo do canhão.

Demais, o nosso joven poeta é sempre intimo. Não se arreceia de levar o leitor ao tabernaculo sagrado das suas re-



cordações e mostrar-lhe as reliquias memorandas que ali conserva religiosamente: esperanças em flor ou esperanças murchas; — sorrisos, impressões de criança, lembranças ternas, ligando-se ás vezes a pequenas cousas, — tudo apparece.

No genero familiar apparecem os bellos dotes que acabamos d'apontar á sua verdadeira luz.

A patria encerra tudo que ha de mais caro para o homem. Não é só a brisa que balançou nosso leito de menino e os esplendores da natureza que nos cercou de suas galas. É tambem o lar da familia, as sombras amigas, que nos rodearam nos primeiros passos; é sobre tudo a voz que nos acalentou nos choros infantis. Que céu de poesia não se encontra alli!

Hugo, o poeta desterrado, cabeça immensa, onde fuzilam os grandes pensamentos, como fuzilam os relampagos na crista d'altaneira montanha, criou assim, pôde-se dizer, a eschóla da familia na poesia.

Espirito cheio de crenças, de lealdade e de valor, sua lyra desprende sons altivos ao desenhar o character magnanimo de Ruy Gomes e o vulto soberbo do velho Titan do Rheno, Job o Excommungado, que içava na torre de seu *burg* um formidavel estandarte de luto, que a tempestade vinha torcer no seu turbilhão negro.

Imaginação arrebatada e voluptuosa, foi buscar no Oriente aquellas imagens graciosas da Grécia, e, ao passo que desvendava com todo o mimo os mysterios encantadores do Harêm, tremia d'enthusiasmo no meio d'exhalações guerreiras, acompanhando Canaris na sua barca pelas ondas azues do Mediterraneo.

No entretanto é o mesmo homem que alimentou com seus cantos e embalou nos seus braços essa outra poesia, tam rica como a primeira, com quanto mais modesta, poesia que não tem como horisonte o céu franjado de nuvens encantadas, porém unicamente as quatro paredes d'uma casa; poe-

sia que não segue o vôo altivo do condor, mas acompanha simplesmente o novello de fumo que se escapa do tecto.

Divina, porém, é ella na sua simplicidade. As luctas do mundo prostram o corpo e o espirito; as agitações convulsivas e burlscas d'isso que se chama sociedade, aquebrantam as forças, e no redemoinho da vida bebe-se muita lição de descrença. Então a casa da familia se abre, o peito respira melhor, e a gelidez que se apoderou da alma some-se no meio de pessoas queridas, aos raios vivificantes do fogo domestico.

Hugo, no meio de sua mulher e de seus filhos, canta e chora. E quanta mágoa não foge ao som de seus cantares!

Casimiro d'Abreu, é, como já dissemos, mui feliz n'esse genero.

Lêde aquella ingenua poesia *Meus oito annos*, e vereis com que amenidade se entrelaçam as lembranças da casa que o viu nascer.

Oh ! dias de minha infancia !  
Oh ! meu céu, etc. »

E depois :

« Livre filho das montanhas,  
Eu ia, etc. »

*Minha mãe* — é repassada d'uncção e de sentimento.

« De noite, alta noite quando eu já dormia,  
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,  
« Quem é que meus labios dormentes roçava,  
« Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?  
« Minha mãe !

*No Lar* — é uma das melhores peças do volume. O coraçãoahi está todo inteiro.

*No Lar* — descreve o poeta sua volta á patria : primeiro a alegria, depois recordações intimas, e em seguida enthusiasmo sancto, avidez de sol e d'amor. São d'esses versos que se leem com os olhos humidos.

O desterro teve um fim : eis o proscripto no meio das sombras da sua infancia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,  
« O filho prodigo, etc. »

Tudo é bello ahí ; as reminiscencias apparecem em borbotões e a alma refaz-se n'essa viagem pelo campo do passado.

Quem poderá ler estes versos de Casimiro d'Abreu, sem sentir um estremecimento no coração ?

! E a casa? as salas, estes moveis... tudo,  
« O crucifixo, etc. »

Quem não terá na vida paginas irmãs d'esta ?

! E alli, n'aquelle canto... o berço armado !  
« E minha mana, etc.

O resto é prece fervorosa d'amor, hymno de fé e d'esperança.

*No Lar* — é a poesia mais intima e familiar do nosso poeta.

Occupar-nos-hemos agora de suas *Brazilianas*.

A poesia nacional brasileira vai deixando pouco a pouco as fórmas vagas da utopia, e desenha-se aos olhos de todos com os traços firmes da realidade. A nuvem, simples camada de vapores, toma de dia para dia as fórmas mimosas d'uma donzella.

Da chrysalida pura, muito imaginaria, vai nascendo uma linda borboleta.

A mudança estava na ordem dos factos.

A poesia nacional não é mais do que a épopea animada, onde se veem gravar as idéas e os costumes d'um povo, e a natureza d'um paiz com suas imagens horrendas ou seductoras.

Toda a nação tem essa epopéa, livro de paginas particularrissimas, e cuja côr é verdadeiramente local, porque suas

feições ahi se estampam fielmente, bem como o eéo azul ou negro se reflecte no lago, bem como o rosto feio ou bonito se reflecte no espelho.

Parece que a realidade da poesia nacional está hoje sufficientemente demonstrada e geralmente acceita.

Com quanto assim seja, muitos ha que duvidam da sua existencia entre nós.

Appella-se para a falta de tradições ; diz-se que os costumes não tomaram por em quanto característicos salientes, que o perfil da nação não se acha ainda bem desenhado. Desmentido solemne a essas palavras vai apparecendo a cada momento.

Nossos typos se desenhham, e os costumes se gravam todos os dias com summa naturalidade.

Quanto ás tradições parece que o nosso passado não é de todo falho de festas heroicas, que a nossa historia offerece ao poeta paginas bellissimas, ricos assumptos de inspiração. D'essa verdade tambem não faltam evidentes provas.

Demais, a raça orgulhosa e valente que nos precedeu n'este solo, deixou-nos ao extinguir-se tanto mysterio sagrado, tanta lenda maravilhosa, que o poeta é obrigado pela faseinação do bello a escrever esses poemas e desenhar esses heroes, agigantados como os de Homero, e ao mesmo tempo simples e rudes, como filhos que eram das mattas e serranias.

Nem se diga que tal fonte é vedada á poesia nacional e que de modo algum lhe pertence.

São scenas essas que se passaram aqui, onde vivemos, que espargiram seus raios sobre nossos usos, e cuja vida veiu em muitos pontos entrelaçar-se á nossa.

Com taes elementos e os denodados campeões que conta em sua phalange, a poesia brasileira vai ganhando terreno.

E assim é necessario.

A soberba rainha, que traça esse manto immenso de campinas bordadas de florestas e montanhas, e cuja corôa são as aguas do rio-gigante, deve ter uma voz sua.

Deve embocar o *boré* para entoar seus cantos de guerra ; cantar aos sons compassados do *maracá*, os sonhos da indigena mollemente adormecida em sua réde de pennas, e relatar na lyra os quadros graciosos de nossa vida, acompanhando o gorgueio de nossos passaros.

Em opposição ás nossas idéas, procuram ainda alguns argumentar, considerando a questão por outro lado.

Dizem elles que a verdadeira poesia tem um ponto, um centro, á roda do qual gravitam todas as suas creações : é o espirito, a cabeça, o homem.

D'ahi duas conclusões : a poesia nacional não pôde existir, ou pelo menos a poesia não se deve occupar com as tradições indigenas. Quanto á primeira, porque não recebe o sello geral do homem ou antes não reflecte a humanidade, e em ultimo lugar quem penetra os profundos segredos das florestas, afasta-se inteiramente do ponto em que pôde encontrar essa imagem. Aceitamos o principio e repellimos as conclusões.

A poesia acompanha sempre o homem, quer com o caracter dramatico da grande sociedade, quer sob a influencia de costumes particulares, quer na idade primitiva, quando, filho dos bosques, passeia livremente pela natureza. Por outras palavras : sem despresarmos o cosmopolitismo na poesia, crêmos com fé na sua nacionalidade, e entendemos que o poeta, se deve atirar com ardor ao estudo d'essas memorias sublimes, estampadas nos nossos troncos seculares.

*Moreninha* e *Na Réde* — são dous lindos ensaios da poesia nacional.

*A Moreninha* é uma composição graciosa, ligeira, expansiva como se pôde perceber pelo titulo : todas as sextilhas ahi se acham habilmente ligadas, e não ha uma só que seja destituida de interesse.

Quem lê a *Moreninha*, julga mesma acompanhar uma d'essas interessantes meninas, que passeia no campo a rir e a brincar, saltando pelas pedrinhas e vendendo suas flores, e tem vontade de exclamar com o poeta :

« Ai ! vejam como é bonita  
| Com, etc. »

Admira-se ahi uma paciencia toda natural, e, ao passo que se respira o doce perfume da innocencia, sente-se uns longes da malicia, porê m d'uma malicia candida que enfeitça.

| Tu és bella, moreninha,  
« Sentada, etc.

O poeta, porê m, não quer as flores do samburá, quer as flores do coração :

« Eu disse então : Meus amores,  
| Deixa, etc. »

A menina enrubecida lá foge pelos campos, e, ao contal-o, diz o poeta :

« Tua ias de saia curta,  
| Saltando, etc.

*Moreninha* — é das mais mimosas poesias do volume. Deve ser lida por inteiro para convenientemente apreciar-se.

Forçoso, porê m, é confessar que a *Moreninha* não está nas condições legitimas de braziliانا. Não ha entre nós esse typo de vendedeira de flores ; essa idéa é alguma reminiscencia de Portugal.

É comtudo justificavel o titulo. O poeta não pinta unicamente ; de seus attributos o mais sublime é o dom de criar.

Casimiro d'Abreu criou ou antes collocou, aquella imagem risonha em nossos campos, com as côres e graças de nossas donzellas : viveza de falla, gestos e passos, gosto de discrição, tudo é nosso.

Por isso mesmo não lhe perdoamos o ter encontrado sua *Moreninha* á fresca sombra do *til*. Não deixa de destruir um pouco a naturalidade da scena.

E tambem digna de nota a poesia intitulada *Na Réde*. A harmonia do verso é compassada e exprime perfeitamente a languidez da virgem, que se embala, dormindo, n'essa cama engraçada das florçstas.

*Na Réde* — traz á lembrança a voluptuosa *Sara la Baigneuse* das Orientaes.

Temos ligciramente apreciado o primeiro livro das *Primaveras*. Vivemos alli na graciosa quadra da infancia ; — passemos por agora aos arroubos ardentes da mocidade.

É no segundo livro que o poeta se expande em fervorosos cantos de amor.

Todo o poeta sente absoluta necessidade de prender ao coração a imagem feiticeira d'uma mulher, que seja uma d'essas fórmas aérias e vagas que vem reclinar-se á nossa cabeceira, que seja um d'esses entes divinos que andam e sentem e nos murmuram ao ouvido segredos que só o coração entende.

Realidade ou sonho, é preciso que essa imagem exista.

Qual dos poetas não almeja possuir esse ramo de ouro para penetrar os segredos de alem-mundo !

Não nos referimos unicamente áquelles que passam a vida sob a impressão magnetica d'um raio de lyrismo ; não fallamos unicamente d'essas figuras pallidas de Azevedo e Novalis, que, segundo a phrase de Blaze de Bury, não fizeram mais do que entoar tristemente um hymno no jardim da poesia.

Não ; é mcsmo d'esses, em cujo cerebro está sempre em fusão alguma idéa portentosa ; e dos poetas que vão estudar a humanidade com seus problemas e o mundo com scus labyrinthos.

Espiritos profundos, nem por isso se esquivam á lei do coração e pagam seu tributo da melhor boa vontade.

Garrett, em um dos seus livros mais espirituosos, fallando sobre a influencia do amor, acaba por estabelecer a regra— que todo poeta deve andar sempre namorado.

Comprehende-se perfeitamente.

O coração do poeta é immenso, neecessita d'um sentimento immenso. É uma machina gigantesca, que deve trabalhar com material equivalente. Do contrario, ou permanecendo em vergonhosa inercia, suas numerosas e delieadas molas gastar-se iam miseravelmente.

Verdade é que Garrett com seu principio parece exigir para o amor do poeta uma criatura em carne e osso ; a tanto não chegamos nós ; mas emfim curvamos a cabeça ao mestre.

Deixemos de lado certos espiritos com pretensões a uma seriedade absurda, que criticam as doees emanções do coração do poeta, e que para distrahir-o lhe apontam unicamente horisontes vastissimos, que nem mesmo elles enxergam. São vozes que não acham eceo, nem nos jardins da natureza, nem nos recantos da alma.

Em quanto a poesia fôr filha do sentimento, o poeta deve-se abraçar ao amor. Como Lamartine, Casimiro d'Aubreu tem a sua *Graziella*.

O segundo livro está cheio de primoras eanções, em que se bebe o halito puro d'um peito de virgem, e se sente o vivo pestanejar d'uns olhos pretos.

Observam-se dous eoloridos distinctos nas composições amorosas do joven poeta.

Umás são effluvios sagrados, solemnes mesmo, que reben-tam do peito no ar dorda paixão ; outras são inspirações joviaes, faetas moduladas junto ao sagrado objecto d'um amor eandido e familiar.

Nas primeiras está o eanto de amor *Pepita*, *Visão*, etc.; e nas segundas *Scena intima*, *Segredos* e mais algumas.

A bella poesia intituladoa *Primaveras*, saudação ás flores .



do coração e as flores do campo, encerra o pensamento do segundo livro.

Alegre e verde se balança o galho.

« Suspira, etc. »

E assim acaba :

! Na mocidade, na estação fogosa.

« Ama-se, etc. »

Seria por demais inutil analysar as boas producções que se encontram n'esse livro: além de serem em grandenúmero a simples leitura revela todo o seu merito. Fallaremos sómente de algumas, e rapidamente.

O canto de amor é a oração pura que os labios tremem aos pés de uma mulher. A corda do amor é essencia na lyra do poeta, e tem sido vibrada em todos os tempos ; por isso vai-se tornando cada dia mais difficil a poesia amorosa. O sello da originalidade em taes casos não é cousa de pouca monta.

Casimiro d'Abreu tem a habilidade de fallar do amor quasi sempre, como d'uma materia nova.

O canto do amor é melodioso e sublime.

É admiravel a phrase elegante do poeta ; não é como a onda que sabe das profundezas do abismo e se atira ás nuvens ; é antes como a lymphe cristallina, que vai murmurando através do valle.

! Oh ! vem depressa, minha vida foge...

Sou como, etc.

*Pepita*— distingue belleza de forma e escolha de imagens : tem certo ar de indolencia que diz muito bem a uma revelação de amores n'este abençoado clima tropical.

! Minh'alma é um mundo virge', ilha perdida

E m lagos, etc.

*Ne Visão* — narra-se o nascimento d'uma paixão ; talvez seja a poesia mais natural do volume, tanto nos sentimentos como na construcção e na rima.

*Uma Noite* — o poeta vê passar as gallas da festa o rosto virginal de uma criança, e assim diz :

« Eu olhei, ella olhou... doce mysterio !  
« Minh'alma, etc. »

O poeta descuidou-se — a sombra fugiu :

« Não voltou ; talvez ella adormecesse  
« Junto, etc. »

E no fim.

«Onde foste, visão de meus amores ?  
« Minh'alma, etc »

*Sempre sonhos* — é uma aspiração fogosa ao céu dos amores. É a historia de tudo que faria o poeta ao anjo da sua vida, se por ventura podesse pender a fronte sobre o seu collo. Como é sentida esta promessa.

« Eu velára, Senhor, pelos seus dias  
« Como, etc. »

Um pequeno parenthesis. Muitas vezes o poeta, levado pela inspiração, emprega certas phrases, que, sem quebrar ou destruir a idéa geral, com tudo são fóra de sentido.

Nem sempre se esparze, principalmente quando ha belleza mas nem por isso deixam de ser impropriedades.

Por exemplo, n'esta rica poesia *Sempre sonhos*, lê-se no fim da penultima estrophe, quando o poeta falla de si e do seu amor :

« Nós, dous cysnes vagando em manso lago,  
« Amor — nossos bateis. »

São duas idéas que não se abraçam ; para que, os cysnes com os bateis ? É um verso que cahiu da penna insensivelmente. Está fechado o parenthesis.

Especial menção merece o — *Amor e Medo*. *Amor e Medo* é poesia de primeira ordem. Ahi mostra o poeta a razão da affectada frieza a seu idolo :

« És bella — eu moço, — tens amor, eu medo. »

Ha quadras lindissimas, por onde se vê a habilidade de versificação de que dispõe Casimiro d'Abreu ; é admiravel a multidão de pensamentos que elle encerra em um só verso.

! Ai ! se eu te visse em languidez sublime,

« Na face, etc, »

« Dize — que sina da pureza de anjo

« Das vestes, etc. »

E, esta imagem é lindissima.

*Amor e Medo* — é uma revelação franca demais ; porém é revelação feita com muita arte.

*Scena intima* — é uma scena de ciumes, de arrufos, como se diz vulgarmente ; o anjo está zangado com o poeta ; com toda a graça se offerece em holocausto para pagar seus pecados.

« Prende-me... n'estes teus braços

! Em doces, etc.

*O Juramento* — é gracioso e cordial : é um juramento de dar quarenta beijos por dia e dez abraços por hora. *Segredos* — é a semi-confissão de seus bellos amores.

*Quando* — é um interessante dialogo, cujas personagens não é necessário dizer : é uma conversa sobre o passado ; — ella lembra-se de tudo ; porém no fim a memoria fraqueia.

Como tremias — alli, vida

Se em mim, etc.

O segundo livro das *Primaveras*, está assim cheio de bellas paginas : uma abundante e facil maneira graciosa de apresentar as imagens, comparações riquissimas, são qualidades que áhi se observam a cada passo.

Não é sem commoção que passamos a tractar do terceiro e ultimo livro das *Primaveras*.

Como dissemos, o final do volume é repassado de tristeza. As scenas da infancia ha muito que se acabaram, e só entre harmonias sentidas é que vem um ou outro canto sereno.

É o órgão sonoro que acorda o immenso templo da natureza com hosannas de amor, e que termina lentamente em surdo murmurio, no meio de notas graves e solemnes.

É a lua, que por uma bella noite de estio, trocando seus raios de amor, com os olhares pensativos de alguma virgém ou alumando um rosto de mancebo na febrê de insomnia, vai finalmente sepultar-se pallida e descórada no meio da floresta escura.

Apparece ahí por vezes um sorriso, alguma nota alegre que o órgão deixa escapar entre soluços, algum raio vivo, que a lua desprende á sua morte.

É unicamente no principio, porque o *Livro Negro* é todo elle sombrio, pesaroso e dominado por uma dôr profunda. O *Livro Negro*, é o ultimo arranco da agonia.

*Minh'alma é triste*, é a poesia mais tocante do começo do terceiro livro. É assim realmente que se falla quando a dôr nos abraça :

! Minh'alma é triste como a voz do sino  
Carpindo, etc.

Játivemos occasião de fallar na belleza de comparações que se encontra nas *Primaveras* ; teem quasi todas um character de singelza e de candura admiraveis.

! Como a criança, que banhada em prantos  
« Procura, etc.

Ou então :

Ai ! loucos sonhos de mancebo ardente !  
Espr'anças, etc.

A côr *lamartiniana* espalhada n'este triste quadro, não se desmente nunca : o verso é cadenciado e terno, murmurando um queixume da alma.

*Minh'alma é triste*, não é uma conjuração negra do destino, nem blasphemia no meio de imprecações ; é uma lamentação branda e melancolica.

Não é o hymno em que se grita de raiva, é o hymno em que se chora de dôr:

Dizem que ha gosos no correr da vida...  
! Só eu não sei em que o prazer consiste !  
« No amor, na gloria, na mundana lida.  
! Foram-se as flores, a minh'alma é triste.

*A morte de Messeder*, é tambem composição notavel ; a saudação a *Macedo Junior*, prima pelo vigor do pensamento e, com quanto saudação frenetica, o poeta ahí derrama algumas côres negras, sempre que falla de si.

*Falavras a alguem*, está escripta com muita verdade : é um conselho dado do coração.

Fallando a *esse alguem*, diz o poeta :

« Conchinha das lisas praias,  
Nasceste, etc. »

*O Baile*, tem seus leves toques de ironia. Quadra perfeitamente a essas donzellas, que no vergel da mocidade, podendo aspirar o doce perfume que exhalam as flores do céu e cultivarem um amor puro e sancto, que Deus abençoa, gastam toda a sua attenção no salão do baile, seus sonhos na walsa desenfreada, e assim deixam correr seus dias entre um elegante *psyhé* e os babados d'um vestido novo.

O coração para ellas é cousa inutil ; pôde bem ficar em casa guardado na caixinha das joias.

Pobres criaturas! Preferem o resplendor do lustre á luz screna da divindade da noite, e sabe Deus quanta nuvem de poeira não vai morrendo n'essas almas de criança.

Tornam-se ainda recommendaveis no terceiro livro *A Illusão, Uma historia, No leito*, e outras mais.

Dissemos que ha seus vislumbres de prazer aqui e acolá : *Sonhando* — é uma prova da nossa asserção. Ao lado da scena contemporanea ha a scena dramatica intitulada. *No Jardim*.

! Ella estava sentada em meus joelhos,  
« E brincava, etc.

Apparece uma borboleta.

A menina corre e o poeta extasia-se no brinquedo infantil.

Iam, vinham á roda das acacias  
I Brincavam, etc.

*O Livro negro* agradou-nos summamente.

*Dôres*, é poesia de primeira ordem não só pelo lado do pensamento, como pela convicção e alma com que foi escripta.

É das poesias que mais nos impressionaram.

I Ha dôres fundas, agonias lentas,  
«Dramas, etc. »

Não são as dôres que se experimentam por cousa de uma sombra que o nosso amor procura, a que o poeta se refere.

Doces fallas de amor, que o vento espalha,  
I Juras sentidas, etc.

O coração suspira, é verdade, a fronte abate-se.

Mas depois outros olhos nos captivam  
E loucos vamos em delirios novos  
« Arder n'outra paixão. »

Então diz o poeta :

Não ! a dôr sem cura, a dôr que mata,  
I E moço, etc. »

E assim vai descrevendo em versos plangentes, e ao mesmo tempo altivos, a mágoa profunda, sob cuja influencia fustigada uma alma joven succumbe pouco a pouco.

A compressão moral começa a esmagar o peito: o coração vai perdendo todo o viço— os labios descóram e o suicidio nos acena ao longe.

E o que acontece...

I Ergue-se a taça do festim da orgia,  
Gasta-se, etc. »

E mais adiante :

I A dôr se apaga no fervor dos vinhos,  
E no regaço, etc.

Ainda não e tudo. Falta o mundo, que faz o mesmo officio que o eôro na tragedia antiga ; está sempre de observação para approvar ou reprovar. Porque leis ? Por leis que só elle entende.

Personagem seeeo, frio, estúpido, seu rosto de bronze se contrahe ás vezes por um sorriso sardonieo et eom braço de ferro esmaga os eriminosos, que fazem oscillar um pouco a sua balança infernal.

! Depois o mundo diz : — Que libertino !

« A folgar, etc. »

O mundo ! o mundo ! É a grande palavra de todas as questões, é a grande questão de todos os dias.

Que importa ser esse legislador mau eomo um espirito infernal e falso eomo a mentira ? Ha de ser respeitado sempre. O que ousar perguntar-lhe em faee eom que direito falla, vêr se-ha immediatamente condemnado a um ostracismo perpetuo ; proteste-se embora, falle-se em Deus, — na razão ; — são palavras ôeas, a sentença ha de eumprir-se, porque o mundo vale mais que tudo isso.

O canto do *Livro negro*, que eomeça :

Pobre criança, que te affliges tanto,

! Porque, etc. -

é eomo as outras do mesmo livro, intima e profunda.

*Ultima folha*, é a ultima falla entreeortada de soluços ; e o ultimo grito de estertor em um leito de dôres.

É a ultima voz, e por isso lenta, grave e meio abafada. *Ultima folha*, é digno remate do *Livro negro*.

Agora, que temos summariamente examinado as *Primaveras*, aventuraremos algumas idéas a respeito da sua ultima parte, eonsiderada no ponto de vista artistico.

Appareee hoje uma elasse de falsos regeneradores, eom mania de elassieos, que pretendem arranear á poesia certos attributos, que para elles são gravissimos defeitos.

São paladinos *aquichotados*, que querem livrar o taberna-

culo sagrado da arte, da injuria dos vandalos litterarios. Alem d'outras cousas, entra nos seus planos a guerra encarniçada aos poetas *sombrios*, como elles chamam.

Entendamo-nos.

A poesia, filha do coração, é a sua voz, seu *ecco*, e como tal os sons que defere sempre devem ser fieis. Se o coração pula, a penna corre pelo papel, e ahi deixa estampado um hymno de felicidade e de gratidão.

Se o coração se contrahe, o hymno necessariamente é de mágoa.

Por isso não admittimos que se condemne com epithetos ridiculos o poeta, que sem rebuço, candida e naturalmente, vem contar-nos o que sente. Será possivel que se queira banir do mundo a dôr, a imagem negra que vem sentar-se a nosso lado no quarto ou nos festins ruidosos, e que nos abraça mesmo quando dormimos?

Não certamente; seria até irrisorio dizel-o: por conseguinte tal condemnação é injusta.

Não queremos justificar os vôos infructiferos dos imitadores de Byron: como todos os imitadores, tonteiam e perdem-se lá nas alturas. Porém não consentimos que se lance o estigma sobre os poetas, que, compungidos, exhalam a sua alma em canticos sonoros, relatando martyrios que talvez não possam ser consolados por uma voz de amigo.

Ah! não: deixai que na poesia pelos menos, o coração se espraie sempre; deixai o poeta contar tudo que o impressiona; não leveis a mal que seus labios murmurem uma canção de agonia; a mal, porque?

« Tu és homem, *donc tu souffres* » diz Chateaubriand, e a de dizer-se ao poeta: « tu não tens direito de chorar? »

Não, meus senhores, não queremos affectação e estudo de sentimentos, mas sim a naturalidade e um raio de fogo divino: havendo isso, admiramos o poeta quando elle ri, e abraçamol-o quando elle chora.

É nossa regra.



Comprehendemos toda a grandeza e liberdade da arte, jámais desculparemos a esses, que á capa de regeneração, querem tirar-lhe o que ella tem de mais sublime, para depois sujeital-a a principios acanhados e absurdos.

A arte fez-se com o genio, e como tal é livre e é immensa.

Seguimos a opinião do chefe da eschóla romantica em França, ou antes do *liberalismo litterario*. Quando se examina um livro não se tracta de saber se o assumpto é bom ou mau ; porêm se está bem ou mal desenvolvido. Ou antes, todos os assumptos são bons.

Ainda algumas observações sobre as *Primaveras* e teremos concluído.

Casimiro d'Abreu tem seus defeitos como todos os poetas.

Uma das censuras que se lhe póde fazer é o emprego de certas imagens estranhas á nossa natureza.

Elle, que sabe tão bem colorir seus versos com as côres do nosso céo e dos nossos campos, para que nos ha de fallar por vezes — em *rouxinol*, em *carvalhos*, e cousas semelhantes? Por ventura falham-nos imagens seductoras e expressivas? Não é tão esplendido o nosso solo, e não offerece elle ao poeta um campo tão vasto e tão rico para as suas phantasias?

Bem sabemos que Casimiro d'Abreu assim falla uma vez ou outra, em razão de ter habitado por algum tempo paiz estrangeiro ; porêm, não importa, deveria servir-se unicamente d'essa linguagem tropical, que diz tão bem aos nossos versos.

Em maior falta incorre o poeta, quando na mesma composição colloca lado a lado, os objectos de duas naturezas tão diversas. Por exemplo :

- « A gota de orvalho
- : Tremendo no galho
- « Do velho *carvalho*
- : Nas folhas do *ingá*. »

A rima do joven poeta e uma das suas qualidades mais salientes ; é sempre natural e azada. Porém não podemos deixar de pedir-lhe que se abstenha de rimar *mãe*, porque a rima com as palavras em *em*, é inteiramente forçada. Na poesia — *O Exilio* assim diz elle :

- « O paiz estrangeiro mais bellezas
- « Do que a patria não tem,
- « E este mundo não vale um só dos beijos
- « Tão doces de uma *mãe*. »

É isso commum nos poetas portuguezes ; porém não podemos acompanhá-los de modo algum.

Outras pequenas faltas tem Casimiro d'Abreu ; mas são faltas de cantor na primeira idade, que o tempo dissipará, e sobre as quaes não vale a pena fallar.

O poeta das *Primaveras* póde incorrer na pecha de repetir algumas vezes as suas imagens ; nós consideraremos tal tendencia como defeituosa, desde o momento em que se nos mostrar um poeta que não tenha suas imagens favoritas.

Bem entendido, não queremos o abuso de tal liberdade, porque então revela-se pobreza de imaginação e falta de bom gosto : porém a repetição com certos limites, como nas *Primaveras*, não indica nem uma nem outra cousa.

Alem d'isso, nas *Primaveras* ha mais d'uma rosa e mais d'um sabiá.

Rematando aqui o nosso trabalho, não podemos deixar de soltar um grito de entusiasmo e sympathia ao nosso poeta.

O Brazil é um paiz cheio de vida ; o campo da poesia é vasto como o infinito, e ahi está em eterna florescencia, apesar dos seus cternos exploradores ; o talento tem por estrella o olhar do Eterno. Por tudo isso, esperamos que Casimiro de Abreu, coração de fogo e cabeça pensadora, verá um dia o seu nome gravado no nosso pantheon litterario.

Damos agora um abraço de irmão ao poeta no meio das flores de suas *Primaveras*; oxalá que possamos fazer o mesmo quando vier o outomno com seus fructos dourados (25).

PEDRO LUIZ.

---

Mais um livro no mundo das letras patrias, mais uma centelhasinha luminosa no céo azul d'esta terra bemfadada, porê m eivada já de deserença e desalento no verdor dos annos porque desprovida d'animacão entibiam-se as forças, mingnam-se as esperanças e esvae-se a fé no futuro, porque o presente é frieirão e desanimador para tudo, menos para o vapor, que, com a sua velocidade nos tem trazido o açodamento de fazer fortuna depressa. Colloeam-se trilhos ainda sobre pedrôuços desabridos, que nos conduzam a Californias e Australias, e deixam-se em desaproveitamento e cobertas d'urzes, estradas de boa viaçã o, que nos levem a areopagos, que nos alumiem a intelligencia e que nos enriqueçam as nossas amesquinhas e esquecidas bibliothecas.

Bem vindo seja pois o livro das *Primaveras*. Casimiro de Abreu é um operario do futuro, carrega sobre os seus hombros um pedaço da cantaria lavrada e faetada a cinzel, que ha de um dia ajustar-se ao edificio da litteratura patria. Mas ai! que lhe não soprem lufadas desabridas, que desfolhem e matem a florinha, que desabrocha a custo sob a pressã o gélida d'uma indifferença esterilisadora.

Thomaz Chatterton morre de cansaç o e de deserença aos desesete annos d'idade! Oh! que primavera fôra a d'aquelle prodigio sublime de precocidade nos vôos do genio; que decepç ões não experimentou o archanjo, que d'um céo de sonhos dourados viera conspurcar as azas candidas n'um mundo de loucuras, de torpezas, e desenganos! André Ché-

nier morre aos trinta e dous annos, porque a alma noble e generosa do poeta lavrara um protesto solemne contra a sede de sangue dos monstros da revolução franceza, e como o cysne nos trances do passamento, soltara as ultimas notas do canto magestoso dos anjos, cercado já do ether luminoso da eternidade, que transmite de geração em geração o zêlo indelevel da immortalidade e da veneração para as victimas dos homens abastardados de coração e desagradecidos d'animo.

Dutra Mello, Alvares d'Azevedo e Junqueira Freire, passaram como meteoros luminosos em noite caliginosa; mas deixaram apoz de si longo sesteiro de luz; seus nomes estão cercados da auréola da gloria, que a não mareia o indifferentismo dos homens glaciaes, idólatras das divindades dos Midas e dos Cressos.

Ai! não roubem ao poeta seus sonhos dourados; não gastem os perfumes inebriantes da flor de suas crenças; não lhe apaguem o lume que Deus lhe pozera no coração; deixem-no que viva elle no seu mundo innocente e arrebatador, que o alinde de miragens multicôres, que o povoe de fadas seductoras, que o opulente de pompas e de folguedos, e que dos ângulos do seu edificio lhe respondam harpas inspiradas pela melodia dos anjos, que não deixem morrer os cantos entorpecidos pelo desalento.

Primavera, época de flores e de perfumes, symbolo de primicias e de juventude; sendal dourado que esconde entre côres deslumbrantes e phantasticas o inverno de hontem, e que faz esquecer por alguns momentos com suas pompas e atavios o inverno que ha de vir com seus nevoeiros negros, com sua tempestades desencadeadas, com seu descer, pela desnudez d'alma, que vai colher á farta desillusões esterilizadoras e aborridas.

*Primaveras* — Eis pois o livro com que nos mimoseia Casimiro d'Abreu. É o repositório de seus sonhos de poeta joven, a quem a natureza deu muito e a arte pouco, porque as suas vocações foram transviadas, suas aspirações foram

estorvadas ; aguia, já na infancia aquilatou suas forças, ensaiou seus vôos, adejou sobre regiões altas e livres, pairou algum tempo, e lá de cima sol tou alguns threnos do devarnear d'alma do que nascera poeta, e queria amplidão para satisfazer á necessidade de seus instinctos ; quando porêem descera de seus primeiros vôos, agourentaram-lhe as azas, pozeram-lhe peias, e os vôos ficaram tolhidos pela pressão esmagadora d'uma atmospha de ferro. Eis Casimiro d'Abreu ; eis uma vocação senão perdida « porque tudo pôde Deus, e muito o genio » ao menosfanada e transviada pela contrariedade que o tolhe, o enerva e lhe recheia de torturas o coração, que, ulcerado, solta gemidos com Harvey e Eduardo Young em lugar de desatarse em risos e delicias com Moscho, Sapho e Anacreonte.

Como todo o livro de canções, é o de Casimiro d'Abreu um complexo de folhas soltas ; pôde apanhar-se uma ou outra sem que o vergel soffra em sua symetria e harmonia. A florinha singela e pallida do resedá, a soberba e aprimorada magnolia, a humilde trepadeira silvestre, a esplendida e fragrante rosa, a modesta violeta que se esconde, o jasmim d'Italia que se ostenta orgulhoso do seu perfume, tudo se acha enovelado no jardim, e n'esta agglomeração consiste a sua mais aprimorada louçainha, sua mais culminante e seductora belleza.

As canções são inspirações de momento e trovadas de jacto ; o objecto que as inspirou embebe-se inteiro nas suas estrophes e fecha-as com o que tem de melhor ; não se espaçam, nem se pejam de circumloquios e sobejidões. O azul do céo, o astro do dia, os astros da noite, o alcantil ennegrido das montanhas, a alcatifa verdejante dos campos, o perpassar preguiçoso do regato, que serpêa e rümoreja, o mar, que tumultuoso rola incessante as suas ondas alvacentas no rochedo da encosta, o bramir do trovão, a brandura das auras matinaes, o gorgoeio dos passarinhos, o amor casto e puro, ou antes o ideal do amor, tudo arrebatada, tudo extasia, tudo enche o peito do poeta, tudo o inspira.

Cada um d'estes objectos, cada hora de meditação, cada circumstancia da vida, desenham um quadro differencial, modelado diversamente, diversamente colorido, adereçado e recamado com donaires e louçainhas de galas e folguedos, ou com o dó e desatavios de mágoas e pesadumes. E, no entanto as lagrimas teem sua poesia solemne e sublime. A côr melancolica, que repassa o eanto, tem tanta suavidade, tanta unção, que interessa e arrebatá. Essa contenção do espirito, que perscruta os entre-seios d'alma e lhes arranca os segredos íntimos, tem tanta sanctidade, que nos desperta tambem sentimentos nobres, porque desapega o homem das impurezas terrestres e o eleva á contemplação do infinito com ella á idéa suprema da omnipotencia. E no entanto, na placidez, na tranquillidade, no silencio, ha muita poesia. O arrebol duvidoso que precede o bruxolear da manhã, tem mais poesia que o sol no meridiano opulento de raios deslumbrantes ; a sua côr de prata subindo vagarosa pelo campo azul do céo recamado de globos que fulguram em uma noite serena, tem eneantos como um seio de virgem palpitando a um primeiro amor ; o regato que foge manso e manso rumorejando a medo, escondendo-se na selva da eanpina, namorado pelo enxame de borboletas iriantes que o beijam, recuam e voltam a fruir novos gosos, tem mais poesia que o mar desenfreado bramindo de furor ; na mudez da selva, nos perfumes das flores silvestres, no gorgueio amoroso do sabiá sobre o leque das palmeiras, ha mais poesia que nos saraus das cidades, no ruido estrepitoso dos carros, e nas musicas estrondosas dos amphitheatros.

*As Primaveras* — Oh ! sim, tenho este florilegio diante dos olhos ; vou eolher as flores que n'elle se enfaixam ligadas por fios eôr de rosa, mas por vezes entresachadas com a côr sombria do azedume e com a pallidez morbida do desalento.

Temos eomo certo que a poesia hodierna com seus vãos liberrimos, não quer nem póde acceitar as classificações, preceitos e mandamentos eaprichosos da arte antiga. A es-

chola nova, em via de desenvolvimento e de progresso, ainda não foi rigorosamente firmada e definida; refutam-se accepções varias e contradictorias ácerca da noção genuinã da eschóla, dita romantica. O pensamento vò a vontade; sem peias não conhece os senatusconsultos d'outras eras; é revel aos codigos velhos e obsoletos; cavalleiro truanesco da idade media, vai pelo mundo com sua cóta d'armas e cappellina, com seu broquel e lança em cata d'aventuras, não se subordina a generos exclusivos, nem se estreita nos moldes homericos, aristotelicos e horacianos.

Modulam-se canções d'amores, entôam-se dithyrambos nos festins ruidosos, descrevem-se as scenas da natureza campezina, geme-se de dôr nos luctos e pesadumes da elegia; tudo isto se enfaixa, tudo isto se associa, tudo vem como ramilhetes cheios de variedade; ao lado dos goivos e da saudade veem as rosas festivas dos noivados e dos saraus; não se tem julgado a poesia nova obrigada á regularidade e symetria das estancias, como querem os antigos; em compensação porêem, a melodia rhythmica tem chegado ao mais requintado grau d'aperfeiçoamento; a cadencia metrica parece haver tocado a meta do primor artistico: dão-nos excellentes exemplos e modelos, Antonio Feliciano de Castilho, João de Lemos e alguns outros.

Almeida Garrett é o Moysés portuguez da litteratura nova; conduziu os Israelitas á terra da promissão; deixou-lhes o Genesis para a reformação, insinuando-lhes (como outros já o haviam feito) a sacudir o jugo de prácticas pagãs; porêem aquella montanha immensa, que não podia conter o fogo que ardia em seu seio, tinha explosões amiudadas e as lavas multicôres e luminosas que se succediam, projectavam-se por todos os caminhos, que nem tempo havia para affeição estradas, nem para recamar e aprimorar leitões para tão magestosos hospedes, e por vezes a familia soberana dos sonhos e devaneios d'um dos maiores poetas do nosso seculo, caminha com suas vestes roçagantes de purpura e d'ouro, sobre asperezas e algares pouco aproveita-

veis ; mas cmfim o mestre não dava contas, criava o seu mundo como lhe aprazia : os reformadores soem ser excessivos ; é sestro antigo e quiçá providencial. Casimiro d'Abreu acceita esta direcção ; as *Primaveras* parecem-nos filiadas a esta eschola. O seu primeiro livro contém saudades da patria : é a nostalgia poetica ; é o *gosto amargo d'infelizes ; o pungir delicioso d'acerbo espinho*. Este sentimento mavioso, que tem por séde um peito que muito amou, e que ama ainda, que não póde voar, não póde franquear o espaço para abraçar tantos objectos que o arrebatam ; é por certo uma mina de opulencia inesgotavel para cantos ; sensibilisa sempre ; mové affectos com uma ternura merencorica, difficil de definir.

Se Casimiro d'Abreu não poude encontrar veeiros dos mais fartos e opulentes, não é culpa sua, nem tão pouco o será de qualquer outro ; é que, Gonçalves Dias mais feliz, opulentou-se escavando e apropriando-se de grande somma de preciosidades com que realça e aprimora seus carmes a duas mil leguas das montanhas verdes do paiz natal.

É necessario cavar muito fundo para achar a béta tão bem explorada ; demais, as canções do exilio foram encontradas por um joven que ainda tinha visto e ouvido pouco ; eram vãos do espirito, repassados de dôr intima, na ausencia do que lhe era mais caro : eram effluvios das flores do genio, ao despontar de uma primavera precoce.

Ao primeiro livro seguem-se algumas poesias a que o auctor denominou *Brazilianas*. Fôra sem duvida intento seu desenhar n'esses quadros as luzes e sombras do *ninho seu paterno*, e dar-lhes o que em linguagem hodierna se diz — côr local ; — por outra, imprimir n'estes cantos o character nacional, ou typo americano. Empreza difficil e ardua nos parece o estremar estes arraiaes. Com a mesma linguagem que de nossos avós herdamos, com a mesma indole ; habitos, usos e costumes identicos, a mesma civilisação ; quando tudo nos vem cahindo parallelo, ao par e ao passo, não



acreditamos em separação de provincias litterarias com typos e caracteristicos differenciaes : nem cremos que meia duzia de nomes proprios e appellativos e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, colhidas sabe Deus como, adivinhado o resto, possam ser os marcos da extrema de arraias litterarios ; mas, emfim, nem todos assim pensam (26) ; deixemos a cada um seu livre alvedrio, nem a nosso proposito vem questão de semelhante jaez ; passemos pois ao assumpto que nos chama a terreiro e seja-mos breve.

A primeira poesia d'esta collecção tem por titulo *Moreninha* ; é em metro de sete syllabas, está bem trovada em sextilhas, rimando desaffrontadamente de dous a dous versos, e terminando artisticamente sempre em agudo, o que em verdade lhe dá primor ; com todas estas bellezas de fórma, é comtudo a moreninha do nosso poeta, um typo que não conhecemos, por que não o temos como nol-o pinta. Uma joven que enrubece ao mais ligeiro cortejo, com suas tranças graciosamente ataviadas de fitas, com suas flores no samburá, rufando seu pandeiro, sentada n'um banquinho da praça publica, esperando que lhe venham feirar as flores, será um bello sonho, uma criação phantastica, bonita ; existirá esse typo algures, mas nós sem duvida o não possuímos. As demais poesias d'esta collecção são mais ou menos graciosas e em diversas metrificações. No encalço das *Brazilianas* vem o segundo livro ; ahi deparamos nós com bellas poesias, pensamentos arrojados, elegancia de fórmas, symetria nos delineamentos e correcção nos contornos ; é um jardimzinho bem traçado e caprichosamente alinhado por um desenho feliz ; seus canteirinhos estão symetricos, e seus alfobres deixam correr graciosamente as aguas que vicejaram o plantio e que fizeram brotar tão amenas flores em manhã de primavera.

O primeiro canto que se nos offerece aqui é um hymno á primavera ; é em quadras de medida saphyca, rimando os dous extremos entre si, assim como os dous meios ; corre

com fluidcz e bem. As duas poesias que seguem, *Scena intima* e *Juramento*, são em metro de sete syllabas ; o primeiro entremeia-se com um quebrado de tres syllabas, rimando com outro semelhante que põe remate a cada estaneia.

Estas duas canções dão-nos uns longes das suavissimas e fragrantés folhas cahidas de Almeida Garrett, folhas allegoricas e mysteriosas, que nem por cahidas deixam de exhalar um balsamo que suavisa e se embebe nos seios d'alma. No meio porêm d'estes bellos cantos temos para nós como muito bons, o que tem por titulo *Canto de amor* e outro *Amor e Medo* : ambos são saphicos ; o primeiro tem rima obrigada, alternando nos quatro versos de eada estrophe ; o segundo rima o segundo e quarto. Estas duas poesias estão opulentas de pensamento e bellas de metrificação, correm eom summa fluidez, porque seu mechanismo é bem elaborado, e por isso, sua afinação agrada a qualquer ouvido avezado ao almiré de melodias metricas.

No terceiro livro a lyra não desmente a primorosa afinação de suas cordas ; ha n'este bello repositório cantos que podem sem fatuidade pretenciosa alear as altas regiões da poesia lyrica, emparelhar-se com as mais escolhidas producções, não desmerecer primazias, nem destoar da gamma ferida pelos mestres d'arte.

A segunda poesia d'este livro tem por titulo *Illusão* ; ahí o poeta mostra-nos que póde haver-se bem com o metro de nove syllabas ; para nós as tres pausas que regem necessariamente este genero de versos, tornam-o de uma suavidade e cadeneia a que nada iguala ; nem podemos conceber o porque o illustre professor Freire de Carvalho, em suas lições de poetica, ehamando-o erradamente verso de dez syllabas, ou de Gregorio de Mattos (quando Metastasio já d'esses havia usado) nos diz que nem lhes sente melodia, nem lhes descobre graça ; é por certo inconcebivel este juizo do distincto professor do lyceu de Lisboa. Em summa, dizem alguns deseulpadores de desacertos alheios, que em

materia de gosto se não admittem controversias ; temos para nós que assim não é ; porque o gosto tem normas e tem preceitos ; e ai da poesia e da litteratura se esta apreciação se fizesse a talante de qualquer contrabandista desalmado, que nos viesse dizer : a vossa producção não presta, sem que nos trouxesse os porquês, bem arranjadinhos, bem arrazoados e bem comparados com os modelões tidos e havidos como normas legitimas. Hajam se o quizeram como cancellada e não escripta a nossa digressão ; deixemos a obliquidade *per accidens* e vamos nosso caminho.

Temos n'este livro o canto *Minh' alma é triste*. Esta nenia, em verso saphico, é em quadras obrigadas á rima, alternando nos quatro versos de cada estrophe ; é um suspiro magoado ; é o lamentar d'uma alma que não encontra o prazer em parte alguma, não o conhece, não sabe em que elle consiste, e que não tem saboreado os fructos sazonados da felicidade ; será isto assim ? É porêem inverosimil ; contudo é boa inspiração e instrumentada em cadencia que agrada e deleita. O canto funereo á morte de Affonso Messeder, é uma elegia plangente, é uma guaia repassada do sentimento puro da saudade d'um amigo, que era um irmão ; essa nenia falla-nos ao coração ; revela-nos um pensamento sombrio de morte, que paira sobre o espirito do poeta, e mostra-nos uma alma que começa a enfermar de descrença e desalento ; é em metro decasyllabo com quebrado ; está regularmente desenhado.

A poesia a Macedo Junior, em sextilhas decasyllabicas com quebrados, rimandó apenas este em cada estancia, é sonora e cadente ; mas ainda tem mais riqueza no pensamento que a domina ; são bons conselhos dados a um moço de quatorze annos, cheio de inspirações, opulento de talentos precoces ; ha n'este canto preceitos bons de seguir ; ha um pharolzinho que aponta a róta para evitar desaproveitamentos e excessos de enthusiasmos, que tem transviado tanta gente, e gente que podia valer alguma cousa para nós outros, que conversamos com as letras, e que con-

templamos com meditação séria as producções do espirito.

*No Leito.* Eis um canto magoado, muito de ouvir e muito de deliciar-nos, porque sente-sc-lhe os perfumes da poesia do coração. É este canto em metro de sete syllabas e corre fluido e desimpedido. Aqui o poeta estava enfermo, tinha febre, seu coração, suas arterias palpitavam com aquella acccleração tumultuosa que nos attestam esse orgasmo da vida em que a mente se exalta a regiões supremas ; em que existe por vezes tanta lucidez, que aquelle que soffre torna-se por momentos um orador ou um poeta, porque o espirito sóbe acima de seu nivel ordinario nos estos do calor vital.

Recommendamos a leitura d'este hymno de amor, de incertezas, de saudade e de despedidas.

Fecha o poeta o seu volume de *Primaveras* com o *Livro negro*. Oh, que antes o houvera rematado com um livro côr de rosa, recamado de matizes do céu, ao annunciar o erguer do sol do meio das aguas do oceano no seu banho da madrugada.

Nas paginas d'este livro trava-se muito soffrer ; por seus cantos turvos e melancholicos revela-se muita descrença, muita desesperança ; nas gnaias que alli se escutam, ha muita dôr, muito pesadume ; a alma está envolta nos crepes sombrios e lutosos d'um padecimento que a entorpece e desalenta, e por isso o alaúde tambem desce um pouco da afinação e destôa uma ou outra corda, porque no fim de tantas harmonias as cordas não comportam tensão, tanto tempo prolongada e lá vem descendo alguma, e certo é o desafinar.

O cantor que nos faz ouvir harmonias melodiosas e arrebatadoras por muito tempo, lá lhe vai por fim falseando uma ou outra nota e acaba por enrouquecer, ainda que seja Duprez, Ronconi e Taquinardi, traduzindo as melodias arrebatadoras de Porpora, Paesiello ou Cimarrosa. Em sum-

ma, o soffrer intimo tem arcanos impenetraveis. Respeito aos segredos d'um coração, que se estorce em dôres intimas. Silencio sobre o *Livro negro*.

O poeta, emfim, pôde fazer calar aos curiosos e maldizentes com aquelles bellos versos do suavissimo Castilho :

Ao sem ventura, que entender meu canto,  
Meu canto e minhas lagrimas envio.» (27).

J. M. VELHO DA SILVA.

---

Casimiro d'Abreu era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta criança, como Millevoje, e como elle contrariado pela solitudine da familia, — acabou por triumphar em segredo ; — e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o quero da authoridade paterna, erguendo o coração e o pensamento á luz e ao posso do genio. Menos feliz, porém, do que o illustre clegiaco francez, não sahiu das mãos guiadoras e previdentes d'um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e tres annos para cultiyar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flores, que lhe brotavam n'alma ardente e apaixonada.

Casimiro d'Abreu, morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, auctor d'um volume de poesias (1855-1858), das quaes a critica mais severa ha de aceitar muitas, como formosas e todas como promettedoras. Sem mes- tres nem livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella frente e em sua quasi ininterrompida meditação — não aprendia, adivinhava — como, talvez, não com mais justiça, disse M. de

Pongerville do admiravel auctor do — *Amour maternel* e de *Emma et Égirard*.

E assim se fez um poeta, e esse poeta fez um livro, — eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brazas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van-Houte !

« Tudo me roubam meus crueis tyrannos :  
Familia, etc.

É formoso e doe esse grito d'uma grande alma, que não póde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e já vergado, como a palmeira do deserto ao sopro do simoum.

Casimiro, o auctor das *Primaveras*, entrou hontem no mundo com as mãos cheias de flores, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem a adornar a campã.

Como Alvares d'Azevedo, a victima de si propria, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a criança de quinze annos, que sahiu do berço para entrar no tumulo, espalhando açucenas no caminho, — Casimiro é uma gloria roubada ás letras brazileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nome.

Para mim, — e d'esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco, — para mim a musa, que inspirou o *Amor e Medo*, merece bem as attenções da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no tumulo, fechado apenas, de Casimiro d'Abreu, permittam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flores que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol que a prateie :

« Quando eu te fujo e me desvio canto,  
Da luz de fogo, etc. »

Meu Deus ! que é doloroso vêr tão verdes annos e tão brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura !

E assim, Gonçalves Braga, joven poeta portuguez, um dos companheiros de Casimiro, — falleido no Rio de Janeiro, aos vinte e dous annos de idade, sob as lagrimas e o teeto d'um illustre litterato, patrieio, amigo, e digamol-o, guia e mestre do infeliz auctor da formosissima nenia a uma suicida ! E assim, Antonio Coelho Louzada, poeta e romancista portuense, bem mais rico de talentos que de venturas ! E assim, Soares de Passos ; e assim tantos !

Uma dôr resignada e religiosamente soffrida verte, na maior parte dos versos de Casimiro d'Abreu, um perfume de melanholia, melanholia que eneanta e entristee. Tambem, presentira elle a morte e, no dia em que dizia o extremo adeus a Affonso Messeder, que no tumulo o preeдера de dous annos, prophetisou-a com notavel resignação e singeleza, em um só verso :

Deseansa ! se no céu ha luz mais pura,  
« De certo, etc. (28)

ERNESTO CIBRÃO.

---

O viajor que contempla a quéda dos imperios tendo diante dos seus olhos as ruinas d'essas mesmas nacionalidades, não pôde entristeeer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros, que são outros tantos legados que deixam á posteridade, vultos eujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brazil, paiz novo e eujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem comtudo visto pereeer muitos filhos illustres, uns ehorando no exilio a familia de que para sempre se achavam separados, outros exhalando no seio d'ella seus ultimos suspiros, tornando talvez mais acerba

a sua dôr, e outros que, se não morrem physicamente perdem a existencia moral, descrendo d'uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses.

Cheio de crença e possuidor d'um verdadeiro talento, Casimiro d'Abreu foi um d'estes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancholica tristeza, porêm forte e altivo, conservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou n'esses lodaçoes, que pervertem a mocidade, e sua alma virgem, só tinha sanctas ambições. Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo immundo do scepticismo lhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se, leia o seu *Livro negro*, que faz parte de suas bellas *Primaveras*, e ahi verão os suspiros tristes e melancholicos do poeta sertanejo. Entretanto, a descarnada e negra mão da morte ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou áquelles que o conheceram! E porque, meu Deus, não haverá uma lei da natureza que immortalise a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que teem jus! (29)

ANONYMO.

---

Ao norte do Rio de Janeiro, desde as serranias altas e negras, proximas á barra, que se desenham no fundo do horizonte ao navegante que vem de leste, estende-se uma costa tortuosa, ora hirta de rochedos lugubres, bravia, como nas immediações de Maricá; ora, como em Cabo Frio, erguendo-se ao céu em alcantis gigantes, por entre os quaes passam as marés, arremettendo contra os rochedos, tismados pe-



los seculos ; ora, emfim, como da bahia da Armação ao cabo de S. Thomé, e d'este á foz do Parahyba, abrindo-se, pelas margens dos rios de S. João, Macahé e Macabú, em planicies orladas de brancas praias d'areia, semeadas de varzeas esmaltadas de flores, e coroadas no alto por collinas que vão perder-se ao longe nas recortadas serras de Friburgo. Ha por esta costa povoações assentadas nas barras de todos os rios, no fundo de todas as enseadas, de que desfraldam, ao romper d'alva, barcas de pescadores, abrindo a véla ao brando norte, ou ao sudocste impetuoso, que encapella as ondas, arremessando-as pela terra dentro. Esta natureza de contrastes rapidos, a que serve de docel um céu d'azuladas tardes, ou de vastas tempestades, e cujo horizonte é o oceano infindo, tem avi vado muitas imaginações ricas.

Na velha Cabo-Frio, ainda guarneçada, como nos velhos tempo feudaes, de fortalezas e conventos, nasceu o traductor mavioso de Lamartine, A. G. Teixeira e Sousa, que nos *Tres dias d'um noivado*, roubou á terra patria algumas eôres sinistras e delicadas de seus alcantis e prados.

Em Macahé, pequena cidade de casas brancas, gentil na mocidade, que tem praias poeticas como a Imbitiba, grutas mysteriosas como a da Fortaleza, altos como o de Sanct' Anna, que eonvidam a pensar, largando os olhos pelo oceano a perder-se no horizonte, desenvolveu-se um espirito notavel pelo seu talento e erudição, o snr. Velho da Silva. Quantas vezes não se franjou de pedrarias deslumbrantes a sua rica phantasia, ao ir pelas manhãs douradas de maio, cavalgando pelos campos do Barreto, ou por entre as conchas d'aquella praia de neve da Boa-Sica? Quantas vezes não veiu sentar-se ao seu lado na gruta da Fortaleza o velho Ovidio, o seu intimo amigo, a practiear dos antigos mythos da grande Grecia, ou dos tempos em que outros poetas, os poetas de Venusa e Mantua, vinham tambem scismar á tarde nas grutas de Parthenope, batidas pelo mar d'csmeralda.

É n'esta região sombria, ridente e grandiosa que teve o nascimento Casimiro d'Abreu.

Casimiro d'Abreu! nome obscuro no seculo dos agiotas e charlatães politicos, nome grande para todos os seculos que presarem a arte, os affectos nobres que dulcificam a ordem social, e a dedicação extrema, — qualidade rara em ambos os mundos aos netos decalidos do vencedor de Dio e do expugnador de Loanda. Avaliam-se hoje as dedicações pelos ter do amigo, pelas facilidades da carteira, ou pelos calculos da utilidade individual de cada um. E venham fallar de poesia, de amor, d'abnegação a burguezes aristocratas, que desprezam todas essas qualidades do pobre, porque não se podem trocar por notas bancarias no edificio da bolsa!

O que significa, pois, entre nós, uma biographia litteraria? Que successos poderemos referir sem excitar o tédio dos raros leitores? D'esta vida, breve em annos, rica em producções, apontaremos apenas as principaes datas. Ao menos a extensão da narrativa, não assustará a curiosidade dos que dão alguns minutos ao estudo, depois de haverem dado horas aos entretenimentos de goso menos ideal.

Casimiro José Marques d'Abreu, filho de Jose Joaquim Marques d'Abreu, e de D. Luiza Joaquina das Neves, o primeiro portuguez, a segunda brasileira, nasceu em 4 de janeiro de 1837 na Barra de S. João. Seu pae era negociante, e destinou-o á sua profissão, apesar do talento para o desenho, que desde a tenra infancia elle mostrava, como primeiro indício da riqueza de sua imaginação.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos nove foi para Nova-Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veio para o escriptorio do pae, no Rio de Janeiro, d'onde mostrando-se indocil á disciplina commercial, foi enviado a 13 de novembro de 1853 para Lisboa. Ahi as musas, companheiras que-

ridas da sua brilhante mocidade, em breve o cercaram, seguindo-o na excursão que fez pelas margens pittorescas do Douro e do Minho. Algumas folhas portuguezas receberam com applauso as primicias de seu estro juvenil.

Interesses de familia e ordens paternas, que auxiliavam as saudades do primeiro amor que na patria deixára, o fizeram voltar. Chegou ao Rio em 11 de julho de 1857, e seguiu para Indayassú, fazenda paterna nas margens do Rio de S. João, onde esteve um mez. Ahi, em vez dos beijos d'um primeiro amor quasi infantil, em vez das cópas dos laranjaes, que acolhiam ternos encontros, achou para recordar-se, em estancia pouco distante, os cyprestes d'um tumulo, a memoria de um martyrio e o sussurrar da viração por entre as folhas das arvores queridas, que lhe lembravam tempos para sempre findos.

Voltando ao Rio, veio de novo empregar-se no commercio, entrando em setembro para a casa dos snrs. Camara, Cabral e Costa, onde se conservou até 13 de junho de 1859. Durante esse periodo medraram-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se lhe tornou a condição dependente a que os preconceitos paternos o haviam condemnado. Não entendiam os superiores que as letras se podessem casar com o commercio ; para elles um analphabeto talvez fosse preferivel ao maior genio, e por certo bem duras reprimendas vieram aggravar as intimas dôres d'aquella organização delicada e nimamente susceptivel.

A aproximação da morte abrandou a vontade paterna, e o nosso joven poeta partiu a 5 d'abril de 1860 para Indayassú, a fim de visital-o. Recebido o ultimo adeus de quem devia orgulhar-se de tão illustre filho, conservou-se na fazenda até 4 de junho, época em que voltou á côrte. Sorria-lhe já a fortuna com suas dadivas, pois o pae legára-lhe bens para honsta e descansa da existencia, viera um novo amor perfumar o seu espirito de novas aspirações ; podia pois julgar o seu futuro bello e feliz ao par de sua mãe, de sua irmã querida e d'aquella que tão dignamente lhe ven-

cera as saudades do primeiro affecto, quando a mão da morte o tocou e feriu de maneira incuravel.

Conhecendo-se affectado dos pulmões, quiz ir para a Madeira ; mas, sende a estação muito agradavel na serra em que passára a primeira juventude, deliberou-se a ir para Nova-Friburgo, onde chegou a 24 de julho. Foi d'ahi que veiu a noticia da sua supposta morte, que tanto affligiu os amigos das letras e as almas sensiveis, que já o conheciam pelo volume de poesias que publicára. No fim de setembro, avizinhandose a estação invernosa, resolveu voltar á sua fazenda, onde chegou em 3 d'outubro. Filho extremoso, vendo aproximar-se a hora dos ultimos adeusés, mandou chamar sua mãe, que lhe retribuiu em carinhos e dedicação tão grande affecto.

Em breve começaram a faltar-lhe as forças, e foi para o leito esperar pela hora do descanso, — pois para elle, martyr da sensibilidade, não houvera paz possivel na dependencia da sociedade egoista em que vivera. A religião quiz consolar aquellas dôres d'alma, tão fundas e estremecidas, que não podiam sahir-lhe do pensamento ; — mas o joven idealista não se prestou a receber os sacramentos, declarando que, tendo a consciencia limpa, de nada tinha que pedir perdão a Deus. Rodeavam-o em prantos alguns parentes e os famulos, que sempre haviam encontrado n'elle extrema bondade ; voltou-se para elles o agonisante, e perguntou-lhes com placidez estoica :

— Pois a dôr da morte sera tão insupportavel ? !

Quem lhe acenava no céu, por entre as sombras d'aquelle occaso da vida, que não podiam occultar a luz d'um mundo melhor ? Quem o chamava, com a doce voz do primeiro affecto, que arranca lagrimas ao coração, e povôa d'imagens divinas o leito do soffrimento ?

Entre este desapego do mundo, que tanto o atormentára, e a esperanza d'uma reunião proxima, morreu o auctor das *Primaveras*, ás 5 horas e 25 minutos da tarde, no dia 18 de outubro de 1860.

Seu tumulo singelo, sem monumento da gratidão nacional, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pae. Acalentam-o ao longe as ondas, quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares veem nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados (30).

REINALDO CARLOS MONTÓRO.

---

Quasi que da infancia data o poetar de Casimiro.

Um dia, ainda mui joven, deliciava-se elle sonhar no beatifico remanso do viver domestico e nas doçuras das caricias maternas, quando lhe pareceu ouvir a voz angelica de sua irmã mais moça.

Subita emoção se apodera d'elle, que mais e mais recresce ante a magestade imponente d'esse gigante denominado, *Serra dos Orgãos*, das sombras que o crepusculo derramava pelo leito dos valles, e como elle proprio diz : « Pela voz melancholica do cahir das cachoeiras, e pelo pungir da saudade. »

O menino travou pressuroso da harpa, que o coração e o genio lhe afinaram á porfia, e modulou o seu primeiro canto, *Ave Marias*.

Foi uma fatalidade que se perdesse a estrea poetica de Casimiro d'Abreu, e tanto mais de sentir quando elle diz algures, que por essa poesia perdida trocará todo este volume.

Pouco depois, em obediencia ás injunções do seu pae, teve a auspiciosa criança de deixar familia e patria, que tão d'alma presava, e atravessar o Atlantico. Chegado a Portugal viu serras mui pittorescas, rios magestosos, um sol como só o tem na Europa a Italia, a mais variegada flora, as mais bellas e saborosas fructas, mas... aquella não era a

sua patria, e quer, *nas ribas magestosas do Tejo*, quer nas varzeas do Douro, comparava sol, terra, plantas, flores, fructas, montanhas e rios d'alli, mas não deparava a belleza grandiosa dos sertões do seu amado Brazil. A nostalgia fel-o pulsar de novo as cordas do docil instrumento ; cantou e muito, mas a maior parte d'essas paginas candidas não vivem ; rasgára-as o auctor.

Já o poeta brasileiro estava ha dous annos longe do paiz natal. Não desconhecia, antes admirava os mil e um attractivos da rainha do Occidente. Deslisavam-se em sua memoria as gloriosas tradições d'esse povo heroico, que mais que nenhum outro contribuiu para descobrir mares ignotos e novas terras. Sobretudo actuava em sua imaginação de poeta o nome do principe dos poetas portuguezes. Para elle, o maior brazão de Portugal não o entalharam os argonautas ousados a expedições arriscadas, nem esses combates *titanicos* e desiguaes, travados na Asia e na Africa, não ; fôra Camões.

O cantor soldado, que na gruta de Macau isolado, pobre e perseguido por poderosos, cantava em versos altisonantes as glorias dos lusos, tocára-lhe o coração sensível, exaltára sua alma de poeta.

Estava elle no desabrochar das illusões, quando o horizonte se nos arraia de miragens phantasticas ; tinha esse entusiasmo proprio das almas que não sahiram *castradas* das mãos da natureza, e ao mesmo tempo fé em Deus e esperanza no porvir.

E como não ser assim, se seus primeiros annos os passára no regaço amigo da familia, acalentado pelo ciciar da brisa, ramalhando nas arvores seculares da matta virgem, vendo por sobre si um céu limpido e constellado, como só o teem os paizes tropicaes, aspirando o perfuene embalsamado que as brizas trazem das selvas ?

Até alli, Casimiro havia feito holocausto de todas as suas tentativas poeticas ; entretanto bem sentia elle que,

como Chenier, tinha alguma cousa na cabeça ; era mister que sahisse da penumbra da obseuridade ; offereceu-se en-sejo, eserevendo para o theatro de Dom Fernando uma scena dramatica, que foi representada no dia 18 de janeiro de 1856, sob o titulo de, *Camões e o João*. Este eanto dos 17 annos, mais filho do engenho que da arte, apresenta, não raro, lampejos reveladores d'alta voeação poetica. O publico portuguez aeolheu entre bravos e applausos a estreia do joven vate brasileiro. Casimiro tomou este aeolhimento como : « Vozes d'um povo amigo, que bradavam avante ao joven poeta, que na carreira eneeitava seus primeiros passos. »

Ha alli versos que dehtëam pela dureza e homonymia das desinenencias e profusão das mesmas vogaes, como :

Impávidas hasteadas nas muralhas. »

Mas se nos lembrarmos de que é a estreia d'uma eriança, havemos de forçosamente concluir que ninguem com taes elementos esereveria melhor.

Quem ha ahí tão obeeado e duro, eujos olhos se lhe não humedeçam ao ouvir o dialogar sentido e triste do auetor dos *Lusiadas* e do fiel eseravo javanez ?

Só o genio é eapaz de voar tão alto sem as azas da arte....

A voeação de Casimiro foi sempre eontrariada por seus progenitores ; temiam que seu filho tivesse a sorte de Camões e Tolentino. Apenas chegado de Portugal, foi-lhe forçoso ir para o commercio ; mas alli mesmo, depois do serviço satisfeito, internava-se no seu quarto e entregava-se ao seu predileeto colloquio com as musas. D'essas horas vagas sahiram quasi todas *As primaveras*, lindissimo florilegio, eomposto das mais delieadas e redolentes flores.

Como é natural, o poeta deu o lugar de honra ao eanto que dediea ao anjo do seu primeiro amor. Quem ha que se não enleve aos vinte annos por uma virgem, dourada visão de seus sonhos, depois enearnção dos seus mais puros e ardentos affectos.

Lêde a endeixa e vereis que entusiasmo febril, melancholia, saudade, doçura e prazer transpirã alli :

« Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,  
« — Marinheiro de amor, etc. »

Feliz á mulher que fez desabrochar taes flores e que as poudes perfumar com o seu amor.

Depois inspira-o a nostalgia, esse sentimento amargo que nos accompanha fóra da patria ou do seio da nossa familia.

Debalde cu olho e procuro  
Tudo, etc. »

Como é bello e repassado de saudade e ternura, o canto que em paiz estranho elle dedica a sua mãe, o ente que lhe era mais caro.

De noite, alta noite, quando eu já dormia  
Sonhando, etc. »

Absorto pela idéa sublime de Deus, ante a qual todas as outras se amesquinham, paraphraseou o hymno de David :  
— *Cæli et terræ enarrant gloriam Dei.*

Toda essa ternura  
« Que, etc. »

Que fé e uncção religiosa !

Lêde-o tambem nos seus threnos á primavera, essa mocidade do anno, como alguém lhe chama, e admirareis a suavidade do metro e a belleza singela das idéas.

Alegre e verde se balança o galho.  
Suspira, etc.

Agora vêde com que mimo e magica palheta elle retrata o objecto do seu *culto* :

• Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,  
Seus labios, etc.

A musa de Casimiro é quasi que invariavelmente melancholica e terna ; rariissimas vezes devassa os dominios de Anacreonte, como nas quintilhas, a *Pepita*.



Inspira-se quasi sempre dos affectos benevolos com seu toque de tristeza, que lhe diz bem ; tem affinação metrica e magnificencia de pensamentos ; sirva de exemplo o bellissimo canto saphico, *Amor e Medo* :

« Como te enganas ! meu amor é chamma  
Que, etc. » (31)

MACIEL DO AMARAL.

---

Casimiro d'Abreu, author d'este belle livro das *Primaveras*, desconhece os segredos da linguagem com que se confecta a pöbreza do espirito, não estudou em alheios moldes a fórmula em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica da palavra nem o contraponto da versificação. Não é um genio desenvolvido nem um grande litterato ; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta ; não canta, suspira, lamenta-se e chora. Diz-nos singelamente o que sente ; dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima, em cada strophe um pedaço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar, talvez, offerece-nos no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance d'um coração, um poema inteiro, cujo heroe é o author.

O argumento d'esse livro, em um só canto, conciso e breve como a dôr intensa, é o summario da biographia exacta do poeta.

Applicado á maior parte das collecções de versos que eu conheço, este cotejo daria em resultado a antithese, em vez do accordo entre o poeta e o homem. É pois esta a feição caracteristica do livro de Casimiro d'Abreu, e é portanto sob esse aspecto que importa estudal-o.

Arrancado em annos tenros aos braços da familia, e trazido de casa de seus paes, na America do Sul, para um escriptorio commercial de Lisboa, Casimiro d'Abreu recebe

ao desábrochar do seu talento o baptismo das lagrimas, que purifica para o logro da gloria os predestinados.

Assim como no espirito dos que cegam na infancia ficam indelevelmente stereotypados os ultimos quadros por onde pairou a alegria dos olhos, qual na retina do assassinado a imagem do que o apunhalou, assim na alma do expatriado vai inteira para o exilio a lembrança, querida e perfeita dos seus montes nataes, o perfume da brisa que lhe brincou com os anneis louros do cabello, a casa paterna, o meandroso caminho das devezas, a frescura do rio em que banhou os membros infantis, os tepidos beijos com que o amimou o amor materno, e mais que tudo isso, mais funda, mais luminosa, mais intima, a odorada imagem d'aquella mulher de olhos suaves e meiguissimo sorriso, que todos os poetas encontram uma vez aos dezeseis annos, palpavel imagem do sonho que sonharam sempre, lampejo de felicidade havida até então por impossivel, manifestação d'uma belleza que tinham por meramente subjectiva, como reminiscencia ou intuição d'um céo passado ou futuro, demonstração do bello finalmente, revelação do amor.

Casimiro d'Abreu obrigado pela vontade paterna, que debalde tenta suffocar no coração do adolescente os irrequietos embryões da poesia, que dentro se lhe debatem já como no seio do vulcão e claboração da lava, parte com o coração lanhado por agonia acerba.

Não é já o pae, é elle proprio, navegante no oceano, naufrago na vida, que, com os olhos embaciados fitos no horizonte, onde csmorecidamente negreja ainda o vulto da patria, pede á Providencia que lhe ensine o segredo de ser vulgar, o meio de apagar a chamna que o devora, de sanar a ancia que o opprime, de arrancar o espinho que o dilacera como presentimento de infortunio eterno, de reduzir o coração que lhe não cabe no peito, de se mutilar até caber á larga no molde meão dos felizes da terra.

Impossivel ! fadára-o Deus para a gloria : não lhe era dado

hesitar entre a posteridade e a vida ; era-lhe forçoso e irremissível deixar esta, porque a immortalidade o estava já esperando como a filho dilecto.

A hesitação matou-o. A obediencia filial aconselhando-o a alliar os impetos da sua indole privilegiada com as obrigações da mais prosaica profissão, roubou-o á litteratura sem o dar á sociedade ; o litterato desmedrou e finou-se sem que o negociante conseguisse nascer.

Lamentosa falta foi essa para as letras portuguezas, e para a gloria da poesia brazileira contemporanea, tão brilhantemente polida nos ultimos annos d'este seculo por operarios como Porto Alegre, Magalhães, Gonçalves Dias e Machado d'Assiz.

Se o positivismo das cousas precisava de vir recrutar um negociante na bohemia das letras, porque se não resgatou a substituição d'este só pocta, com a entrega d'esses mil aquartilhadores de versos que por cá andam a derrancar um prestimo, que, esporeado para outro sitio, deixaria por ventura de ser insipidamente inutil no seio do Cosmos?

Se Casimiro d'Abreu alliasse una educação litteraria á pura sensibilidade da sua alma, á elevação do seu espirito, á clareza do seu criterio, e ao pendor da sua indole profundamente melancolica e scismadora, abalanço-me a dizer que o seu nome seria hoje, o do mais perfeito poeta que tem botado a moderna geração litteraria em Portugal e no Brazil.

Casimiro d'Abreu tem vinte annos ; e o seu livro exhala de todas as folhas o perfume suavissimo d'esse madrugador da existencia, tão esplendido sempre deluz e de harmonia, d'enthusiasmo e d'amor...

Oh ! dá que eu saude a tua memoria, meu divino rapaz, que tiveste a coragem de o ser, e de tal te prezares n'este seculo em que se finge a duvida, o desalento, e a descrença aos dezoito annos ! n'este seculo em que não ha convivas

ao alegre banquete da mocidade, porque os imberbes tomam o seu café e palitam os dentes em jejum ! n'este seculo em que o espirito impotente tomou por moda descórar os beiços e pintar pés de gallinha ao canto dos olhos !...

Bem hajas tu, que foste verdadeiramente poeta no meio dos sensaborões, porque verdadeiramente foste sincero entre os presumidos !

Em quanto elles choramigavam a invocação á esgrouviada e despenteada musã do desalento e da indifferença, emmolhavas tu singelamente as mais bonitas flores da tua alma, e com o rubor na face e o amor no coração, depunhas o beijado ramilhetinho no regaço da virgem dos teus sonhos, dizendo-lhe como a irmã :

« Pódes ler o *meu livro* : — adoro a infancia,  
« Deixo, etc.

Esta simples quadra é a exacta profissão de fé do poeta.

A primeira parte das poesias de Casimiro d'Abreu, as quaes, como que constituem a primeira época da sua vida, é datada de Lisboa ; a segunda e ultima do Brazil.

Nas primeiras ha um admiravel geito de saudade, um amor ardente, uma insoffrida aspiração de vida, e um calor palpitante e intimo, que parece desafogo e respiro da tropical natureza da America.

Logo nas primeiras paginas depara-sc-nos uma pintura do Brazil, assignalada de toques magistraes, que immediatamente revelam um talento superior. Citarei como exemplo d'esse admiravel colorido uma só estrophe :

« Ao lado da caehoeira,  
Que, etc.

A timidez adoravel, que é sempre inseparavel socia do amor impetuoso em annos tenros, aqui está retratada com invejaveis tintas. A mulher amada queixa-se d'essa apparente indifferença em que o seu vate esconde com esforço os estos febris d'uma paixão immensa. O poeta responde-lhe :

« E que esse vento que na varzea — ao longe,  
Do colmo, etc.

A imaginação impaciente do poeta, borbototeia sempre sobre as floridas saudades da patria e a recordação prestigiosa de mulheres adoradas. Amemos ! amemos sempre ! pensa elle...

! A vida e um deserto aborrecido  
« Sem, etc.

Nas horas tristes em que a saudade lhe turbasse a vista com lagrimas, e o tedio lhe obrigasse a soltar dos dedos a penna empregada no mercenario labor da arithmetica, que quadros não descortinaria lá bem longe no horisonte, por entre as cerradas trevas da sua vida, aquelle namorado espirito !

Junto d'elle, acorrentando-o e escarncendo-o, a desaceiada labutação do trafego mercantil. Ao longe, convidativas seductorás, deslumbrantes, todas as visões dos dezoito annos... A escada de sêda, palpitando á viração de noite estiva, suspensa do recortado balcão d'um castello gothico e sobranceira ao lago, onde dorme em gondola vasiã banhada pelo luar o esquecido bandolim d'um trovador... Uma elegante e franzina amazona, d'amplo vestido de veludo e luvas de camurça, montando uma hacanea ingleza, perpassando a toda a brida e convidando-vos com um aceno e um sorriso a acompanhal-a, no meio do latir dos galgos e do toque d'avançar que estão dando as trompas na encruzilhada da floresta... Uma dança hespanhola n'um jardim de Granada, onde debaixo do laranjal e ao som dos pandeiros e das castanholas, as mais esbeltas filhas da Andaluzia requebram a cinta fascinadora e bailam ainda mais com os olhos negros do que com os pequeninos pés... Morbidas circacianas de hombros nús e seio palpitante, languescendo em fôfas ottomanas, entre os calídos e enebriantes perfumes d'um harem no Bosphoro.

Quem não desejou, quem não sonhou, quem não viu tudo

isso na idade da adolescencia, tendo no eraneo o dom fatal d'um talento imaginoso, e nas veias o irrequieto e ardente sangue meridional?

Querem vêr todo esse aneio de moeidade e concentrado n'um quadro bem simples : leiam os versos intitutados, *Na rede*, nos quaes o poeta nos desereve a mulher amada, adormeeida no seu leito suspenso no meio d'um bosque,

« — O eó por docel,  
De leve embalada no quieto balanço  
Qual, etc. »

Ouçam as ultimas strophes :

Dormia e sonhava — a boeea entre-aberta,  
« O labio, etc.

Alem d'esta, as poesias, *Anjo*<sup>\*\*\*</sup>, *Horas tristes*, *Sonhando*, *Noivado*, *Visão*, *Pepita*, *Moreninha*, e outras, são brilhantes provas da terrivel lueta em que deviam d'eneontrar-se travados o genio do poeta e o espirito do caixeiro.

N'essas luctas em que não ha eonsolação nem treguas, eonsome-se rapidamente a existencia. Cada hora é uma lagrima, e eada lâgrima uma parcella de vida que se esvae.

Uma tisiea pulmonar veiu ao encontro do pallido mancebo, e guiou-o pela via mais eurta para o ponto negro que elle fitava no horisonte.

Foi á primeira golfada de sangue, foi ao primeiro abraço da terrivel enfermidade, que o poeta esereveu esses formosissimos versos, ungidos d'uma melaneholia só comparavel á da *Captiva*, d'André Chenier :

« Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus ! etc. »

N'esta poesia que se intitula, *Canção do exilio*, ha um ar de singeleza e de eandura admiravel. Direis a virgem ao regressar do primeiro baile em que desafogou o seu infantil eontentamento, desfolhando ao amanhecer as rosas da çapella sobre o seu tumulo aberto.

As tres primeiras strophes suspiram assim :

« Meu Deus, eu sinto, e tu bem vêes que eu morro  
« Respirando, etc. »

O anjo bom de Casimiro d'Abreu acolheu entre a candura das suas azas, este ultimo e ardente desejo do infeliz trovador.

O exilado, já ferido de morte, já aparelhado para a viagem do céu, regressou á patria que tanto amára para lhe depôr no seio o ultimo suspiro, e

■ ... morrer cercado dos perfumes  
« D'um, etc. »

Leram nas *Confidencias* de Lamartine a senditissima descripção do seu regresso ao querido torrão em que torna a vêr o campanario da capellinha, onde sua mãe lhe ensinou a primeira oração, o jardim onde brincou os primeiros annos, o velho solar de seu pae, e o cemiterio onde dormem os seus avós? Se leram, confrontem as paginas d'esse livro com as estancias da poesia intitulada *No lar*, e digam-me se não é a harpa do cantor das *Meditações*, a mesma, cujas cordas estremecem sob os dedos de Casimiro d'Abreu.

Que palpitante verdade não revêem esses versos, que em analogas circumstancias todos nós presentimos uma vez vagamente, preludiados na nossa lyra interior!

■ Foi aqui, foi allí, alem... mais longe,  
■ Que eu, etc.

Os profundos estragos da enfermidade que interiormente o devorava, não permittiram a Casimiro d'Abreu aspirar por muito tempo esse perfumado ambiente da America, que os pulmões lhe devolviam aos labios transformado em poesia ou em sangue.

Depois das citações que temos feito seria crime não trasladar tambem algumas notas do canto derradeiro d'esse mavioso cysne.

Eis as ultimas strophes escriptas por Casimiro de Abreu. O poeta dirige-se do leito em que jaz á mulher que ama :

Mas eu bemdigo estas dores,  
« Mas eu, etc. »

Pouco tempo depois Casimiro d'Abreu exhalava o seu ultimo suspiro, contando vinte e dois annos.

O livro que deixou ahi está. É o poema d'uma existencia, baseado nos mais singelos elementos de poesia : viver sofrendo, amar esperando, e morrer sorrindo.

J. D. RAMALHO ORTIGÃO.

---

Espontaneidade, ardor muitas vezes irreflectido, expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abrazavam a alma ; eis o que temos a admirar nas poesias que Casimiro d'Abreu escrevia sobre o joelho, quando o punham saudades lancinantes, quando o abrazava uma louca paixão, quando o saltava um funebre presentimento. Como se receiasse que a morte o viesse interromper antes de tempo, Casimiro d'Abreu desfolhava com as mãos febris as flores da sua dupla grinalda de poesia e de juventude. Essas petalas de rosa, ainda hoje perfumadas e coloridas, são as que appareceram colligidas com o titulo de *Primaveras*, e que tão grande e tão legitimo successo obtiveram em Portugal, successo que duplicou quando o publico soube que essa primavera tão abundante de flores e de perfumes; em vez de continuar nos ardôres do estio, terminára nos regelos do tumulo.

Foi curta, como um sonho de noite de Maio, a existencia do poeta, curta e amargurada. Teve as sombras nocturnas a toldarem-lhe o esplendor da aurora ; por entre as arvores floridas que lhe assombravam as ridentes lamedas da vida nos primeiros passos, surgiu-lhe, como esse branco phantasma que o infeliz Carlos VI de França viu levantar-se-lhe



ante o corcel na deveza da floresta, o espectro lugubre da morte. Não foi n'um céu azul que estalou de repente o raio ; o anjo fatal veio, como a aguia de Jupiter, raptar este novo Ganymedes em todo o esplendor da mocidade para o sentar nos celestes convivios ; o presentimento veio entristecer-lhe as horas rosadas da sua manhã tão curta. Não poudo dizer com Musset que, saciado dos gosos da vida esperava a morte como consoladora do fastio já proximo.

Et que, quand on meurt jeune on est aimé des dieux.

Não, Casimiro d'Abreu não viu nunca senão a face negra da vida, e era entre os horrores do exilio que elle erguia a Deus essa prece sublime, toda repassada de lagrimas e impregnada de melancholia.

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus, etc. »

Concedeu-lhe Deus essa ventura suprema ; levou-o ao Brazil porque elle anhelava, e permittiu que um raio das estrelas fulgurantes do céu americano (32), lhe illuminasse o cadaver juvenil.

Este amor ardente que tinha á sua patria era uma feição característica do talento de Casimiro d'Abreu ; ao invetz do que succede habitualmente, Casimiro d'Abreu veio do Brazil procurar fortuna a Portugal ; se os nossos compatriotas, no meio dos esplendores dos tropicos, sentem saudades tão profundas da sua branca aldeia, dos seus olivedos viçosos, do seu campanario humilde ; como não haçe lancinar a nostalgia esses filhos do sol, perdidos na triste Europa, longe dos rios gigantes, do céu de fogo, das florestas colossaes d'esse paiz sublime ? por isso elle entoava a canção do exilio e dizia :

Como a ave dos palmares  
Pelos, etc.

Por isso elle, no mcio do nosso inverno, erguia o pensamento para essa terra de luz, onde tivera o berço, e entoava um hymno cheio de amor e de saudade ás bellezas da sua patria, hymno onde parece espalhar-se todo o immenso ardor do céu americano.

Ao lado da cachoeira  
« Que, etc.

Esse desejo ardente de voltar á sua patria perseguia-o sempre ; era o seu sonho constante, o desejo que o animava, que lhe inspirava as suas mais bellas estrophes, porque o são effectivamente os formosos versos d'essa *Canção do exilio*, de que já transcrevi una quadra e que, não resisto ao desejo de transcrever toda, porque n'ella se resume, como em nenhuma outra, a indole litteraria de Casimiro d'Abreu, a fragrancia de melancholia que lhe perfuma os versos, o ardor tropical que transluz em cada estrophe d'esse poeta essencialmente brasileiro :

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
« Meu Deus, etc. »

Satisfez-lhe Deus o ardentissimo desejo ! foi no Brazil que elle expirou, foi entre as mangueiras banhadas pelo luar, que o tumulo se lhe abriu.

Este poeta goza no Brazil e em Portugal d'uma merecida popularidade, comprovada pela necessidade da republicação das suas poesias.

M. PINHEIRO CHAGAS.

# APOTHEOSIS POETICA

## POESIAS

### TRIBUTADAS A MEMORIA DO AUCTOR

Li as tuas *Primas-véras* ;  
Devéras mimosas são ;  
São lindas como os amores,  
Parecem primas de flores...  
Quizera ser teu irmão.

Que vida nos seios d'ellas !  
Que perfumes que ellas tem !  
Não ha sultão mais ditoso !  
És um primo venturoso,  
Não tem mais primas ninguem.

Alegres como andorinhas  
Tens umas primas, Jesus !  
As moreninhas faceiras !...  
São jurytis ás carreiras  
Pelas moitas dos bambús.

Outras pallidas suspiram,  
Tão descontentes de si,  
Que fazem dó !... coitadinhas !  
Nos olhos das moreninhas  
Terão ciumes de ti.

Outras são... ora, são tantas...  
Não tem mais primas ninguém,  
Não ha sultão mais ditoso ;  
És um primo venturoso,  
De primas tens um harem !

Beijei-as uma por uma ;  
Não te faças Zelador !  
Não fazem mal os meus beijos,  
Que os labios dos sertanejos  
São como ninhos de flor.

Mas... perdão ! és um tyranno !  
Repito ainda — perdão !  
És um tyranno de raça :  
Expôl-as assim na praça,  
Para vendêl-as ? — Pois não !

Para applausos ? — Faço idéa !  
Has de ter muitos — pois não !  
Aqui no paiz das tretas,  
Não se quer primas de letras,  
Quer-se manteiga e feijão.

Se és um primo venturoso,  
Que mimosas primas tens ;

N'ellas vejo os teus azares,  
Dou-te pois os meus pezares,  
E retiro os parabens.

BRUNO SEABRA.

1859.

---

Canta e canta sempre !

C. D'ABREU.

Eu tambem li as tuas — primaveras,  
E vi d'ellas as flores tão mimosas  
De jubilo' beije-as !  
É que sentia em mim vir espelhar-se  
A melodia terna de teus cantos,  
De magicas sereias !

Vi tuas flores rebentarem lindas !  
Vi os teus cantos de pungentes dores,  
E outros de esperança ;  
Canto, já de um mancebo pensativo,  
E outros de saudades — cantos ternos,  
Balbucios de criança !

E vi n'essas florinhas tão mimosas,  
Um cantor promettendo ás nossas letras  
Mais cantos no futuro ;

E apenas n'esse céu todo estrellado,  
N'essa roseira enfioreada e linda,  
E vi um ponto escuro.

Era o teu — *Livro Negro* — negro? embora!  
O coração do homem também sente  
Alegrias e dores!  
Como sons d'harpa meiga de poeta,  
Que ás vezes choram e outras vezes riem  
Nos canticos d'amores.

Vi — saudar-te esse irmão de teus cantares,  
Mais uma c'rôa te lançar na frente,  
Abraçar-te em seu canto;  
E tu, agradecer-lhe em cantos d'alma,  
Tendo n'ella os mais tristes desalentos  
E nos olhos o pranto!

É tarde! que disseste? Tu não viste  
Como — Azevedo — se escondeu na campa?  
Não viste, meu amigo?  
A gloria não te importa? ao menos, poeta,  
Com cantos de esperança encobre as penas  
Que já trazes contigo.

É tão triste o morrer-se quando a aurora  
Da vida — em flor — nos vem banhar o craneo,  
Aonde um fogo arde!  
É tão triste o morrer-se! e ouvir um poeta  
Dizer a quem o anima: « Ai! já não posso...  
Agora... é muito tarde!... »

O desalento é qual o sonho horrido  
Que sempre que dormimos nos persegue ;  
    É á noite a sombra nossa  
Quando vagamos ao claror da lua :  
E a esperança é a virgem que dá a vida,  
    Que os corações remoça !

Ai ! é tão triste vêr a flor que outr'ora  
— Inda em botão — no hastil, tão indolente,  
    Sobre a terra cahida !  
Cahiu, porque faltou-lhe a brisa meiga.  
Assim, se te faltar a esperança,  
    Tu cahirás sem vida.

Não deixes de cantar ! inda é tão cedo !  
O sol da nossa patria brilha agora  
    Com pallido abandono...  
E a lua que prateia o lago liso,  
Que desenha no chão todas as flores,  
    Parece que tem somno !...

Brinca o mar, geme a onda sobre a praia...  
A mansa brisa vem cantar ás flores  
    Seus dons innocentinhos...  
Na mata, á tarde, geme a rôla triste...  
E os chilros se ouvem virem lá do bosque  
    De ternos passarinhos !...

E o sol, e a lua, e o mar que geme manso,  
E a brisa, e a rola, e os passaros dos bosques  
    Elevam um hymno a Deus !  
Oh ! canta, e vai á noite, solitario,  
A Elle, e ao sol e á lua malicenta,  
    Soltar os cantos teus !

A ti qu'importa a festa do futuro?  
Ah! se tu cantas, não almejas louros,  
Nem paginas na historia.  
Eu bem o sei. Cantar na flor dos annos,  
Quando o peito é um vergel todo amoroso...  
É a verdadeira gloria!

Como a flor que é botão inda entre-aberto,  
Tendo perfumes — flor de primavera, —  
Assim é nossa infancia,  
Na juventude o coração e louco;  
Na adolescencia a poesia é vida:  
É um céu de fragrancia!

Oh! canta! e despe o véo dos desalentos  
Que cobre a tua musa tão mimosa,  
Que é como tu singela.  
E despertando de tua harpa as vozes,  
As canções surgirão inda mais puras  
Que beijos de donzella!

Eia! ávante poeta! Canta ainda,  
Um pouco... mais..., pois que o cantar é vida!  
Oh! canta os sonhos teus!  
E se não queres ter d'aqui as glorias,  
Canta o céu tão azul, o sol, a lua...  
E canta o nosso Deus!...

ALMEIDA CUNHA.

Rio, 11 outubro 1859.



... Vêr o pobre mancebo  
Em quem a seiva reluz,  
No sonho candido e puro,  
Nas glorias do seu futuro,  
Dourando a vida de luz,  
De crenças, de amor, de fé,  
Vel-o finir-se tão cedo,  
Como as vozes d'um segredo....  
É dôr de mais — pois não é?!...

C. D'ABREU.

Aquella pallida fronte,  
Ardente como um vulcão,  
Em que um brilhante horisonte  
Sorria de inspiração :  
Cuja musa, em meigos cantos,  
Sorrindo ou vertendo prantos,  
Sempre cantando, encantava ;  
— Pallida agora, mas fria,  
Não mais desprende a harmonia  
Que no seu antro encerrava !

Que é d'elle, o joven cantor,  
Astro brazileo a surgir,  
Que entre os seus cantos de amor  
Fazia amores sentir ?  
Que é d'elle, o joven amante,  
Que do seu berço distante,  
No verdor da mocidade,  
Vendo outro céo, outras flores,  
Não lhes achava primores  
Por ter da patria saudade?...

Viram-no as margens do Tejo  
Murmurar hymnos de amor,  
Á patria mandando um beijo  
Com dedicado fervor !  
Que puro amor terno e santo  
Revela aquelle seu canto  
A sua mãe, relembrando  
A falta d'essas caricias,  
Que eram as suas delicias  
No patrio ninho habitando !...

Tambem as margens do Douro  
Viram-no triste, a gemer,  
Dizendo na lyra d'ouro :  
« Brasileiro hei de morrer. »  
Só vendo ao longe a belleza,  
Primores da natureza,  
Encantos a mil e mil,  
Que em longas, remotas eras  
Quiz marcar nas — Primaveras  
Eternas no seu Brazil.

Quem é que ao pranto resiste,  
Seja poeta ou não seja,  
Ouvindo — *Minh'alma é triste* ;  
Que o *Livro Negro* reveja ?  
Parece que o soffrimento,  
Funesto presentimento  
D'amargor lhe enchia o peito !...  
Cantava... — mas que cantar !  
Era um bardo a suspirar,  
Sempre em lagrimas desfeito !

Era a canção do exilado,  
Que tristes mágoas encerra,  
Soltando um céu abafado  
Que sôa de serra em serra !  
Elle era nauta nos mares,  
Procurando os patrios lares  
C'os torvos olhos saudosos ;  
E ao ronco gemer do vento  
Unindo um triste lamento  
Entre suspiros queixosos !...

Que terno amor ! que poesia  
Na mente lhe borbilhava  
Quando a saudade e harmonia  
Do sabiá recordava !....  
D'esse cantor das palmeiras,  
Que nas matas brasileiras  
Modula os ternos queixumes.  
Que fogo de amor intenso,  
Cantando o Brazil immenso,  
Cercado de mil perfumes !

Que coração de poeta  
(Livre das loucas orgias),  
Que em musa casta e discreta,  
Batia, ao som de harmonias !  
Que brandas, sentidas queixas  
Ao som de ternas endeixas  
Revelando os seus amores !  
Que bella esp'rança perdida,  
N'esse futuro da vida  
Do outomno, com seus primores !

E tudo tombou — cahiu  
Da praça ao tufão medonho,  
Que no sepulchro sumiu  
Tão bello arbusto risonho !...  
Esse tufão, que tão cedo  
A Dutra, Amaro e Azevedo  
Na primavera cortou,  
Sedento de atroz furor,  
Ao fluminense cantor  
Na terra em furia lançou.

E quatro lustros sómente,  
Cheios de vida e fulgor,  
Perderam seu brilho ardente  
Na campa, em gelido horror !  
Que verde esp'rança murchada !  
Que flor tão bella, esmagada.  
Hoje sem brilho e sem côr !...  
Que galardão tão subido,  
Que de futuro perdido  
N'esse brazileo cantor !

Só d'elle resta a lembrança,  
Que mudamente suspira  
Accorde, mas sem esp'rança,  
Nos tristes eccos da lyra !  
Chora a familia saudosa,  
Chora a musa lacrimosa,  
Chora o Brazil, que o perdeu,  
Chorará quem n'outras eras  
Ler com mágoa as *Primaveras*  
De — Casimiro de Abreu.

J. V DA SILVA AZEVEDO.

Recebe este voto, amigo,  
Em poucos versos singelos.  
Qualquer os fará mais bellos;  
Ninguém tão d'alma os faria.

ALMEIDA GARRETT.

Inda o cypreste não roçára o tope  
Na cruz do tumulo ;  
E nem a relva tapetára a base  
Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas  
E as doces lagrimas ;  
E nem as rosas da primeira corôa  
Murcharam inda.

Mas tu não vives ! desfolhou-se o arbusto  
Na quadra florida !  
E a brisa perfumada do oriente  
Passou assim na terra.

Criança e moço  
Déste ao mundo um rosal de primaveras...  
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo !

E eu venho aqui, — á sombra do cadaver  
E á luz do espirito  
Que brilha lá no céo, — depôr um cofre  
De goso e mágoas ;

Que em noites de tristeza me sorriam  
Estrellas fulgidas ;  
Que, em dias de pesar, o sol ás vezes  
Me alumiára.

A ti a flor que aos risos da ventura  
Abrira o calix ;  
A ti o pranto que orvalhou a rosa.  
Por conservar-lhe o viço !

Guarda-o, poeta,  
A sombra protectora do cypreste  
E á luz da tua gloria.

ERNESTO CIBRÃO.

Paris, Dezembro 1860

---

Viveu como uma flor tão curta vida,  
Ou foi uma esperança fallecida,  
Ou sonho que acabou ;  
Sem gosar dos festins que o mundo afaga,  
Como um batel que a tempestade traga,  
Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,  
Tendo saudades d'essas lindas eras  
Em que tudo é sonhar ;  
Seus pesares gemeu e suas dores,  
Esperanças cantou o seu penar.

Morreu inda na flor da mocidade  
Entoando uma nenia de saudade  
    Por sobre os sonhos seus !  
Foi saudar nova vida, novo sol ;  
Subiu ainda da vida no arrebol,  
    Alegre aos pés de Deus.

C. A. BARBOSA D'OLIVEIRA.

Rio, Outubro 1861.

---

Dorme em paz sonhador ! a primavera  
Te junque a campa de viçosas flores ;  
E' um tributo que merece o bardo,  
Pois foi ella na terra os teus amores !

Dorme em paz sonhador ! de puro orvallio  
A tua campa cubram os arvoredos,  
E a brisa, que susurra entre os palmares,  
E os seus perfumes digam te segredos !

Perdôa se perturbo o teu repouso !  
Recebe um beijo meu de despedida ;  
A um poeta, a um sonhador de amores,  
Tambem beijou a regia Margarida !

Ninguem ousou dizer que a nobre moça  
Era uma louca assim n'esse abandono.  
Um poeta, oh meu Deus ! é tua imagem,  
A sua musa é mais que um nobre throno !

NUNO ALVARES PEREIRA E SOUZA.

Janeiro 1862.

Dorme, poeta. A tua mocidade  
Foi um mysterio pallido de amores !  
Ninguem te comprehendera na idade  
Em que, criança, conheceste as dores !

Inspirado da patria nas grandezas,  
Ergueste a lyra a desferir teus cantos ;  
D'essa patria a cantar tantas bellezas,  
Sempre sorriste, derramando prantos !

Moço — soffreste do destino o peso,  
Entre as angustias de um viver tristonho !  
Poeta, amaste... e deram-te o desprezo...  
Sonhaste glorias... mas que horrivel sonho !

Quizeste achar o allivio n'outros mares,  
Deixaste a patria, em busca de outras plagas.  
Infeliz ! desferindo os teus cantares,  
Sentiste sempre do soffrer as chagas !

A nostalgia te gelava o peito,  
A saudade matava-te a esperanza ;  
Vieste procurar teu proprio leito  
Para dormir teu somno de criança.

Ao sol ardente do Brazil gigante,  
Entre as sombras das arvores nasceste,  
Na propria terra que te viu brilhante,  
Ao sol da gloria juvenil morreste !



Tua vida foi rapido lampejo  
De um meteóro, que luziu no espaço ;  
Aguia, deixaste, no precoce adejo,  
O rasto teu da historia no regaço.

Mas não morreste, não. Dormes apenas  
No teu berço cercado de cyprestes ;  
Em noites de luar, frescas, serenas,  
Murmura a briza os cantos teus celestes !

Dorme, poeta ! Ás lagrimas do orvalho  
Revive a flor, que languida morria !  
Tu foste flor ; murchaste sobre o galho  
Quando a aurora feliz além rompia.

Na pedra que encerrou teu corpo debil,  
Deixaste um nome que o Brazil corôa.  
Possa tambem meu canto ignoto e flebil  
Chegar onde teu genio se apregôa !

Tu'alma — estrella de outro firmamento —  
Reluz no céo da patria — mãe ingrata !  
A mocidade ergueu-te um monumento  
Onde o teu brilho agora se retrata !

Do somno teu, aos canticos celestes,  
Despertarás um dia ao sol da historia,  
Dorme, poeta, á sombra dos cyprestes,  
Envolvido na luz da tua gloria !

EDUARDO DE CARVALHO

---



## IV

# NOTICIA

### **SOBRE O AUTHOR E SUAS OBRAS**

As miseras e pequenas aldéas possuem tambem as suas glorias, teem tambem os seus heroes e ufanam-se com ser o berço de algum genio, como as grandes e faustosas capitães. Se a fortuna vasa indistinctamente a cornucopia dos seus thesouros, tambem o anjo da inspiração não escolhe os seus dilectos nos sumptuosos palacios ; baixa sobre as mais humildes e modestas choupanas, e ahi lhes annuncia a sua missão ; unge-lhes os labios com o fogo da poesia, accende-lhes na mente o estro divino e os converte em videntes.

Na villa da Barra de São João, da provincia do Rio de Janeiro, á margem de um pequeno rio que desce de um dos ramos das cordilheiras dos Orgãos, e que vai perder-se no Oceano Atlantico, eleva-se uma choupana, abrigada por velha e magestosa figueira. Ahi, n'essa risonha habitação nasceu Casimiro José Marques de Abreu aos 4 de Janeiro de 1837.

O menino predestinado para ser um dia poeta, viu ainda no berço sorrirem-lhe as musas. Foi sua infancia uma perigrinação poetica, e por toda a parte o cercava a inspiração. Nascido no campo, contemplava ao mesmo tempo o céu e o mar, os campos e as matas ; e sentia a briza da praia brincar com os seus cabellos, e o vento da montanha trazer-lhe de longe o perfume das florestas. Desprendido apenas das faxas infantis, corria por aquelles risonhos sitios, colhendo flores e apanhando borboletas (33).

Quando o permittia a lindesa da tarde, e as aguas quietas do rio reflectiam esse céu esplendido dos tropicos, e a briza ciciava na folhagem dos mangueiraes, lá ia com os seus companheiros de annos saltar pelos campos e folgar á orla do ribeiro. Outras vezes dirigia-se ás praias, esses lençoes de alvas arêas em que o Oceano vem espriguiçar-se ; lá se entretinha no apanhar das conchas, em gritar com o mar que parecia encolerisar-se, bramir e recuar, e desfcito em ondas de espumosas flores, beijar-lhe os pés e fugir ainda murmurando seus queixumes.

Então, dizia-elle ; uma mulher de uma belleza extrema e de uma graça encantadora ; uma virgem, como o patentcava a pureza dos seus bellos olhos e a suavidade da sua falla coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se a seus folguedos, e partilhar das suas alegrias e dos seus pezares. Quando ella sacudia a cabeça, digna da estatuaria antiga, os seus cabellos louros, prezos na frente por uma grinalda, fulgiam e fluctuavam livres em graciosos anneis debruçando-se pelos seus hombros de alabastro. Trajava roupastalares tam alvas que as temia manchar quando as tocava. Mas o que sobretudo mais o admirava, era a pureza e brilho dos seus olhos azues, que reflectiam a côr do céu. Eram bellos ! Nas horas da oração, de joelho a seu lado vi-a levar esses olhos para Deus e conserval-os assim por longo tempo como n'um extasis, e percebia que suspensa de suas palpebras tremia e brilhava uma lagrima, como o crystal no lampadario do templo (36).

Essa virgem que o Eterno criára de um sorriso seu, que brincava com as azas dos cherubins, que havia baixado do céo, e que, quando o omnipotente concluiu a obra da sua criação, achou-se de pé no meio de tanta magnificencia, debruçado sobre o hombro de Eva, o mais sublime de todos os seus primores, começou a apparecer-lhe por toda a parte e a todo o momento ; de manhã, ao despontar da aurora, ao desabrochar das flores, nas madrugadas da estrella d'alva ; de tarde ao declinar do dia, quando o sol ostenta entre seus arreboes a pompa de sua magestade, e as aves se acolhem a seus ninhos ; e de noite ao clarão da lua que caminha melancolicamente arrastando o seu manto de peregrinas estrellas (35).

E essa virgem que ainda em tam verdes annos já lhe sorria ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flores do prado, para mais tarde, na hora da oração angelical, confiar-lhe os seus segredos divinos, era a — poesia ! (36).

O negociante portuguez José Joaquim Marquez de Abreu, pouca ou nenhuma importancia ligou á propensão precoce de seu filho, e apenas nos carinhosos affagos de sua mãe dona Luiza Joaquina das Neves, senhora brazileira de amaveis qualidades, achava Casimiro de Abreu as approvações consoladoras e o apreço do seu talento para o desenho, indício da riqueza da sua brilhante imaginação, como se expressa um dos seus mais importantes biographos (37).

Mal se iniciou nos rudimentos da lingua vernacula, foi arrancado ás caricias maternas quem tam pouco tempo tinha para gozal-as n'este mundo, e mandado para as montanhas de Nova-Friburgo. Ahi, um velho inglez entusiasta e admirador da terra brazileira, João Henrique Freese, havia fundado no remanso da paz, no seio de um clima ameno pela sua temperatura Européa, um internato dedicado á educação da nossa juventude (38). Levava Casimiro de Abreu a expressa recommendação de ser educado para o commer-

cio, contrariedade que torcia a sua vocação, pois aspirava a mais profundos estudos. Tinha então nove annos e aos quinze retirava-se sem que houvesse concluído a educação litteraria, com grande saudade dos seus amigos e não menor consternação dos seus professores, contando entre aquelles em primeiro lugar, o Sr. Christovam Corrêa de Castro, e entre estes, o Sr. Christovam Vieira de Freitas (39).

Foi n'este modesto sanctuario das letras, no seio da applicação, que se expandiu a sua alma; foi n'um dia de saudades, motivadas pelas recordações da casa paterna, foi n'essa hora da oração angelical em que o mundo christão saúda a virgem sancta, que a poesia veiu pela primeira vez ungir-lhe os labios com os seus threnos, mal balbuciadados talvez (40), como o cantico das aves ainda em scusinhos.

« Era de tarde, escreve elle; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solcmne a voz melancolica do cahir das cachociras. Era a hora da merenda em nossa casa, e pareceu-me ouvir o echo das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei, *Ave Maria*. A saudade havia sido a minha primeira musa. » (41).

Tinha quinze annos e um amor quasi, senão infantil, veiu trazer ás aspirações da sua alma esse perfume doce e voluptuoso, e encher um vacuo em seu coração, satisfazer a sua innocente vaidade de poeta, e a pueril necessidade da sua musa. Uma mulher era a deusa semelhante ao deus de Voltaire que a não existir, fôra preciso invental-a. Amar como Dante, como Petrarcha, como Tasso, como Camões, como Gonzaga, era para elle mais do que uma felicidade, era uma — gloria!

A historia d'esses amores, narrou-a elle com toda a singeleza do seu coração n'estas bonitas expressões :

« Passou-se a idade infantil ; entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento, expandia-se livre a todos os affectos nobres e santos como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

« Amei.

« E quem deixa de amar aos quinze annos ? Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tam facilmente ? Se não fôr a uma mulher, hade ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente, e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

« Oh ! aos quinze annos o coração pede amor, como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, e como a flor pendida uma gota de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios, que escaldam, desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abraza.

« Aos quinze annos amei.

« Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti : amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

« Fui feliz ! muito feliz !

« Ás vezes enebriada de tanta ventura, entumecida de tanto goso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava e simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

« Houve então alguém que me chamou poeta. » (42)

Encomendára o pae ao mestre um negociante, e o preceptor entregava-lhe um poeta, como se as profissões se preparassem sem as necessarias propensões. Pensou José Joaquim Marques de Abreu contrariar o que se não contraria impunemente, a — vocação —, e todos os rogos do seu

filho, unidos ás supplicas maternas, foram inuteis, e despresados com toda a brutalidade. Transmittia-lhe uma herança mesquinha quando o eéo havia sido tam prodigo para eom o seu herdeiro!... A troea era por certo desvantajosa. Aos quinze annos, na estação das illusões, quando o estro lhe accendia tam magestosamente a imaginação, lá se foi elle, pobre eriança, sentar-se á eserivaninha do escriptorio commereial de seu pae estabeleeido na eôrte do Rio de Janeiro, fingindo a ealma, e imitando a reflexão das almas frias, talhadas para os baleões mereantis. « Foi n'um dia, diz elle ; lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de Setembro. Abafando o grito do lamento da minha voeação contrariada, fui sentar-me á earteira de um escriptorio, e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abraeei a vida eommercial, essa vida prosaica, que absorve todas as faeuldades n'úm unieo pensamento, — o dinheiro ! e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraqueee e mata a intelligencia (43). »

N'esta lueta domestica, n'esta contrariedade eontinua que se renovava todos os dias, perdeu-se um grande poeta. Mataram-lhe o coração, torturaram-lhe a alma eonvertendo-lhe a voeação santa e pura em profissão mereantil, dando-se por eoncluidos os seus estudos, fechando-se-lhes as portas das aeademias, que franqueavam seus eompanheiros, inferiores em intelligeneia, e quando o viram eom a linguagem das musas nos labios abrazados pela inspiração, attrahir as attensões publicas, eonstituir-se e ser saudado eomo poeta pelos amigos, admiraram-se da sua ousadia.

Ambos porêem, pae e filho, tinham suas razões, José Joaquim Marques de Abreu, homem positivo, ou na phrase do poeta, homem de metal (44), buscava a felicidade de seu filho, firmada nos bases dos maiores proveitos, e almejava fruetos reaes ; e o que são as letras no Brazil, uma profissão ? Não ; um mero e inutil passatempo. Casimiro de Abreu, vivendo mais ideal que realmente, bem poueo se lhe dava dos bens fugitivos que os homens do ealculô teem por positivos.



Sonhava, e novo Colombo procurava novos mundos, e semelhante á primaveira, juncava de flores o seu caminho, e enchia os ares de embriagantes perfumes, e ouvia o echo do porvir repetir-lhe os cantos que não morrem. Acreditava-se feliz, muito feliz, com o dom que lhe dera o céo, e esse dom era o pesadello horrivel do seu progenitor, victima dos preconceitos do seculo que o viu nascer. Mas se esse dote fatal não era de agradeccer, não era tambem para merecer a maldição, a ponto de ser o infeliz filho expellido do escriptorio paterno, mettido a bordo de um paquete como um fardo, e despachado para Portugal.

E era o proprio pae que, se arreando do fado dos poetas, pedia a Deus em suas orações mentaes que livrasse seu filho das calamidades que parecem inherentes á sua existencia, quem fria e barbaramente o condemnava ao exilio ! Quem o expunha ás vicissitudes da vida peregrina, longe da patria e da familia.

Escutemos a narração tocante da sua viagem em sua propria linguagem :

« A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor *Olinda*, transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dôr tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia ! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos ; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, se sumiram no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava devéras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava, a terra onde nasci ; porque lá ficava meu pae e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo !

« Ai ! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista, os olhos só vêem o azul do céo confundir-se ao longe com o azul das vagas ! Os joelhos tremulos, dobram-se ; os labios ar-

dentes de desespero murmuram — meu Deus! minha patria! minha mãe! O pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céo estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas aguas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo os seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada no campanario da aldéa. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!... » (45)

A terra de Camões não podia extinguir os lampejos do seu genio, apagar a inspiração em sua alma pungida, agora por tantas e tam caras saudades. Uniram-se as musas portuguezas ás brazileiras para minorar saudades, para mitigar prantos, e as *Canções do exilio*, que são as suas melhores composições, e os dialogos de Camões e do Jáu, que os Portuguezes applaudiram, coroando os seus juvenis esforços, nasceram á sombra dos louros do cantor dos *Lusiadas*.

A doença dos proscriptos, a nostalgia pungente e consumidoura, não deixou jamais de minar-lhe a existencia, e os primeiros indicios da enfermidade, que o levou ao tumulo, se manifestavam no fim de dous annos de residencia fóra e longe da patria. Quiz regressar ás suas plagas saudosas, mas temendo as consequencias de uma viagem contraria ás ordens de seu pae, decidiu-se a fazer algumas incursões pelas margens do Minho e do Douro, e mais e mais se lhe avivaram as lembranças de scenas mais imponentes pelo grandioso de sua naturcza selvagem e ao mesmo tempo sublime, e com ellas vieram as saudades do ninho natal (46).

« Já dous annos, reflectia elle, se passaram longe da patria. Dous annos? Diria dous seculos! E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho ehorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos; oh! eu quero a minha terra! Quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tira e o indio do seu ninho e apresentae-o de improviso em Paris; será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores, mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e troeará de bom grado, ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela choupana na encosta do monte, pelo murmurio das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancae a planta dos climas tropicaes e planta-a na Europa; ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropieos, os climas da Europa infezame a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

« Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céo que o viu naseer. Feliz aquelle que pode receber todos aos dias a benção e os afagos maternos. Mil vezes feliz porque não sente esta dôr que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperança, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado que, erestada a fronte pelo halito maldito das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: — Não creio em Deus! So esse! (48)

A noticia do perigo que o ameaçara, a nova de que a enfermidade lhe ia qual o abutre de Prometheu, corroendo os pulmões, deram rebate ao coração materno. Venceram as la-

grimas da mulher mãe, cedeu o coração do homem pae. Recebeu Casimiro de Abreu com alvoroço, a licença que punha termo á sua deportação, que convertia em realidade a esperança da sua alma. Havia dito entre os suspiros, que lhe arrancaram a nostalgia :

« Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores ; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe ; um dia.... á sombra triste da funerea cruz descansarei na mesma terra que me viu nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Espere-mos (49). »

No dia 11 de Julho de 1857, depois de tres annos e nove mezes de ausencia, o dobro do tempo a que elle nas dôres da saudade qualificára de dous seculos, pizava as terras de seu berço. Reviu de novo o esplendido céo do Rio de Janeiro, a abra immensa com a sua serra colossal e imponente, a plaga das palmeiras agitadas pelo sopro da viração, as ilhas como ninhos de fadas no meio de suas ondas azues, e as lagrimas de prazer lhe orvalharam os olhos. Ás canções do exilio succederam-se as inspirações da patria. Partiu depois para a fazenda paterna, cuja habitação branqueja sobre a relva florida por entre as moitas de lorangeiras, que vão bordando as margens do regato Indayassú, o qual desce de um dos ramos da serra dos Orgãos, e serpejando, corre a confundir as suas aguas com as do rio de S. João. Era ahi que passava as ferias quando vinha do Instituto Collegial de Nova Friburgo, e esses sitios risonhos lhe acordaram n'alma as reminiscencias d'esses tempos felizes. Na sua poesia intitulada, *No lar*, vê-se o contentamento que lhe transborda do coração ! Como cada objecto, por mais trivial que pareça, lhe desperta a mais tocante emoção. Passada, porém, as impressões do momento, nova dôr veiu apunhalal-o, e um grito funebre partiu da sua alma. Já não existia o objecto do seu primeiro amor, d'essa paixão da sua infancia, e apenas alguns cyrestes e um tumulo recente, em estancia não poucodistante, occultava a historia de um martyrio, que nem se quer trahi

o sussurro da viração prepassando pela folhagem do arvoredo, testemunho de ternos encontros, de queixumes pueris, e que agora, só lhe recordaram os passados dias de felicidade infantil.

Um mez depois voltava á vida commercial. Aos 11 de Agosto d'esse anno, entrava para a casa dos Srs. Camara, Cabral e Costa (50), e ahí esteve pelo espaço de mais de dous annos.

Era dura e até barbara a insistencia, e esses dous annos passou-os como se um carcere o segredasse da sociedade. Vigiavam-no cuidadosamente, impedindo-o que se entregasse ás distracções do espirito e aos seus estudos favoritos, e scveras reprehensões se succediam ás infracções que commettia ás recommendações paternas, quando deixava de ser um homem serio para preferir uma pagina de Lamartine a uma moeda de cobre (51), e, aggravando deste modo os seus soffrimentos, concorriam para o desenvolvimento do mal, cujo germen trouxera em sua delicada organisação. Exacerbaram-lhe os desgostos; ennegreceram-lhe as horas da existencia, e fizeram nascer em seu espirito melancolico os mais sombrios pensamentos. Levaram-lhe ao intimo d'alma o desalento, a descrença, o desespero, e a idéa fatal do suicidio pairou sobre seus dias tenebrosos.

Os symptomas da enfermidade, manifestaram-se mais claramente e mais assustadores. N'aquella elegia escripta do fundo d'alma e que elle chamou *Dôres*, está a autopsia do seu coração, a origem de todos os seus males. Tudo se perdeu para elle; roubaram-lhe um futuro inteiro; desfolharam-lhe as coroas dos sonhos do porvir, e arrancaram-lhe das azas do talento uma a uma todas as pennas de ouro. Apagaram-lhe as crenças, torceram-lhe a vocação, e fizeram desabar n'um só dia, todas as suas illusões douradas. É elle como a flor que nasce nas montanhas e que se vê transportada a uma estufa, sem luz e sem ar! Com o desalento n'alma disfarça as suas dôres, e caminha sem um queixume, curvado ao pezo da sua cruz! (52)

No seio da amizade encontrava o balsamo para as dôres reaes, esquecia o joven poeta os seus soffrimentos e ia depositar as revelaçõs da sua musa. N'uma pequena arcadia de que nos revelou a existencia o illustrado doutor Caetano Filgueiras, celebravam as suas sessões, experimentavam as suas forças os novos poetas, recém-nascidos paladins que se amestravam para maiores luctas, em mais vastas e gloriosas arenas.

« Pago o quotidiano tributo á existencia material, diz o elegante chronista da arcadia juvenil, satisfeitos os deveres de cada profissão, a palestra litteraria nos reunia na faceira e tranquilla salinha de meu escriptorio.

« Alli, horas inteiras, alheios ás luctas do mundo, conchegados nos lugares e nas affeições, levitas do mesmo culto, filhos dos mesmos paes, a — pobreza e o trabalho ; em derredor do altar do nosso templo, a — meza do estudo... fallavamos de Deus, de amor, de sonhos ; conversavamos musica, pintura e poesia.

« Alli depunhamos o fructo das locubrações da vespera, e na singela festa das nossas crenças, novas inspirações bebiamos para o trabalho do seguinte dia. Era um continuo deslizar de amenissimos momentos ; era um suave fugir das murmurações dos profanos ; era em fim, um dulcissimo viver nas regiões da phantasia !... E foi esse o berço das *Primaveras*, das *Tentativas*, das *Chrysalidas* e das *Ephemeras*, e foi alli que irradiaram os nomes de Casimiro de Abreu, de Macedinho, de Gonçalves Braga, e com esplendido fulgor o de Machado de Assiz !

« A morte e o tempo derribaram o altar e dispersaram os levitas. Do templo só resta o chão em que se ergueu ; dos amigos só ficaram dous... dous para guardar, como Vestaes severas, o fogo sagrado das tradições d'aquelles dias, para resumir no profundo affecto que os liga, o laço que tam fortemente estreitava os cinco. » (53)

Desses certamens poeticos sahia Casimiro de Abreu com-

pletamente reanimado ; era o Anteu da poesia tocando nas areas da Arcadia. Entrava no dia seguinte para o escriptorio e todas as suas illusões se desvaneciam, varridas pelo sopro da adversidade. Na presença dos seus tyrannos que lhe roubavam as palmas da gloria, os seus louros de estudo, o fogo do genio, as aspirações dos annos, (54) estorcia-se-lhe a alma nos paroxysmos de sua lenta agonia, e a musa, sem a affectação dos poetas *byronianos* ou *mussetianos*, só lhe inspirava cantos elegiacos, que confiava ás paginas do seu *Livro negro*.

As doçuras da amizade, que de algum modo lhe mitigava tantos dissabores, trocaram-se em fel, tocadas pela mão da morte. Viu um a um todos os seus irmãos pela vocação das letras, todos os seus amigos pela sympathia do talento, baixarem á noite horrenda do sepulchro. Maccdo Junior, o poeta dos quinze annos, que apenas balbuciava os versos das suas *Açucenas* ; (55) Gonçalves Braga, que já nas suas *Tentativas*, dava bellas esperanças á poesia portugueza, (56) fanaram-se cortados na flor dos annos. Debruçado sobre o sepulchro de Affonso Messeder, (57) parece que o joven poeta prescrua os mysterios da campa, e antevê o seu proximo fim ; acalentado em suas dôres pelos sonhos da vida do alem tumulo, saúda a aurora da eternidade, bem dizendo a sua derradeira hora que já não póde tardar.

Emfim, no dia 13 de Junho de 1858 conseguiu abandonar o escriptorio commercial, e entregou-se livremente ás suas favoritas distracções litterarias, e no anno seguinte, nos primeiros dias de Setembro, appareceram impressas as suas composições poeticas sob o titulo de *Primaveras*, que mereceram a saudação da imprensa. (58) Depois da *Marilia de Dirceu*, ainda se não publicou na lingua portugueza, livro que, como este, reuna a maviosidade da sua harmonia á simplicidade da sua linguagem, e essas qualidades que não são as unicas, porêm sim as de maior consideração concorreram para a popularidade de que goza, e cada vez mais se amplifica na patria e fóra d'ella.

A fama que grangeára o filho, os elogios que ouvira do talento do joven poeta, e até os parabens que recebera pelos seus triumphos poeticos, abrandaram a severidade paterna, mas era — muito tarde ! José Joaquim Marques de Abreu, prostrado no leito da morte, em sua fazenda do Indayassú, fez proccder á leitura das *Primaveras*, e derramou algumas lagrimas. Quanta eloquencia muda não expressaram assim os seus olhos moribundos ! Que intimas e profundas commoções não abalaram o seu coração. Expiou nos remorsos da sua agônia, as torturas porque fizeram passar tam precoce talento, tam viva imaginação, tam ingenuo, tam brando e mavioso poeta ! Quanta verdade amarga a seu respeito ! Quanta allusão á dura insistencia, á barbara contrariedade que elle e os seus amigos, amos ou verdugos, exercitaram contrariando as suas naturaes propensões ! Foi essa noite talvez a mais longa da sua vida, e com anciedade viu raiar a madrugada seguinte. Deu então as suas ordens, e um proprio expresso tomou a direcção da côrte e veiu buscar o joven poeta.

No dia 5 de Abril de 1860 partiu Casimiro de Abreu com a celeridade possivel e poudo ainda beijar a mão do moribundo pae. A benção em hora tam solemne, conciliou-os para sempre. Conscrvou-se o filho ainda por algum tempo ao lado de sua mãe, consolando-a em seu infortunio, e a 4 de Julho de 1860 regressu á cidade do Rio de Janeiro.

Que de esperanças se lhe abriam n'alma ! Ampliava-se-lhe o horisonte da vida ! Tinha adiante de si o mais bello, o mais lisongeiro, o mais feliz futuro. Legára-lhe o pae, bens para modesto e tranquillo viver. Promettia-lhe novo amor realisar as suas douradas aspirações de ventura, e já se lhe desenhava na mente os dias correndo placidamente sobre as margens floridas do Indayassú. Via sua adorada mãe, e sua querida irmã partilhando com o objecto de suas mais ternas affeições, a sua felicidade immensa, sonho da vida, ingano d'alma, quando veiu o anjo da morte roçar-lhe a fronte com as negras azas, e annunciar-lhe que a sua hora derradeira se repercutia nos campanarios celestes !



Que peripecia tam rapida acm scenas tam curtas, e em tam poucos actos do drama da sua existencia! Que de combates se lhe travaram n'alma, já tam despedaçada por tantas contrariedades! Soprára-lhe sempre ponteiro o bafo do destino! A morte debruçava-se sobre a sua vida, fanando-lhe as flores da primavera, tolhendo-lhe os fructos do outono que não havia de vir! Era a agonia de Alvares de Azevedo, presentindo na aurora do porvir o seu dia de gloria, e vendo a nuvem da morte toldar todo o horisonte da sua existencia, e exclamando com o accento da ultima dôr: « Que fatalidade! » Era o grito pungente de Lisboa Serra, desprendido do meio das cortadas esperanças: « Morrer tam cedo! » Era o fado, a mesma sina de Dutra e Mello, de Junqueira Freire, de Franco de Sá e tantos e tantos e tam bellos talentos verdadeiras estrellas d'alva apagadas na madrugada da vida! (59)

A ilha da Madeira, com o seu clima bafejado pelas brisas marinhas, e impregnado do perfume das flores da eterna primavera, parecia reunir os elementos necessarios e convenientes para a restauração da sua arruinada saude; hesitou, porém, na sua escolha, quando a serra de Nova Friburgo onde passára tam felizmente os annos da infancia, entregue aos estudos escolares, lhe estava acenando e pedindo a preferencia. Decidiu-se pelos ares da serra natal e partiu. Viram-no ir osscus amigos sem o minimo vislumbrc de esperanza de tornal-o a ver, tam pronunciados levava em si os symptomas da terrivel e fatal enfermidade! Chegou a nova Friburgo em 24 de Julho.

A noticia de seu passamento não tardou a divulgar-se n'esta côrte, trazida por alguns viajantes, e o sinistro agouro passou para as columnas dos jornaes. O *Diario do Rio de Janeiro* de 18 de Agosto de 1860 chegou a annunciar solememente o fallecimento do joven poeta. (60) Lavrou para logo a maior consternação entre os seus amigos e os não poucos admiradores, que contava n'um e n'outro sexo. (61) Desmentiu-se a mentira no dia seguinte, (62) e uma carta de

seu proprio punho, datada de 23 do mesmo mez, dirigida a F. de Paula Brito e por elle publicada na folha de maior circulaçãõ da capital do imperio, na qual se confessava melhor, lançou um raio de esperança nos corações consternados de seus sinceros e numerosos amigos. (63)

Vã esperança! Recrudescia a tuberculisaçãõ dos pulmões; abrasava-o a febre, afogava-o a tosse tenaz e violenta, e as golphadas de sangue se succediam. O coraçãõ e as arterias palpitavam tumultuosamente, e a mente, brilhante de poesia, exaltava-se rica de lucidez; o halito se inflammava e a palavra turbilhonava-lhe nos labios eloquentemente! Pobre rapaz! Ambicionava a vida que odeara outrora, e o circulo de seus dias se fechava, estreitando-se nas mãos da fatalidade! Casimiro de Abreu, vendo a cadaverisaçãõ do seu corpo, sentindo o desamparo das forças vitaes, decidiu-se a regressar á sua fazenda do Indayassú, onde com effeito chegou no dia 3 de Outubro. Era a sua vontade, nascida já agora de sua resignaçãõ, ir ao menos expirar nos braços do ente que mais estimava n'este mundo, — sua mãe. Se Deus attendeu alguns dos seus votos, foi esse por certo um d'elles, feito ainda lá na terra estrangeira, quando entoava as saudosas canções do exilio.

Felizmente para elle descansava na terra que lhe dera o berço. Poucos dias, porém mui poucos, e esses mesmos sobressaltados, gosou da companhia de sua mãe, que se apresára em vil-o acompanhar no seu ultimo leito. Velava-o á cabeceira o tio paterno, resignado e calmo, bem como os famulos, que jamais o deixaram, e os quaes tratára sempre com excessiva bondade. Os pobres escravos mal podiam occultar-lhe as lagrimas. Martyrisavam-no essas provas de sensibilidade, e para não atormentar os que o circumdavam com o doloroso pungir de seus gemidos, abafava as mininas expressões de suas dôres. Aconselharam-lhe que accitasse as consolações que offerece a religiãõ aos moribundos, mas Casimiro de Abreu sem recusal-as, não se mostrou disposto a recebê-las. A sua consciencia tranquilla de nada

tinha que pedir perdão a Deus, e a sua alma candida podia comparecer perante o julgamento tremendo do seu eterno juiz.

Para consolar a desditosa mãe, compoz o poeta trechos sublimes que bem podera chamar cantos de além tumulo. Antevendo o proximo fim da existencia, esperava, sem a menor inquietação o dia de amanhã, como Alvarcs de Azevedo, para ir vel-o raiar na cternidade. Pousava á sua cabeceira o predilecto livro das *Primaveras*, e desfolhando-o por vezes lembrava-se dos seus dias felizes dos annos mimosos passados á sombra das abobadas de verdura de seus risonhos bosques, quando as aves cantavam os hymnos de amor, e a brisa, impregnada dos perfumes das flores das laranjeiras, vinha mansa e fagueira offerecer-se ás suas aspirações; aborreceu-se, porém, dos seus proprios versos, e abraçando a mãe, e apertando-lhe a cabeça contra a sua, beijou-lhe as faces e pediu-lhe com instancia que lhe escondesse aquelle livro. Abriu depois a pasta depositaria dos seus rascunhos e inutilisou as poesias factas, escriptas com aquelle sal attico que mostrava nas innocentes e graciosas palestras.

Via da janella do seu aposento a scrra coroada de restos de florestas, com as grimpas arripiadas de penedos e toucadas de nuvens, e mais perto a varzea plantada de coqueiros. A vista d'esse céu tam azul, d'essas scenas da natureza tam resplendentes de vida, que parecia animar-se ainda mais ao canto das aves e ao prepassar da brisa a brincar com as flores da primavera, seus olhos se ondearam de lagrimas. Que lastima! Sentia extinguir-se-lhe lentamente a aura vital ainda na aurora da existencia, quando nas ondas de fogo da sua imaginação se formava um mundo ideal! Quando a patria, que tanto amava, esperava d'elle novos cantos para coroa-lo de flores! Reanimando-se, ergueu-se sobre o leito, fitou em sua mãe os olhos já meios anuviados pelas sombras da morte, e com palavras repassadas de melancolia, disse-lhe

o seu derradeiro adeus. A mãe, que havia corrido a apoiar-o nos braços, balbuciou entre a esperança e a duvida :

— Não, meu filho, não morrerás ainda !

O joven alçou a cabeça, e, com o ultimo sorriso nos labios, exclamou :

— Pois é a morte tam temivel ?

E essa cabeça sublime pendeu para sempre. Eram 5 horas e 25 minutos da tarde do dia 18 de Outubro 1860 ! Assim finou-se aos vinte e tres annos incompletos o mavioso e naturalissimo cantor das *Primaveras* ! (64)

Na mansão dos mortos da villa da Barra de S. João outrora aldéa de Ipuca dos antigos Guarulhos, (65) levantam-se dous tumulos notaveis pela sua singeleza ; ahi repousam Casimiro de Abreu e seu pae ! E o Oceano, que geme n'essas longas praias de tantas recordações, (66) quebra apenas com o bramido de suas innumeras vagas o silencio da solidão e da saudade. Cantam longe do seu sepulchro as aves, e nem mesmo rebentam flores junto á campa do cantor das *Primaveras*.

*Primaveras*, é o titulo d'esse primoroso ramilhete de bonitas, melancolicas e melodiosas flores que nos deixou o poeta. E porque pediu á rainha das estações o seu nome para as suas poesias ? Por ventura bordavam flores o caminho da existencia, que a cada passo lhe apresentava urzes e negros espinhos ? Por ventura vinha a aurora juvenil com o seu facho de luz purpurina abrir-lhe as portas da vida, quando sómente ao crepusculo da tarde lhe baixou sobre a mente a inspiração do céu ? Por ventura os seus versos fallam sómente de flores e risos, de estrellas e mulheres e doces amores, e escrevem-se em paginas côr de rosa, com letras de ouro, ou são canções do exilio e do amor infeliz e contrariado, saudades da patria que lhe aguçam os espinhos da coroa do martyrio, a qual lhe cinge o coração, e que lhe inspiram essas laudas enluctadas, humedecidas de pranto seu, e que formam o seu *Livro negro* no meio dos cantos das *Primaveras* ?

Aos cantos de pura inspiração, sem os atavios de requintada linguagem que revestem phrases em sua nudez e pobreza de pensamentos, modelados apenas algumas vezes pelos versos de Gonçalves Dias e Porto Alegre, que elle imita de longe, susurrando e pairando como dourada abelha sobre os campos floridos, em quanto que por elles passa rapidamente como um raio de sol o beijaflor; ás modulações produzidas na idade dos risos e das flores; a tudo isso, em fim pensou o poeta que bem lhes caberia um titulo mais harmonioso e sympathico e que muitas vezes por si constitue a felicidade de um livro. Mas as *Primaveras* não tiveram o seu outomno nem as flores produziram frutos. Como esses arbustos de mera ornamentação, que patenteiam a sua inflorescencia sem que jamais convertam as galas de sua vegetação em doces e sazonados pomos, floresceu e fanou-se o lyrio agreste á beira do seu lago, não tendo por vida mais do que um giro do sol!

Leem-se essas paginas escriptas tam melancolicamente; sente-se muitas vezes a humidade que lhes deixaram as lagrimas cahidas das palpebras do author, e fecha-se o livro com a alma repassada de doce tristeza, e como que embalada pelas harmonias que escutára. Ama-se, mas não se admira o poeta; segue-se, mas não ha que deter-se para passar-se com os vôos arrojados, que não tem. E donde nasce pois o seu merito? Vem todo da sua originalidade; desponta da falta de artificios; surge da natureza pura e louçã com que se exprime o poeta, o qual, na phrase de um dos seus mais distinctos criticos, desconhece os segredos da linguagem com que se confeita a pobreza do espirito, pois não estudou em alheios moldes a fôrma em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mecanica da palavra, nem o contraponto da versificação; não é um genio desenvolvido, nem um grande litterato, é uma grande alma e um grande infeliz; não verseja, poeta; não canta, suspira, lamenta-se, chora; diz-nos singelamente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso, uma lagrima; em cada estrophe um pe-

daço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar, talvez, nos offerece no seu livro das *Primaveras*, mcra collecção de poesias fugitivas, o completo romance de um coração, um poema inteiro, cujo heroe é o autor (66).

Dividem-se as *Primaveras* em quatro livros. No primeiro estão as suas canções do exilio, e os cantos da patria, e os hymnos da sua alma ao Creator. É o melhor de todos elles. Inspiraram-no as saudades da terra natal, quando longe d'ella, ou o contentamento do seu regresso ao seio da patria. O segundo comprehende os cantos de amor. Fictícios ou reaes, peccam o mais das vzes pelo pensamento, que se trahe em sua linguagem lasciva ou duvidosa, e patentea mysterios da maior intimidade. N'este caso está o *Amor e Medo*, escripto com caracteres de fogo roubado ao facho do ente vivificador do universo. Segue-se o terceiro, que não passa de uma miscellanea, e por tanto o menos valioso entre elles, e que ainda assim não deixa de ter algum merito, pois encerra composições importantes, que poderiam dar-lhe o titulo de livro da amizade. O quarto que contém as poesias elegiacas, as paginas do livro negro da sua alma, é por assim dizer, o seu auto-biographia. Nas *Dôres* revelam-se os seus íntimos soffrimentos, e em *Minh' alma é triste* ouve-se o grito pungente e doloroso de um coração que se estortega em lentas agonias no meio d'esse prosaismo a que o vota a vida de morte. Serve-lhe de brilhante epilogo a *Ultima pagina*. Os illustres criticos, Conego Fernandes Pinheiro e o Sr. Dr. Velho da Silva, parecem condemnar essas paginas de luto, repassadas de não sei que *byronismo* ou *mussetismo*, e que todavia nada teem de affectação; consentirão, porém, que divergindo de suas opiniões, me apadrinhe aqui com outra não menos valiosa, que é a do distincto Sr. Dr. Pedro Luiz. Como nas obras sujeitas á censura da Inquisição, é necessario que os modernos authores venham munidos da sua protestaçoão de fé á acêrca de suas crenças, tanto é certo que o seculo é da incredulidade. Bem o anteviu Casimiro de Abreu quando disse na primeira obra que deu ao prelo: « E quem

deixará de ter esperanças? Só o desgraçado que, crestada a fronte pelo halito maldito das tempestades da vida solta n'um dia de desesperação a blasphemia atroz: « Não creio em Deus! » Só esse; eu não. Estou na idade das illusões; arde-me no peito o fogo dos meus desesete annos: creio em Deus, do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina (68). »

Tem Casimiro de Abreu bellezas e defeitos. A perfeição uniforme seria impossivel, e a existir, talvez fizessem d'isso um defeito, como certo critico se queixava da monotonia da perfeição de Racine. Tudo n'elle é natural; o verso sahe do bico da penna já prompto. O poeta não lima, modula como o passarinho as suas melodias, sem saber se segue ou não os preceitos da arte, e com felicidade rarissima, apresenta bellas imagens e delicadas metaphoras (69), bonitas repetições (70), e trechos que por si só constituiriam um poema da maior belleza (71).

Seu estylo e fluente, e sua linguagem, se bem que nada tenha de rica, e com tudo muito natural, ingenua ás vezes e sempre expressiva. Não ha n'ella a menor affectação estudada, apesar do uso de algumas palavras favoritas (72) ou empregadas caprichosamente contra a sua genuina accepção (73). Serve-se lá de quando em quando de phrases vulgares improprias da poesia (74). Cahe em pleonasmos (75), em viciosas redundancias (76) em repetições (77), em solecismos (78) e em orações imperfeitas pela falta de concordancia dos verbos em suas relações segundo os tempos (79), e abusa de gallicismos que não se podem tolerar (80); mas apezar de todos esses defeitos em pequeno numero e tam espalhados pelas suas numerosas composições, raramente é ambiguo ou obscuro (81).

A homonymia das syllabas e das dissinencias, e o emprego de vogaes mui abertas e sonoras (82); o concurso de consoantes, mais ou menos asperas, com que terminam umas e começam outras palavras (83); a concurrencia de sons que

se tornam cacophonicos, formando a continuidade de dous termos uma nova derivação, que degenera em puro *calembourg* (84); o emprego abusivo da syncope até á duplicação na mesma palavra (85), são defeitos que interrompem aqui e alli, e infelizmente, não poucas vezes, a harmonia da sua linguagem.

E' boa a metrificacão. O poeta não guarda ordem alguma na collocacão dos versos agudos e graves; mistura-os a esmo, e o emprego dos esdruxulos é raro e todo accidental. O metro é variado, mas adoptado que seja o verso, segue com elle até ao fim sem a menor mudançã; assim tambem, talhada uma estrophe, serve de modelo para todas as outras, o que torna por de mais regulares e monotonas as poesias mais extensas. Vê-se que aprendeu a metrificar estudando nas poesias de Gonçalves Dias, e felizmente não deparou entre ellas, para imitacão com os insipidos e sesquipedaes versos alexandrinos, tam bem fulminados pelo Sr. Alexandre Herculano, e tam mal apadrinhados pelo Visconde de Castilho.

São as suas rimas pela maior parte, pobres (86) e as consoantes forçados (87) e pccam pela sua abundancia, atirados ás mãos cheias, espalhados aos tres e aos quatro, quando conviria para maior cadencia, variar a rima e com ellas os consoantes (88). Poucos versos fez livres do jugo da rima, e ainda assim descuidou-se e rimou alguns d'elles individualmente (89).

Pena é tambem que uma ou outra vez lhe atraioe a primorosa afinaçã das cordas da sua lyra, e pequem os seus versos não já pela falta (90) ou excesso (91) de numero de syllabas, e até pelo seu prosaismo (92) como pela inexactidão dos accentos ou pausas, segundo o *rhythm* adoptado pelo autor (93).

A pesar de amar tanto a sua patria, de inspirar-se tanto das scenas da natureza americana, e de haver proclamado como regra, que o filho dos Tropicos deve escrever n'uma linguagem propriamente sua, languida como elle, quente



como o sol que o abraza, grande e mysteriosa com as suas matas seculares, (94) esqucce o author a sua nacionalidade, e transporta para a sua pallieta côres cstrangeiras, que mal poderão pintar a terra e os céos da America, e decae nos mecmos vicios dos nossos poetas passados que sobre as margens do Tejo e do Douro se olvidaram de que eram brazieros. Assim o author descreve as scenas da patria e fallanos em folhagens do choupo, e colloca o classico til ou o velho carvalho junto do silvestre ingá; ouve a calhandra cantar ao lado da juruty que suspira; reveste a vendedora de flores das ruas de Lisboa com trajes e feições nossas, e dá-lhe por açafate o samburá das nossas indigenas (95).

A scena dramatica, *Camões e o Jáu*, não é mal escripta; tem versos magestosos, mas faltam-lhe as reminiscencias do cantor dos *Lusiadas*; carece de uma linguagem mais apropriada ao grande poeta, bebida por ventura nas suas proprias obras. As fallas são longas, e o Jáu mostra-se tam sabido como o proprio senhor.

Escreveu tambem Casimiro de Abreu em prosa, mas o que resta são apenas dous trechos ou antes dous specimens, que provam que elle scria tam grande prosador como mavioso poeta. A *Virgem loura* é escripta em estylo florido, facil, poetico, cheio das galas da sua phantasia, *Camilla, memorias de uma viagem*, não passa infelizmente de um fragmento, repleto de facecias em estylo *humoristico*, e que mostra como o seu talento se moldava a todos os generos, e como poderia, guiado pelo estudo e pela meditação, lançar-se a emprender obras de maior folego, e conquistar os louros dos triumphos litterarios.

Infeliz poeta! A natureza concedeu-lhe imaginação rica de poesia; poz-lhe nos labios uma linguagem maviosa; abraçou-lhe o coração de amor e de esperanças; collocou-o no meio das scenas esplendidas do seu imperio, entre as altas serranias dos Aymorés e os vastos plainos do Oceano, e sob o mais magestoso dos céos, mas a fortuna, que não lhe ne-

gou os seus mimos, negou-lhe mais do que isso ; — negou-lhe a ventura !

Com o stigma do infortunio sobre a pallida e larga fronte, só foi feliz um momento ; então um sorriso lhe prepassou pelos labios, como um raio de felicidade divina ; — era a audação á morte !...

E desapareceu para sempre.

J. NORBERTO.

Nictheroy, 1870-1876.



## V

# NOTAS

(1) *As Primaveras* de CASIMIRO J. M. DE ABREU, natural da provincia do Rio de Janeiro, 1855-1858. Rio de Janeiro, typ. de Paula Brito, 1859, 1 v. in-4. portuguez.

Contem 70 poesias, alem de 1ª dedicatória, divididas em 4 livros.

O I livro, Poesias do exilio e da patria, contem 10 producções alem de 4 brazilianas e 4 canticos ; ao todo 18.

O II, Poesias d'amor, contem 26.

O III, Poesias diversas, 20.

O IV, Livro negro, 6.

Ha mais 13 posteriores á collecção, publicadas em varias revistas do Brazil e Portugal, sem fallar na reproducção de muitas das *Primaveras*, nas paginas do *Almanak de lembranças de ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO* e na *Revista popular* do Sr B.-L. GARNIER, embora sob outros titulos, como o *Pranto e Virgem*, reimpressa no sobredito almanak, anno de 1860, p. 298, e que na collecção se intitula, *Quando tu choras*, etc.

Guardei na presente edição a divisão adoptada pelo author, com as alterações que julguei necessarias, como ver-se-ha n'esta introducção e nas seguintes notas.

(2) CASIMIRO J.-M. DE ABREU. *As Primaveras*. Segunda edi-

ção accrescentada com poesias ineditas do author; o juizo critico de differentes escriptores e um prologo por J.-D. RAMALHO ORTIGÃO. Porto, typ. do *Jornal do Porto*, 1866.

(3) CASIMIRO J.-M. DE ABREU. *As Primaveras*. Segunda edição (terceira de Lisboa) accrescentada com novas poesias, o *Camões e o Jáu*, e dous romances em prosa; o juizo critico de varios escriptores brasileiros e um prologo por M. PINHEIRO CHAGAS. Lisboa, typ. do Panorama, 1867.

(4) O Sr. PINHEIRO CHAGAS alem de reproduzir no *supplemento ás Primaveras* a poesia *Lembrança*, já impressa em quarto lugar no livro terceiro a pagina 107, fez imprimir tambem no mesmo *Supplemento* as poesias *Castigo*, p. 173, e *Pranto da Virgem*, p. 179, as quaes não são outra cousa mais do que as composições do segundo livro sob os titulos, a primeira de, *Scena íntima*, p. 45, e a segunda, *Quando tu choras*, p. 62.

O Sr. RAMALHO ORTIGÃO reproduziu sómente, a *Lembrança*, no *liv. IV a p. 216*, quando já estava impressa no *liv. III*, p. 127.

(5) As *Primaveras*, na edição brasileira constam de tres livros, alem do *Livro negro*. O Sr. PINHEIRO CHAGAS respeitou essa divisão; o Sr. RAMALHO ORTIGÃO comprehendeu o sobredito *Livro negro*, no Livro III, das *Primaveras*, formando mais dous livros, quarto e quinto, contendo este a composição em prosa, *A virgem loura*, e aquelle as novas poesias.

(6) Duas das poesias do livro I, a I e IV, tem o mesmo titulo *Canção do exilio*, que Gonçalves Dias deu tambem a uma das suas mais populares produções. O titulo de *Canções do exilio*, cabe melhor á primeira parte do I livro n'esta edição, ficando as poesias com as denominações de, *Exilio e Meu lar*.

(7) Taes como, *Tres cantos e Illusão*, que se acham em primeiro e segundo lugar no livro III, e *Suspiros* publicados pelo autor fóra da collecção.

(8) Como a poesia final do livro I, *No lar*, que por cousa alguma pôde pertencer ás *Canções do exilio*.

(9) Nesse caso estão as poesias, VI e XVII do liv. III, *Clara e O que é sympathia*?

(10) *Sonhando*, que occupa o terceiro lugar no *liv. III*, é uma poesia amorosa que deve pertencer ao *liv. II*.

(11) São quatro : *Hontem á noite*, *Desejos*, *Elisa*, e *Lembras-te?* publicadas na *Revista popular*, e outros jornaes do imperio. A terceira, *Elisa*, vem na edição do Porto, mas não na de Lisboa.

(12) Devem passar do livro III para o *Livro negro*, as poesias *Lembrança*, *Minh' alma é triste*, *A morte de Affonso Messeder*, *No leito* e *Risos*.

(13) *Tres Cantos* e *Illusão*, já mencionadas na nota 7.

(14) Veja-se nota 10.

(15) Avulsas, porque não entraram na collecção das *Primaveras*, e são *A rosa*, *A Faustino Xavier de Novaes*, *A amisade*, e *No Album de Nicoláu Vicente Pereira*.

(16) O *Livro negro* não tem mais do que seis poesias. Alem das que trata a nota 12, ha as seguintes que correm avulsas, e devem fazer parte do mesmo : *Ao author* pelo seu amigo GONÇALVES BRAGA e a GONÇALVES BRAGA pelo author sob o titulo *O meu livro negro*, e *Os meus sonhos*, *A vida*, *Lembrança*, e *A. J.*

(17) São as seguintes já mencionadas em varias notas *Lembraste?* *Desejos*, *A rosa*, *Suspiros*, *Elisa*, *A vida*, *A. J.*, *Hontem á noite*, *A. Faustino Xavier de Novaes*, *A amizade*, *Os meus sonhos*, *Meu livro negro*, *No album de Nicoláu Vicente Pereira*. Só a ultima é inedita ; todas as mais foram publicadas em vida do author ; no entanto espalhou-se que elle deixára muitos manuscritos a um amigo, como annunciou o *Acajá* de 30 de Novembro de 1860.

(18) *A Virgem loura* (paginas do coração) e *Camilla*, *Memo-rias de uma viagem*, fragmento. Vão n'esta collecção sob a epigraphie, *Obras em prosa*, e em ultimo lugar.

(19) *Camões e o Jáu*, *scena dramatica original*, de CASIMIRO DE ABREU, representada no theatro de D. Fernando em 18 de Janeiro de 1856, Lisboa, typ. do Panorama 1856, 1 vol. in-4 port. Acha-se reproduzida na edição das obras do author feita pelo Sr. PINHEIRO CHAGAS. A respeito d'esta ultima edição, que está mui longe de hombrear pela sua nitidez e primor com

as edições do Rio de Janeiro feita por PAULA BRITO e do Porto dirigida pelo Sr. RAMALHO ORTIGÃO, diz o proprio Sr. PINHEIRO CHAGAS o seguinte : A edição a que estas pobres paginas servem de prefacio é o mais completo monumento que se tem erigido a CASIMIRO DE ABREU. Contem não só as poesias e as prosas publicadas nas outras edições, a collecção dos juizos criticos que sobre elle se publicaram nos jornaes brazileiros, mas tambem o *Camões e o Jáu*, scena dramatica que em Lisboa fez representar, e que foi coroada de applausos, e um fragmento de um romance publicado na Illustração luso-brazileira, que a sua partida para o Brazil e depois a morte interromperam. Este romance intitulava-se *Camilla, Memorias de uma viagem*.

(20) « La littérature frivole, qui n'a d'autre but qu'elle-même et a longtemps rempli nos loisirs, tend chaque jour à se discréditer davantage. » CHARLES GALUSKY, *Préface du traducteur*, p. XII. V. *Cosmos, essai d'une description physique du monde*, par Alexandre de Humboldt, t. II.

(21) Taes como o do Sr. Conego J. CAETANO FERNANDES PINHEIRO inserto na *Revista popular* d'esta côrte, e bem assim o juizo critico dos Srs. MACIEL DO AMARAL e RAMALHO ORTIGÃO que não vem na edição de Lisboa, e o do Sr. PINHEIRO CHAGAS, que não se acha na edição do Porto.

(22) Todas essas poesias trazem por titulo : A *Casimiro de Abreu*, excepto a do Sr. C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA que se intitula : *Viveu, cantou, morreu*, e a do Sr. ERNESTO CIBRÃO, que é a dedicatoria do volume de suas *Poesias*, impressas em Paris em 1861, sob o titulo : *A' memoria de Casimiro de Abreu, poeta das Primaveras, consagra Ernesto Cibrão*. Honra ao poeta brazileiro essa lembrança do poeta portuguez, e por isso reproduzirei aqui as suas palavras relativamente a este facto, que tam nobremente o caracteriza.

Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da realisacção d'essa triste prophecia. CASIMIRO DE ABREU, o doce poeta das *Primaveras*, fôra-nos roubado ; — *Não tardou a sua vez!* Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'o. Se uma lagrima nodôu a folha, era de saudade, e subiu do coração aos olhos. » *Notas das citadas Poesias, A, p. 262.*

Os versos do Sr. NUNO ALVARES PEREIRA e SOUZA, fóram publicados na *Revista popular*, t. 13, p. 22, sob o cryptonymo de Maria Amalia, precedidos das seguintes palavras :

« Vieram-me agora á reminiscencia uns versos que escrevi ha poucos mezes junto do tumulo de um grande poeta brasileiro ; inspirou-m'os a dôr de vê-lo, ainda na infancia da vida, dormir ali no valle de Friburgo o seu somno derradeiro !

(23) *Brazil* de 14 Outubro 1859. Tornou-se o nome de CASIMIRO DE ABREU tam popular que já o tratamento de Sr. se não coaduna com a popularidade que gosa. Supprimi-o por isso n'este, e outros juizos publicados ainda em sua vida.

(24) *Revista popular*, t. IV, p. 91.

(25) Publicado n'esta côrte em 10 de Fevereiro de 1870.

(26) E n'este caso estou eu, a quem parece referir-se o illustrado author d'essas linhas. Ha mais de trinta annos que advogo a causa da nacionalidade da litteratura brazileira, e, graças á sua justiça, tenho-a visto constantemente triumphante. Não fiz mais do que seguir a iniciativa de eruditos escriptores, extremos e dedicados amigos do Brasil, os Srs. FERDINAND DENIS e EUGÈNE DE MONGLARE. Vi depois os meus trabalhos coroados pelo mais feliz exito, e servirem de base a outros de melhor lavra e criterio de mui distinctos e conscienciosos escriptores estrangeiros, como JUAN VALERA na Hespanha, FERNANDO WOLFF na Allemanha, etc. Nem sei que haja mais quem negue a uma nação completamente independente, e que progride a olhos vistos no cultivo das bellas letras, a nacionalidade da sua litteratura, e por tanto ficarei aqui. A presente nota tem outro fim, que é provar, tanto quanto permittam os seus acanhados limites, a injustiça do Sr. Dr. JOSÉ MARIA VELHO DA SILVA, quando diz : « Nem crêmos que meia duzia de nomes proprios e appellativos e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, *colhidas, sabe Deus como, advinhado o resto*, possam ser os marcos da extrema de arraiaes litterarios.

Não é por certo a theogonia dos nossos selvagens que constitue a nacionalidade da nossa litteratura ; ella resulta de outras causas, firma-se n'outras bases. Esses estudos archeologicos, *de ceremonias e lithurgia barbaras e achavascadas*, como lhe chama o illustre doutor, são bebidos em origens ao alcance de todos,

que poderão, como bem ponderára GONÇALVES DIAS no prologo da sua memoria *Brazil e Oceania*, acclamaral-os ou definil-os, visto como muitas vezes são relatados de maneira diversa por authoridades igualmente respeitaveis, mas nunca adivinhados, segundo a ironica asserção do amavel censor. No capitulo da *Historia da litteratura brazileira*, em que trato das tendencias dos selvagens brazileiros para a poesia, e que apresento as suas lendas e tradições, eu disse :

« Os portuguezes podiam ignorar essas tradições, e por tanto não admira o silencio até certo ponto do chronista dos jesuitas, SIMAÕ DE VASCONCELLOS, pois que sabemos como os indios eram mysteriosos em communicar-as, e que alem d'isto os Tamoyos, que no seu nome se attribuiam a ascendencia sobre as outras tribus, seriam por ventura os unicos que as archivaram em seus cantos tradicionaes, e esses eram inimigos dos portuguezes. É porê m certo, que LERY não deixou passar sem reparo essa *Ligeira crença dos selvagens austraes*, quando disse: « Fiae-vos em tudo quanto THEVET amontôa confusamente e sem ordem no vigesimo primeiro livro de sua *Cosmographie* acêrca da lingua dos americanos, e ficae certos que quando vos fallar de *Mair monen* e de *Mair pochi*, vos apresentará as mais extravagantes chimeras. » LERY era calvinista e como tal votava um não sei que de desprezo contra o catholicismo de THEVET, tanto assim que a sua *Cosmographie* e a sua *France antarctique*, acharam-se por mais de uma vez sob as suas criticas vistas, e mereceram as suas reflexões pelas minimas faltas. LERY, porê m, estando na Suissa em 1586, ouviu ler a Theodoro Turquet, senhor de Mayerne, a *Historia de um paiz situado no Novo Mundo*, por Hans Staden, e confessa ingenuamente que, sobre tudo quanto elle escrevera, dissera a verdade. Ora Hans Staden nos diz, que perguntando aos Tamoyos, entre os quaes se achára prisioneiro por que raspavam a cabeça, deixando apenas coroadas por um punhado de cabellos, elles responderam que seus antepassados haviam adquirido esse costume de um homem chamado *Maire Humane*, que havia feito muitos milagres. Dizem, accrescenta o viajante allemão, que é um dos apóstolos ou um propheta. O Sr. Ferdinand Denis submetteu essas narrações theogonicas ao conhecimento dos que são verdadeiros juizes na materia, mas recusou-se explicital-as. A authenticidade da origem de que emanam, diz elle, me parece offerecer poucas duvidas. » *Revista popular*, t. II, p. 354.



A opinião do meu finado amigo e consocio GONÇALVES DIAS, tem muitos pontos de identidade com a minha, visto termol-a bebido nas mesmas fontes, sendo como era de esperar, o seu trabalho superior ao meu.

Sei, diz o eminente historiador, que LERY, escriptor exacto, censura a falta de consciencia de THEVET e a acoima de vícios e defeitos que completamente o desabonariam ; mas não haveria no huguenote algum prejuizo contra o catholico ? Não haveria alguma inimizade de partido religioso ou politico ? O que malliogrou a expedição de Villegaignon não é o que se manifesta nas diatribes d'esses dous authores e na acrimonia com que reciprocamente se tratam ? Como quer que seja procurando a verdade aonde quer que a encontre, se não reputo muito exacto a Theogonia de THEVET ; mas o que se não póde deixar de reconhecer no extracto do Sr. FERDINAND DENIS é que a côr local, como hoje se diz, foi fielmente observada nas lendas do author francez ; a indole dos Tupis, o character das poucas tradições que d'elles nos restam, e a que estas se prendem, a composição e significação dos vocabulos n'ella sempregados, desafiam e desculpam a credulidade.

Fallando d'esta maneira, peço desculpas para mim proprio que me acho inclinado a dar-lhe alguma importancia. Se THEVET poude ter improvisado a sua theogonia, convirá dar-lhe o fôro de um eminente improvisador. *Brasil e Oceania, Rev. trim. do Inst. hist., t. xxx, p. 114.*

Em frente ás *Americanas, canções dos bardos ou nhengaçaras do Brazil*, publicarei brevemente a traducção da theogonia de THEVET, tam completa como elle a escreveu ; e fel-a copiar fielmente nos seus manuscriptos a minhas instancias, o erudito Sr. FERDINAND DENIS, obsequio que muito lhe agradeço.

(27) *Revista popular*. t. VIII, p. 222. Este artigo foi escripto em Macahé, em 15 de Setembro de 1860, e publicou-se depois da morte do joven poeta.

(28) Nota, a *Dedicatoria das Poesias* do author, p. 255.

(29) Publicado na côrte do Rio de Janeiro em 10 de Janeiro de 1861. O author occultou o seu nome n'uma inicial estrangeira, assignando-se *W*.

(30) *Revista popular*, t. XVI, p. 351. Este artigo sahiu acom-

panhado do seu retrato cuidadosamente gravado em aço, por F. Delannoy, na officina de Mangeon em Paris, por diligencias do Sr. B. L. Garnier, que cedeu os exemplares necessarios para a edição que se fez no Porto das suas obras, se é que não é a mesma chapa. O queorna a edição de Lisboa é uma pessima imitação, lithographada.

Concluindo este artigo, escripto no Rio de Janeiro aos 13 de Dezembro de 1862, e dizendo adeus ao seu amigo e finado poeta, despediu-se tambem das bellas letras, que sempre cultivou primorosamente o seu distincto author. Eis as suas expressões :

! Adeus amigo ! Se á sombra d'esses bosques de eterna primavera, que tu e o Dante sonhastes, em que ha amores verdadeiros e desinteressados, em que a alma pôde viver e expandirse sem motejos dos nescios, te lembrares dos campanheiros d'armas que deixaste, pede a Deus que abençõe os seus esforços, para que d'esta geração, condemnada ao martyrio moral, saia outra que assista á regeneração da sociedade ! Embora nos lace-rem os pés os espinhos da estrada, cmbora os materialistas se rião de nossos esforços, levemos a nossa crença em holocausto ao altar do futuro, que resume em si a maior idea de Deus, porque é elle a *cterna esperanza*.

Findando estes breves traços, digo adeus tambem por tempo indefinido á litteratura amena. Obscura foi a minha carreira, mas deu-me horas de intimo gozo, que são a minha mais bella recompensa. É grato para mim, que estreei nas letras, criança obscura e expatriada, escrevendo em Macahé, e ahi recebendo generosas animações e os primeiros applausos, — consagrar tambem estas ultimas linhas á memoria de um filho d'aquella terra. Sinto verdadeira ufanía em poder designar como segunda patria, como berço da intelligencia, como estancia dos meus primeiros e aturados estudos, a mesma terra que deu o ser ao Petrarca brasileiro.

Não comportando o plano d'esta *Introducção*, a transcripção do elegante artigo que escreveu o S. REINALDO MOTÓRO sob o titulo, *O adeus do poeta*, não posso todavia furtar-me ao desejo de transcrevel-o n'estas notas :

Ao norte do Rio de Janeiro, um pequeno rio desce da Serra dos Orgãos, e vai perder-se no Atlantico, passando em frente d'uma modesta villa. Suas margens são pittorescas; erguem-se pelas collinas restos de matas, que unem á noite o

seu doce murmurio com o das aguas que correm rapidas. Ahi o amator dè pesca passa tardes de meditação a bordo da sua canôa, resguardado do sol pela sombra das largas folhas das bananeiras, e vendo passar os destroços das florestas, na corrente caprichosa do rio.

Em uma de suas margens abre-se a fazenda do Indayassú, por varseas tapetadas de relva florida, que tem moutas de larrangeiras, onde as almas amantes irão repetir os versos immortaes d'aquelle que as cantou.

« Na casa de vivenda, em o dia que tratamos, havia o alvo-roço d'uma grande novidade. Em um dos corredores interiores, á portá d'um quarto, estavam varias pessoas paradas, com a inquietação na physionomia, e commentando com gestos expressivos o menor ruido que dentro se percebia. Entrando no quarto, via-se um grupo affectuoso e triste, para o qual se passava talvez então uma das horas solemnes da vida. Sobre um leito singelo, com aquelle modo d'existir do campo, estava deitado um joven de feiçõs meigas, testa harmoniosamente contornada, traços aprofundados pela doença, olhos languidos e internados, e labios emmurchecidos, em que ainda pairava o ultimo sorriso da jovialidade. Com o corpo apoiado sobre o braço direito, segurando com a mão esquerda, já debil, um livro aberto sobre o aparador proximo, repartia o seu olhar, sereno como um raio de lua no estio, entre as paginas d'aquelle escripto, e uma senhora, que estava em pé junto ao leito, com o rosto entre sollicito e afflicto.

« Esta dama, em idade mediana, tinha o rosto varonil da verdadeira mãe, e havia no todo energico de suas feiçõs certa força, que não deixava de ter relações com a riqueza intellectual desenhada no rosto do mancebo. Do outro lado da cama, estava um homem de feiçõs menos expressivas, mas benevolentes; calmo, sem a resignação que dá a indifferença, mas seguindo com cuidado reflectido todas as phases d'aquella scena, da qual conhecia as origens, e antevia a fatal consequencia. O homem d'idade era o tio paterno, e a senhora a mãe do joven doente, que os medicos haviam condemnado, e para quem só restava esperanza de vida n'aquella affeição materna, que resiste a toda a cvidencia.

« Vendo sua mãe tão inquietada, o joven tirou da gaveta do aparador alguns papeis, e disse-lhe :

« — Já leu estes ultimos versos, que escrevi no recanto da minha serra? Leia-os; verá que antevejo meu fim sem inquietação; o dia d'amanhã ha de ser bello para mim, quando raiar na eternidade.

— Meu filho, tu has de viver. Não é possível que Deus te roube á minha amizade, quando podemos viver unidos, ricos e e felizes.

« — Acredita, pois, que a riqueza foi formada para os desherdados da felicidade, para os sonhadores do ideal? Que nós, os trabalhadores sem paga n'este mundo, que vive pelas idéas, mas amaldiçôa os seus authores, devemos tambem assentar-nos ao banquete social, para recebermos uma parte, embora mesquinha? Engana-se, minha mãe. — Quando me deu o sêr, já eu vinha marcado com o stigma do fogo do destino. Viver por entre os bosques, scismar á noite nas bordas dos navios, passar por entre sorrisos de mofa nas ruas das cidades, e em paga de todos os affectos adquiridos, encontrarmos a indifferença, ou a morte de quem amamos, eis o destino dos poetas. Acredite-me, minha mãe; só ha felicidade para mim, alem d'aquelles montes nublosos, que vê através da cortina, e que se vão erguendo até á minha serra querida: e sabe porquê? Lá em cima está o céo.

! A pobre senhora debulhou-se em pranto; o tio empallideceu; o mancebo tomou a mão d'aquella que tanto o queria, e levou-a aos labios. Ella disse-lhe:

« Mas quando tu eras pequeno, nunca te vi triste; corrias pelo campos, subias aos coqueiros, e cantava alegre ao voltar para casa com algum sabiá preso.

« — Lembra-se da minha infancia? Foi feliz, é verdade. Porque não me dá outra vez a Providencia aquella vida da borboleta, que não para em um só ramo, e não se prende a flor alguma? Correr pelos campos, aspirar o ar fresco da madrugada, ouvir os sabiás trinando o hymno do alvorecer, ir escutar á beira da mata o sussuro dos animaes selvaticos, que saltam de ramo em ramo é uma vida tão rapida, tão tranquilla para o coração! Mas depois, minha mãe, succede ao alvorecer das manhãs o alvorecer do coração; vem o amor; uns primeiros olhos pretos, umas fallas doces murmuradas á sombra dos coqueiros; e quando a primeira prenda d'amor, o primeiro beijo resôa pelas abobadas de verdura do laranjal, parece-nos que a vida é um

canto infindo, que só tem principio no coração, e sempre a elle volta...

« Aqui uma tosse cavernosa e estridente atacou o joven ; seus olhos perderam por momentos o fulgor ; os assistentes apressaram-se a ir buscar uma beberagem, e deram-lhe algumas colheres d'ella. O doente voltou-se para sua mãe, e disse-lhe :

« — Dê-me um beijo, minha querida mãe.

« A mãe pousou as faces sobre os labios do filho, e este apertou-lhe a cabeça d'encontro á frente ; depois ergeu-se illuminado por um clarão de poesia ; brilhavam-lhe os olhos como estrellas refulgentes em manto negro de tempestade : as palavras melancolicamente accentuadas, tinham a aspiração dolorosa para a felicidade perdida :

« — Esconda-me esses versos, minha mãe ; não quero reavivar recordações dos ultimos annos. Quem sabe se podia um raio de luz penetrar ainda n'esta selva escura, em que fui buscar a morte ? Quem sabe se esgotei antes de tempo o calix da vida ? Morrer tão moço, minha mãe ! quando cantam as aves n'aquelles coqueiros da varzea, quando aquelle céu azul me está sorrindo nos longes da montanha, como é cruel ! como ha falta de piedade para os corações por quem fui amado ! A gloria nunca me negára os seus sorrisos d'esperança : quem sabe se amanhã me coroariam de flores ! Quem sabe se havia na minha imaginação um mundo ideal, que iria ennobrecer a patria, que eu tanto amava, e que ainda amo n'esta hora derradeira ! Terra do meu nascimento, e tu querida, que tanto amei, tu sombra amada da juventude, adeus ! minha mãe, adeus !

« Corrêra a mãe a prendel-o nos braços, e disse-lhe anhelante :

« — Não, meu filho, tu não has de morrer agora !

— Ergueu a cabeça ; um derradeiro sorriso pairou em seus labios e respondeu :

— Pois é a morte tão temivel ?

« Depois cerraram-se-lhe os olhos, e a serenidade da paz baixou sobre suas feições. Perdera o Brazil um dos seus mais illustres filhos. Morrêra Casimiro d'Abreu.

(31) Escripto no Rio de Janeiro em 25 de Outubro de 1864.

(32) A sympathia que mostra o Sr. PINHEIRO CHAGAS pelas letras brazileiras, tornal-o-ia digno de estima, se mais de uma vez não tivera sido excessivamente injusto para connosco.

Busca o escriptor portuguez apresentar-nos aos olhos da Europa como indignos herdeiros da lingua de Camões. Em sua opinião não só não sabemos a lingua nacional como que trabalhamos incessantemente para a formação de um novo idioma !

Ouçamol-o primeiramente antes de ulgal-o :

O defeito, diz o author dos *Novos Ensaios Criticos*, em todos os livros brasileiros, e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente, é a falta de correção na linguagem portugueza ou antes a mania de tornar o *brazileiro* um lingua diferente do velho portuguez, por meio de neologismos arrojados e injustificaveis, e de insubordinações grammaticaes, que (tenham cautela !) chegarão a ser risiveis se quizerem tomar as proporções d'uma insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato.

Se os escriptores brasileiros desejam realmente fazer *uma* lingua nova, corrompendo a antiga, como as linguas modernas da Europa se formaram da corrupção do latim, devemos advertil-os de que isso não prova senão o desprezo das regras mais elementares da philologia. A transformação das linguas é *um* phenomeno, que se opéra sem que a vontade humana possa n'ella intervir pór fórma alguma ; como qualquer outro phenomeno physico, está sujeito a leis fixas e immutaveis, como a gravitação ou a expansão dos gazes. Maz Muller demonstrou amplamente na sua *Sciencia da linguagem*, e com elle demonstraram-no todos os eruditos philologos da moderna eschola, que a philologia é *uma* sciencia da natureza e não *uma* sciencia historica. O fluxo e refluxo das linguas tem *um* caminhar tam certo como o fluxo e refluxo dos mares, que obedecem á acção longiqua da lua. Essa transformação pol-a Deus nas mãos dos ignorantes. O nivel da linguagem eleva-se, não se abaixa. É ao povo, esse ignorante sublime, que está confiado o sagrado deposito. Os sabios enriquecem *um* idioma, só o povo o transforma. As fórmas grammaticaes não se alteram a bel-prazer dos escriptores ; a indole de *uma* lingua, não são elles que a modificam por decreto. Parece necessario que os escriptores brasileiros se compenetrem bem d'esta verdade, hoje elementar.

Por que motivo *um* livro brasileiro se distinguirá na linguagem d'*um* livro-portuguez, quando os livros de Prescott americano, não se distinguem dos livros de Macaulay, quanto Ticknor e Southey, Cooper e Walter Scott, Washington Irving e Charles

Dickens escrevem exactamente o mesmo correcto inglez? Quando Arboleda e Zorrilla, Mármol e Espronceda entoam os seus inimitaveis versos no mesmo sonoro e altivo hespanhol? Estas dissinencias não podem indicar senão *um* erro da nossa parte ou da parte dos nossos irmãos ultramarinos. As linguas transformam-se corrompendo-se, e a corrupção, em quanto não é fonte de renovoamento, é vicio e vicio fatal. Ora n'este caso ou nós estamos corrompendo o idioma, ou os escriptores brazileiros o corrompem. Mas nós cingimo-nos ás velhas regras, nós sem nos desviarmos da linha recta, em quanto os brazileiros se comprazem em seguir *umas* veredas escabrosas, por onde caminha aos tombos a lingua de Camões. É glorioso ser *um* d'esses escriptores, que fazem brotar *um* idioma novo do cadaver corrupto de *uma* velha lingua, mas não nos parece igualmente glorioso entrar na classe d'aquelles que receberam dos seus passados *uma* linguagem *formosa, harmoniosa, e opulenta, e que a estragam, e que a desfiguram, e maculam, e concorrem d'essa fórma para a transformarem* de corpo cheio de vida em cadaver purulento, de manto de purpura em farrapo ignobil.

« Aproveitei este ensejo para dizer verdades que me pezavam muito na consciencia, e que parecerão talvez rudes, quanto se souber que são escriptores de primeira ordem, talentos verdadeiramente grandiosos, os que estão á frente d'essa cruzada de novo genero. Mas pareceu-me util recordar estes principios elementares de philologia, a quem, cego por *um* sentimento talvez louvavel, caminha visivelmente n'*uma* vereda errada, e vae arrastando por ella *uma* litteratura cheia de vida e florescente de promessas. » *Novos Ensaios criticos, Litt. braz.*, p. 221.

Começa o author oppondo ao velbo portuguez, *lusitana lingua, o brazileiro*, e dando a esta palavra nova accepção; e chama a esse sestro seu, *mania nossa* !

A transformação das linguas é hoje um phenomeno impossivel, guardadas como se acham as fronteiras litterarias pelas sentinellas avançadas de Guttemberg.

Se os litteratos brazileiros tentassem formar novo idioma, corrompendo o portuguez de seus avós, concorreriam para o suicidio. Quando viesse a operar-se esse phenomeno ou corrupção, já elles seriam inintelligiveis para os novos palradores á brazileira pura.

Assim como o colono portuguez passando ao Brazil altera





Isto prova que o illustre critico, a seu mau grado, tem quinhão na conspiração litteraria. Dou-lhe os parabens!

Já agora não levantarei mão sem que faça outro reparo. Falando ainda dos escriptores brasileiros diz o critico : « O fogo dos tropicos não lhes incendeia os periodos, e as paizagens, que descrevem, *conhecemol-as nós melhor do que elles*. O corpo dos poetas americanos está na terra de Colombo, a sua alma está na Europa. *Ensaïos criticos, A. Gonc. Dias*, p. 168. Descrevendo depois as nossas florestas, affirma o censor que as, *bromelias pendem em festões variegados dos troncos das arvores ! Novos Ensaïos criticos, litt. braz.*, p. 219. É pela razão inversa de que a alma do Sr PINHEIRO CHAGAS está na terra de Colombo, e seu corpo na Europa.

Mais longe vae o romancista na *Virgem Guaraciaba*, mas fique por ora em paz.

(33) V. *Virgem loura, paginas do coração*, nas quaes narra essas particularidades da sua infancia.

(34) *Virgem loura, paginas do coração*.

(35) *Virgem loura*, já citada.

(36) Item.

(37) REINALDO CARLOS MONTÓRO no artigo *Casimiro de Abreu*. *Revista popular* do Rio de Janeiro, t. XVI, p. 351.

(38) Curvado ao pezo dos annos retirou-se João Henrique Freese, deixando o Instituto Collegial de Nova Friburgo, o qual passou a ter o seu nome. Veiu então residir em Nietheroy, juncto de sua Sra, Miss Isabel Freeze, cuja avançada idade e temperamento não se harmonisavam com o clima frio d'aquellas seranias. Já nem um d'elles existe, e só me resta a lembrança da amizade cordeal com que me honraram.

Entre os livros da minha modesta livraria, possuo alguns preciosos pela sua procedencia, mimos da amizade e da sympathia, e entre elles não poucos são dadas suas. Em frente á preciosa collecção do jornal mercantil redigido por elle em 1838 : *The Rio Circular*, acham-se as seguintes linhas de seu punho :

« To Joaquim Norberto de Souza Silva, Esquire.

Permit me, my dear Sir, to request your kind acceptance of

these pages in token of my sincere esteem : of the high estimation I hold your talents and acquirements ; and as a small, a very small return for the many attentions and favours with which you have condescended to honor me.

« May Heaven be pleased to grant you health, and a long series of happy years, not only for the sake of your amiable family, but for that of your country, which needs much the benefit of those talents, with which you are, my dear Sir, so happily gifted !

Such is the sincere wish, and fervent prayer of, my dear Sir, your faithful and obliged friend

Nietheroy, 4 July 1859.

« JOHN H. FREESE.

(39) Em Lisboa, longe da patria, não esqueceu CASIMIRO DE ABREU os seus amigos, como se vê no *Prologo* da sua scena dramatica. *Camões e o Jáu*.

(40) « Era, diz elle, um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios. *Prologo das Primaveras*.

Foi, pondera o Sr MACIEL DO AMARAL, uma fatalidade que se perdesse a estréa poetica de CASIMIRO DE ABREU, e tanto mais de sentir quando elle diz algures que, por essa poesia perdida trocará todo este volume. *Casimiro de Abreu, segundo prologo* da edição do Porto.

(41) *As primaveras, prologo*.

(42) *A Virgem loura*.

(43) *Item*.

(44) Veja-se a sua poesia *Na estrada, scena contemporanea*, a qual intitularia melhor chamando-a, *O homem de metal*.

(45) *Prologo de Camões e o Jáu*.

(46) « Nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei ; a nostalgia apagava-me a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões. » *Prologo das Primaveras*.

(48) *Prolog. de Camoes e o Jáu*.

(49) *Item.*

(50) Estabelecidos na rua de S. Bento n. 37 B. com casa de consignação de generos de importação e exportação.

(51) *Prologo das Primaveras.*

(52) V. *Dores*, uma das poesias elegiacas do seu *Livro negro*.

(53) *O poeta e o livro, conversação preliminar*, servindo de prologo á *Chrysalidas, poesias de MACHADO DE ASSIS*, p. 8

(54) *Ultima pagina*, poesia do *Livro negro*.

(55) José Joaquim Candido de Macedo junior, natural da provincia do Rio Grande do Sul. Estudava na Escola Central quando succumbiu a uma febre typhica, em 22 de Fevereiro de 1860, tendo apenas quinze annos de idade! Pretendia publicar as suas poesias sob o titulo de *Açucenas*, o que impediu-o a prematura morte. Essas composições, que revelavam em tão verdes annos um bello talento, e que elle muitas vezes me vinha ler a minha casa, foram remettidas a seus consternados paes por seu irmão pela parte materna o Sr Antonio Candido de Menezes, professor de desenho na Côrte do Rio de Janeiro.

O Sr. CARLOS DO ROSARIO, redactor da *Chronica da quinzena da Revista popular* assim se expressou a seu respeito

« O joven poeta, o Sr Macedo junior que ainda no penultimo numero da nossa revista deu uma brilhante prova do seu descommunal talento, tambem desceu á morada dos mortos, contando apenas quinze annos de idade! E' triste e desanimador semelhante quadro com tanta frequencia apresentado a nossos olhos. » T. V. p 380.

A brilhante prova a que se refere o illustre chronista, foi a sua ultima composição. Tem por titulo: *Agora eu te quero amar*, e é a seguinte:

! — És muito linda ! O teu labio  
Tem um riso de matar ;  
Quando tu choras, donzella,  
Quem fica sem soluçar ?  
Tem fcitiço de magia,  
Mas eu... não te posso amar.

• Quando tu sahes a passeio  
Que te requebras no andar,  
Teu seio langue, estremece  
Como de amor a chorar,  
Tens tantas graças — ai tantas!  
Mas eu... não te posso amar!

« Teus olhos negros e ardentes  
Vivem só a namorar;  
Dizem volupia nas chamma  
Que vibram a scintillar;  
Fallam tantos..., tantos gozos...  
Mas eu... não te posso amar!

« — Sou muito linda! Meu labio  
Tem um riso seductor!  
Tudo em mim, tudo, é volupia,  
Tudo estremece de ardor:  
Amor suspira o meu seio,  
Meus olhos fallam amor!

« Na minh'alma nunca pousam  
As afflições de uma dor,  
Borboleta da inconstancia  
Eu corro de flor em flor!  
Busco em toda mel de gozo,  
Em nenhuma achei amor!

Hoje te vi; minha face  
Perdeu logo a sua côr;  
Ai tanto fogo nos olhos,  
No seio tanto calor!  
Borboleta, eu corto as azas  
Não procuro mais amor.

« Eu te vi; agora triste  
Não sou borboleta, não;  
Sou mariposa perdida  
Na chamma de uma paixão;  
Agora eu quero sómente,  
Sómente o teu coração!

« — Eu amo a flor desmaiada,  
Na campina soluçando,  
Junto ao regato, pendida,  
Seus amores descantando,  
Onde a briza pouse alegre,  
E saia triste e chorando.

« Eu amo a rola singela  
Gemendo na capoeira,  
Mandando á luz que desmaia  
Sua prece derradeira  
N'um soluço, que estremece  
Os galhos da lorangeira.

« Eu amo um pranto cantado  
Pela paixão da agonia.  
Na hora em que a flor desmaia  
Aos beijos da briza fria,  
Quando o sol morre nas ondas,  
Com seus raios de harmonia.

« Eu amo o deserto augusto  
Repetindo a voz de amores  
Da canção do pintasilgo ;  
Eu amo os prados, as flores,  
Amo o riso em labio triste,  
Amo o gemido das dores.

« Tudo o que é melancolia,  
Tudo o que eu sinto chorar,  
A voz augusta da noite  
Que Deus só pode escutar ;  
Se eu amo tudo o que é triste,  
Como é que eu te posso amar?

« — Amas a flor desmaiada,  
E a rola gemendo o pranto,  
Na solidão da agonia  
Um triste e intimo canto,  
Tudo o que rouba da noite  
Um véo de dor ao seu manto?

Pois eu sou a flor pendida  
Que tem a dor por altar,  
Sou a rolinha singela  
Que vive de soluçar ;  
Agora, bem vês, sou triste,  
Não me podes inda amar ?

Não és donzella, eu bem vejo,  
Não és borboleta não,  
És mariposa incantada  
Na chamma da uma paixão ;  
Não tens azas, borboleta,  
Eu te dou meu coração !

A seguinte poesia, que denominou, *Morreu!* é sufficiente para comprovar o juizo que de sua aptidão para as bellas letras fariam seus amigos, e transcrevendo-a desfólho uma flor sobre a sua esquecida sepultura :

Tua alma era um jardim sem sol nem vida  
Sem as galas do orvalho por cortinas :  
Anjo sonhando sem os raios d'ouro  
Da aurora adormecida cntre cortinas.

Um céu escuro te escondia ao mundo  
E te orvalha as faces com o scu pranto,  
Entre a dor do silencio, em que vivias,  
Balbuciava da agonia um canto.

Era trova de angustia e de saudade  
De um sonho d'ouro, que criaste um dia ;  
Era a lagrima quente da tua alma,  
Que chorava em torrentes de harmonia.

Teu seio — ardia em chammas e desejos,  
Buscava crença, amor e poesia,  
Mas nem ao lampejar de uma esperança  
Entre a lagrima um riso te sorria.

Eras o lyrio no espinhal occulto !  
Se erguias o teu collo quasi morto

O espinho te feria a crença d'alma ;  
Nem uma estrella ao longe a teu conforto !

Rosa — sem agua, á sombra de um rochedo  
Pendias sem um beijo só de amor !  
Debrucei-me no abysmo de tu ' alma,  
E lá fui-te beijar no meu ardor.

O orvalho de meu pranto te deu vida  
E tua alma sorriu á luz do sol ;  
Não choravas á sombra da descrença,  
Sorrias da esperança ao arrebol.

Lyrio de encanto, que pendia morto,  
Tu nem já murmuravas um desejo ;  
Sem ar, teu labio mudo nem tremia,  
E eu te dei vida e amores com meu beijo.

Viveste ! Olhaste um mundo de esperanças,  
Tudo teus olhos contemplavam rindo,  
Ligeira, tu corrias descuidosa,  
E crestavas ao sol teu rosto lindo.

Borboleta da vida, a flor da chamma,  
Que quizeste beijar, queimou-te a sede ;  
Tu morrias ao fogo de teus sonhos  
E brincavas da vida inda na rede.

Achaste em teu caminho muitas rosas,  
Luz de mais, muitos campos, muitos céos.  
E eu te vendo correr ás tontas — louca !  
Murmurava : — « Ella morre, assim, meu Deus ! »

Um dia, no meu leito de venturas,  
Onde beijaste a c'roa dos amores,  
Em vez dos lyrios, que eu colhi sorrindo,  
Encontrei murchos goivos, seccas flores.

Eras tu, que morrias — para os homens,  
Jáz sorrindo — tam faceira e bella !  
Tu morrias p'ra mim ; — e eu murmurava :  
« — Despenhou-se no limbo a minha estrella ! »

(56) FRANCISCO GONÇALVES BRAGA, poeta portuguez, publicou no Rio de Janeiro as suas *Tentativas poeticas*, 1 v. in-8º, 1856. Foi presidente do Gremio litterario portuguez. Como Macedo junior e Affonso Messeder, precedeu o seu amigo no tumulo, fallecendo poucos mezes antes d'elle. É pena ver talentos tam promettedores brusca e inopinadamente arrebatados pela mão da morte !

N'estas sentidas palavras, dictadas pela saudade, transmittiu o estimavel poeta paraense, BRUNO SEABRA, que a morte tambem acaba de roubar ás letras patrias, a noticia do seu passamento :

« Com os olhos fitos no céu, que é a patria dos espiritos sublimes, morreu um poeta.

« Ave ignota a gemer saudades, a soffrer desditas, não teve se quer uma maldição nos labios, nos dias de infortunio.

« A pureza da sua alma nobre nunca foi nodoadá por um sentir indigno. O halito da calumnia não lhe roçou os labios, nem as suas faces descóraram na presença da verdade.

« Quando a fronte se lhe vergava ao peso das desditas, seu espirito, como que abatido, não tinha uma queixa para exprobrar a sorte, nem um improperio para o destino.

‡ Silencioso e resignado, só uas lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos, revelava a dôr profunda que lavrava no.imo d'aquelle córação virgem.

‡ Se a felicidade bafejava a fronte de um amigo, seu espirito se expandia em uma exclamação de fé. Se algum soffria, chorava com dor sagrada o soffrimento alheio. » *Revista popular*, t. VI, p. 250.

Na seguinte poesia a Eugenia Malchair, que n'um suicidio involveu os mysterios do seu martyrio, derramou Gonçalves Braga as ultimas flores que colhera a sua musa :

Elle est morte en cueillant des fleurs.

V. HUGO.

Quem quer que fosses, sombra que passaste  
Por esse sonho que se chama vida,  
Que morreste a sorrir por entre flores,  
E que cantaste em tua despedida.



Quem quer que fosses, victima da sorte,  
Que ainda moça e a face tam serena  
Cortaste do jardim d'esta existencia  
Do teu viver a candida açucena.

Quem quer que fosses, infeliz ou doida,  
Que da vida quebraste a rubra taça,  
Ou por cega nas trevas da loucura,  
Ou por traça na lucta com a desgraça:

Pobre mulher, lastimo-te ! Quem sabe  
Se um poema de amor e de delirio  
Tinha d'alma nas paginas occultas,  
E o devias findar com o teu martyrio ?

Quem sabe se nas folhas do romance,  
Abrazada em poeticos ardores,  
Não desvaraste a mente, imaginando  
Um sublime ideal dos teus amores ?

Ou se tinhas, como eu, n'alma deserta  
Um fundo abysmo, de affeições vasio,  
D'onde manavam lagrymas de gelo  
A transbordar sobre o teu rosto frio ?

Mysterio !... Quantas vezes estaria  
Pelas noites de insomnia delirante  
Encostada a teu leito a seduzir-te  
Do suicidio a imagem fascinante ?

Talvez não tendo outra affeição na terra,  
Como a teu noivo, lhe entregaste o peito ;  
Vestiste sedas, espalhaste flores,  
Foste-lhe noiva e déste-lhe o teu leito !

Morreste... e teu espirito, alta noite,  
Ha de ir sobre o teu tumulo vagar,  
E no teu leito, que ficou vasio,  
Nunca mais com amor has de sonhar !

E talvez que existisse um ente amante  
Que soubesse entender a tua dor,

Mas do destino o vento impetuoso  
Faz o orvalho cair longe da flor !

Ai triste de quem vê com os olhos d'alma  
Um horisonte amplissimo de amores,  
E que marcha da vida no deserto  
Sem colher, nem da esperança, algumas flores !

Tu só colheste os goivos do sepulchro !  
Foste dormir no leito do abandono !  
Infeliz, que eu lastimo e não conheço,  
Aonde acordarias do teu somno ?

Deus o sabe ! Alma triste, que soffrias  
E definhavas n'um tormento interno,  
Se a tua dor foi grande e o teu peccado,  
É infinita a compaixão do Eterno !

Eu, que lamento todas as desgraças,  
E que choro com dor todas as dores,  
Sobre o teu nome, que ninguém já lembra,  
Venho espalhar estas humildes flores !

(57) Affonso de A. Coitinho Messeder, estudante da Escola central d'esta côrte, morto em maio de 1858.

(58) JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA, no seu artigo *as Primaveras do Sr Casimiro de Abreu*, publicado no *Brazil*, e o Sr conego Dr J. C. FERNANDES PINHEIRO em artigo de igual titulo inserto na *Revista popular*, já citados.

O Sr CARLOS DO ROSARIO, que redigia a *Chronica da quinzena* da sobredita *Revista*, assim se exprimiu a seu respeito :

Logo no começo do mez que corre (setembro de 1859), foi annunciada a publicação de duas obras, uma nacional e outra naturalisada : a primeira consagrada á litteraturá e a segunda á sciencia.

« Fallando-vos daquella, tenho apenas em mente a obrigação de noticiar-vos mais um livro feito entre nós, e para nós composto ; não preciso analysal-o ; não me cumpre tam pouco recommendal-o, por isso que, melhor do que eu, sabeis apreciar os nossos talentos e a publicação de que trato pertence ao poeta brasileiro, o Sr Casimiro de Abreu.

« Os leitores da *Revista*, não ignoram quem seja o autor do novo livro intitulado *Primaveras*; seu nome já tem subscripto diversas poesias publicados no nosso jornal, e n'ellas encontrou-se sempre facilidade de estylo, pensamentos elevados, metrificacção suave e linguagem castigada.

O Sr Paula Brito incumbiu-se da impressão do volume e cabalmente demonstrou, que a arte typographica é tam conhecida no Rio de Janeiro, como em França, na Belgica, na Inglaterra; na realidade não se pôde casar melhor a simplicidade com o luxo e a nitidez.» *Revista popular*, I an., t. III, p. 397.

Os Srs Bruno Seabra e Almeida Cunha cumprimentaram-no poeticamente. Suas composições vão insertas n'esta Introducção na *Apotheosis poetica*.

(59) V. *Poetas moribundos*, na *Revista popular*, t. XII, p. 48. Nesse artigo commemorei uma illustre pleiade de poetas nacionaes que, como cysnes, saudaram a morte á beira do sepulchro, taes são Gregorio de Mattos, Luiz Paulino, Ferreira Barreto, Alvares de Azevedo, Lisboa Serra e Burnier. D'então para cá o numero tem crescido.

(60) No seguinte artigo da redacção :

« Falleceu em Nova Friburgo o joven author das *Primaveras*, collecção de versos ultimamente publicada e que promettia mais um verdadeiro poeta á nossa litteratura.

« Casimiro de Abreu morre aos vinte annos como Alvares de Azevedo, como Dutra e Mello, como Junqueira Freire, como tantos outros que cheios de uma nobre inspiração, preludiavam um futuro litterario, grandioso e brilhante.

« Após longas contrariedades sorria-lhe agora a esperança, e com ella a fortuna. É agora tambem que uma tísica pulmonar o leva ao tumulo na quadra mais viçosa da vida, no momento em que a sua musa ia abrir sem duvida um vôo mais largo.

« D'ahi quem sabe? Talvez foi melhor para o poeta morrer ainda com a alma virgem e cheia de illusões fagueiras, e não gasta pelas decepções e pelo triste espectaculo de uma nação, que ao encetar a idade viril vacilla já caduca na decadencia moral para que a arrastaram.

« O nome de Casimiro de Abreu será mais uma saudade eterna para os que ainda prezam as glorias patrias, e se comprazem em pensar n'um futuro que poderia ter sido uma verdade.

« A musa melancolica que lhe inspirára os suaves cantos da primavera, murmure-lhe em torno da agreste sepultura onde repousa, no ameno remanso de Nova Friburgo, um adeus sentido, como os bellos versos que lembrarão seu nome. »

(61) Lê-se *Noticiario do Diario do Rio de Janeiro*, n. 150 de 25 de Agosto de 1860 :

Uma senhora, a quem causára grande impressão a falsa noticia da morte do joven poeta, author das *Primaveras*, escreveu ao nosso patricio o Sr Paula Brito, pedindo-lhe informações sobre o facto.

Poeta tambem e amigo do Sr. Casimiro de Abreu, respondeu o Sr Paula Brito com o seguinte soneto, que merece ser lido por mais de um titulo :

A dor que tauto vos pungiu, senhora,  
Sobre infaustas noticias espalhadas  
Porquem anda escutando nas estradas  
Da coruja o piar, quando está fóra,

Cesse, que outras noticias dam-se agora,  
De mais limpidas fontes emanadas ;  
Ellas mitigam, da verdade ornadas ;  
A dor que tanto vos pungiu, senhora.

Se em novas tam fataes não ha segredo  
Nova vida recobra e novo alento  
Quem não podia de morrer ter medo.

Porque fóra da morte heroico intento  
As *Primaveras* acabar tam cedo  
De quem todo é amor, todo é talento.

(62) Temos o prazer de annunciar que a noticia que nos foi communicada da morte do author das *Primaveras* o Sr Casimiro de Abreu, é completamente destituida de fundamento.

« Apesar de enfermo, o seu estado de saude não inspira serios receios.

« A pessoa que nos informou, chegou hontem de Nova Friburgo, onde almoçou e passeiou, domingo de manhã com o Sr Casimiro de Abreu. »

*Noticiario do Diario do Rio de Janeiro*, n° 148 de 21 de Agosto de 1860.

(63) *Jornal do Commercio*, n. 238 de 27 de Agosto de 1860. Sob a epigraphe : *O Sr Casimiro de Abreu*, publicou F. DE PAULA BRITO o seguinte *communicado* :

« Sr Redactor. Para tranquilisar as pessoas que profundamente sentiram a noticia falsamente espalhada da morte do Sr Casimiro de Abreu, author das *Primaveras*, abaixo transcrevo as poucas linhas de uma carta que d'elle recebi :

« Nova Friburgo, 23 de Agosto de 1860.

« Vou ainda melhor, mas ainda soffro bastante da tosse : tambem ha apenas um mez que aqui estou.

« Seu amigo. — *Casimiro de Abreu.* »

(64) A redacção do *Acajá*, noticiando a sua morte, assim se exprime em 30 de Novembro de 1860 :

« Da republica das letras desapareceu um tão joven quanto denodado combatente. A perda foi por demais sensivel! Não lamentam seus companheiros sómente o passamento d'um irmão d'armas, tambem sentem a perda d'um amigo fiel e dedicado.

« Por isso o chefe da republica, d'accordo com os membros do conselho superior das letras, expediu as precisas ordens para que o nome e os feitos do companheiro que pranteiam, ficassem gravados na memoria da geração presente e na dos vindouros, e que, para se pagar uma divida de gratidão, lhe fosse erguido um monumento.

« O nome d'esse guerreiro?— Casimiro d'Abreu.— Seus feitos? — As producções em prosa e em verso impressas separadamente, e as flores das suas *Primaveras*, reunidas n'um volume de poesias. — Qual será o monumento? — As suas composições ineditas offerecidas a um amigo, a biographia do finado cantor e todas as noticias sobre o seu passamento.

« Ainda bem que cedo se pretende solver tão magnanimo compromisso! Rendemos hoje um tributo de veneração aos manes de Casimiro d'Abreu. Esse tributo não é só em remuneração aos serviços que ás letras prestou o fallecido cantor das *Primaveras*, mas tambem pelo espirito de classe, pois que elle sobejamente illustrou a corporação commercial á qual pertencera.

« Pertencendo os fundadores e sustentadores d'este jornal em sua quasi totalidade ao commercio, e desejando desenvolverem

se no cultivo das letras, dupla razão lhes assiste na prestação da homenagem devida a esse joven, já como poeta, já como caixeiro.

E como elle, cumpre-nos exclamar :

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente  
Pr'a que...

Pobre arbusto! Apoz o florescer e quando os fructos já despontados começavam a amadurecer, veiu o impio furacão arre-messal-o por terra. É mais uma esperança perdida! Pranteêmol-a!

(65) V. *Memoria historica e documentada das aldeas de indios da provincia do Rio de Janeiro*, part. I, cap. VII, *Rev. trim. do Inst. hist.*, t. XXVII, p. 218.

(66) Veja-se a descripção que d'ellas faz o Sr REINALDO CARLOS MONTÓRO no seu artigo transcripto n'esta *Introducção*. Farei ainda menção de dous factos.

Na cidade de São João da Barra, descansa ha muito o poeta repentista, compatriota e discipulo de Bocage, Eugenio Maria de Azevedo, de quem se recorda a cidade de Nictheroy, testemunha de admiraveis e entusiasticos improvisos. Vi-o em a noite de 25 de Março de 1831 tomar tres sonetos por mote e glosal-os, compondo sem pausa, sem folego, a bagatella de 42 oitavas! São d'elles aquelles tam famigerados versos :

Os Tropicós pulando as palmas batem,  
Em pé nas ondas o Equador dá vivas!

Duas tragedias, ambas em cinco actos e em versos heroicos. *Zulima*, e *Emilia, ou os Cavalleiros da cruzada*, foram dictadas de improviso ao Sr commendador Luiz José de Murinelli, que lhe servia de tachygrapho. Incitando a imaginação com libações de cognac, e fumando sem cessar, era poeta, e os versos corriam-lhe naturalmente.

Não tam distante de Casimiro de Abreu, repousa o distincto litterato Manuel Antonio de Almeida! Seu tumulo cavado nas arêas do mar, é beijado pelas vagas que o Oceano joga ás praias.

O vapor *Hermes*, na manhã de 28 de Novembro de 1860, em viagem de Macahé para Campos, foi levado pela furia do mar

e bateu em pedra até então desconhecida, e que hoje tem o seu nome. Abrindo agua, teve o commandante de encalhal-o na praia de Carapebus. Primeiro, porém, que o fizesse, morreram muitos passageiros, e entre elles fanou-se na flor dos annos o escriptor fluminense? Reconhecido o seu corpo, quando veiu á praia, foi sepultado n'aquella solidão.

(67) J. D. RAMALHO ORTIGÃO. V. *Juizo critico dos authores nacionaes e estrangeiros* n'essa *Introducção*.

(68) Prologo do *Camões e o Jáu*.

(69) Como as seguintes, entre outras muitas :

Na primavera, na manhã da vida  
Deus ás tristezas um sorriso enlaça.

*Primaveras.*

Ama a luz que o sol exhala.

A. J.

(70) Como estas :

As ondas beijando a arêa,  
E a lua beijando o mar.

*Meus oito annos.*

E quando o peito suspira,  
Suspira o peito por quem ?

*Sonhos de virgem.*

A poesia *Assim*, tem repetições lindissimas. O poeta repete o primeiro verso de modo que fórma sempre o quarto de cada estancia.

(71) Como o presente :

Alegre e verde se balança o galho ;  
Suspira a fonte na linguagem meiga ;  
Murmura a brisa ; — Como é linda a veiga !  
Responde a rosa : — Como é doce o orvalho !

*Primaveras.*

(72) *Augusto*, é epitheto obrigado do silencio, como nas obras em prosa, *A virgem loura* e *Camilla*, e na poesia *Hontem á noite* e outras. Tambem o seu amigo MACEDO JUNIOR o empregava a miude.

*Palpitar*, é o seu verbo predilecto :

Tremo e palpito como treme o mar.

\*\*\*

Ouvindo-a, eu pobre, palpito.

*No leito.*

O teu piano palpita.

A. J.

Se soubesse que no mundo

Existia um coração,

Que só por mim palpitasse.

*Desejos.*

Tremem as folhas e palpita o lago.

*Primaveras.*

A alma virgem, n'esta festa immensa,

Canta, palpita e se extasia e gosa.

*Primaveras.*

(73) Como *hastil* por *hastea* ou *hastim* :

Pender no fraco *hastil*.

*A morte.*

Só quiz tirar-te do *hastil*.

*Perdão.*

É triste ver a flor que desabrocha,

Ou quer no prado ou na deserta rocha,

Pender no fraco *hastil*.

*A morte de A. M.*

*Anil* por mar :

E leve o bote resvalou no anil.

\*\*\*

*Frisos*, por.... ?

*Fitar* por olhar :

A primavera é a estação dos risos

Deus *fita* o mundo com celeste afago.

*Primaveras.*

Agora como um louco eu fito as turbas,

Sempre a ver se descubro as faces lindas.

*Visão.*



E' eu fitando-a abençoára a vida  
*jardim.*

(74) Taes considero estas.

Eram centelhas, mas dormindo *ás soltas.*

*A. G. Braga.*

Ai, bem cedo o tufão despiu-me os *galhos.*

*Item.*

Quanto pranto se engole e quanta angustia.

*Dores.*

(75) Como o seguinte :

Uni meus labios aos teus

Que abrazavam de calor.

*Lembra-te.*

(76) Apontarei estas :

E *a ti*, meu anjo a quem a vida devo,

Hei de adorar-te, como adoro a Deus.

\*\*\*

Oh protegei-a com o manto augusto

A doce virgem que sorri medrosa.

Senhor livrae-a da raja da dura

A flor mimosa, que desponta agora.

*Cujo nome.*

O tivesse nos nabios e na mente.

*De joelhos.*

(77) Cito as presentes :

É um paiz magestoso

Essa terra de Tupá,

Desd'o Amazonas ao Prata,

Do Rio Grande ao Pará.

*Minha terra.*

Lá ouvirá os gorgeios,

Os cantos do sabiá.

*Suspiros.*

E se o peito lhe *ondulasse*

Em suave *ondulação.*

*Desejos.*



*De azul :*

Vê, vê, se apanhas  
A borboleta *de azul*.  
*Infancia.*

Por doces veigas, por um céu *de azul*.

\*\*\*

(81) Raramente, mais não sempre. V. estes :

Esquece esse fogo, esse amor, um delírio  
Que aqui te cavava profundo jásigo ;  
Ao mundo de novo, termina o martyrio,  
A fronte reclina n'um peito de amigo.  
*A amizade.*

A fronte, que ardia em brazas,  
A seus delirios deu fim,  
Sentindo o rigor das azas  
O sopro de um cherubim.  
*Anjo.*

(82) Exemplos :

Terão no céu écos mais santos.  
*A Macedo junior.*

É perda dura d'um futuro inteiro.  
Quanto pranto se engole e quanta *angústia*  
*Dores.*

Embora d'esta estrada nos espinhos.  
*A morte de A. M.*

Impávidas hasteadas nas muralhas.  
No exílio amargo tanto pranto... tanto.  
Por ti, por Portugal eu, soluçava.  
*Cam. e o Jáu.*

(83) N'esse caso estão as seguintes :

De noite a harmonia  
Melhor que a *do dia*.  
*Poesia e amor.*

Como estás hoje zangada.  
*Sc. íntima.*

Quando de amor me perdeste.  
P'ra poupar.

*Scena intima.*

E bebo o pranto que banhou-te a tez.  
*Canto de amor.*

Dir-me meu louco o que mais tinhas.  
*O que?*

Sim, meus amores, que os que tive outrora.  
Ai quando d'esse dia me recrôdo.  
De um poeta immortal a rica c'roa.  
*Cam. e o Jáu.*

Perdão p'r'o pobre demente.  
*Perdão.*

Um amigo, uma mão que nos affague.  
*Mocidade.*

Sua alma pura na novel vertigem.  
*De joelhos.*

Dada com tanto témor.  
*Lembra-te?*

Este trouxe gargalhadas.  
*A Faustino.*

A perda dura d'um futuro inteiro.  
Tam candidas de fé.  
*Dores.*

Minh'alma triste vae vagando atoa.  
*Minha alma.*

A gloria é uma mulher e tu bem sabes.  
*A. G. Braga.*

Na terra uma mulher muito formosa.  
*Camões e o Jáu.*

(84) Como os que se seguem :

*Torrada do calor.*  
*Pepita.*

Um amigo, uma mão que nos affague.  
*Mocidade.*

Dorme a floresta, meu amor só véla!  
*Noivado.*

Oh quantas vezes *a prendi* nos braços !

*Minha alma.*

Eu *por cada* illusão vivi dez annos.

*Por cada* canto eu tive offensas duras.

*A G. Braga.*

(85) D'entre muitas citarei estas :

Era um anjo, foi *p'r'o* céo.

*Rosa murcha.*

Mas se forçoso *t'é* deixar a patria.

*A voz do Rio,*

Minha mãe a sorrir olhou *p'r'os* céos.

*Deus.*

E perto ou longe quiz beijar a *s'reia*.

*Minha alma.*

Feliz tu que me accenas *p'r'o* futuro.

*A G. Braga.*

*P'r'as* sempre fortes vencedoras quinas..

Peço pão, não *p'ra* mim mas *p'r'o* poetá.

*Camões e o Jáu.*

(86) A rima *alas*, offerece uma prova d'essa pobreza ou falta de variedade. Vem na I, II e III estancias do *Baile*, e repetem-se nas duas primeiras os consoantes *galas* e *salas*. O mesmo acontece em *Minh'alma é triste*, MORENINHA, *A valsa*, *Queixumes*, etc.

Nas, *Palavras no mar*, os consoantes ou antes palavras *virgem* e *vertigem*, se duplicam, bem como *alma* e *acalma*; esses consoantes figuram, sem variação, nas poesias *Amor e medo*, *De joelhos*, *No baile*, \*\*\*, *Queixumes*, *No leito*, etc.

Na *Voz do Rio* as palavras *azul* e *sul* rimam sete vezes entre si, bem como na *Poesia e Amor*, na *Infancia*, em \*\*\*, etc.

Nas composições *Amor e Medo*, *A uma platéa*, *A uma menina*, A\*\*\* e outras vem sempre *galho* obrigado a *orvalho*, etc.

E assim outros muitos.

(87) A miude emprega a rima *em* para a palavra *mãe*, que não tem consoante, como nas poesias *No leito*, *A vida* e *Suspiros*

Em *Elisa* rima *anjo* com *archanjo*, forçadamente.

Em, *Pois não é?* traz *bondoso* rimando com *repouso*. No *Canto de Amor* foge e hoje. Na *Minha terra* povo, novo e fogo!

Nos *Meus oito annos nus e azues!* No *Lar*, crença e ausencia. No *Amor e Poesia* bréjos, beijos e bafejos. Nas *Primaveras* mancebo e enlevo. Em *Pepita*, crystaes e reinarás. Em *Perdão*, pés e tez. Em \*\*\* ais e atraz.

Nos *segredos* não teve consoantes para *virgem*, *rôsto* e *minto*, e deixou de rimar os versos.

(88) Como, por exemplo, na *Poesia e Amor* :

A tarde que expira  
A flor que suspira  
O canto da lyra ;  
Da lua o clarão  
Dos mares na raia,  
A luz que desmaia  
E as ondas na praia  
Lambendo-lhe o chão.

E bem assim na *Minha terra*, *Saudades*, *Lembra-te?* *Elisa*, e outras.

(89) A scena dramatica *Camões e o Jáu*, alem de um fragmento do *Livre negro*, e o *Balsamo dos Canticos*, é a unica poesia escripta em versos soltos, e no entanto muitos versos rimam, sem fallar na semi-rima dos toantes, a que certos padres mestres da metrificacão dão tanta importancia, occupando-se com essa criancice hespanhola tam repugnante á gravidade do idioma portuguez, e com o que tam mal gastou o tempo o Sr conselheiro Miguel Maria Lisboa, hoje barão de Japurá, versificando tam desastradamente. É pena que se desnorteiem talentos com semelhantes tentativas de resurreicão. As letras teem tambem o seu Lethes.

(90) Taes são os seguintes, que ficaram aquem da medida ;

Sorri-me era, o sonho de minh' alma.

*Visão.*

Vem ! A noite é linda, o mar é calmo.

*Noivado.*

Eu olhava extasiado,

*Eu soffria calado.*

*Lembras-te?*

*Da amargura o fel.*

*A M. Junior.*

Chorar a virgem formosa  
*Morta na flor dos annos.*  
*Rosa murcha.*

Eu soffro e esta dor me atormenta.  
*Horas tristes.*

Não ; a dor sem cura, a dor que mata,  
Carregando a cruz.  
*Dores.*

A longa estrada da vida  
Que é toda escabrosa.  
*Os meus sonhos.*

(91) Como os seguintes, que excedem a medida :  
Quando o peito é um alaúde.  
*Tres cantos.*

Diz-lhe que o amante fiel  
Só por ella suspirava.  
*Suspiros.*

A dor immensa da perda do futuro.  
*Sempre sonhos.*

Amor é a fonte que nasceu nas pedras.  
Porque não havemos p'ra acalmar as dores.  
*Mocidade.*

Qual reza o irmão pelas irmãs queridas.  
Ou a mãe que soffre pela filha bella.  
Que daes voz ás brisas ou perfume á rosa.  
*De joelhos.*

Tambem suspira  
*Por Elisa bella.*  
*Elisa.*

Vendo a noite pura e a ti tam bella.  
*Hontem a noite.*

Viva, e canta e ama esta natura.  
*A M. Junior.*

Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.  
*No jardim.*

Quando terna outrora a mulher que amei  
E Laura jurava que quando apartados  
Viver não queria, morreria de dor.

*A Amizade.*

E o desfolhar sentido das gentis corôas.  
Para aclimar-se apertada n'uma estufa.  
Esquecimento! Mortalha para as dores!

*Dores.*

Porque eu sei perdoar.

A gloria é uma mulher e tu bem sabes.

*A G. Braga.*

Ou estridor pelos eccos repetido.  
Ricos sonhos do poeta, meus amores.  
Sim, sois malvados; o perdão do poeta.  
Dom Sebastião, monarcha temerario.  
Desferir o canto funebre, saudoso.  
Meu Antonio, para mim não trazes nada.  
O senhor, o pobre Jáu não terá nunca.  
Uma inspiração celeste e radiante.

*Camões e o Jáu.*

Alguns dos versos aqui notados foram emendados na presente edição, sempre que me foi possível, sem que modificasse o pensamento do author e a versificação.

(72) Entre outros, citarei os seguintes :

E de quem são estas saudades? — D'ella!

*O que?*

Filha do céu, ó flor das esperanças.

*Noivado.*

Vós protegestes com o manto augusto.

*De joelhos.*

(93) Erra nos versos saphicos compostos como os heroicos de II syllabas, mas que se differencam, como se sabe, pelas pausas das syllabas IV e XIII, deixando de attender a essa regra e variando sem systema para as pausas das syllabas VI e X.

A *Juruty*, não tem nos versos saphicos de que se compõe, as necessarias pausas; os versos quebrados não tem cinco syllabas



como deveriam, mas sete, o que faz variar o accento saphico para o heroico, não sendo muito sensivel essa falta systematica.

*No lar*, escripto em quartetos saphicos e heroicos, compõe-se de duas partes; na I<sup>a</sup> os versos são saphicos e peccam por inharmonicos. Na II<sup>a</sup> quasi todos os versos tem as pausas do verso heroico, mas essas mesmas erradas.

*Amor e medo*, composto de versos saphicos tem apenas errado o I<sup>o</sup> da III<sup>a</sup> estancia.

*O Noivado*, começa por um verso heroico, passa para um saphico, depois para um heroico e depois para um saphico, e segue até ao fim ora com versos de um ora de outro genero. A *Voz do Rio* vae pelo mesmo theor.

*O Canto de amor*, consta de quatro partes. Na I<sup>a</sup> são os versos heroicos e tem o necessario rhythmico, e na II<sup>a</sup> passa para saphicos, bem como na III<sup>a</sup>, descahindo, porém, para heroicos. Na IV<sup>a</sup> são todos saphicos.

Era nos versos de oito syllabas com pausa na I<sup>a</sup>, III<sup>a</sup>, V<sup>a</sup> e VIII<sup>a</sup>, como na *Scena intima*, em que as pausas passam inadvertidamente ao poeta para a IV<sup>a</sup> e VII<sup>a</sup>; e assim na *Borboleta*, que logo na I<sup>a</sup> estancia tem versos errados, e assim outros muitos; Nos *Queixumes*, ha igualmente defeitos em varios lugares, etc., etc.

Errou menos em versos de tres syllabas, apezar da sua difficuldade e n'esse poemazinho a *Valsa*, só ha digno de reparo quanto ao rhythmico a ultima estrophe, em que vem um verso grave de duas syllabas disfarçado pelo precedente que é exdruxulo e rima *pallida* com *pallida*!

A extrema e delicadissima cadencia dos versos de doze syllabas assaz concorreu para que, *Na rede*, apenas se lhe note como errado um verso da VII<sup>a</sup> estancia.

(94) Prologo das *Primaveras*.

(95) Diz assim na *Moreninha* :

Co'as flores no *samburá*.  
A fresca sombra do til.  
Vae seguindo a juruty.

Ou na *Poesia e amor* :

A gota de orvalho  
Tremendo no galho  
Do velho *carvalho*.  
Nas folhas do *ingá*.

Ou nas *Primaveras* :

Canta a calhandra, a juruty suspira.

Ou em *Lembras-te?*

Ora do choupo a folhagem.

Já de nada servem a CASIMIRO DE ABREU esses reparos ; mas sim aos estudiosos e jovens escriptores que devem procurar evitar semelhantes descuidos. Não são erros que envergonhem, porèm são nodoas que mancham a nitidez dos escriptos.

FIM DA INTRODUÇÃO.

# OBRAS COMPLETAS

DE

CASIMIRO DE ABREU



# PRIMAVERAS

La vie du vulgaire n'est qu'un vague et  
sourd murmure du cœur; la vie de l'homme  
sensible est un eri; la vie du poète est un  
chant.

LAMARTINE.

---

## A F. OCTAVIANO

São as flores das minhas primaveras  
Rebentadas á sombra dos eoqueiros.

TEXEIRA DE MELLO, *Sombras e Sonhos*.

Um dia — além dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica do cahir das cachoeiras. Era a hora da *merenda* em nossa casa e pareceu-me ouvir o ecco das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei — *Ave-Maria*: — a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu déra em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas riso-nhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperança que nunca pude vêr realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illusões da vida, abertas de noite — cahem pela manhã como as flores cheirosas das lorangeiras!

Flores e estrellas, murmúrios da terra e mysterios do céu, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veiu por seu turno debruçar-se sobre o espelho mágico da minha alma e ahi estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção de imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente se explica: — era a filha do céu que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahiram conforme os logares os iam despertando. Um dia a pasta, pejada de tanto papel, pedia que se lhe dêsse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — *Primaveras*; — depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro intimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude vêr o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos ahi acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancolico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha-de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos

*homem serio*, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios ; a moeidade palpita, e na sêde que a devora, deçepa os louros inda verdes, e antes de tempo quer ajustar as eordas do instrumento, que só a madureza da idade e o tracto dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropieos deve eserever n'uma linguagem — propriamentê sua — languida como elle, quente como o sol que o abraza, grande e mysteriosa como as suas matas seculares ; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — *Tymbiras* — e aeordar os Renés enfastiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — *Yuca-Pirama* — nós, cantores noveis, somos as vozes seêundarias que se perdem no conjuneto d'uma grande orchestra ; ha o unico merito de não fiarmos calados.

Assim, as minhas — *Primaveras* — não passam d'um ramilhete das flores proprias da estação, — flores que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos fruetos do outomno.

Rio, 20 de agosto, 1859





A \*\*\*

Fallo a ti — doce virgem dos meus sonhos,  
Visão dourada d'um scismar tão puro,  
Que sorrias por noites de vigilia  
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,  
Mimosa flor da languida saudade !  
Por ti correu meu estro ardente e louco  
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas  
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,  
A dizer-me baixinho mil cantigas,  
Como vozes subtis d'algum segredo !

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,  
— Marinheiro de amor — no batel curvo,  
Rasgando affouto em hymnos d'esperança  
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria ;  
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores ;  
Queria de harmonia encher-te a vida,  
Pálmas na fronte — no regaço flores !

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,  
O anjo tutelar dos meus anhelos,  
Estende sobre mim as azas brancas...  
Desenrola os aneis dos teus cabellos !

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas !  
Muito vento do sul varreu-me as flores !  
Ai de mim — se o relento de teus risos  
Não molhasse o jardim dos meus amores !

Não t'esqueças de mim ! Eu tenho o peito  
De santas illusões, de crenças cheio !  
— Guarda os cantos do louco sertanejo  
No leito virginal que tens no seio.

Pódes lêr o *meu livro* : — adoro a infancia,  
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,  
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas  
Minh'alma — aberta em flor — sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras —  
Houver rosas gentis, de espinhos nuas ;  
Se o futuro atirar-me algumas palmas,  
As palmas dó cantor — são todas tuas !

Agosto 20, 1859.

# LIVRO PRIMEIRO

Heureux ceux qui n'ont point vu la  
fumée des fêtes de l'étranger, et qui  
ne se sont assis qu'aux festins de  
leurs pères ! CHATEAUBRIAND.

---

## CANÇÕES DO EXILIO

---

### EXILIO

Oh ! mon pays sera mes amours  
Toujours.  
CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares :  
Os meus lares,  
Meus amores ficam lá !  
— Onde canta nos retiros  
Seus suspiros,  
Suspiros o sabiá !

Oh ! que céu, que terra aquella,  
Rica e bella  
Como o céu de claro anil !

Que seiva, que luz, que galas,  
    Não exhalas  
Não exhalas, meu Brazil !

Oh ! que saudades tamanhas  
    Das montanhas,  
D'aquelles campos nataes !  
D'aquelle céu de saphira  
    Que se mira,  
Que se mira nos cristaes !

Não amo a terra do exilio,  
    Sou bom filho,  
Quero a patria, o meu paiz,  
Quero a terra das mangueiras  
    E as palmeiras,  
E as palmeiras tão gentis !

Como a ave dos palmares  
    Pelos ares  
Fugindo do caçador ;  
Eu vivo longe do ninho,  
    Sem carinho,  
Sem carinho e sem amor !

Debalde eu olho e procuro...  
    Tudo escuro  
Só vejo em roda de mim !  
Falta a luz do lar paterno  
    Doce e terno,  
Doce e terno p̄ara mim.

Distante do solo amado  
— Desterrado —  
A vida não é feliz.  
N'essa eterna primavera  
Quem me dera,  
Quem me dera o meu paiz !

Lisboa, 1855.

---

## MINHA TERRA

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá.  
G. DIAS.

Todos cantam sua terra,  
Tambem vou cantar a minha,  
Nas debeis corda da lyra  
Hei de fazel-a rainha ;  
— Hei de dar-lhe a realeza  
N'esse throno de belleza  
Em que a mão da natureza  
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul :  
Debaixo d'um céu de anil  
Encontrareis o gigante  
Santa Cruz, hoje Brazil ;

— É uma terra de amores  
Alcatifada de flores.  
Onde a brisa falla amores  
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,  
A minha terra natal,  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortal!  
— É uma terra encântada  
— Mimoso jardim de fada —  
Do mundo todo invejada,  
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a  
D'entre todas — a primeira :  
Deu-lhe esses campos bordados,  
Deu-lhe os leques da palmeira,  
E a borboleta que adeja  
Sobre as flores que ella beija,  
Quando o vento rumoreja  
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso  
Essa terra de Tupá,  
Desd'o Amazonas ao Prata,  
Do Rio Grande ao Pará!  
— Tem serranias gigantes  
E tem bosques verdejantes,  
Que repetem incessantes  
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,  
Que se despenha fremente,  
Dos galhos da sapucaia  
Nas horas do sol ardente,  
Sobre um solo d'açucenas,  
Suspensa a rêde de pennas  
Alli nas tardes amenas  
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo  
Á sombra do cajazeiro  
Soltava seus doces carmes  
O Petrarca brasileiro ;  
E a bella que o escutava  
Um sorriso deslisava  
Para o bardo que pulsava  
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia  
Em ternissimos enleios  
Se beijavam com ternura  
Em celestes devaneios ;  
Da selva o vate inspirado,  
O sabiá namorado,  
Na lorangeira pousado  
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,  
Que com toda a magestade  
Rompeu de labios augustos  
O brado da liberdade ;

Aquella voz soberana  
Voou na plaga indiana  
Desde o palacio á choupana,  
Desde a floresta á cidade!

Um povo ergueu-se cantando  
— Mancebos e anciãos —  
E, filhos da mesma terra,  
Alegres deram-se as mãos;  
Foi bello vêr esse povo  
Em suas glorias tão novo,  
Bradando cheio de fogo :  
— Portugal ! somos irmãos !

Quando nasci, esse brado  
Já não soava na serra  
Nem os eccos da montanha  
Ao longe diziam — guerra !  
Mas não sei o que sentia  
Quando, a sós, eu repetia  
Cheio de nobre ousadia  
O nome da minha terra !

Se brasileiro eu nasci  
Brazileiro hei de morrer,  
Que um filho d'aquellas matas  
Ama o céu que o viu nascer ;  
Chora, sim, porque tem prantos,  
E são sentidos e santos  
Se chora pelos encantos  
Que nunca mais ha de vêr.



Chora, sim, como suspiro  
Por esses campos que eu amo,  
Pelas mangueiras copadas  
E o canto do gaturamo ;  
Pelo rio caudaloso,  
Pelo prado tão relvoso,  
E pelo tyê formoso  
Da goiabeira no ramo !

Quiz cantar a minha terra,  
Mas não póde mais a lyra ;  
Que outro filho das montanhas  
O mesmo canto desfira,  
Que o proscripto, o desterrado,  
De ternos prantos banhado,  
De saudades torturado,  
Em vez de cantar — suspira !

Tem tantas bellezas, tantas,  
A minha terra natal,  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortal !  
— É uma terra de amores  
Alcatifada de flores,  
Onde a brisa em seus rumores  
Murmura : — não tem rival !

Lisboa, 1856.

## SAUDADES

Nas horas mortas da noite  
Como é doce o meditar  
Quando as estrellas scintillam  
Nas ondas quietas do mar ;  
Quando a lua magestosa  
Surgindo linda e formosa,  
Como donzella vaidosa  
Nas aguas se vai mirar !

N'essas horas de silencio,  
De tristezas e de amor,  
Eu gósto de ouvir ao longe,  
Cheio de mágoa e de dor,  
O sino do campanario,  
Que falla tão solitario  
Com esse som mortuario,  
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —  
Eu solto aos eccos da serra  
Suspiros d'essa saudade  
Que no meu peito se encerra.  
Esses prantos de amargores  
São prantos cheios de dores :  
-- Saudades — dos meus amores,  
— Saudades — da minha terra !

## MEU LAR

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus, não seja já!  
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,  
Cantar o sabiá!

---

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro  
Respirando este ar ;  
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo  
Os gôsos do meu lar !

O paiz estrangeiro mais bellezas  
Do que a patria não tem ;  
E este mundo não val um só dos beijos  
Tão doces d'uma mãe !

Dá me os sitios gentis onde eu brincava,  
Lá na quadra infantil :  
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,  
O céu do meu Brazil !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus, não seja já!  
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,  
Cantar o sabiá!

---

Quero vêr esse céu da minha terra  
Tão lindo e tão azul !  
E a nuvem côr de rosa que passava  
Correndo lá do sul !

Quero dormir á sombra dos coqueiros,  
As folhas por docel ;  
E vêr se apanho a borboleta branca,  
Que vôa no vergel !

Quero sentar-me á beira do riacho  
Das tardes ao cahir,  
E sósinho scismando no crepusculo  
Os sonhos do porvir !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus, não seja já !  
Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,  
A voz do sabiá !

—

Quero morrer cercado dos perfumes  
D'um clima tropical,  
E sentir, expirando, as harmonias  
Do meu berço natal !

Minha campa será entre as mangueiras,  
Banhada do luar,  
E eu contente dormirei tranquillo  
Á sombra do meu lar !

As cachoeiras chorarão sentidas  
Porque cedo morri,

E eu sonho no sepulchro os meus amores,  
Na terra onde nasci !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,  
Meu Deus, não seja já !

Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,  
Cantar o sabiá !

Lisboa, 1857.



## MINHA MÃE

Oh ! l'amour d'une mère ! amour que nul n'oublie.  
V. HUGO.

Da patria formosa distante e saudoso,  
Chorando e gemendo meus cantos de dor,  
Eu guardo no peito a imagem querida  
Do mais verdadeiro, do mais santo amor :  
— Minha Mãe ! —

Nas horas caladas das noites d'estio  
Sentado sósinho co'a face na mão,  
Eu choro e soluço por quem me chamava  
— « O filho querido do meu coração ! » —  
— Minha Mãe ! —

No berço, pendente dos ramos floridos,  
Em que eu pequenino feliz dormitava :

Quem é que esse berço com todo o cuidado  
Cantando cantigas alegre embalava ?

— Minha Mãe ! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia  
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,  
Quem é que meus labios dormentes roçava,  
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus ?

— Minha Mãe ! —

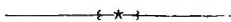
Feliz o bom filho que póde contente  
Na casa paterna de noite e de dia  
Sentir as caricias do anjo de amores,  
Da estrella brilhante que a vida nos guia !

— Uma Mãe ! —

Por isso eu agora na terra do exilio,  
Sentado sósinho co'a face na mão,  
Suspiro e soluço por quem me chamava :  
— « Oh filho querido do meu coração ! » —

Minha Mãe ! —

Lisboa, 1855.



## ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada  
Já tantas vezes beijada,  
Pallido emblema de amor ;  
É uma folha cahida  
Do livro da minha vida,  
Um canto immenso de dor !

Ha que tempos ! Bem me lembro...  
Foi n'um dia de novembro :  
Deixava a terra natal,  
A minha patria tão cara,  
O meu lindo Guanabara,  
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida  
Tão cruel e tão sentida  
P'ra quem sahe do lar fagueiro ;  
D'uma lagrima orvalhada,  
Esta rosa foi-me dada  
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,  
Ia morrer de saudade  
N'outros climas, n'outras plagas ;  
Mas tinha orações ferventes  
D'uns labios inda innocentes,  
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!  
— Hei de ir junto aos mausoleus,  
No fundo dos cemiterios,  
E ao baço clarão da lua  
Da campa na pedra nua  
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido  
Pelo vento desabrido...  
Da divindade aos arcanos  
Dobrando a fronte saudosa,  
Chorar a virgem formosa,  
Morta na flor dos annos!

Era um anjo! F'oi pr'o céo  
Envolta em mystico véo  
Nas azas d'um cherubim ;  
Já dorme o somno profundo,  
E despediu-se do mundo  
Pensando talvez em mim!

Oh esta flor desbotada,  
Já tantas vezes beijada,  
Que de mysterios não tem!  
Em troca de seu perfume  
Quanta saudade resume  
E quantos prantos tambem!

Lisboa, 1855.

---



## JURITY

Na minha terra, no bolir do mato,  
A jurity suspira ;  
E como o arrulo dos gentis amores,  
São os meus cantos de secretas dores  
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida  
Á beira do caminho ;  
— Talvez perdida na floresta ingente —  
A triste geme n'essa voz plangente  
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba, e como as vozes d'ella  
É triste o meu cantar ;  
— Flor dos tropicos — cá na Europa fria  
Eu definho, chorando noite e dia  
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas  
Seu canto de saudade ;  
Hymno de angustia, férvido lamento,  
Um poema de amor e sentimento,  
Um grito d'orphanidade !

Depois... o caçador chega cantando,  
Á pomba faz o tiro...

A bala acerta e ella cahe de bruços,  
E a voz lhe morre nos gentis soluços,  
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve  
Levar-me-ha comsigo;  
E descuidado, no sorrir da vida,  
Irei sósinho, a voz desfallecida,  
Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira  
Á beira do caminho;  
E como a juryty, — longe dos lares —  
Nunca mais chorarei nos meus cantares  
Saudades do meu ninho!

Lisboa, 1857.



## MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!  
V. HUGO.

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infancia querida  
Que os annos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
N'aquellas tardes fagueiras  
Á sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias  
Do despontar da existencia !  
— Respira a alma innocencia  
Como perfumes a flor ;  
O mar é — lago sereno,  
O céu — um manto azulado,  
O mundo — um sonho dourado,  
A vida — um hymno d'amor !

Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
N'aquella doce alegria,  
N'aquelle ingenuo folgar !  
O céu bordada d'estrellas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar !

Oh ! dias da minha infancia !  
Oh ! meu céu de primavera !  
Que doce a vida não era  
N'essa risonha manhã !  
Em vez das mágoas de agora,  
Eu tinha n'essas delicias  
De minha mãe as caricias  
E beijos de minha irmã !

Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
Da camisa aberto o peito,  
— Pés descalços, braços nús —  
Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,

Atraz das azas ligeiras  
Das borboletas azues !

N'aquelles tempos ditosos  
Ia colher as pitangas,  
Trepava a t'rar as mangas,  
Brincava á beira do mar ;  
Resava ás Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar !

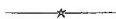
Oh ! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infancia querida  
Que os annos não trazem mais !  
— Que amor, que sonhos, que flores,  
N'aquellas tardes fagueiras  
Á sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjaes !

Lisboa, 1857.

## NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas  
Pelas rosas desfolhadas  
D'esses cantos de amizade,  
Permitte que venha agora  
Quem longe da patria chora  
Bem triste gravar ; — saudade !

Lisboa.



## TRES CANTOS

Quando se brinca contente  
Ao despontar da existencia  
Nos folguedos de innocencia,  
Nos delirios de crianca ;  
A alma, que desabrocha  
Alegre, candida e pura —  
N'essa continua ventura  
É toda um hymno : — esperanza !

Depois... na quadra ditosa,  
Nos dias da juventude,  
Quando o peito é um alaúde,  
E que a fronte tem calor ;

A alma que então se expande  
Ardente, ferosa e bella —  
Idolatrando a donzella  
Soletra em trovas : — amor !

Mas quando a crença se esgota  
Na taça dos desenganos,  
E o lento correr dos annos  
Envenena a mocidade ;  
Então a alma cansada  
Dos bellos sonhos despida,  
Chorando a passada vida —  
Só tem um canto : — saudade !

Fevereiro, 1858.

---

## ILLUSÃO

Quando o astro do dia desmaia  
Só brilhando com pallido lume,  
E que a onda que brinca na praia  
No murmurio soletra um queixume ;

Quando a brisa da tarde respira  
O perfume das rosas do prado,  
E que a fonte do valle suspira  
Como o nauta da patria afastado ;

Quando o bronze da torre da aldeia  
Seus gemidos aos eccos envia,

E que o peito que em mágoas anceia  
Bebe louco essa grave harmonia ;

Quando a terra, da vida cansada,  
Adormece n'um leito de flores  
Qual donzella formosa embalada  
Pelos cantos dos seus trovadores ;

Eu de pé sobre as rochas erguidas,  
Sinto o pranto que manso deslisa  
E repito essas queixas sentidas  
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente  
D'uma vaga tristeza se inunda,  
E que um rosto formoso, innocente,  
Me desperta saudade profunda.

Julgo vêr sobre o mar socegado  
Um navio nas sombras fugindo,  
E na pôpa esse rosto adorado  
Entre prantos p'ra mim se sorrindo !

Compreendo esse amargo sorriso,  
Sobre as ondas correr eu quizera...  
E de pé sobre a rocha, indeciso,  
Eu lhe brado : — não fujas, — espera !

Mas o vento já leva ligeiro  
Esse sonho querido d'um dia,  
Essa virgem de rosto fagueiro,  
Esse rosto de tanta poesia !...

E depois... quando a lua illumina  
O horizonte com luz prateada,  
Julgo vêr essa fronte divina  
Sobre as vagas scismando, inclinada !

E depois... vejo uns olhos ardentes  
Em delirio nos meus se fitando !  
E uma voz em accentos plangentes  
Vem de longe um — adeus — soluçando !

Illusão!... que a minha alma, coitada,  
De illusões hoje em dia é que vive ;  
É chorando uma gloria passada,  
É carpindo uns amores que eu tive !

Lisboa, 1856.



## SUSPIROS

Á minha terra formosa,  
Que eu amo do coração,  
Quero enviar uns suspiros  
Nas azas da viração.

Corre brisa, pressurosa  
Sobre esses plainos de anil,  
Vai brincar pelas campinas,  
Pelos vergeis do Brazil.



Lá verás um céu mais lindo,  
Como tão lindo não ha ;  
Lá ouvirás os gorgeios,  
Os cantos do sabiá.

Lá verrás bellas palmeiras,  
Lindas flores com perfumes,  
O regato que murmura,  
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella  
Sentada no seu jardim,  
Na mão encostada a face,  
Saudosa, pensando em mim.

Ó brisa linda e travêssa,  
No teu mais doce bafejo  
Em seus labios côr de rosa  
Bem de manso, dá-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva  
Nos olhos lhe balouçar...  
Traz-me esse pranto de amor,  
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel  
Só por ella suspirava,  
E que nas brisas da tarde  
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho extremoso  
O mesmo affecto inda tem,

E que contritõ e fervente  
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscripto,  
Da noite na magestade,  
Chorava por sua terra  
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta  
Cantava cantos de dor,  
Que sua lyra, gemendo,  
Dizia : — Brazil e amor !—

1856.



# BRAZILIANAS

---

## NO LAR

Terra da minha pátria, abre-me o seio  
Na morte, ao menos...

GARRETT.

### I

Longe da pátria, sob um céu diverso  
Onde o sol como aqui tanto não arde,  
Chorei saudades do meu lar querido  
— Ave sem ninho que suspira á tarde!

No mar — de noite — solitario e triste  
Fitando os lumes que no céu tremiam,  
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma  
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era pátria e familia e vida e tudo,  
Gloria, amores, mocidade e crença,  
E, todo em choros, vim beijar as praias  
Porque chorará n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,  
O filho prodigo a seus lares volve,  
E concertando as suas vestes rotas,  
O seu passado com prazer revolve !

Eis meu lar, minha casa, meus amores,  
A terra onde nasci, meu tecto amigo,  
A gruta, a sombra, a solidão, o rio  
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,  
Arvores novas... tanta flor no prado !...  
Oh ! como és linda, minha terrã d'alma,  
— Noiva enfeitada para o seu noivado !

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,  
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia ;  
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...  
Lá o barranco por onde eu subia !...

Acho agora mais secca a cachoeira  
Onde banhei-me o infantil cansaço...  
— Como está velho o laranjal tamanho  
Onde eu caçava o sanhassú a laço !...

Como eu me lembro dos meus dias puros !  
Nada me esquece !... e esquecer quem hade ?...  
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,  
Falla-me ainda d'essa doce idade !

Eu me remoço recordando a infancia,  
E tantô a vida me palpita agora

Que eu dera, oh ! Deus ! a mocidade inteira  
Por um só dia do viver d'outr'ora !

E a casa ?... as salas, estes moveis... tudo,  
O crucifixo pendurado ao muro...  
O quarto do oratorio... a sala grande  
Onde eu temia penetrar no escuro !...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado !  
E minha mana, tão gentil, dormindo !  
E mamãe a contar-me historias lindas  
Quando eu chorava e a beijava rindo !

Ó primavera ! ó minha mãe querida !  
Ó mana ! — anjinho que eu amei com ancia  
Vinde vêr-me, em soluços — de joelhos  
Beijando em choros este pó da infancia !

## II

Meu Deus ! eu chorei tanto lá no exilio !  
Tanta dor me cortou a voz sentida,  
Que agora n'este gôso de proscripto  
Chora minh'alma e me succumbe a vida !

Quero amor ! quero vida ! e longa e bella,  
Que eu, Senhor ! não vivi — dormi apenas !  
Minh'alma que se expande e se entumece  
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites !  
Quanto beijo roçou-me os labios quentes !

E, pallido, acordava no meu leito  
— Sósinho — e orphão das visões ardentes !

Quero amor ! quero vida ! aqui, na sombra,  
No silencio e na voz d'esta natura ;  
— Da primavera de minh'alma os cantos  
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor ! Quero vida ! Os labios ardem...  
Preciso as dores d'um sentir profundo !  
— Soffrego a taça exgotarei d'um trago  
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor ! Quero vida ! — Um rosto virgem,  
— Alma de archanjo que me falle amores,  
Que ria e chore, que suspire e gema  
E doure a vida sobré um chão de flores.

Quero amor ! Quero amor ! — Uns dedos brancos  
Que passem a brincar nos meus cabellos ;  
Rosto lindo da fada vaporosa,  
Que dê-me vida e que me mate em zelos !

Ó céu de minha terra — azul sem mancha —  
Ó sol dê fogo que me queima a fronte,  
Nuvens douradas que correis no occaso,  
Nevoas da tarde que cobris o monte :

Perfumes da floresta, vozes doces,  
Mansa lagôa que o luar prateia,  
Claros riachos, cachoeiras altas,  
Ondas tranquillias que morreis na areia :

Aves dos bosques, brisas das montanhas,  
Bentevis do campo, sabiás da praia,  
— Cantai, correi, brilhai — minh'alma em ancias  
Treme de gôso e de prazer desmaia !

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,  
Amor, ternura — modulai-me a lyra !  
— Seja um poema este ferver de idéas,  
Que a mente cala e o coração suspira.

Ó mocidade, bem te sinto e vejo !  
De amor e vida me trasborda o peito...  
— Basta-me um anno !... e depois... na sombra...  
Onde tive o berço quero ter meu leito !

Eu canto, eu choro, eu rio, e grado e louco  
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh ! Deus !  
Deste-me os gôsos do meu lâr querido...  
Bemdito sejas ! — vou viver c'os meus !

Inday'assú, 1857.

---

## MORENINHA

Moreninha, Moreninha,  
Tu és do campo a rainha,  
Tu és senhora de mim ;  
Tu matas todos d'amores,  
Faceira, vendendo as flores  
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia  
Diz o povo á bocca cheia :  
— « Mulher mais linda não ha !  
« Ai vejam como é bonita  
« Co'as tranças presas na fita,  
« Co'as flores no samburá ! —

Tu és meiga, és innocente  
Como a rôla que contente  
Vôa e folga no rosal ;  
Envolta nas simples galas,  
Na voz, no riso, nas fallas,  
Morena — não tens rival !

Tu, hontem, vinhas do monte  
E paraste ao pé da fonte  
Á fesca sombra do til ;  
Regando as flores, sósinha,  
Nem tu sabes, Moreninha,  
O quantô achei-te gentil !

Depois segui-te caçado  
Como o passaro esfaimado  
Vai seguindo a juryty ;  
Mas tão pura ias brincando,  
Pelas pedrinhas saltando,  
Que eu tive pena de ti !

E disse então : — Moreninha,  
Se um dia tu fores minha,  
Que amor, que amor não terás !  
Eu dou-te noites de rosas



Cantando canções formosas  
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,  
Tu és a rosa da aldeia,  
Mulher mais linda não ha ;  
Ninguem t'igualá ou t'imita  
Co'as tranças presas na fita,  
Co'as flores no samburá !

Tu és a deusa da praça,  
E todo o homem que passa  
Apenas viu-te... parou !  
Segue depois seu caminho  
Mas vai calado e sósinho  
Por que sua alma ficou !

Tu és bella, Moreninha,  
Sentada em tua banquinha  
Cercada de todos nós ;  
Rufando alegre o pandeiro,  
Como a ave no espinheiro  
Tu soltas também a voz :

— « Oh ! quem me compra estas flores ?  
« São lindas como os amores,  
« Tão bellas não ha assim ;  
« Foram banhadas de orvalho,  
« São flores do meu serralho,  
« Colhi-as no meu jardim. »

Morena, minha Morena,  
És bella, mas não tens pena

De quem morre de paixão !  
— Tu vendes flores singelas  
E guardas as flores bellas,  
As rosas do coração ?!...

Moreninha, Moreninha,  
Tu és das bellas rainha,  
Mas nos amores és má ;  
— Como tu ficas bonita  
Co'as tranças presas na fita,  
Co'as flores no samburá !

Eu disse então : — « Meus amores,  
« Deixa mirar tuas flores,  
« Deixa perfumes sentir ! »  
Mas n'aquelle doce enleio,  
Em vez das flores, no seio,  
No seio te fui bulir !

Como nuvem desmaiada  
Se tinge de madrugada  
Ao doce albor da manhã ;  
Assim ficaste, querida,  
A face em pejo accendida,  
Vermelha como a romã !

Tu fugiste, feiticeira,  
E de certo, mais ligeira  
Qualquer gazella não é ;  
Tu ias de saia curta...  
Saltando a moita de murta  
Mostraste, mostraste o pé !

Ai! Morena, ai! meus amores,  
Eu quero comprar-te as flores,  
Mas dá-me um beijo também ;  
Que importam rosas do prado  
Sem o sorriso engraçado  
Que a tua boquinha tem ?

Apenas vi-te, sereia,  
Chamei-te — rosa da aldeia —  
Como mais linda não ha.  
— Jesus ! Como eras bonita  
Co'as tranças presas na fita,  
Co'as flores no samburá !

Inday'assú, 1857.

---

## NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia  
Aos bosques corri ;  
E qual linda imagem dos castos amores,  
Dormindo e sonhando cercada de flores  
Nos bosques a vi !

Dormia deitada na rede de pennas  
— O céu por docel,  
De leve embalada no quieto balanço  
Qual nauta scismando n'um lago bem manso  
N'um leve batel !

Dormia e sonhava — nõ rosto serena  
Qual um serafim ;  
Os cilos pendidos nos olhos tão bellos,  
E a brisa brincando nos soltos cabellos  
De fino setim !

Dormia e sonhava — formosa embebida  
No doce sonhar,  
E doce e sereno n'um mágico anseio  
Debaixo das roupas batia-lhe o seio  
No seu palpitâr !

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta,  
O labio a sorrir ;  
No peito cruzados os braços dormentes,  
Compridos e lisos quaes brancas serpentes  
No collo a dormir !

Dormia e sonhava — no sonho de amores  
Chamava por mim,  
E a voz suspirosa nos labios morria  
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia  
De algum bandolim !

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me  
Sem leve rumor ;  
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,  
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido  
Fallei-lhe de amor !

Ao halito ardente o peito palpita...  
Mas sem despertar ;

E como nas ancias d'um sonho que é lindo,  
A virgem na rede córrando e sorrindo....

Beijou-me — a sonhar !

Junho, 1858.

---

## A VOZ DO RIO

N'UM ALBUM

Nosso sol é de fogo, o campo é verde  
O mar é manso, nosso céu azul !

— Ai porque deixas este patrio ninho  
Pelas friezas dos vergeis do sul ?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora  
Não são as noites, como aqui, formosas,  
E as duras azas do Pampeiro iroso  
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,  
Mais leve a brisa, nosso céu azul !....  
— Tupá ! quem troca pelo patrio ninho  
As ventanias dos vergeis do sul !?

Lá novos campos outros campos ligam  
E a vista fraca na extensão se perde !  
E tu sósinho viverás no exilio  
— Garça perdida n'esse mar que é verde !

Nossas campinas, como doces noivas,  
Vivem c'os montes sob o céu azul !  
— Ha vida e amores n'este patrio ninho,  
Mais rico e bello que os vergeis do sul !

Essas palmeiras não tem tantos leques,  
O sol das Pampas mareou seu brilho,  
Nem cresce o tronco que susteve um dia  
O berço lindo em que dormiu teu filho !

Nossas florestas sacudindo os galhos  
Tocam c'os braços esté céu azul !  
— Se tudo é grande n'este patrio ninho  
Porque deixal-o p'ra viver no sul ?!

Embora digas : — « Essa terra fria  
Merecê amores, é irmã da minha ! »  
Quem dar-te póde este calor do ninho,  
A luz suave que o teu berço tinha ?

Eu — Guanabara — no meu longo espelho  
Reflito as nuvens d'este céu azul ;  
— Ó minha filha ! acalentei-te o somno,  
Porque me deixas p'ra viver no sul ?!...

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras,  
E o sol medroso s'esconder nas agoas,  
Teu pensamento, como o sol que morre,  
Ha de scismando mergulhar-se em mágoas !

Mas se forçoso t'é deixar a patria  
Pelas friezas dos vergeis do sul,

O minha filha ! não t'esqueças nunca  
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,  
Doce ventura te bafeje e siga,  
E nos meus braços — ao voltar do exílio —  
Saudando o herço que teu labio diga :

« Volvo contente para o patrio ninho,  
« Deixi sorrindo esses vergeis do sul ;  
« Tinha saudades d'este sol de fogo...  
« Não deixo mais este meu céu azul !...

Rio, 1858.

---

## SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

Foi um dia de gloria ! — O povo altivo  
Trocou sorrindo as vozes de captivo  
Pelo cantar das festas !

O leão indomavel do deserto  
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,  
No meio das florestas !

Lá no Ypiranga do Brazil o Marte  
Enrolado nas dobras do estandarte  
Erguia o augusto porte ;

Cercada a fronte dos laureis da gloria  
Soltou tremendo o brado da victoria :  
— Independencia ou morte !

O santo amor dos corações ardentes  
Achou ecco no peito dos valentes  
No campo e na cidade ;  
E nos salões — do pescador nos lares,  
Livres soaram hymnos populares  
Á voz da liberdade !

Annos correram ; — no torrão fecundo  
Ao sol de fogo d'este novo-mundo  
A semente brotou ;  
E franca e leda, a geração nascente  
Á copa altiva da arvore frondente  
Segura se abrigou !

Á roda da bandeira sacrosanta  
Um povo esperançoso se levanta  
Infante e a sorrir !  
A nação do lethargo se desperta,  
E — livre — marcha pela estrada aberta  
Ás glorias do porvir !

O paiz, n'alegria todo immerso,  
Velava attento á roda só d'um berço...  
Era o vosso, Senhor !  
Vós do tronco feliz doce renovo,  
Vêde agora, Senhor, na voz do povo  
Quão grande é seu amor !

Rio, 1858.



# CANTICOS

---

## POESIA E AMOR

A tarde que expira,  
A flôr que suspira,  
O canto da lyra,  
Da lua o clarão ;  
Dos mares na raia  
A luz que desmaia,  
E as ondas na praia  
Lambendo-lhe o chão ;

Dá noite a harmonia  
Melhor que a do dia,  
E a viva ardentia  
Das agoas do mar ;  
A virgem incauta,  
As vozes da flauta,  
E o canto do nauta  
Chorando o seu lar ;

Os tremulos lumes,  
Da fonte os queixumes,  
E os meigos perfumes  
Que solta o vergel ;

As noites brilhantes,  
E os doces instantes  
Dos noivos amantes  
Na lua de mel ;

Do templo nas naves  
As notas suaves,  
E o trino das aves  
Saudando o arrebol ;  
As tardes estivas,  
E as rosas lascivas  
Erguendo-se altivas  
Aos raios do sol ;

A gota de orvalho  
Tremendo no galho  
Do velho carvalho,  
Nas folhas do ingá ;  
O bater do seio,  
Dos bosques no meio  
O doce gorgueio  
D'algum sabiá ;

A orphã que chora,  
A flor que se cora  
Aos raios da aurora,  
No albor da manhã ;  
Os sonhos eternos,  
Os gôsos mais ternos,  
Os beijos maternos  
E as vózes de irmã ;

O sino da torre  
Carpindo quem morre,  
E o rio que corre  
Banhando o chorão ;  
O triste que vela  
Cantando á donzella  
A trova singela  
Do seu coração ;

A luz da alvorada,  
E a nuvem dourada,  
Qual berço de fada  
N'um céu todo azul ;  
No lago e nos brêjos  
Os fêrvidos beijos  
E os loucos bafejos  
Das brisas do sul ;

Toda essa ternura  
Que a rica natura  
Solettra e murmura  
Nos halítos seus,  
Da terra os encantos,  
Das noites os prantos,  
São hymnos, são cantos  
Que sobem a Deus !

Os tremulos lumes,  
Da veiga os perfumes,  
Da fonte os queixumes,  
Dos prados a flor,

Do mar a ardentia,  
Da noite a harmonia,  
Tudo isso é — poesia!  
Tudo isso é — amor!

Inday'assú, 1857.

---

## ORAÇÕES

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva  
Da férvida oração nas azas puras,  
E Deus recebe como um longo hosanna  
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circundam anjos  
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina  
Ouvindo as vozes d'innocencia bella  
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala  
Ante a prece infantil, que sobe e vôa  
Fresca e serena qual perfume doce  
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa  
Valem mais do que eu valho, ó cherubim!  
Quando resares por teu mano, á noite,  
Não t'esqueças — tambem resa por mim!

Rio, 1858.

## BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras  
Rojar-se essa mulher que a dor ferira !  
A morte lhe roubára d'um só golpe  
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,  
E deixou-a sósinha e desgrenhada  
— Estatua da afflicção aos pés d'um tumulto !  
O esqualido coveiro p'ra dous corpos  
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite  
A mesma cova os teve !

E a mãe chorava,  
E mais alto que o choro erguia as vozes !

No entanto o sacerdote — fronte branca  
Pelo gelo dos annos — a seu lado  
Tentava consolal-a.

A mãe afflicta  
Sublime d'esse bello desespero  
As vozes não lhe ouvia ; a dor suprema  
Toldava-lhe a razão no duro trance.

« O padre ! — disse a pobre s'estorcendo  
Co'a voz cortada dos soluços d'alma :  
« — Onde o balsamo, as fallas d'esperança,  
« O allivio á minha dor ? ! »

Grave e solemne,  
O padre não fallou — mostrou-lhe o céu !

Rio, 1858.

## DEUS !

Eu me lembro ! eu me lembro ! — Era pequeno  
E brincava na praia ; o mar bramia,  
E, erguendo o dorso altivo, sacudia  
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento :  
« — Que dura orchestra ! Que furor insano !  
Que póde haver maior do que o oceano,  
Ou que seja mais forte do que o vento ? »

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os ceus  
E respondeu : — « Um Sêr que nós não vemos  
É maior do que o mar, que nós tememos  
Mais forte que o tufão ! Meu filho, é — Deus ! »

Dezembro 1858.



# LIVRO SEGUNDO

La chanson la plus charmante  
Est la chanson des amours !

V. HUGO.

---

## CANTOS DE AMOR

---

### PRIMAVERAS

Primavera ! juventud del anno,  
Mocidad ! primavera della vita.

METASTASIO.

A primavera é a estação dos risos,  
Deus fita o mundo com celeste afago,  
Tremem as folhas e palpita o lago  
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,  
Trinam as aves a canção de amores,  
E doce e bella no tapiz das flores  
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,  
Brotam aromas do vergel florido,  
E o ramo verde de manhã colhido  
Enfeita a frente de aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,  
Um hymno immenso a criação modula,  
Canta a calhandra, a jurity arrulha,  
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,  
Suspira a fonte na linguagem meiga,  
Murmura a brisa : — Como é linda a veiga!  
Responde a rosa : — Como é doce o orvalho!

Mas como ás vezes sobre o céu sereno  
Corre uma nuvem que a tormenta guia,  
Tambem a lyra alguma vez sombria  
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas; — o jasmim fenece,  
Mas bafejado s'erguerá de novo,  
Bem como o galho de gentil renovo  
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo dê ironia cheio  
Treme nos labios do cantor mancebo,  
Em brevè a virgem de seu casto enlevo  
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera — na manhã da vida —  
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,



E a tempestade se dissipa e passa  
Á voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,  
Ama-se a vida — a mocidade é crença,  
E a alma virgem n'esta festa immensa  
Canta, palpita, s'extasia e gosa.

1º de julho, 1858.

---

## SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada  
E como olhas despeitada  
Só p'ra mim !  
— Ora diz-me : esses queixumes  
Esses injustos ciumes  
Não tem fim ?

Que pequei eu bem conheço,  
Mas castigo não mereço  
Por peccar ;  
Pois tu queres chamar crime  
Render-me á chamma sublime  
D'um olhar !

Por ventura te esqueceste  
Quando de amor me perdeste  
N'um sorrir ?

Agora em cólera immensa  
Já queres dar a sentença  
Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito  
Que n'esse instante maldito  
— Sem querer —  
Arrastado por magia  
Mil torrentes de poesia  
Fui beber!

Erã uns olhos escuros  
Muito bellos, muito puros,  
Como os teus!  
Uns olhos assim tão lindos  
Mostrando gôsos infindos,  
Só dos ceus!

Quando os vi fulgindo tanto  
Senti no peito um encanto  
Que não sei!  
Juro fallar-te a verdade...  
Foi de certo — sem vontade —  
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,  
Eu dera até esta vida  
P'ra poupar  
Essas lagrimas queixosas,  
Que as tuas faces mimosas  
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente  
Perdoa um erro innocente,  
    Minha flor !  
Seja grande embora o crime  
O perdão sempre é sublime,  
    Meu amor !

Mas se queres com maldade  
Castigar quem — sem vontade  
    Só peccou ;  
Olha, linda, eu não me queixo,  
A teus pés cahir me deixo...  
    Aqui 'stou !

Mas se me deste, formosa,  
De amor na taça mimosa  
    Doce mel ;  
Ai ! deixa que peça agora  
Esses extremos d'outr'ora  
    O infiel :

Prende-me... n'esses teus braços  
Em doces, longos abraços  
    Com paixão ;  
Ordena com gesto altivo...  
Que te beije este captivo  
    Essa mão !

Mata-me sim... de ventura,  
Com mil beijos de ternura  
    Sem ter dó,  
Que eu prometto, anjo querido,  
Não desprender um gemido,  
    Nem um só !

## JURAMENTO

Tu dizes, ó Mariquinhas,  
Que não crês nas juras minhas,  
Que nunca cumpridas são!  
Mas se eu não te jurei nada,  
Como has de tu, estouvada,  
Saber se eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,  
Que protesto o que não sinto,  
Que todo o poeta é vario,  
Que é borboleta inconstante;  
Mas agora, n'este instante,  
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá! — Sentada a meu lado,  
Com esse rosto adorado,  
Brilhante de sentimento,  
Ao collo o braço cingido,  
Olhar no meu embebido,  
Escuta o meu juramento.

Espera : — inclina essa frente...  
Assim!... — Pareces no monte  
Alvo lyrio debruçado!  
— Agora, se em mim te fias,  
Fica seria, não te rias,  
O juramento é sagrado :

« — Eu juro sobre estas tranças,  
« E pelas chammas que lanças  
« D'esses teus olhos divinos;  
« Eu juro, minha innocente,  
« Embalar-te docemente  
« Ao som dos mais ternos hymnos !

« Pelas ondas, pelas flores,  
« Que se estremecem de amores  
« Da brisa ao sopro lascivo ;  
« Eu juro, por minha vida,  
« Deitar-me a teus pés, querida,  
« Humilde como um captivo !

« Pelos lyrios, pelas rosas,  
« Pelas estrellas formosas,  
« Pelo sol que brilha agora,  
« — Eu juro dar-te, Maria,  
« Quarenta beijos por dia  
« E dez abraços por hora ! »

O juramento está feito,  
Foi dito co'a mão no peito  
Apontado ao coração ;  
E agora — por vida minha,  
Tu verás, ó moreninha,  
Tu verás se o cumpo ou não !...

Rio, 1857.

## PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flor mimosa que abrilhanta o prado  
Ao sol nascente vai pedir fulgor ;  
E o sol; abrindo da açucena as folhas,  
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,  
Embora sinta n'esta fronte ardor,  
Sempre quizera ao encetar teu album  
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deus, nas folhas d'este livro puro  
Não manche o pranto da innocencia o alvor,  
Mas cada canto que cahir dos labios  
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junté, qual n'um ramo santo  
Do nardo o aroma e da camelia a cor,  
E possa a virgem, percorrendo as folhas,  
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,  
Nos ternos hymnos d'infantil frescor,  
Entrelaçados na grinalda amiga  
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde  
O doce anhelô do feliz cantor :  
« Meu Deus, nas folhas do meu livro d'alma  
Sobram perfumes — e não falta amor! »

Junho, 1858.

---

## SEGREDOS

Eu tenho uns amores — quem é que os não tinha  
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal;  
As almas que sentem paixão como a minha,  
Que digam, que fallem em regra geral.

— A flor dos meus sonhos é moça e bonita  
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,  
Mas onde ella mora, que casa ella habita,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,  
Seus labios de rosa, a falla é de mel,  
As tranças compridas, qual livre bacchante,  
O pé de criança, cintura de anel;  
— Os olhos rasgados são cor das saphiras,  
Serenos e puros, azues como o mar;  
Se fallam sinceros, se pregam mentiras,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando  
Senti as delicias dos anjos do céu!

Na dança ligeira qual sylpho voando  
Cahi-lhe do rosto seu candido véo!

— Que noite e que baile! — Seu halitô virgem  
Queimava-me as faces no louco walsar,  
As fallas sentidas, que os olhos fallavam.  
Não posso, não quero, não deve contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,  
Fugimos das salas, do mundo talvez!  
Inda era mais bella rendida ao cansaço,  
Morrendo de amores em tal languidez!

— Que noite e que festa! e que languido rosto  
Banhado ao réflexo do branco luar!  
A neve do collo e as ondas dos seios  
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — Tem longos queixumes,  
Mysterios profundos que eu mesmo não sei :  
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,  
De amor me mataram, de amor suspirei!

— Agora eu vos juro... Palavra! não mintol  
Ouvi-a formosa tambem suspirar ;  
Os doces suspiros, que os éccos ouviram,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio  
Passava uma barca, e o bom remador  
Cantava na flauta : — « Nas noites d'estio  
O céu tem estrellas, o mar tem amor! »

— E a voz maviosa do bom gondoleiro  
Repete cantando : — « viver é amar! » —  
Se os peitos respondem á voz do barqueiro...  
Não quero, não posso, não devo contar!



Trememos de medo... a bocca emmudece  
Mas sentem-se os pulos do meu coração!  
Seu seio nevado de amor se entumece...  
E os labios se tocam no ardor da paixão!  
— Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,  
Com fina malicia quereis me enganar;  
Aqui faço ponto; —segredos de amores  
Não quero, não posso, não devo contar!

Rio, 1857.

---

## A WALSA

Tu, hontem,  
Na dança  
Que cança,  
Voavas  
C'oas faces  
Em rosas  
Formosas  
De vivo,  
Lascivo  
Carmim;  
Na walsa  
Tão falsa,  
Corrias,  
Fugias,  
Ardente,  
Contente,

Tranquilla,  
Serena,  
Sem pena  
De mim!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
— Não negues,  
Não mintas...  
Eu vi!...

Walsavas :  
— Teus bellòs  
Cabellos,  
Já soltos,  
Revoltos,  
Saltavam,  
Voavam,  
Brincavam  
No collo  
Que é meu ;  
E os olhòs  
Escuros  
Tão puros,  
Os olhos  
Perjuros  
Volvias ;  
Tremias ;

Sorrias  
P'ra outro,  
Não eu!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
— Não negues,  
Não mintas...  
— Eu vi!...

Meu Deus!  
Eras bella  
Donzella,  
Walsándo,  
Sorrindo,  
Fugindo,  
Qual sylpho  
Risonho,  
Que em sonho  
Nos vem!  
Mas esse  
Sorriso,  
Tão liso,  
Que tinhas  
Nos labios  
De rosa,  
Formosà,  
Tu davas,

Mandavas  
A quem ?!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti !  
Quem dera  
Que sintas !...  
— Não negues,  
Não mintas...  
— Eu vi !...

Calado,  
Sósinho,  
Mesquinho,  
Em zelos  
Ardendo,  
Eu vi-te  
Correndo  
Tão falsa  
Na walsa,  
Veloz !  
Eu triste  
Vi tudo !  
Mas mudo "  
Não tive  
Nas galas  
Das salas,  
Nem fallas,  
Nem cantos,  
Nem prantos,

Nem voz!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!  
— Não negues;  
Não mintas...  
— Eu vi!...

Na walsa  
Cansaste:  
Ficaste  
Prostrada,  
Turbada!  
Pensavas,  
Scismavas,  
E estavas  
Tão pallida  
Então;  
Qual pallida  
Rosa  
Mimosa,  
No valle  
Do vento  
Cruento  
Batida,  
Cahida  
Sem vida  
No chão!

Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
— Não negues,  
Não mintas...  
— Eu vi!...

Rio, 1858.

---

## BORBOLETA

Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és volúvel assim?  
Porque deixas, caprichosa,  
Porque deixas tu a rosa  
E vaes beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta  
Que um só amor não contenta  
E louca quer variar?  
Se já tens amores bellos,  
P'ra que vaes dar teus desvelos  
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida  
 Na debil haste pendida  
 Em breve murcha será ?  
 Que de ciumes fenece  
 E nunca mais estremece  
 Aos beijos que a brisa dá ?...

Borboleta dos amores,  
 Como a outra sobre as flores,  
 Porque és voluvel assim ?  
 Porque deixas, caprichosa,  
 Porque deixas tu a rosa  
 E vaes beijar o jasmim ?!

Tu vês a flor da campina,  
 E bella a terna e divina,  
 Tu dás-lhe o que essa alma tem ;  
 Depois, passado o delirio,  
 Esqueces o pobre lyrio.  
 Em troca d'uma cecem !

Mas tu não sabes, louquinha,  
 Que a flor que pobre definha  
 Merece mais compaixão ?  
 Que a desgraçada precisa,  
 Como do sopro da brisa,  
 Os ais do teu coração ?

Borboleta dos amores,  
 Como a outra sobre as flores,  
 Porque és voluvel assim ?  
 Porque deixas, caprichosa,

Porque deixas tu a rosa  
E vaes beijar o jasmim ?

Se a borboleta dourada  
Esquece a rosa encarnada  
Em troca d'uma outra flor ;  
Ella — a triste, mollemente  
Pendida sobre a corrente,  
Fallece á mingoa d'amor.

Tu tambem, minha inconstante,  
Tens tido mais d'um amante  
E nunca amaste a um só !  
Elles morrem de saudade,  
Mas tu na *variedade*  
Vaes vivendo e não tens dó !

Ai ! és muito caprichosa !  
Sem pena deixas a rosa  
E vaes beijar outras flores ;  
Esqueces os que te amam...  
Por isso todos te chamam :  
— Borboleta dos amores !

Rio, 1858.

---



## QUANDO TU CHORAS

Quando tu choras, meu amor, teu rosto  
Brilha formoso com mais doce encanto,  
E as leves sombras de infantil desgosto  
Tornam mais bello o cristallino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva,  
Como o prazer, é o chorar preciso :  
Mas breve passa — qual a chuva estiva —  
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,  
É sempre bello quando a virgem chora :  
— Similha a rosa pudibunda e bella  
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,  
Brilha nas folhas com um rir celeste,  
E a mesma gotta transparente e pura  
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,  
De luz inunda o seu gentil serralho,  
E ás flores todas — tão feliz amante!  
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,  
Brilha teu rosto com mais doce encanto :  
— Serei o sol e tu serás a rosa...  
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

## CANTO DE AMOR

Eu vi-a e minha alma antes de vel-a  
Sonhára-a linda como agora a vi ;  
Nos puros olhos e na face bella,  
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,  
Os mesmos olhos só nadando em luz,  
E uns doces longes, como d'um desgosto,  
Toldando a fronte que de amor seduz !

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso  
Como a palmeira que se ergue ao ar,  
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,  
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,  
Quando a minha alma transbordava em fé ;  
E n'esta eu creio como na outra eu cria,  
Porque é a mesma visão, bem sei que é !

No silencio da noite a virgem vinha,  
Soltas as tranças, junto a mim dormir ;  
E era bella, meu Deus, assim sósinha  
No seu somno d'infante inda a sorrir !...

\*  
\* \*

Vi-a e não vi-a ! Foi n'um só segundo,  
Tal como a brisa ao perpassar na flor,

Mas n'esse instante resumi um mundo  
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'afago,  
E minha imagem nem sequer guardou,  
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago  
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,  
Quasi indolente, não me viu, ai, não!  
Mas eu que sinto tão profunda a chaga  
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga  
No altar erguida, já cahido o véo!  
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!  
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente  
Em longos sonhos a sonhára assim;  
O ideal sublime, que eu criei na mente,  
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

\*  
\* \*

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco  
E o dom fatal, que desde o berço é meu;  
Mas se os cantos da lyra achares pouco,  
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,  
Se preito queres — eu te caio aos pés,  
Se rires, — rio, se chorares, choro,  
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus braços um sorrir fagueiro,  
E d'esses olhos um volver, um só ;  
E verás que meu estro, hoje rasteiro,  
Cantando amores se erguerá do pó !

Vem reclinar-te, como a flor pendida,  
Sobre este peito cuja voz calei :  
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,  
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,  
Virgem, terás o que ninguem te dá ;  
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,  
Na terra, a vida, e eternidade — lá !

Se tu, ó linda, em chamma igual te abrazas,  
Oh ! não me tardes, não me tardes, — vem !  
Da phantasia nas douradas azas  
Nós viveremos n'outro mundo — além !

De bellos sonhos nosso amor povôo,  
Vida bebendo nos olhares teus ;  
E como a garça que levanta o vôo,  
Minha alma em hymnos fallará com Deus !

Juntas, unidas n'um estreito abraço,  
As nossas almas uma só serão,  
E a fronte enferma sobre o teu regaço  
Criará poemas d'immortal paixão !

Oh ! vem, formosa, meu amor é santo,  
É grande e bello como é grande o mar,

E doce e triste como d'harpa um canto  
Na corda extrema que já vai quebrar !

Oh ! vem depressa, minha vida fuge...  
Sou como o lyrio que já murcho cahe !  
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje !  
Orvalha o lyrio que morrendo vai!...

Rio, 1858.

---

## VIOLETA

Sempre teu labio severo  
Me chama de borboleta !  
— Se eu deixo a rosa do prado  
É só por ti — violeta !

Tu és formosa e modesta,  
As outras são tão vaidosas !  
Embora vivas na sombra  
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travêssa  
Vive de sol e de flores...  
— Eu quero o sol de teus olhos,  
O nectar dos teus amores !

Captivo de teu perfume  
Não mais serei borboleta ;  
— Deixa eu dormir no teu seio,  
Dá-me o teu mel — violeta !

4 Abril.

## O QUE ?

Em que scismas, poeta ? Que saudades  
Te adormecem na magica fragrancia  
Das rosas do passado já pendidas?  
Nos sonhos d'alma que te lembra? — A infancia?

Que sombra, que phantasma vem banhado  
No doce effluvio d'essa quadra linda?  
E a mente a folhear os dias idos  
Que nome te recorda agora? — Arinda !

Mas se passa essa quadra, fugitiva,  
Qual no horisonte solitaria vela,  
Porque scismar na vida e no passado?  
E de quem são essas saudades? — D'ella !

E se a virgem viesse agora mesmo,  
Surgindo bella qual visão de amores,  
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma  
Diz-me, poeta — o que escolhias? — Flores.

E se ella, farta dos aromas doces,  
Que tem achado nos jardins divinos,  
Tão caprichosa machucasse as rosas...  
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas? — Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,  
A fronte virgem para ti pendida,  
D'um beijo a paga te pedisse altiva...  
O que lhe davas meu poeta? — A vida!

Rio, 1858.

## SONHOS DE VIRGEM

Que sonhas, virgem, nos sonhos  
Que á mente te vem risonhos  
Na primavera inda em flor?  
No celeste devaneio,  
No doce bater do seio,  
Que sonhos, virgem? — amor?

Que céus, que jardins, que flores,  
Que longos cantos de amores  
Nos lindos sonhos te vem?  
E quando a mente delira,  
E quando o peito suspira,  
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,  
Pendida a fronte adorada,  
Num scismar vago e sem fim;  
Do olhar o fogo tão vivo,  
A voz, o riso lascivo,  
O pensamento é — por mim?!

Quando tu dormes tranquilla,  
Cerrada a negra pupilla  
E o labio doce a sorrir;  
Então o sonho dourado  
Nas dobras do cortinado  
Vem esmaltar teu dormir!

Oh sonha! — Feliz a idade  
Das rosas da virgindade,  
Dos sonhos do coração!  
— Puro vergel de açucenas  
Ou lago d'aguas serenas  
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem podera  
Colher-te na primavera  
De galas rica e louçã!  
Feliz, ó flor dos amores,  
Quem te beber os odores  
Nos orvalhos da manhã!

Rio, 1858.

---

## ASSIM!

Viste o lyrio da campina?  
Lá s'inclina  
E murcho no hastil pendeu!  
— Viste o lyrio da campina?  
Pois, divina,  
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,  
A dor do nauta  
Suspirando no alto mar?  
— Nunca ouviste a voz da flauta?  
Como o nauta  
É tão triste o meu cantar!



Não viste a rôla sem ninho?  
No caminho  
Gemendo, se a noite vem?  
— Não viste a rôla sem ninho?  
Pois, anjinho,  
Assim eu gemo também!

Não viste a barca perdida,  
Sacudida  
Nas azas d'algum tufão?  
— Não viste a barca fendida?  
Pois, querida,  
Assim vai meu coração!

Rio, 1858.

---

## QUANDO ?...

Não era bello, Maria,  
Aquelle tempo de amores,  
Quando o mundo nos sorria,  
Quando a terra era só flores  
Da vida na primavera?  
— Era!

Não tinha o prado mais rosas,  
O sabía mais gorgeios,  
O céu mais nuvens formosas,  
E mais puros devaneios  
A tua alma innocentinha?  
— Tinha!

E como achavas, Maria,  
Aquelles doces instantes  
De pœtica harmonia  
Em que as brisas doudejantes  
Folgavam nos teus cabellos?  
— Bellos!

Como tremias, ó vida,  
Se em mim os olhos fitavas!  
Como eras linda, querida,  
Quando d'amor suspiravas  
N'aquella encantada aurora!  
— Ora!

E diz-me : não te recordas  
— Debaixo do cajueiro,  
Lá da lagôa nas bordas  
Aquelle beijo primeiro?  
Ia o dia já findando...  
— Quando?

Rio, 1858.



## SEMPRE SONHOS!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,  
Eu m'erguera cantando essa paixão,  
E atirára p'ra longe — sem saudade —  
Este véo que me cobre a mocidade  
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardô do rochedo  
Quasi morto dos ventos ao rigor,  
Encontrára de novo a minha vida,  
O sol da primavera e a luz perdida,  
Nos braços d'esse amor !

Minha frente, que pende soffredora,  
Acharia, meu Deus, inspirações,  
E o fogo, que queimou Gilbert e Dante,  
Correria mais puro e mais constante  
Na lyra das canções !

No mundo tão gentil dos devaneios  
Minh'alma mais feliz saudára a luz,  
E apagára, Senhor, n'um beijo puro  
A immensa dor da perda do futuro  
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas  
E esta ancia infeliz de gloria vã ;  
Na vida que nos corre tão sombria  
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,  
E ella — minha irmã !

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,  
Como a mãe vela o filho que dormiu :  
Se um dia ella soltasse um só gemido,  
Eu iria saber porque ferido  
Seu seio assim boliu !

Como á sombra das arvores da patria  
S'embala a doce filha dos tupis,

A sombra da ventura e da esperança  
Embalára, meu Deus, essa criança  
Nos cantos juvenis !

Como o nauta olha o céu de primavera,  
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,  
Espreitára tremendo no seu rosto  
A sombra fugitiva d'um desgosto,  
A nuvem d'uma dor !

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma  
Outro mundo, outro céu, outros vergeis ;  
Nossa vida seria um doce afago,  
Nós — dous cysnes vogando em manso lago,  
— Amor — nossos bateis !

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,  
Eu deixára este amor da gloria vã ;  
N'esse mundo de luz, doce e risonho,  
A pudibunda virgem do meu sonho  
Seria minha irmã !

1858.



## PALAVRAS NO MAR

Se eu fosse amado !...  
Se um rosto virgem  
Doce vertigem  
Me desse n'alma

Turbando a calma  
Que me enlanguede!...  
Oh! se eu pudesse  
Hoje — sequer —  
Fartar desejos  
Nos longos beijos  
D'uma mulher!...  
Se o peito morto  
Doce conforto  
Sentisse agora  
Na sua dor ;  
Talvez n'est'hora  
Viver quizera  
Na primavera  
De casto amor !  
Então minh'alma,  
Turbada a calma,  
— Harpa vibrada  
Por mão de fada —  
Como a calhandra  
Saúda o dia,  
Em meigos cantos  
Se exhalaria  
Na melodia  
Dos sonhos meus ;  
E louca e terna  
N'essa vertigem  
Amára a virgem  
Cantando a Deus !...

Avon, 1857.

## PEPITA

A toi! toujours à toi!

V. HUGO.

Minh'alma é mundo virge'—ilha perdida —  
Em lagos de cristaes ;  
Vem, Pepita, — Colombo dos amores, —  
Vem descobril-a, no paiz das flores  
Sultana reinarás !

Eu serei teu vassallo e teu captivo  
Nas terras onde és rei ;  
Á sombra dos bambús vem tu ser minha ;  
Teu reinado de amor, doce rainha,  
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas  
Sósinho a pipilar ;  
— Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho ; ,  
As azas a bater, o passarinho  
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha todo esteril  
Nos plainos do Sarah ;  
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara...  
Qual do penedo que Moysés tocára  
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,  
Co'as folhas em setim ;

— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...  
Tem poemas de amor, tem melodia  
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem  
Sem leme, em ocio vil ;  
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos  
— Soltas as velas — despresando remos,  
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras  
Co'as flores em botão ;  
— Vem ser da primavera o sopro louco,  
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco,  
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,  
A vida mais prazer ;  
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,  
Da rede dos amores no balanço  
Comigo adormecer.

Oh vem ! eu sou a flor aberta á noite  
Pendida no arrebol !  
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,  
E a flor pendida s'erguerá mais viva  
Aos raios d'esse sol !

Bem vê's, sou como a planta que definha  
Torrada do calor.  
— Dá-me o riso feliz em vez da mágoa...  
O lyrio morto quer a gotta d'agoa,  
— Eu quero o teu amor !

## VISÃO

Uma noite... Meu, Deus, que noite aquella !  
Por entre as galas, no fervor da dança,  
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,  
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me ; — era o sonho de minh'alma  
Esse riso infantil que o labio tinha :  
— Talvez que essa alma dos amores puros  
Podesse um dia conversar co'a minha !

Eu olhei, ella olhou... doce mysterio !  
Minh'alma despertou-se á luz da vida,  
E as vozes d'uma lyra e d'um piano  
Juntas se uniram na canção querida.

Depois eu, indolente, descuidei-me  
Da planta nova dos gentis amores,  
E a criança, correndo pela vida,  
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou ; — talvez ella adormecesse  
Junto á fonte, deitada na verdura,  
E — sonhando — a criança se recorde  
Do moço que ella viu e que a procura !

Corri pelas campinas noite e dia  
Atraz do berço d'ouro d'essa fada ;  
Rasguei-me nos espinhos do caminho...  
Cansei-me a procurar e não vi nada !



Agora como um louco eu fito as turbas  
Sempre a vêr se descubro a face linda...  
— Os outros a sorrir passam cantando,  
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amores !  
Minh'alma sem te vêr, louca suspira !  
— Nunca mais unirás, sombra encantada,  
O som do teu piano á voz da lyra?!...

Setembro, 1858.

---

## QUEIXUMES

Olho e vejo... tudo é gala,  
Tudo canta e tudo falla,  
Só minh'alma  
Não se acalma,  
Muda e triste não se ri !  
Minha mente já delira,  
E meu peito só suspira  
Por ti ! Por ti !

Ai ! quem me dera essa vida  
Tão bella e doce vivida  
Nos meus lares  
Sem pesares  
No socego só d'alli !  
Não tinha-te visto as tranças,  
Nem rasgado as esperanças  
Por ti ! por ti !

Perdi as flores da idade,  
E na flor da mocidade  
É meu canto  
— Todo pranto,  
Qual a voz da jurity!  
No teu sorriso embebido  
Deixei meu sonho querido  
Por ti! Por ti!

Ai! se eu pudesse, formosa,  
Roçar-tè os labios de rosa  
Como ás flores  
— Seus amores,  
Faz o louco colibri;  
Esta minh'alma nos hymnos  
Erguera cantos divinos  
Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!  
Morrerei, meu Deus, bem moço,  
— Qual n'aurora  
Que descora,  
Desfolhado mogari;  
Mas lá da campa na beira  
Será a voz derradeira  
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!  
Á minh'alma dá conforto,  
Diz na lousa:  
— « Elle repousa,

« Coitado ! descansa aqui ! » —  
Ai ! não t'esqueças, senhora,  
Da flor pendida n'aurora  
Por ti ! Por ti !...

Junho, 1858.

---

## AMOR E MEDO

Quando eu te fujo e me desvio cauto  
Da luz de fogo que te cerca, ó bella,  
Comtigo dizes, suspirando amores :  
« — Meu Deus, que gelo, que frieza aquella ! »

Como te enganas ! meu amor é chamma,  
Que se alimenta no voraz segredo,  
E se te fujo é que te adoro louco...  
És bella — eu moço ; tens amor, eu — medo !...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,  
Das folhas seccas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me entumece os seios,  
E ao vento fresco do cahir das tardes  
Eu me estremeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea — ao longe,  
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,  
Soprando um dia tornaria incendio  
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio que a tormenta envia,  
Diz : — que seria da plantinha humilde  
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrára a planta qual queimára o galho,  
E a pobre nunca reviver podéra,  
Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! se eu te visse no calor da sesta,  
A mão tremente no calor das tuas,  
Amarrotado o teu vestido branco,  
Soltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,  
Sobre o velludo reclinada a meio,  
Olhos cerrados na volupia doce,  
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,  
Na face as rosas virginaes do pejo,  
Tremula a falla, a protestar baixinho...  
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz : — que seria da pureza d'anjo,  
Das vestes alvas, do candor das azas?

— Tu te queimáras, a pisar descalça ;  
— Criança louca, — sobre um chão de brazas !

No fogo vivo eu me abrazára inteiro !  
Ebrio e sedento na fugaz vertigem  
Vil, machucára com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem !

Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda a innocencia que teu labio encerra,  
E tu serias no lascivo abraço  
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,  
— Olhos pisados — como um vão lamento,  
Tu perguntáras : — qu' é da minha c'rôa ?...  
Eu te diria : desfolhou-a o vento !...

---

Oh ! não me chames coração de gelo !  
Bem vês : trahi-me no fatal segredo.  
Se de tí fujo é que te adoro e muito,  
És bella — eu moço ; tens amor, eu — medo !...

Outubro, 1858.

---

## PERDÃO !

Choraste?! — E a face mimosa  
Perdeu as cores da rosa  
E o seio todo tremeu?!  
Choraste, pomba adorada?!  
E a lagrima cristallina  
Banhou-te a face divina  
E a bella fronte inspirada  
Pallida e triste pendeu?!  
Choraste?! — E longe não pude  
Sorver-te a lagrima pura,  
Que banhou-te a formosura!  
Ouvir-te a voz do alaúde  
A lamentar-se sentida!  
Humilde cahir-te aos pés,  
Offerecer-te esta vida  
No sacrificio mais santo,  
Para poupar esse pranto,  
Que te rolou sobre a tez!  
Choraste?! — De envergonhada,  
No teu pudor offendida,  
Porque minh'alma atrevida  
No seu palacio de fada,  
— No sonhar da phantasia —  
Ardeu em loucos desejos,  
Ousou cobrir-te de beijos  
E quiz manchar-te na orgia!

Perdão p'r'o pobre demente  
Culpado, sim, — innocente —  
Que se te amou, foi de mais !  
Perdão p'ra mim que não pude  
Calar a voz do alaúde,  
Nem comprimir os meus ais !

Perdão, ó flor dos amores,  
Se quiz manchar-te os vérdores,  
Se quiz tirar-te do hastil !  
— Na voz que a paixão resume  
Tentei sorvêr-te o perfume...  
E fui covarde e fui vil !

Eu sei, devera sósinho  
Soffrer comigo o tormento  
E na dor do pensamento  
Devorar essa agonia !  
— Devera, sedento algoz,  
Em vez de sonhos felizes,  
Cortar no peito as raizes  
D'esse amor, e tão descrído  
Dos hymnos matar-lhe a voz !  
— Devera, pobre fingido,  
Tendo n'alma atroz desgosto,  
Mostrar sorrisos no rosto,  
Em vez de mágoas — prazer,  
E mudo e triste e penando,  
Como um perdido te amando,  
Sentir, calar-me, e — morrer !

Não pude! — A mente fervia,  
O coração trasbordava,  
Interna a voz me fallava,  
E louco ouvindo a harmonia  
Que a alma continha em si,  
Soltei na febre o meu canto  
E do delirio no pranto  
Morri de amores — por ti!

Perdão! se fui desvairado  
Manchar-te a flor d'innocencia,  
E do meu canto n'ardencia  
Ferir-te no coração!  
— Será enorme o peccado,  
Mas tremenda a expiação  
Se me deres por sentença  
Da tua alma a indiferença,  
Do teu labio a maldição!....

Perdão, senhora!.... Perdão!....

Junho, 1858.





## MOCIDADE

Ninon, Ninon, que fais-tu de la vie ?  
L'heure s'enfuit, le jour succède au jour.  
Rose ce soir, demain flétrie,  
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour !...  
MUSSET.

Doce filha da languida tristeza,  
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura !  
Quando a terra sorri-se e o mar suspira,  
Porque te banha o rosto essa amargura ?!

Porque chorar quando a natura é risos,  
Quando no prado a primavera é flores ?  
— Não fogue a rosa quando o sol a busca  
Antes se abraza nos gentis fulgores.

Não ! — Viver é amar, é ter um dia  
Um amigo, uma mão que nos afague ;  
Uma voz que nos diga os seus queixumes,  
Que as nossas mágoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido  
Sem sombra doce ou viração calmante ;  
— Amor — é a fonte que nasceu nas pedras  
E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos ! — disse Deus creando o mundo,  
Amemos ! — disse Adão no paraíso !  
Amor ! — murmura o mar nos seus queixumes,  
Amor ! — repete a terra n'um sorriso !

Doce filha da languida tristeza,  
Tua alma a suspirar de amor definha...  
— Abre os olhos gentis á luz da vida,  
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!  
A vida, como um sonho — brilha e passa;  
Porque não havemos p'ra acalmar as dores  
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo! — E que te importa o mundo?  
— Velho invejoso, a resmungar baixinho!  
Nada perturba a paz serena e doce  
Que as rôlas gosam no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...  
Cantemos! seja a vida — hymnos e flores;  
De azul se veste o céu... vistamos ambos  
O manto perfumado dos amores.

Doce filha da languida tristeza,  
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!  
— Como a flor indolente da campina,  
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

Setembro, 1858.

---

## NOIVADO

Filha do céu — ó flor das esperanças,  
Eu sinto um mundo no bater do peito !  
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens  
Desfolha rosas no virgineo leito.

Nas horas do silencio inda és mais bella !  
Banhada do luar, n'um vago aneio,  
Os negros olhos de volupia mortos  
Por sob a gaze te estremece o seio !

Vem ! a noite é linda, o mar é calmo,  
Dorme a floresta — meu amor só vela ;  
Suspira a fonte e minha voz sentida  
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual ecco fraco de amorosa queixa  
Perpassa a brisa na magnolia verde,  
E o som magoado do tremer das folhas  
Longe — bem longe — devagar se perde.

Que céu tão puro ! que silencio augusto !  
Que aromas doces ! que natura esta !  
Cansada a terra adormeceu sorrindo  
Bem como a virgem no cahir da sesta !

Vem ! tudo é tranquillo, a terra dorme,  
Bebe o sereno o lyrio do vallado...

— Sósinhos, sobre a releva da campina,  
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares  
O' filha do sertão, sobre o meu peito!  
O moço triste, o sonhador mancebo  
Desfolha rosas no teu casto leito.

1858.

---

## DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,  
Ou a mãe que soffre pela filha bella,  
Eu — de joelhos — com as mãos erguidas,  
Supplico ao céu a felicidade *d'ella*.

— « Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,  
Que daes voz ás brisas e perfume á rosa,  
Oh! protegei-a com o manto augusto  
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,  
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,  
E da vereda que seu pé já trilha  
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura  
A flor mimosa que desponta agora;

Deitai-lhe orvalho na corolla pura,  
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem, como a tenra planta,  
Nunca floresce sobre terra ingrata;  
— Bem como a rôla — qualquer folha a espanta,  
— Bem como o lyrio — qualquer vento a mata.

*Ella* é a rôla que a floresta cria,  
*Ella* é o lyrio que a manhã descerra...  
Senhor, amai-a! — a sua voz macia  
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem  
Pede ao amor o seu futuro inteiro...  
— Senhor! ouvi o suspirar da virgem,  
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,  
Na fronte virgem lhe derrama flores...  
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,  
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,  
Lançai orvalho sobre a flor querida;  
Fazei-lhe, oh! Deus! a primavera eterna,  
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida!

Depois — de joelhos — eu direi sois justo,  
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!  
Vós. protegestes com o manto augusto  
A doce virgem que a minh'alma adora! —

Dezembro, 1858.

## SONHANDO

Um dia, ó linda, embalada  
Ao canto do gondoleiro,  
Adormeceste innocente  
No teu delirio primeiro,  
— Por leito o berço das ondas,  
Meu collo por travesseiro !

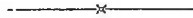
Eu, pensativo, scismava  
N'algum remoto desgosto,  
Avivado na tristeza  
Que a tarde tem, ao sol-posto,  
E ora mirava as nuvens,  
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,  
E prêsa de vago anseio  
Debaixo das roupas brancas  
Senti bater o teu seio,  
E meu nome n'um soluço  
Á flor dos labios te veio !

Tremeste como a tulipa  
Batida do vento frio...  
Suspiraste como a folha  
Da brisa ao doce cicio...  
E abriste os olhos sorrindo  
Ás aguas quietas do rio !

Depois — uma vez — sentados  
Sob a copa do arvoredo,  
Fallei-te d'esse soluço  
Que os labios abriu-te a medo...  
— Mas tu, fugindo, guardaste  
D'aquelle sonho o segredo !

Agosto, 1858.



## LEMBRAS-TE ?

Diz-me, Julia, não te lembras  
Da nossa aurora de amor,  
D'aquelle beijo primeiro  
Dado com tanto temor ;  
Palavras apaixonadas  
De beijos entrecortadas,  
E tuas faces córadas  
De virgindade e pudor ?

Como era bello esse tempo  
Em que tudo nos sorria !  
Os campos tinham mais vida,  
As tardes mais poesia,  
As noites eram formosas,  
As brisas voluptuosas,  
O jardim tinha mais rosas,  
O bosque mais harmonia !

Os dias eram mais curtos,  
As horas... essas fugiam,  
Os regatos murmuravam,  
As fontes já não gemiam ;  
O porvir era brilhante,  
De sonhos, embriagante,  
E lá na praia distante  
As mesmas ondas dormiam !

Era vida, mocidade,  
Era amor, era ternura ;  
Em cada hora — uma esperança,  
Cada dia — umá ventura,  
Cada rosa — uma illusão,  
Nos labios uma canção,  
Aqui no peito — um vulcão,  
Em tí, Julia — a formosura !

Mas diz-me : tu não te lembras  
D'aquella tarde de abril,  
Em que eu mirava gostoso  
Esse teu rosto gentil ?  
D'aquella tarde formosa  
Em que a brisa era amorosa,  
Em que a fonte era saudosa,  
Em que o céu era d'anil?...

N'um jardim todo florido,  
No mesmo banco sentados,  
Não te lembras dos olhares  
Ardentes, apaixonados ?  
Como eu sorvia anhelante,  
Quasi louco, delirante,



O sorrir interessante  
De teus labios tão córados ?...

Os teus olhos eram — chammas,  
A tua bocca — um portento,  
As tuas faces — mimosas,  
Tua expressão — sentimento,  
Eu olhava extasiado,  
Eu soffria calado  
Esse sentir abrazado,  
Esse amor que era — tormento!

Os olhos então fallavam  
Uma sublime linguagem,  
Modulada pelas queixas  
Que soltava a branda aragem,  
Embalando docemente  
Ora as aguas da corrente,  
Ora uma rosa indolente,  
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado  
Dos teus olhos no fulgor,  
Uni meus labios aos teus,  
Que abrazavam de calor.  
Como córaste de pejo  
Ao matar esse desejo...  
Como foi longo esse beijo,  
Primeiro beijo de amor!...

Diz-me, Julia, não te lembras  
D'aquella tarde de abril

Em que eu mirava gostoso  
Esse teu rosto gentil?  
D'aquella tarde formosa  
Em que a brisa era amorosa,  
Em que a fonte era saudosa,  
Em que o céu era d'anil?

1856.

---

## DESEJOS

Se eu soubesse que no mundo  
Existia um coração,  
Que só por mim palpitasse  
De amor em terna expansão;  
Do peito calara as mágoas,  
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda  
Como os anjos lindos são,  
Se tivesse quinze annos,  
Se fosse rosa em botão,  
Se inda brincasse innocente  
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,  
Os olhos com expressão,  
Negros, negros, que matassem,  
Que morressem de paixão,  
Impondo sempre tyrannos  
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,  
Lá castanhas é que não,  
E que cahissem formosas  
Ao sopro da viração,  
Sobre uns hombros torneados,  
Em amavel confusão ;

Se a fronte pura e serena  
Brilhasse d'inspiração,  
Se o tronco fosse flexivel  
Como a rama do chorão,  
Se tivesse os labios rubros,  
Pé pequeno e linda mão ;

Se a voz fosse harmoniosa  
Como d'harpa a vibração,  
Suave como a da rôla  
Que geme na solidão,  
Apaixonada e sentida  
Como do bardo a canção ;

E se o peito lhe ondulasse  
Em suave ondulação,  
Occultando em brancas vestes  
Na mais branda commoção  
Thesouros de seios virgens,  
Dous pomos de tentação ;

E se essa mulher formosa  
Que me apparece em visão,  
Possuisse uma alma ardente,

Fosse de amor um vulcão ;  
Por ella tudo daria...  
— A vida, o céu, a razão !

1857.



## ELISA

O rouxinol  
Que na balseira  
Do rio á beira,  
Canção fagueira  
Que tão bem sôa.  
Cadentê entôa  
Ao pôr do sol  
E no arrebol  
D'uma manhã  
Fresca e louçã,  
No doce canto  
Cheio de encanto  
Que eu amo tanto  
Soletra — Elisa.  
E a mansa brisa  
Que beija as flores  
Fallando amores,  
E seus odores  
Trazer-nos vem,  
Diz-me tambem,  
Mas muito a medo,

Quasi em segredo,  
Que — Elisa é bella.  
E mesmo a estrella  
Que em noite escura  
No céu fulgura,  
Radiante e pura,  
Dizer parece  
Na falla muda  
Que d'aquelle anjo  
A voz d'archanjo  
Maviosa canta  
Belleza tanta.  
Tambem espanta  
Que a mesma rosa  
Que é tão vaidosa,  
Conheço emfim  
Córadas rosas  
Bem melindrosas,  
Muitas, infindas,  
Nas faces lindas  
D'um serafim!  
E a corrente  
Que brandamente,  
— Quasi indolente,  
Por sobre o prado  
Bem matizado  
Já se deslisa...  
Murmura — Elisa.  
E o quieto lago,  
Espelho mago  
Que com affago  
Da branca lua  
A fronte nua

Mostra na sua  
Face tão lisa,  
Retrata — Elisa.  
E minha lyra  
Tambem suspira  
Por — Elisa bella,  
Dos olhos d'ella  
Por um volver ;  
Em seus sorrisos  
Mil paraisos  
Eu sonho vêr.

Aos pés d'um anjo  
Um homem chora,  
Perdão implora...  
Ria-se o mundo,  
Ria-se — embora,  
E a mulher  
Que o poeta adora.  
Dá-lhe seus cantos,  
Risos e prantos,  
E uma alma ardente.

Quando eu morrer,  
Da minha campa  
Na pedra lisa,  
Oh venha a brisa  
Dizer — Elisa !  
Que venha ella,  
Meiga donzella,  
Triste e chorosa

Dizer saudosa,  
Em voz sentida  
— Aqui descansa  
O meu cantor. —  
Talvez que então  
Pela sua dor  
Chamado a vida  
Repita — amor!

1855.



## HONTEM Á NOITE

Hontem, — sósinhos — eu e tu, sentados,  
Nos contemplámos, quando a noite veio :  
Queixosa e mansa a viração dos prados  
Beijava o rosto e te affagava o seio,  
Que palpitava como — ao longe — o mar,  
E lá no céu esses rubins pregados  
Brilhavam menos, que teu vivo olhar !

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,  
Tu me fallavas sem mentido susto,  
E nunca a virgem, que a paixão revela,  
Passou-me em sonhos tão formosa assim!  
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,  
Eu disse aos astros : — dai o céu a ella!  
Disse a teus olhos : — dai amor p'ra mim !

1859.





# LIVRO TERCEIRO

Nascer, lutar, soffrer — eis toda a vida!  
GONÇALVES DIAS.

---

## POESIAS DIVERSAS

---

### O BAILE !

Se junto de mim te vejo,  
Abre-te a bocca um bocejo,  
Só pelo baile suspiras!  
Deixas amor — pelas galas  
E vaes ouvir pelas salas  
Essas douradas mentiras!

Tens razão! — Mais valem risos  
Fingidos, d'esses Narcizos,  
— Bonecos que a moda enfeita,  
Do que a voz sincera e rude  
De quem, presando a virtude,  
Os atavios rejeita.

Tens razão! — Walsa, donzella,  
A mocidade é tão bella,  
E a vida dura tão pouco!  
No borborinho das salas,  
Cercada de amor e galas,  
Sê tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido  
Sem luz, sem voz, sem gemido,  
No somno que a dor conforta;  
Ao concertar tuas tranças,  
No meio das contradanças  
Diz tu sorrindo : — « Qu'importa?...

« Era um louco, em noites bellas  
« Vinha fitar as estrellas  
« Nas praias, co'a fronte nua!  
« Chorava canções sentidas,  
« E ficava horas perdidas  
« Sósinho, mirando a lua!

« Tremia quando fallava,  
« E — pobre tonto! — chamava  
« O baile — alegrias falsas!  
« — Eu gósto mais d'essas fallas  
« Que me murmuram nas salas  
« No ritornello das walsas. — »

Tens razão! — Walsa, donzella,  
A mocidade é tão bella  
E a vida dura tão pouco!  
P'ra que fez Deus as mulheres,  
P'ra que ha na vida prazeres?  
Tu tens razão... eu sou louco

Sim, walsa, é doce a alegria,  
Mas ai! que eu não veja um dia,  
No meio de tantas galas,  
Dos prazeres na vertigem,  
A tua c'roa de virgem  
Rolando no pó das salas!...

Julho, 1858.



## PALAVRAS A ALGUEM

Tu folgas travêssa e louca  
Sem ouvires meu lamento;  
Sonhas jardins d'esmeralda  
N'esse virgem pensamento;  
Mas olha que essa grinalda  
Bem póde murchal-a o vento!

Ai que louca! Abriste o livro  
Da minh'alma, livro santo,  
Escrepto em noites d'angustia,  
Regado com muito pranto,  
E... quasi rasgaste as folhas  
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos,  
Em vez das alvas areias!...  
Deleita-te a voz fingida  
D'essas formosas sereias...  
Mas eu te fallo e te aviso :  
— « Olha que tu te enlamêas! » —

Tu és a pomba innocente,  
Eu sou teu anjo-da-guarda,  
Devo dizer-te baixinho :  
— « Olha que a morte não tarda !  
« Mariposa dos amores,  
« Deixa a luz, embora arda.

« A chamma seduz e brilha  
— « Qual diamante entre as gazas —  
« E tu no fogo maldito  
« Tão descuidosa te abrazas !  
« Mariposa, mariposa,  
« Tu vais queimar tuas azas ! »

Conchinha das lisas praias  
Nasceste em alvas areias,  
Não corras tu para os charcos  
Arrebatada nas cheias !...  
— Os teus vestidos são brancos...  
Olha que tu te enlamêas !...

1858.



## FOLHA NEGRA

Sinhá, um outro mancebo  
Alegre, poeta, e crente,  
Soltára um canto fervente  
De amor talvez! — de alegria,

É aqui nas folhas do livro  
Deixára — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos  
Nem alegrias tão pouco,  
Nem sinto esse fogo louco  
Que a mocidade consome,  
Nas brancas folhas do livro  
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido,  
É vago como um lamento;  
— Queixume que solta o vento  
Nas pedras d'uma ruina,  
Na hora em que o sol se apaga  
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre  
Que sobre as agoas se afoga,  
Cadaver que boia e voga  
Longe da praia querida,  
Grito de quem n'agonia  
— Já morto — se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua  
Que as nossas magoas aviva,  
Solução da patativa,  
Queixume do mar que rola,  
Cantiga em noite de lua  
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro,  
Que chora o seu lar amado,

— Calado e só — recostado  
Na pedra d'algum caminho...  
Canção de santa doçura  
De mãe que embala o filhinho!

Meu nome!... É simples e pobre  
Mas é sombrio e traz dores,  
— Grinalda de murchas flores  
Que o sol queima e não consome...  
— Sinhá!... das folhas do livro  
É bom tirar o meu nome!...

Setembro, 1858.

---

## BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flores no meu canto amigo  
— Pobre grinalda com prazer tecida —  
E — todo amores — deposito um beijo  
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! — Quando moça fôres  
E percorreres d'este livro os cantos,  
Talvez que eu durma solitario e mudo  
— Lyrio pendido a que ninguem deu prantos!

Então, meu anjo, compassiva e meiga  
Depõe-me um goivo sobre a cruz singela,  
E n'esse ramo, que o sepulchro implora,  
Paga-me as rosas d'esta infancia bella !

Junho, 1858.

---

## INFANCIA

Ó anjo da loura trança,  
Que esperança  
Nos traz a brisa do sul !  
— Correm brisas das montanhas...  
Vê se apanhas  
A borboleta de azul !...

Ó anjo da loura trança,  
Es criança,  
A vida começa a rir.  
— Vive e folga descansada,  
Descuidada  
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,  
Não descansa  
A primavera inda em flor ;  
Por isso aproveita a aurora  
Pois agora  
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da loura trança,  
A dor lança  
Em nossa alma agro descreer.  
— Que não encontres na vida  
Flor querida,  
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,  
A onda é mansa  
O céu é lindo docel ;  
E sobre o mar tão dormente,  
Docemente  
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,  
Que esperança  
Nos traz a brisa do sul !.,.  
— Correm brisas das montanhas.  
Vê se apanhas  
A borboleta de azul !...

Rio, 1858.



## A UMA PLATEIA

O cedro foi planta um dia,  
Viço e força o arbusto cria,  
Da vergontea nasce o galho ;  
E a flor p'ra ter mais vida,



Para ser — rosa querida —  
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo :  
Quando timido elle adeja,  
— Qual ave que se espaneja —  
Como a flor, tambem precisa  
Em vez do sôpro da brisa  
O sôpro da sympathia  
Que lhe adoce os amargores,  
Para em horas de cansaço  
Na estrada que vai trilhando  
Encontrar de quando em quando  
Por entre os espinhos — flores.  
E vós que acabaes de ouvil-o  
A suspirar n'esse trillo  
No seu gorgeio primeiro ;  
Vós, que viste o seu começo,  
Dai-lhe essas palmas de apreço  
Que é artista e... brasileiro!

Setembro 1858.

---

## NO TUMULO D'UM MENINO

Um anjo dorme aqui : na aurora apenas,  
Disse adeus ao brilhar das açucenas  
Sem ter da vida alevantado o véo.  
— Rosa tocada do cruel graniso —  
Cedou finou-se e no infantil sorriso  
Passou do berço p'ra brincar no céo!

Maio, 1858.

## A J. J. C. MACEDO JUNIOR

Poëte, prends ta lyre ; aigle, ouvre ta jeune aile ;  
Etoile, étoile, lève-toi !

V. HUGO.

Como o indio a saudar o sol nascente,  
Co' o sorriso nos labios, franco e ledó  
Aperto a tua mão :  
Cantor das açucenas, crê-me agora,  
Este canto que a lyra balbucia  
É pobre ; mas de irmão !

Quando se sente como eu sinto e soffro,  
A mente ferve e o coração palpita  
De glorias e de amor :  
Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,  
Mas ouvindo teus hymnos me arrebató  
E pasmo ante o cantor !

Na juventude, no florir dos annos,  
Não sei que vozes nos entornam n'alma  
Canções de cherubim !  
Uns perdem, como eu, cedo os verdóres,  
Mas outros crescem no primor das graças  
E tu serás assim !

O' mocidade, como es bella e rica !  
Hymnos de amóres n'este sec'lo bruto !  
Louvor ao menestrel !

Palmas a ti, cantor das açucenas!  
Quatorze primaveras n'essa fronte  
    Semilham-te um laúrel!

Quando tão moço, no raiar da vida,  
Já doce cantas como o doce aroma  
    Das languidas cécens,  
Pódes, criança, erguer a fronte altiva!  
Como André-Chénier, no craneo augusto  
    Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,  
Sybarita indolente, sobre rosas  
    Não queiras tu dormir,  
Se ao longe já te brilha amiga estrella  
Aproveita o talento — estuda e pensa —  
    É bello o teu porvir!

Não faças como nós ; na infancia apenas  
Solta poeta o gorgear de amores,  
    Que é doce o teu cantar.  
Seja a vida p'ra ti só riso e galas,  
E adormeças a scismar quimeras  
    Da noite no luar.

Não faças como nós ; nãs desças louco  
A buscar sensações na bruta orgia  
    Das longas saturnaes ;  
Se a lama impura salpicar-te as pennas,  
Sacode as azas, minha pomba casta,  
    E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas  
No mundo infame; mirrha-se a grinalda  
    E vão-se as illusões!  
A crença se desbota e o nauta chora  
Desanimado no vai-vem teimoso  
    Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia,  
Que engana com sorriso de feitiços  
    — Tão pallida Rachel!  
Não encostes na taça os labios soffregos...  
O vaso queima e beberás nos risos  
    Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,  
E tenha o coração na rica aurora  
    Das rosas o matiz;  
Se a donzella cuspir nos teus amores  
Chora perdida essa illusão primeira...  
    Mas vive e sê feliz!

Se a dôr fôr grande não te vergues fraco,  
Oh! não escondas no sepulchro a fronte  
    Aos raios d'este sol;  
Não vás como Azevedo — o pobre genio —  
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos  
    Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,  
A patria, o céu azul, o mar sereno,  
    A veiga que seduz;  
E possa, meu poeta, essa existencia  
Ser um lindo vergel todo banhado  
    De aromas e de luz!

Oh ! canta e canta sempre ! esses teus hymnos  
Eu sei, terão no céu eccos mais santos,  
    Que a terra não dará ;  
Oh ! canta ! é doce ao triste que soluça  
Ouvir saudoso no cahir da tarde  
    A voz do sabiá !

Canta ! e que teus hymnos d'esperança  
Despertem d'este mundo de miserias  
    A estúpida mudez !  
E dos preludios d'essa lyra ingenua  
Em poucos annos surgirá brilhante  
    Millevoye — talvez !

Maio, 1858.



## UMA HISTORIA

A brisa dizia á rosa :  
    — « Dá, formosa,  
Dá-me, linda, o teu amor ;  
Deixa eu dormir no teu seio  
    Sem receio,  
Sem receio, minha flor !

De tarde virei da selva  
    Sobre a relva  
Os meus suspiros te dar ;

E de noite na corrente  
Mansamente,  
Mansamente te embalar ! » —

E a rosa dizia á brisa :  
— « Não precisa  
Meu seio dos beijos teus ;  
Não te adoro... és inconstante...  
Outro amante,  
Outro amante aos sonhos meus !

Tu passas de noite e dia  
Sem poesia  
A repetir-me os teus ais ;  
Não te adoro... quero o Norte  
Que é mais forte,  
Que é mais forte e eu amo mais ! » —

No outro dia a pobre rosa  
Tão vaidosa  
No hastil se debruçou ;  
Pobre d'ella ! — Teve a morte  
Porque o Norte,  
Porque o Norte a desfolhou !...

Novembro, 1858.



## POIS NÃO É?!

Ver cair o cedro annoso  
Que campeava na serra,  
Ver frio baixar á terra  
O pobre velho bondoso,  
Que procurando repouso  
Tropeçou na sepultura ;  
É triste, sim, é verdade,  
Mais não tão grande a saudade,  
Nem a dor tão funda e dura,  
Pois que ao velho e ao cedro altivo  
Partido á voz da procella,  
No mundo — jardim lascivo —  
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado  
Que a aurora deu côr e vida,  
De manhã — flor do vallado,  
De tarde — rosa pendida !...

Mas ver a pobre mangueira  
Na primavera primeira  
Crescendo toda enfeitada  
De folhas, perfume e flor,  
Ouvindo o canto de amor  
No sôpro da viração ;  
Mas vel-a depois lascada  
Em duas cair no chão !...

Mas vêr o pobre mancebo  
Em quem a seiva reluz,  
No sonho candido e puro  
Nas glorias do seu futuro  
Dourando a vida de luz ;  
Mas vêl-o quando a sua alma  
Ao som d'ignota harmonia  
Se derramava em poesia ;  
Quando junto da donzella  
— Captivo dos olhos d'ella —  
Na voz que balbuciava  
De amores fallava a medo ;  
Quando o peito trasbordava  
De crenças, de amor, de fé,  
Vêl-o finar-se tão cedo,  
Como as vozes d'um segredo...  
É dor de mais — pois não é?!

Inday'assú, 1857.

---

## NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado  
— Cabeça branca — sentado pensativo  
D'um carvalho ao pé ;  
Esmolava na pedra d'un caminho,  
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,  
E rico só de fé!



Era de tarde; ao toque do mosteiro  
Seu labio a murmurar resava baixo,  
— Ao lado o seu bordão;  
E o sol, no raio extremo, lhe dourava  
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa  
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo  
Contando ao companheiro os gordos lucros  
Na usura de judeus;  
O mendigo estendeu a mão mirrhada,  
E pediu-lhe na voz entrecortada:  
— Uma esmolha, por Deus!

O *homem de metal* embevecido  
Em sonhos de milhões, por junto á pedra,  
Sem responder, passou!  
O pobre recolheu a mão vasia...  
O anjo tutelar velou seu rosto,  
Mas — Satanaz folgou!

Rio, 1858.



## NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!  
V. HUGO.

Ella estava sentada em meus joelhos  
E brincava comigo — o anjo louro,

E passando as mãosinhas no meu rosto  
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!  
Feliz sorvia n'esse olhar suave  
Todo o perfume d'essa flor da infancia,  
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois, a borboleta da campina  
Toda azul — como os olhos grandes d'ella —  
A doudejar gentil passou bem junto,  
E beijou-lhe da face a rosa bella.

« — Oh! como é linda! disse o louro anjinho  
No doce accento da virginea falla,  
Mamãe me ralha se eu ficar cansada  
Mas — dizia a correr — hei de apanhal-a! »

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo  
Mais corria gentil por entre as flores,  
E a — flor dos ares — abaixando o vôo  
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Ião, vinham, á roda das acacias,  
Brincavam no rosal, nas violetas,  
E eu de longe dizia : » — Que doidinhas!  
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!... »

Dezembro, 1858.

---

## CLARA

Não sabes, Clara, que pena  
Eu teria se — morena  
Tu fosses em vez de *clara!*  
Talvez... Quem sabe? não digo...  
Mas reflectindo comigo  
Talvez nem tanto te amára!

A tua cor é mimosa,  
Brilha mais da face a rosa,  
Tem mais graça a bocca breve,  
O teu sorriso é delirio...  
És alva da cor do lyrio,  
És *clara* da cor da neve!

A morena é predilecta,  
Mas a *clara* é do poeta :  
Assim se pintam archanjos.  
Qualquer, encantos encerra,  
Mas a morena é da terra,  
Emquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente :  
Prende o amante demente  
Nos fios do seu cabello ;  
— A *clara* é sempre mais fria,  
Mas dá-me licença um dia  
Que eu vou arder no teu gelo!

A cor morena é bonita,  
Mas nada, nada te imita  
Nem mesmo sequer de leve.  
— O teu sorriso é delirio...  
És alva da cor do lyrio,  
És *clara* da cor da neve!

Rio, 1858.

---

## O QUE É SYMPATHIA?

A UMA MENINA

Sympathia — é o sentimento  
Que nasce n'um só momento,  
Sincero, no coração ;  
São dous olhares accesos  
Bem juntos, unidos, presos  
N'uma magica attracção.

Sympathia — são dous galhos  
Banhados de bons orvalhos  
Nas mangueiras do jardim ;  
Bem longe ás vezes nascidos,  
Mas que se juntam crescidos  
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas  
Que riem no mesmo riso,

Que choram nos mesmos ais ;  
São vozes de dous amantes,  
Duas lyras semelhantes,  
Ou dous poemas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,  
É o canto de passarinho,  
É o doce aroma da flor ;  
São nuvens d'um ceu d'agosto  
É o que m'inspira teu rosto...  
— Sympathia — é — quasi amor !

Inday'assú 1857.

---

## A ROSA

Como ostentas seducção !  
Oh ! como és linda e formosa,  
Como és bella e caprichosa,  
Minha florinha mimosa  
Em tão virginal botão !  
Sobre as aguas da corrente,  
Que murmura mansamente  
Como te inclinas contente  
Ao sopro da viração !  
O teu perfume tão brando  
Os ares embalsamando,  
De gôsos me embriagando,  
Como falla ao coração !  
Oh ! como fallas de amor,

Mimosa, purpurea flor !  
Mas eu não te colho, não !...  
Quando te vir outra vez,  
Amanhã mesmo — talvez  
Já não inspires paixão.  
Já estarás desbotada,  
Pallida, murcha, coitada,  
Com tua frente inclinada,  
Com tuas folhas no chão !...  
E eu direi : ella vivia...  
Longa vida promettia  
Essa rainha d'um dia ;  
Depois veiu o furacão,  
E, ai ! deixo-a cahida,  
De suas galas despida,  
Sem brilho, sem côr, sem vida !  
— Uma rosa, uma illusão !

1856.



## A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,  
A estas praias brazileiras !  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são de mais :  
Bem vindo o filho do Douro !  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,  
Trazer-nos o sal da graça,  
Pois c'os terrores da praça  
Andava a gente a fugir :  
Agora calmando o medo,  
E ao bom humor dando largas,  
A comprimir as ilhargas  
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes  
Que o velho mundo nos manda,  
Eu sustento sem demanda  
*Tamar* foi o mais feliz :  
Os outros trazem cebollas,  
Vinho em pipas, trapalhadas,  
Este trouxe gargalhadas,  
Sem ser fazenda em barr s

Venha a satyra mordente;  
Brilhe viva a tua veia,  
Já que a cidade está cheia  
D'esses eternos *Maneis* :  
Os barões andam ás duzias,  
Como os frades nos conventos,  
Commendadores aos centos,  
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,  
Ha-os aqui com fartura,  
E salte a caricatura  
Nos traços do teu pincel :  
Ou quer na prosa ou no verso,  
Dá-lhes bem severo ensino,

Resuscita o Tolentino,  
Embeleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,  
As letras falsas d'um lado,  
As discussões do senado,  
As quebras, os trambulhões ;  
Mascates roubando moças,  
E lá no fundo da tela  
Desena a febre amarella,  
Vida e morte aos cachações.

Oh ! canta ! o povo te applaude,  
E os louros p'ra ti são certos !  
Acharás braços abertos  
No meu paterno torrão :  
Se és portuguez lá na Europa,  
Aqui, vivendo comnosco  
Debaixo do colmo tosco,  
Aqui serás nosso irmão !

Bem vindo, bem vindo sejas  
A estas praias brazileiras !  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são demais,  
Bem vindo o filho do Douro !  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

1860.



## A AMIZADE

Já farto da vida, dos annos na flor,  
O peito me rala pungente saudade;  
Trahido nas crenças, trahido no amor,  
Meu canto recebe, celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei  
Repleto de gôsos, um mundo ideal,  
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei  
A mim me jurára ser sempre leal.

Ó tu, meu amigo, permite que um pouco  
A fronte recline n'um peito d'irmão ;  
Enxuga, se pódes o pranto do louco,  
Que em paga de affectos só teve a traição !

Em tempos feliz, n'um dia formoso,  
Na relva sentados, bem juntos, unidos,  
No peito encostado seu rosto mimoso,  
A ingrata me dava sorrisos... fingidos !

Ai! crente, eu beijava seus labios córados  
Com beijos ardentes, com beijos de amor,  
E Laura jurava que quando apartados,  
Viver não queria, morreria de dor !

Partir foi preciso... abracei-a chorando...  
E Laura chorou!... eu de dor solucei...  
Mas tempos depois que contente voltando  
Julgava beijal-a, já não a encontrei !

Mulher enganosa, quebraste essas juras  
Que em prantos me déste diante de Deus !  
Mas tu não te lembras que as faces impuras,  
Que os labios córados roçaram os meus ?!

Poeta e amante eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal...  
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,  
Como flor tombada por um vendaval.

Errante vagando por vales sombrios  
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade ;  
A morte buscando nas agoas dos rios,  
Me disse uma voz : — Inda resta a amizade !

« Esquece esse fogo, esse amor, um delirio  
« Que aqui te cavava profundo jazigo ;  
« Ao mundo de novo, termina o martyrio,  
« A fronte reclina n'um peito de amigo. »

— Ao mundo voltei, esqueci os amores  
No peito apagando uma forte paixão ;  
Agora a amizade mitiga-me as dores,  
Sê tu meu amigo, serei teu irmão !

Agosto, 1853.

## NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

Tudo muda com os annos :  
A dor — em doce saudade,  
Na velhice — a mocidade,  
A crença — nos desenganos !  
— Tudo se gasta e se afeia,  
Tudo desmaia e se apaga  
Como um nome sobre a areia  
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,  
As lembranças mais queridas,  
No livro d'alma esculpidas,  
Gravadas fundas em si !  
— Essas duram ; mas que vale  
Um nome desconhecido,  
Se ha de ser logo esquecido,  
O nome que eu deixo aqui ?

1860.





# LIVRO NEGRO

o livro  
Da minh'alma, livro santo,  
Escrepto em noites de angustia,  
Regado com muito pranto.  
C. DE ABREU, *Pal. á alg.*

---

## POESIAS ELEGIACAS

---

### HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge  
Qual d'harpa o som final,  
E não tenho, como o naufrago nas ondas,  
Nas trevas um fanal !

Eu soffro e esta dor me atormenta,  
É um supplicio atroz !  
E p'ra contal- a falta á lyra cordas,  
E aos labios meus a voz !

Ás vezes, no silencio da minh'alma,  
Da noite na mudez,

Eu crio na cabeça mil phantasmas,  
Que aniquilo outra vez !

Doe-me inda a bocca que queimei sedento  
Nas esponjas de fel,  
E agora sinto no bulhar da mente,  
A torre de Babel !

Sou triste como o pae que as bellas filhas  
Viu languidas morrer,  
E já não pousam no meu rosto pallido  
Os risos do prazer !

---

E comtudo, meu Deus ! eu sou bem moço ;  
Devera só me rir,  
E ter fé e ter crença nos amores,  
Na gloria e no porvir !

Eu devera folgar n'esta natura  
De flores e de luz,  
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro,  
Estrella que seduz !

Agora em vez dos hymnos d'esperança,  
Dos cantos juvenis,  
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,  
O canto que maldiz !

Os outros, — os felizes d'este mundo,  
Deleitam-se em saraus ;  
Eu solitario soffro e odeio os homens,  
P'ra mim são todos maus !

Eu olho e vejo... — a veiga é de esmeraldã,  
O céu e todo azul.  
Tudo canta e sorri... só na minh'alma  
O lodo d'um paul !

---

Mas se ella — a linda filha do meu sonho,  
A pallida mulher  
Das minhas phantasias, dos seus labios  
Um riso, um só me der ;

Se a doce virgem pensativa e bella,  
— A pudica vestal  
Que eu creei n'uma noite de delirio  
Ao som da saturnal ;

Se ella vier enternecida e meiga  
Sentar-se junto a mim :  
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna  
Que um doce bandolim ;

Se o seu labio affagar a minha fronte  
Tão férvido vulcão !  
E murmurar baixinho ao meu ouvido  
As fallas da paixão ;

Se cahir desmaiada nos meus braços  
Morrendo em languidez,  
De certo remoçado, alegre e louco  
Sentira-me talvez !...

---

Talvez que eu encontrasse as alegrias  
    Dos tempos que lá vão,  
E afogasse na luz da nova aurora  
    A dôr do coração !

Talvez que nos meus labios desmaiados  
    Brilhasse o seu sorrir,  
E de novo, meu Deus, tivesse crença  
    Na gloria e no porvir !

Talvez minh'alma resurgisse bella  
    Aos raios d'esse sol,  
E nas cordas da lyra seus gorgeios  
    Trinasse um rouxinol !

Talvez então que eu me pegasse á vida  
    Com ancia e com ardor,  
E pudesse aspirando os seus perfumes  
    Viver do seu amor !

P'ra ella então seria a minha vida,  
    A gloria, os sonhos meus ;  
E dissera chorando arrependido :  
    Bemdito seja Deus ! —

Abril, 1858.





## DORES

Ha dores fundas, agonias lentas,  
Dramas pungentes que ninguem consola  
    Ou suspeita sequer !  
Mágoas maiores do que a dor d'um dia,  
Do que a morte bebida em taça morna  
    De labios de mulher !

Doces fallas de amor que o vento espalha,  
Juras sentidas de constancia eterna  
    Quebradas ao nascer ;  
Perfidia e olvidio de passados beijos...  
São dores essas que o tempo cicatriza  
    Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas  
Do livro d'alma, magoado e triste  
    Suspira o coração ;  
Mas depois outros olhos nos captivam,  
E loucos vamos em delirios novos  
    Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias  
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,  
    E o mundo todo o tem !  
Que importa ao viajor que a sêde abraza,  
Que quer banhar-se n'essas aguas claras,  
    Ser aqui ou além ?

A veia corre, a fonte não se estanca,  
E as verdes margens não se cretam nunca  
    Na calma dos verões ;  
Ou quer na primavera; ou quer no inverno,  
No doce anseio do bolir das ondas  
    Palpitam corações.

Não ! a dor sem cura, a dor que mata,  
É, moço ainda, e perceber na mente  
    A duvida a sorrir !  
É a perda dura d'um futuro inteiro  
E o desfolhar sentido das gentis corôas,  
    Dos sonhos do porvir !

É vêr que nos arrancam uma a uma  
Das azas do talento as pennas de ouro.  
    Que vôam para Deus !  
É vêr que nos apagam d'alma as crenças  
E que profanam o que santo temos  
    Co'o riso dos atheus !

É assistir ao desabar tremendo,  
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,  
    Tão candidas de fé !  
É vêr sem dó a vocação torcida  
Por quem devera dar-lhe alento e vida  
    E respeitá-la até !

É viver, flor nascida nas montanhas,  
P'ra aclimar-se, apertada n'uma estufa  
    Á falta de ar e luz !  
É viver, tendo n'alma o desalento,  
Sem um queixume, a disfarçar as dores  
    Carregando a cruz !

Oh ! ninguém sabe como a dôr é funda,  
Quanto pranto se engole e quanta angustia,  
A alma nos desfaz !  
Horas ha em que a voz quasi blasphema...  
E o suicidio nos acena ao longe  
Nas longas saturnaes

Definha-se a existencia a pouco e pouco,  
E ao labio descorado o riso franco  
Qual d'antes, já não vem ;  
Um véo nos cobre de mortal tristeza,  
E a alma em luto, despida dos encantos,  
Amor nem sonhos tem !

Murchar-se o viço do verdor dos annos,  
Dorme-se moço e despertamos velho,  
Sem fogo para amar !  
E a fronte joven que o pesar sombreia  
Vai, reclinada sobre um collo impuro,  
Dormir no lupanar ?

Ergue-se a taça do festim da orgia,  
Gasta-se a vida em noites de luxuria  
Nos leitos dos bordeis,  
E o veneno se sorve a longos tragos  
Nos seios brancos e nos labios frios  
Das languidas Phrynés !

Esquecimento ! — mortalha para as dores —  
Aqui na terra é a embriaguez do gôso,  
A febre do prazer ;  
A dor se afoga no fervor dos vinhos,  
E no regaço das Marcôs modernas  
É doce então morrer !

Depois o mundo diz : — « Que libertino !  
A folgar no delirio dos alcouces  
As azas empanou ! » —  
Como se elle, algoz das esperanças,  
As crenças infantis e a vida d'alma  
Não fosse quem matou !...

Oh ! ha dores tão fundas como o abysmo,  
Dramas pungentes que ninguem consola,  
Ou suspeita sequer !  
Dores na sombra, sem caricias d'anjo,  
Sem voz de amigo, sem palavras doces,  
Sem beijos de mulher !...

Rio, 1858.

---

\*\*\*

Pobre creança que te affliges tanto  
Porque sou triste e se chorar me vês,  
E que borrifas com teu doce pranto  
Meus pobres hymnos sem calor, talvez ;

Deus te abençoe, cherubim formoso,  
Branca açucena que o paul brotou !  
Teu pranto é gotta de celeste gôso  
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio  
Sentei-me á sombra soffredor e só !

Do choro a baga humedeceu-me o seio,  
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,  
Santas endeixas, doloridos ais...  
E a turba andava! Só de vez em quando  
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo  
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!  
Alguem murmura: — Como o canto é lindo! —  
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdido sejas, cherubim de amores,  
Branca açucena que o pal brotou!  
Teu pranto é gotta que mitiga as dores  
Da ulcera funda que ninguem curou!

---

Ha na minh'alma alguma cousa vago,  
Desejos, ancias, que explicar não sei:  
Talvez — desejos — d'algum lindo lago,  
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, ó anjo; na cruel vigilia  
O pensamento inda redobra a dor,  
E passa linda do meu sonho a filha,  
Soltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,  
Por doces veigas, por um céu de azul;  
Pouso com ella nos gentis palmares;  
Á beira d'agua, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde  
Por outros climas, n'outro céu de luz ;  
E eu — desperto do meu sonho verde —  
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida  
Nem flores tenho, nem prazer tambem!  
— Roto mendigo que não tem guarida —  
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu doce pranto me acalenta as dores  
D'ulcera funda que ninguem curou!

---

A minha vida era areal despido  
De relva e flor e na estação louçã!  
Tu foste o lyrio que nasceu, querido,  
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,  
Chorava o panno a viração subtil,  
Mas veio o vento no correr no dia  
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho  
Que a tempestade no passar quebrou,  
Tu foste a gotta de bemdito orvalho,  
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,  
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;

E teus olhares me derramam n'alma  
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste ; se te ouvir a falla  
Tremo e palpito como treme o mar,  
E a nota doce, que teu labio exhala,  
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo  
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,  
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo  
Hei de adorar-te como adoro a Deus !

1858.

---

## FRAGMENTO

O mundo é uma mentira, a gloria — fumo,  
A morte — um beijo, e esta vida um sonho  
Pesado ou doce, que se esváe na campa !

O homem nasce, cresce, alegre e crente  
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,  
Traz os perfumes que lhe dera o berço,  
Veste-se bello d'illusões douradas,  
Canta, suspira, crê, sente esperanças,  
E um dia o vendaval do desengano  
Varre-lhe as flores do jardim da vida  
E nú das vestes que lhe dera o berço

Treme de frio ao vento do infortunio!  
Depois — louco sublime — elle se engana,  
Tenta enganar-se p'ra curar as mágoas,  
Cria phantasmas na cabeça em fogo,  
De novo atira o seu batel nas ondas,  
Trabalha, lucta e se afadiga embalde  
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.  
Pobre insensato — quer achar por força  
Perola fina em lodaçal immundo!  
— Menino louro que se cansa e mata  
Atraz da borboleta que travêssa  
Nas moitas do mangal vôa e se perde !...

Dezembro, 1858.



## LEMBRANÇA

N'UM ALBUM


Como o triste marinheiro  
Deixa em terra uma *lembrança*,  
Levando n'alma a esperança  
E a saudade que consome,  
Assim nas folhas do album  
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida  
Minha barca for fendida



E meu corpo espedaçado,  
Ao ler o canto sentido  
Do pobre nauta perdido  
Teus labios dirão : — coitado !

Junho, 1858.



## ANJO!

*Sub umbra alarum tuarum.*

Eu era a flor desfolhada  
Dos vendavaes ao correr ;  
Tu foste a gotta dourada  
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido  
No meu sepulchro, bem só ;  
Tu disseste : — Ergue-te, Lazaro !—  
E o morto surgiu do pó !

Eu era sombrio e triste...  
Contente minh'alma é ;  
E duvidava... sorriste,  
Já no amor tenho fé.

A frente, que ardia em brazas,  
A seus delirios pôz fim  
Sentido o rigor de azas,  
O sopro d'um cherubim

Um anjo veiu e deu vida,  
Ao peito de amores nú:  
Minh'alma agora remida  
Adora o anjo — que és tu!

Julho, 1858.

---

## MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein — je veux pleurer !  
LAMARTINÉ.

Minh'alma é triste como a rôla afflicta  
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,  
E em doce arrulo que o soluço imita  
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,  
Minh'alma chora as illusões perdidas,  
E no seu livro de fanado gôso  
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa  
Seu pobre canto com a dor desmaia,  
E seus gemidos são iguaes á queixa  
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos  
Procura o brinco que levou-lhe o rio,  
Minh'alma quer resuscitar nos cantos  
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gôsos nas mundanas galas,  
Mas eu não sei em que o prazer consiste.  
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,  
Não sei porquê — mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a voz do sino  
Carpindo o morto sobre a lage fria ;  
E doce e grave qual no templo um hymno,  
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas,  
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares ;  
E longas horas acompanha as voltas  
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes, louca, n'um scismar perdida,  
Minh'alma triste vai vagando á tôa,  
Bem como a folha que do sul batida  
Boia nas aguas de gentil lagôa .

E como a rôla que em sentida queixa  
O bosque acorda desde o albor da aurora,  
Minh'alma em notas de chorosa endeixa  
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gôsos no correr dos annos !  
Só eu não sei em que o prazer consiste.  
— Pobre ludibrio de crueis enganços,  
Perdi os risos — a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a flor que morre  
Pendida á beira do riacho ingrato ;

Nem beijos dá-lhe a viração que corre,  
Nem doce canto o sabiá do mato ;

E como a flor que solitaria pende  
Sem ter caricias no voar da brisa,  
Minh'alma murcha, mas ninguem entende  
Que a pobresinha só de amor precisa !

Amei outr'ora com amor bem santo  
Os negros olhos de gentil donzella,  
Mas d'essa fronte de sublime encanto  
Outro tirou a virginal capella.

Oh ! quantas vezes a preendi nos braços !  
Que o diga e falle o laranjal florido !  
Se mão de ferro espedaçou dous laços,  
Ambos chorámos mas n'um só gemido !

Dizem que ha gosos no viver d'amores,  
Só eu não sei em que o prazer consiste !  
— Eu vejo o mundo na estação das flores...  
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como o grito agudo  
Das arapongas no sertão deserto ;  
E como o nauta sobre o mar sanhudo,  
Longe da praia que julgou tão perto !

A mocidade no sonhar florida  
Em mim foi beijo de lasciva virgem  
— Pulava o sangue e me fervia a vida,  
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia !...  
No afan da gloria me atirei com ancia...  
E, perto ou longe, quiz beijar a s'reia  
Que em doce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente !  
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas !...  
— Pombo selvagem, quiz voar contente...  
Feriu-me a bala no bater das azas !

Dizem que ha gôsos no correr da vida...  
Só eu não sei em que o prazer consiste !  
— No amor, na gloria, na mundana lida,  
Foram-se as flores — a minh'alma é triste !

12 março, 1858.



## Á MORTE DE AFFONSO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCÓLA CENTRAL

Who has not lost a friend?...  
M.

É triste vêr a flor que desabrocha  
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,  
Pender no fraco hastil !  
É bem triste dos annos nos verdores  
Morrer mancebo, no brotar das flores,  
Na quadra juvenil !

Meu Deus ! tu que és tão bom e tão clemente,  
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente  
    N'um craneo de vulcão ?  
P'ra que poupas o cedro já vetusto,  
E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto  
    Às vezes no embryão ?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta  
Cujoo perfume a solidão encanta  
    No socego do val ?...  
— Não veriamos nós n'este martyrio  
Desfallecer tão bello o pobre lyrio  
    Pendido ao vendaval !

Pobre mancebo ! N'esse peito nobre  
E n'essa frente que o sepulchro cobre  
    Era fundo o sentir !  
Agora solitario tu descansas,  
E contigo esse mundo de esperanças  
    Tão rico de porvir !

Oh ! lamentemos essa pura estrella  
Sumida, como no horizonte a vela  
    Nas nevoas da manhã !  
A sepultura foi ha pouco aberta...  
Mas o dormente já se não desperta  
    Á voz de sua irmã !

E mudo aquelle a quem irmão chamamos,  
E a mão que tantas vezes apertamos  
    Agora é fria já !

Não mais nos *bancos* esse rosto amigo,  
Hoje escondido no fatal jazigo  
Comnosco sorrirá !

Mancebo, atraz da gloria que sorria,  
Sonhou grandezas para a patria um dia,  
E a ella os sonhos deu ;  
Martyr do estudo, na sciencia ingrata  
Bebeu nos livros esse fel que mata  
E pobre adormeceu !

Era bem cedo ! — na manhã da vida  
Chegar não pôde á terra promettida  
Que ao longe lhe sorriu !  
Embora d'esta estrada nos espinhos  
Feliz tivesse os maternaes carinhos,  
Cansado succumbiu !

Era bem cedo ! — Tanta gloria ainda  
O esperava, meu Deus, na aurora linda  
Que a vida lhe dourou !  
Pobre mancebo ! no fervor d'essa alma  
Ao colher do futuro a verde palma  
Na cova tropeçou !

Dorme pois ! Sobre a campa mal cerrada,  
Nós que sabemos que esta vida é nada  
Choramos um irmão ;  
E d'envolta c'os prantos da amizade  
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,  
As vozes da oração !

Eu que fui teu amigo inda na infancia,  
Quando as almas das rosas na fragrancia  
    Bemdizem só a Deus —  
Hoje venho nas cordas do alaúde  
Sentido e gráve, á beira do ataúde  
    Dizer-te o extremo adeus !

Descansa ! se no céu ha luz mais pura,  
De certo gosarás n'essa ventura  
    Do justo a placidez !  
Se ha doces sonhos no viver celeste,  
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...  
    — Não tarda a minha vez !

Maio, 1858.

---

## NO LEITO

Se eu morresse amanhã !  
A. DE AZEVEDO.

Eu soffro ; — o corpo padece  
E minh'alma se estremece  
Ouvindo o dobrar d'um sino !  
Quem sabe ? — A vida fenece  
Como a lampada no templo  
Ou como a nota d'un hymno !

A febre me queima a fronte  
E dos tumulos a aragem



Roçou-me a pallida face ;  
Mas no delirio e na febre  
Sempre teu rosto contemplo,  
E serena a tua imagem  
Véla á minha cabeceira,  
Rodeada de poesia,  
Tão bella como no dia  
Em que vi-te a vez primeira !  
Teu riso a febre me acalma ;  
— Ergue-se viva a minh'alma  
Sorvendo a vida em teus labios  
Como o saibo dos licores,  
E na voz, que é toda amores,  
Como um balsamo bemdito,  
Ouvindo-a eu, pobre, palpito,  
Sou feliz e esqueço as dores.

---

Se a morte colher-me em breve,  
Pede ao vento que te leve  
O meu suspiro final ;  
— Será queixoso e sentido,  
Como da rôla o gemido  
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa  
Se mais longa Deus m'a dera,  
Porque é linda a primavera,  
Porque é doce este arrebol,  
Porque é linda a flor dos annos  
Banhada da luz do sol !  
Mas se Deus cortar-me os dias  
No meio das melodias,

Dos sonhos da mocidade,  
Minh'alma tranquilla e pura  
Á beira da sepultura  
Sorrirá á eternidade.  
Tenho pena... sou tão moço!  
A vida tem tanto enlevo!  
Oh! que saudades que levo  
De tudo que eu tanto amei!  
— Adeus oh! sonhos dourados,  
Adeus oh! noites formosas;  
Adeus futuro de rosas  
Que nos meus sonhos criei!

---

Ao menos, n'esse momento  
Em que o lethargo nos vem  
Na hora do passamento,  
No suspirar da agonia  
Terei a frente já fria  
No collo de minha mãe!

Mas eu bemdigo estas dores,  
Mas eu abenço o leito  
Que tantas mágoas me dá,  
Se me jurares, querida,  
Que meu nome no teu peito  
Morto embora — viverá!  
— Que ás vezes na cruz singela  
Tu irás pallida e bella  
Desfolhar uma saudade!  
— Que de noite, ao teu piano,  
Na voz que a paixão desata,  
Chorarás a — *Traviata*

Que eu d'antes amava tanto  
Nas ancias de tanto amor !  
— E que darás compassiva  
Uma gotta do teu pranto  
Á memoria morta ou viva  
Do teu pobre sonhador !

Bem dita, bem dita sejas,  
Se nas notas bemfazejas  
Tua alma fallar co'a minha  
N'essa linguagem do céu  
Que o pensamento adivinha !  
Eu — o filho da poesia —  
Dormirei no meu sepulchro,  
Embalado em harmonia  
Ao som do piano teu !

---

Que tem a morte de feia ? !  
— Branca virgem dos amores,  
Toucada de murchas flores,  
Um longo somno nos traz ;  
E o triste que em dor aneia  
— Talvez morto de cansaço —  
Vai dormir no teu regaço —  
Como n'um claustro de paz !

Oh ! virgem das sepulturas,  
Teu beijo mata as venturas  
Da terra, mas rasgas o véo  
Que a eternidade nos véla ;  
E nós — os filhos do erro —  
Libertos d'este desterro,

Vamos comtigo, donzella,  
No branco leito de pedra,  
Onde a miseria não medra,  
Sonhar as sonhos do céu !...  
Ha tantas rosas nas campas !  
Tanta rama nos cyprestes !  
Tanta dor nas brancas vestes !  
Tanta doçura ao luar !  
— Que alli o morto poeta  
Nos seus intimos segredos,  
Á sombra dos arvoredos  
Póde viver a sonhar !

---

Assim, — se amanhã, se logo,  
Sentires na face amada  
Passar um sopro de fogo  
Que te queime o coração,  
E uma mão fria e gelada  
Comprimir a tua mão  
Frisando os cabellos teus ;  
— Não tenhas tu vãos temores,  
Pois é minh'alma, querida,  
Que ao desprender-se da vida  
— Toda saudade e amores —  
Vai dizer-te o extremo — adeus !...

Agosto, 1858.

---

## RISOS

Ri, criança, a vida é curta,  
O sonho dura um instante.  
Depois... o cypreste esguio  
Mostra a cova ao viandante !

A vida é triste — quem nega ?  
— Nem val a pena dizel-o.  
Deus a parte entre seus dedos  
Qual um fio de cabello !

Como o dia, a nossa vida  
Na aurora — é toda venturas,  
De tarde — doce tristeza,  
De noite — sombras escuras !

A velhice tem gemidos,  
— A dor das visões passadas —  
A mocidade — queixumes,  
Só a infancia tem risadas !

Ri, criança, a vida é curta,  
O sonho dura um instante.  
Depois... o cypreste esguio  
Mostra a cova ao viandante !

Rio, 1858.

## A VIDA

Nunca vistes uma rosa,  
Primeiro abrindo mimosa  
O seu botão purpurino,  
Mostrando depois, vaidosa,  
Aos vivos raios do sol  
Do rocio matutino  
Essas gottas tão brilhantes  
Que similham diamantes ?

Não vistes depois a rosa  
Toda garrida e louçã,  
De abril em fresca manhã  
Pompeando lindas cores,  
Pelo zephiro embalada,  
Sobre a lympha debruçada  
Formosa fallando amores ?

Não vistes depois á tarde  
E quando o sol já não arde,  
Como a flor está tão triste,  
Co'a bella fronte pendente,  
E como a tepida aragem,  
Que sussurra na folhagem,  
A vem beijar docemente ?

E depois, no outro dia,  
Essa flor que se sorria  
Cheia de graça e de vida,  
Não a vistes vós pendida,  
Co'a viva cor já perdida,

É que a brisa caprichosa  
D'essa tão pallida rosa,  
Uma a uma as folhas todas  
As arrancava sorrindo,  
E no regato sonoro  
Assim as ia lançando,  
E que essas folhas boiando,  
Com a corrente fugindo,  
Lá ao longe se perdiam ?...

Olhai, assim é a vida !  
Na infancia somos felizes,  
Temos da rosa os matizes,  
Quando se abre em botão ;  
E as puras gottas de orvalho  
Que a rosa no seio tem,  
Não sabeis vós que ellas são  
Os prantos de nossa mãe,  
Que cahem silenciosos,  
Eloquentes, amorosos,  
Quando no berço deitados,  
Com nossos olhos cerrados,  
Ella nos vem contemplar  
Como um anjo que o bom Deus  
Enviasse lá dos céus  
P'ra o nosso somno velar ?...

A nossa infancia querida  
— A primavera da vida,  
Quando alegres e contentes,  
Descuidosos, innocentes,  
Nós trepamos ás collinas,  
Nós corremos pelo prado,

Colhendo as frescas boninas  
Que vegetam no vallado,  
Comparai-a vós á rosa  
Córada e bella a florir  
Quando as auras vespertinas  
D'affagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flor  
De tarde, no valle ameno,  
Por entre os choupos annosos,  
É esse brilho sereno,  
Cheio de mago fulgor,  
Dos olhos negros, formosos,  
Da virgem de nossos sonhos,  
Quando seus labios risonhos  
Nos dizem fallas d'amor,

E as folhas que a rosa deixa  
Do seu seio desprendidas,  
São as nossas illusões,  
Que pouco a pouco perdidas,  
Vão uma a uma cahindo,  
E na corrente dos annos,  
Coitadas, vão-se sumindo !

Assim como a linda rosa,  
Murcha e cahe no seu rosal,  
Não resistindo — mimosa,  
Ao sopro do vendaval,  
A vida tambem se extingue  
Quando estala o coração  
Pela perda d'uns amores !...  
— A derradeira illusão !...



## A J...

Minh'alma dorme, indolente  
A tudo o que é grande e bello,  
Ai ! não sei que pesadelo  
Assim me pousou na mente !  
De balde agora procuro  
Os sonhos do meu futuro  
De amor e gloria tão cheios,  
Na quadra dos devaneios  
E das longas illusões !

Mas é docil a teus dedos  
O teu piano, palpita,  
Se derramas teus segredos  
N'essa harmonia infinita,  
N'essa queixa vaga e incerta,  
Então minh'alma — desperta.

D'esse fatal pesadelo  
Sacode o manto de gelo,  
Banha-se em novo fulgor,  
Ama a luz que o sol exhala,  
E em cada nota que falla  
Solettra um hymno de amor !

Mas se tambem indolente  
O teu piano se cala,  
Minh'alma é só languidez.  
— Como a criança dormente,

Que os olhos subito abriira,  
Queixosa e triste suspira,  
E — sem ti — dorme outra vez !

1859.

---

## OS MEUS SONHOS

Como era bello esse tempo  
De tão doces illusões,  
De tardes bellas, amenas,  
De noites sempre serenas,  
De estrellas vivas e puras ;  
Quadra de riso e de flores,  
Em que eu sonhava venturas,  
Em que eu cuidava de amores !

Ah ! minha infancia saudosa,  
Que me mostravas á mente,  
N'esse viver innocente,  
Tão verdejante e florida  
A longa estrada da vida,  
Que é toda escabrosa !  
E eu, inexperta criança,  
Que tinha fé no porvir  
Por vêr o mar em bonança  
E minha mãe a sorrir !...  
E julguei que era verdade !  
E acreditava nos sonhos  
Feiticeiros e risonhos !...

Illusões da mocidade  
Cheias de terna magia,  
Nascem douradas e bellas  
Como o fulgor das estrellas...  
E morrem no mesmo dia!...

---

Sonhei que o mundo era um prado  
Lindo, lindo, matizado  
Das flores do meu jardim ;  
Sonhei a vida uma estrada  
De gôsos entrelaçada,  
De gôsos que não tem fim

Esses sonhos de magia  
Criei-os na phantasia  
Á meiga luz do luar,  
E quando conta segredos  
Na rama dos arvoredos  
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes  
N'aquelles doces instantes  
De silencio e de oração ;  
Quando as estrellas seduzem  
E quando os labios traduzem  
As vozes do coração.

Sobre o peito reclinada  
Eu tinha a fronte inspirada  
D'uma formosa mulher,  
E fraco um raio da lua  
Beijando-lhe a face nua  
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena  
Um rosto como o de Helena  
Nunca, nunca illuminou ;  
E nunca ouvirei na vida  
Voz mais terna e mais sentida  
Dizer-me : — Sou tua, sou !

N'uma noite mui fagueira,  
Como visão prasenteira,  
Por entre beijos de amor,  
Eu vi surgir uma estrella  
Linda, linda, muito bella,  
Com doce e meigo fulgor.

Na perdida phantasia,  
De luz, de amor, de alegria,  
Abrilhantei o porvir,  
E segui, qual mariposa,  
Aquella chamma formosa,  
Que eu via ao longe luzir !

---

Mentira, tudo mentira !  
Os meus sonhos... illusões !  
As cordas da minha lyra  
Já não soletram canções,  
A mente já não delira,  
E se louco n'um momento  
Revolvo no pensamento  
Esse passado de amores...  
Se triste o peito suspira...  
Eu ouço um ecco da terra  
Bradar-me com voz que aterra :  
Mentira, tudo mentira !

Foram sonhos. Eram lindos,  
Eram lindos... mas passaram !  
E d'esses sonhos já findos  
Só lembranças me ficaram.  
Só lembranças bem saudosas  
D'essas noites tão formosas  
Em que os sonhos despertaram,  
Só lembranças d'esses sonhos,  
D'esses sonhos que passaram !...

Hoje vivo, se é que é vida  
Andar co'a fronte pendida  
Calado e triste a scismar,  
E n'essa immensa tristeza,  
N'essas horas d'incerteza  
Em que adormece o luar,  
Em que toda a natureza  
É silencio, amor e paz ;  
Eu sinto a alma saudosa  
Perguntar com voz queixosa :  
— Lindos sonhos, onde estaes ?!

Então um ecco medonho  
Responde por cada sonho  
C'um gemido... e nada mais !

A minha signa compriu-se,  
A signa que Deus me deu !  
O ecco responde triste :  
A linda estrella — sumiu-se !  
A tua Helena — morreu !

## AO AUTHOR

Como André Chénier, no craneo *augusto*  
Alguma cousa tens!

C. D'ABREU.

Poeta! Derramou-te Deus na fronte  
A luz da inspiração omnipotente,  
    Ensinou-te a sentir;  
E marcou ao teu genio um horisonte  
De crenças e esperanças no presente,  
    De glorias no porvir!

E tu, co'a fronte ungida e radiante  
Firmaste o pé na estrada do progresso,  
    Modulando canções!  
Caminha! Ergue o alaúde triumphante,  
Despresa a geração que adora um Cresso,  
    E que olvida um Camões!

Sobre a escabrosa estrada do futuro  
De encontro aos passos teus, mais de um espinho  
    Irá teus pés magoar;  
Não voltes, que renegas! vai seguro,  
Caminha, que no fim do teu caminho  
    Louros has de encontrar.

Caminha, e deixa em seu prazer mundano  
A esses, que aos poetas estão vendo  
    Com escarneo sem fim;

Encara-os como Byron lusitano,  
E dize-lhes : « De vós eu nada entendo,  
E vós nada de mim ! »

A elles o destino deu por sorte  
O fogo da ambição, que os incendeia,  
A nós a lyra e a cruz !  
Elles teem das riquezas o transporte,  
Que aviventa a materia e mata a ideia,  
Mas nós temos a luz !

---

Oh ! poeta da fronte pensativa,  
Recebe na alma, candida, inspirada  
A saudação do irmão !  
Eu me arrebató, ouvindo a lyra altiva,  
Mas a tua poesia enamorada  
Me falla ao coração !

Nos perfumes da timida innocencia,  
Como as houris nos banhos do Oriente,  
Tu'alma se banhó ;  
E por entre o sorrir da adolescencia  
Logo dos labios teus pura, indolente,  
A poesia brotó !

Depois o amor, doce mysterio d'alma,  
Por entre o medo, a que ninguem resiste,  
Tu'alma surpredeu ;  
Tambem cingiste do martyrio a palma,  
E o doce canto da tu'alma triste  
Minh'alma entristeceu !

Como choras no leito dos teus sonhos,  
Prostrado pela horrenda enfermidade,  
    Ao teu anjo a rogar  
Que os seus olhos, outr'ora tão risonhos,  
Sobre o frio portal da eternidade  
    Por ti fossem chorar !...

Mas tu porque tão cedo desesperas,  
Deixando dos teus labios, inda ardentes  
    Amargura correr ?  
Tu, mimoso cantor das *Primaveras*,  
Do *Livro Negro* as paginas descrentes  
    Porque foste escrever ?

Ah ! não vás, meu poeta dos amores,  
Manchar a c'rôa á virgem da poesia,  
    Que tão pura te amou !  
Não te illudam do *Goethe* os esplendores,  
Que esse deus da sublime zombaria  
    O coração matou !

Inspira-te do céu da patria tua  
Ante o qual ninguem ha que não se incline  
    Pela manhã gentil ;  
Canta a aurora ao nascer, á noite a lua,  
E assim darás tambem um Lamartine  
    Ás musas do Brazil !

Poeta ! Crê no amor das almas puras,  
Canta a patria, o futuro, a liberdade,  
    O puro amor e Deus !



Eu te antevejo a aurora das venturas,  
E o teu Brazil, com as palmas da amizade  
C'roando os cantos teus!

Setembro de 1859.

F. GONÇALVES BRAGA.

---

## MEU LIVRO NEGRO

A GONÇALVES BRAGA

Eu sei que é santo e bom e dõ almas grandes  
Dar ás glórias um hymno, a Deus um canto,  
Ao culpado perdão ;  
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,  
Á velhice respeito, arrimo á infancia  
E aos mendigos o pão!

Obrigado ! obrigado ! eu beijo a esmola  
Do teu canto de fé ! Mas não te illudas,  
Não te posso seguir.  
Eu me assento nas pedras do caminho  
E perguntô aos que passam : — « Inda é longe,  
Muito longe o porvir ? »

Obrigado ! obrigado ! tu respondes,  
E queres que eu descubra no horisonte  
O que é nuvem talvez !  
Obrigado, cantor ! rico de crenças,  
Que repartes comigo os teus vestidos,  
P'ra cobrir-me a nudez !

Levanto á pressa a tenda do descanso,  
E, como não prosigo, eu te convido  
    Á porta do meu lar,  
Depois que eu te disser a lenda triste  
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —  
    Tu pódés caminhar.

---

Escuta : — Tu que tens na voz perfumes,  
Chamas sempre ao meu canto — primaveras,  
    Aos goivos — um jardim !  
— Talvez que na charneca, por descuido,  
Entre os juncos brotasse á beira d'agua  
    O tronco d'um jasmim !

É verdade, na mente deslumbrada,  
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa  
    De vago e de ideal !  
Eram centelhas ! mas dormindo ás soltas,  
Eu deixei consumir-se o fogo santo  
    — Estupida vestal !

Agora em vão procuro aquelles cantos,  
As rosas do jardim e o sonho amigo,  
    Que tanto me embalou !  
A minha alma, deserta de esperanças,  
Já não póde sonhar ! Meu Deus, é tarde !  
    A vida já passou !

P'ra mim, que me perdi no desencanto,  
Não tem o patrio céu estrellas vivas,  
    Nem lyrios as manhãs.

Eu por cada illusão vivi dez annos !  
O fructo da illusão nasceu precoce...  
Sou moço e tenho cãs !

Ai ! bem cedo o tufão despiu-me os galhos !  
E os galhos todos nus ao céu se elevam  
Na supplica de dó !  
No campo a primavera estende os mimos,  
Tudo é verde no monte e na collina...  
Mas ai ! no inverno eu só !

Na testa trago a ruga prematura,  
E do labio na prega desdenhosa  
Não ha odio, mas fel !  
— Ruínas d'um castello não completo,  
Aqui descobro um troço de columna,  
— Mais longe um capitel !

Houve galas comtudo no edificio  
Em dias venturosos de banquetes,  
Por noites de festim !  
As ogivas tremiam com mil luzes,  
O parque tinha caça, a sala — amores,  
Perfumes — o jardim !

Cuspiram-me na frente e na grinalda,  
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,  
Às garras da oppressão ;  
E ao contacto do marmore e do gelo  
A lyra emmudeceu, penderam flores,  
Extinguiu-se o vulcão !

Por cada canto eu tive offensas duras,  
Pelos sonhos — o escarneo que apunhala,  
Insultos por cantar !  
Deitaram-me na taça o fel que amarga,  
Mas a raça dos vis campeia impune  
Porque sei perdoar !

Obrigado ! obrigado ! É doce as menos  
Receber na desgraça o aperto amigo  
Do abraço fraternal !  
A lagrima a cahir se muda em riso,  
E póde a mão tecer na corda frouxa  
Um hymno festival !

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro  
— Na frente a inspiração, nas mãos a lyra,  
E no teu peito o ardor !  
Adeus ! eu não te sigo, é longa a estrada,  
Assusta-me a tormenta e a noite escura...  
Sou fraco luctador !

Pódes ir ; eu te abraço e te abenço !  
Volta e traze contigo as verdes palmas  
Que o futuro te der :  
Adeus ! eu não te sigo... eu não perjuro...  
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes  
Eu amo outra mulher !

A gloria, quanto a mim, é a Messalina  
Que vende sem pudor a face e os beijos  
Na praça, á luz do sol !  
Ama um dia e abandona o favorito  
No leito do hospital, por cama — a valla,  
Por mortalha — o lençol !

Não quero a gloria, não ! a gloria mente,  
O fogo queima, a cicatriz não fecha,  
    E sangra o coração !  
Não quero a gloria : — eu peço ao céu socego,  
Um bocado de amor, flores no campo,  
    E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,  
Cercado das acacias perfumadas,  
    Sósinho e bem feliz !  
Por noites de luar o sertanejo  
Suspira na guitarra cantilenas  
    Que a lyra nunca diz !

Ha tristeza no choro das cascatas,  
Ha mysterios nas vozes das florestas,  
    Ha silphos pelos céus !  
E a mente embevecida, absorta e pasma,  
Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,  
    E baixo adora a Deus !

Da mulher adorada a frente santa  
Sentira no sagração dos colloquios  
    Como é fundo o sentir !  
Do seu amor — que é perola sem preço —  
Eu farei meu presente e meu passado,  
    Meu sonho e meu porvir !

A vida no deserto é lago placido,  
No mar raivoso que sacode a escuma  
    E que sepulta a nau !  
— Eu lá serei feliz ; das murchas palmas  
Apenas guardarei lembrança vaga,  
    Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura  
Essa mesma oração resada a noite  
Pela quadra infantil ;  
Beijo a mão que embalou meu berço quente,  
Creio no amigo ; sei que o amor é santo  
E sei que a gloria é vil ?

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas !  
Ai ! é tarde, cantar ! não posso... é tarde,  
Não me embala a illusão !  
Retomo a lyra, balbucio um canto,  
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma :  
« Oh ! obrigado, irmão ! »

Eu da porta da tenda te abençoô !  
Pódes ir, bom romeiro do progresso...  
Eu deito-me a dormir !  
O caminho tem neve, o lar tem fogo,  
— Oh ! o amor da mulher por quem se chora  
Vale mais que o porvir !

1859.

---

## ULTIMA FOLHA

Meu Deus ! Meu Pae ! Se o filho da desgraça  
Tem jus um dia ao galardão remoto,  
Ouve estas preces e me cumpre o voto  
— A mim que bebo do absyntho a taça !

— « Feliz serás se como eu soffreres,  
« Dar-te-hei o céu em recompensa ao pranto » —  
Vós o disseste — E eu padeço tanto!...  
Que novos transes preparar me queres ?

Tudo me roubam meus crueis tyrannos :  
Amor, familia, felicidade, tudo !...  
Palmas da gloria, meus laureis do estudo,  
Fogo do genio, aspiração dos annos !

Mas o teu filho já se não rebella  
Por tal castigo, pelas magoas duras ;  
— Minh'alma off'reço ás provações futuras...  
Venha o martyrio... mas — perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assemelha ás flores...  
O vento a quebra no seu verde ninho,  
— Velai ao menos pelo pobre anjinho,  
— Pagai-lhe em goso o que me dais em dores !

Maio, 6.







# CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

Representada pela primeira vez no theatro D. Fernando na  
noite de 18 de Janeiro de 1856.

PÉRSOÑAGENS:

CAMÓES..... SR. BRAZ MARTINS  
ANTONIO.. .. SANTOS

A acção passa-se em Lisboa, 1578.

# CAMÕES E O JÁO

---

## PROLOGO

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor « Olinda, » transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá meu pae e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista, os olhos só vêem o azul do céu confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram meu Deus! minha patria! minha mãe! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noutes quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no

poente, suspirava tambem ! Quizera ver esse mesmo céu estrellado nas lindas noutes da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldêa. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe !...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as agoas, e pizei terra extranha. Era este Portugal velho e eaduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora ; era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extinctos ; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras ; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingoa que se falla no Brazil ; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha eéu... mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos ? Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, oh ! eu quero a minha terra ; quero respirar o ar natal, o ar embal-samado d'aquellas campinas ridentes ; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris : será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores ; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e troeará de bom grado, ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmuríos das florestas, pelo eorrer dos seus rios. Arraneai a planta dos climas tropicaes e plan-

tai-a na Europa : ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o viu nascer! Feliz aquelle que pôde receber todos os dias a benção e os affagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperanza, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasphemia atroz: não creio em Deus!... Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; arde-me no peito o fogo dos meus dezeseite annos; creio em Deus do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descansarei na mesma terra que me viu nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de Janeiro representou-se no theatro D. Fernando a scena dramatica *Camões e o Jáo*, primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumerados defcitos que tem Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas. d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio dos bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendí-os bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hos-

pitaleiro, que bradavam — « ávante ! » ao joven que na carreira das letras encetava o seu primciro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes : ávante ? Bem ; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabrozar ! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor ; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria : foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroadada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.<sup>mo</sup> sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro peço que, quando ler o *Camões e o Jão*, vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto *Freese*, rogo de me recommendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nos separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do sabiá ; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de Março, 1856

## SCENA UNICA

CASA POBRE ; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO : EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA ; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

SÃO DEZ HORAS DA MANHÃ.

Ao levantar do panno ouve-se o ribombar longiquo do canhão.  
O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaecem, depois assenta-se.

### CAMÕES E DEPOIS ANTONIO

CAMÕES.

Que sons são estes que do Tejo a brisa  
Trazer me vem no susurrar macio ?  
Julguei ouvir o ruffo dos tambores,  
Ou o estridor pelos eccos repetido  
De bronzeas bôccas a rugir nas vagas.

(Erguendo-se)

Ribombo do canhão ! signal de gloria  
P'r'as sempre fortes vencedores Quinas  
Impavidas hasteadas nas muralhas  
Das fortalezas indicas vaidosas,  
E tremulando na soidão dos mares,  
Que ao jugo luzitano a cerviz curvam !  
Trombeta do combate ! quando soas,  
Bater tu fazes com dobrada força,

Com fogo ethereo coração ardente  
Que em peito portuguez livre palpita.

(Com enthusiasmo)

Meu Portugal tão bello e tão valente !  
Torrão formoso, terra de magia,  
Ricos sonhos do poeta, meus amores,  
Sim meus amores, que os que tive outr'ora.....  
Calla-te coração... já não existem !

(Caminhando com custo para a janella)

De primavera que formoso dia !  
Que azul de céu tão puro e tão sereno !  
Como corre o meu Tejo socegado !  
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso  
No exilio amargo tantos annos... tantos !

(Commovido)

Ó quantas vezes de Macáu na gruta  
Por ti, por Portugal eu soluçava !

(Retirando-se da janella)

Para que me hei de recordar do exilio ?

(Assentando-se na cadeira)

Passado é já. Vejamos o futuro.

(Curva a frente)

ANTONIO.

(Entrando e aproximando-se de manso — á parte)

Como está pensativo ! sempre triste !

CAMÕES. •

Quem entra do mendigo na choupana ?

(Reparando)

É Jáó, meu pobre, meu sincero amigo.



ANTONIO.

(A parte)

Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!  
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES.

Antonio, para mim não trazes nada?

ANTONIO.

Fui buscar pão... nem um seutil me deram!

CAMÕES.

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO.

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?  
Tão pallido vos vejo e tão mudado!  
Depois que vos deixei soffrestes muito?

CAMÕES.

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO.

(A parte)

E tornou-me a chamar o seu amigo!  
Igual affecto, quem pagal-o póde?

CAMÕES.

Dizes que tenho a pallidez no rosto?  
Não repares; a côr fugiu ha muito.  
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.  
É a vida a soltar o arranco extremo  
Já prestes a findar, como no templo

Á mingoa d'oleo, ao despontar da aurora,  
A lampada que ardeu durante a noute  
Pallida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO.

Por Deus vos peço, não falleis em morte.

CAMÕES.

Se eu a sinto chegar a passos largos!  
Muito não tardará que o corpo inerte  
Vá sob a terra descansar para sempre.  
Uma existencia cheia de desgostos,  
As mais douradas illusões desfeitas,  
Findos os sonhos, a esperança extincta...  
Ó de que vale o prolongar-se a vida?  
Sim, brevemente cerrarei os olhos,  
Morrerei pobre, velho, despresado...  
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO.

(Cahindo-lhe aos pés)

Ó meu senhor!

CAMÕES.

Terei um peito ao menos  
Onde então possa reclinar a fronte,  
Uma lagrima derramar saudosa,  
E dizer expirando o nome d'ella!

(Erguendo com doçura a cabeça do Jáo)

Antonio, diz-me cá; tu nunea amaste?

ANTONIO.

(Erguendo-se)

Se tenho um coração!... Eu amo muito

A terra onde nasci, a minha Java :  
A meus paes eu amei como bom filho  
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES.

Na tua vida uma mulher não houve  
Que igual affecto te inspirasse ainda ?  
Por quem sentisses attracção immensa ?  
Em que louco pensasses, sempre, sempre,  
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros ?  
Uma mulher, emfim, por quem no peito  
Forte paixão te ardesse ou um desejo ?  
Uma mulher, um anjo, cujo nome  
O tivesses nos labios e na mente ;  
Escripto o visses na corrente branda  
Que sobre seixos se deslisa quieta,  
N'um céu d'anil, na flor do prado, em tudo ?  
Que t'ó dissesse a brisa perfumada  
Lasciva perpassando pelas flores,  
O murmurar da fonte cristallina,  
No firmamento o scintillar dos lumes,  
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella ?  
Um anjo, a quem no delirar ardente  
Aos pés prostrado — amor ! — dissesse terno ?

ANTONIO.

Sim, sim ; uma mulher eu amei muito.  
Era tão bella ! A mesma cor que tenho,  
Ella tinha tambem ; era de Java.  
A infancia ambos passámos sempre juntos  
Brincando alegres pelos campos lindos.  
Passaram-se os folgedos, e sósinhos

Á fresca sombra dos gentis palmares  
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,  
Mil fallas de ternura lhe fallava,  
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.  
Era muito feliz o pobre escravo !  
Depois... tão moça ainda ella finou-se !  
O que eu chorei ! E a dor pungente e amarga  
Áté á morte sentirei n'esta alma  
Que outro amor como aquelle tão sincero...  
Senhor, o pobre Jáó não terá nunca.

CAMÕES.

Pois escuta : eu amava com excesso  
Na terra uma mulher muito formosa  
Que a sorte cega collocou mui alta.  
Mas o pobre Camões não tinha um nome,  
Não podia off'recer-lhe a mão d'esposo !  
Ai loucos ! por ventura um sentimento  
Quereis moldal-o a conveniencias futeis ?  
Quem é que ao coração jámais deu regras ?  
Sem demora parti, buscando a gloria.  
Longos annos vaguei saudoso e errante,  
Ora embalado pelas bravas ondas  
De oceano em furia grande, ouvindo os uivos  
Da procella a bramir forte e medonha ;  
Ora chorando os prantos do proscripto  
Nos ermos montes de longiquas plagas.  
Que saudades que eu tinha d'esta terra,  
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,  
D'estas flores mimosas, d'estes ares !  
Nunca n'aquellas regiões tristonhas  
O riso de prazer me veiu aos labios.

Em vão eu quiz beber uma harmonia,  
Uma inspiração celeste, radiante!  
Lá não trinava o rouxinol gorgeios  
Na balseira virente em noute bella,  
Quando a lua prateada se retrata  
Sobre as agoas do lago socegado ;  
Lá não ouvia a gemebunda rôla  
Gemer saudosa... que entristece tanto!  
Lá não sentia a vespertina aragem  
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,  
Que nunca mais soltára hymno festivo !  
Tudo alli respirava só tristeza !  
E durante esses annos tão compridos,  
Esses annos d'ausencia e de tormentos,  
A imagem de Natercia eu via sempre.  
Uma vez que tranquillo adormecera,  
De subito me ergui todo convulso...  
Sonho horrivel me havia despertado.  
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!  
Aquelle corpo airoso, inanimado !  
Aquelles lindos olhos já sem brilho !  
Os labios purpurinos já cerrados,  
Mas que no entr'abrir final, balbuciarão  
Camões ! Camões ! ainda com ternura !  
Vacilante os cabellos apartava  
Com a tremula mão da fronte em gêlo...  
Visão não era ; realidade pura !  
Era morta a mulher que eu tanto amava,  
Morta... na flor da vida !... ella era um anjo !  
Desde esse dia então morri p'r'o mundo.  
As lagrimas de dor verti-as todas,  
Depois... não chorei mais, soffria mudo  
De rojo junto á cruz, constricto orava,

Orava toda a noute só por ellâ.  
A Deus pedia o termo de meus dias,  
Que entre os anjos no céu vel-a queria,  
Já que na terra os homens, sem piedade,  
Me haviam d'ella separado sempre.  
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.  
Quereis que esgote o calix da amargura ?  
Submisso e prompto está o servo humilde.

(Apontando para a banca)

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

(Recebendo-os)

Sim, são estes que fallam de Natércia  
Com todo o fogo d'um amor eterno.  
Eis o signal das lagrimas cahidas  
Sobre o papel quando tracei as linhas.  
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue,  
Arrancadas por uma dor immensa.

(Beijando-os)

Oh ! quero lêl-os, lêl-os novamente.  
Foi este canto luctuoso e triste  
Ultimo harpejo que soltei gemendo  
Ai ! quando d'esse dia me recordo,  
Involuntario o pranto se desprende.  
É uma corda que se vai da lyra.  
Mais uma fibra que do peito estalla,  
Mais um gemido que rebenta d'alma,  
— Derradeiro estertor do agonizante —  
Um gemido que diz : além a — campã !

(Assenta-se e lê ;)

« Alma minha gentil que te partiste  
Tão cedo d'este mundo descontente ;  
Repousa lá no céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste. »

ANTONIO.

(A parte)

Alli n'aquelle leito tão mesquinho  
Repousa o maior vate d'este mundo !  
P'r'o sepulchro inclinada a frente nobre  
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,  
Um ai não solia nem um só que seja !  
Callado soffre, soffre, e não murmura !  
Só eu é que conheço o que padece :  
Com fome ha tantas horas e não tenho  
Em casa, nada que lhe dê agora !  
Se podesse passar sem mim ao lado...  
Se podesse ! inda sou rapaz, sou forte,  
De noute e dia trabalhava sempre  
E do trabalho o lucro era para elle,  
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,  
Não posso abandonal-o um só momento.  
Tão fraco ; até lhe custa a dar um passo !  
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,  
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...  
E só parece que a rochedos fallo,  
Ninguém attende á supplica do pobre !  
De dor eu choro quando peço esmolla  
E vejo que m'a negam tão sem alma.  
Filhos de Portugal, ó portuguezes !  
Viveis entregues aos festins maldictos  
Sem vos lembrar que na miseria triste  
Enfermo geme, moribundo quasi,  
Um portuguez tambem, um vate illustre ?  
Ah ! sois malvados corações de pedra !  
Sim, sois malvados ! O perdão do poeta,  
De certo o tendes, porque é bom, perdôa ;  
Mas dos sec'los futuros, com justiça,

Anathema tereis e fulminante,  
Da infamia o ferrete desprezível,  
E a voz de Deus vos bradará severa :  
« Assassinos, assassinaste o vate ! »

(Ouvem-se salvas repetidas, ao longe)

CAMÕES.

Antonio ?

ANTONIO.

Senhor !

CAMÕES.

Saberás dizer-me  
Por que em signal festivo o canhão trôa ?

ANTONIO.

É a saudação banal das fortalezas  
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,  
E que entregues aos ventos inconstantes  
Destemidos se vão plantar ousados  
O estandarte da cruz em terras d'Africa.

CAMÕES.

(Erguendo-se, agitado)

Sim, elles vão... mas é buscar a morte.  
Quem antevera que d'um povo a ruina  
Pelo seu proprio rei cavada fosse ?  
Ó campas nobres, já no pó envoltas,  
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco :  
Decerrai-vos, surgi ! Que esses gigantes,  
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,



Erguendo-se do somno eterno um pouco,  
Depressa venham sustentar a patria  
Que ameaça cahir, cahir p'ra sempre!

(Caminhando para a janella e fallando para fóra)

Dom Sebastião, monarcha temerario,  
Parai! parai! que não ireis mancebo,  
Sepultar nas arêas africanas,  
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.  
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,  
Oh! escutai, senhor, o pranto amargo  
Do pão, da mãe, da esposa e do filhinho  
Que vos pedem o filho, o pae, o esposo,  
Que sem dó arrancaes dos lares patrios  
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha.  
Mas ah! sois surdo; vossas náos já partem,  
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...  
Um dia dareis conta d'essas victimas.

(Retirando-se da janella e como que subitamente inspirado)

Que luz celeste me esclarece agora?  
Que sombras estas que vagueam tristes,  
Que se deslisam silenciosas, quietas,  
Fantasmas negros na mudez da noute?!...  
Que campo é esse que se allaga em sangue,  
Theatro horrivel onde impera a morte?!...  
O d'Alcacer-Quivir plaga maldicta  
Que presencêas n'um só dia a queda  
Da nação entre todas a mais nobre!  
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!  
No calor da peleja que se trava,  
Parte-se a folha da ligeira espada  
E o alfange, como anjo de exterminio,  
Prostra exangues, sem dó, esses valentes  
Que em cem batalhas não tremeram nunca!

Os soldados de Christo já recuam  
Pelas imigas hostes esmagados,  
O regio elmo pelo campo rolla...  
Calcada está de Portugal a c'rôa,  
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...  
E dom Sebastião ouzado e joven  
Eil-o que tomba do ginete altivo  
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se !  
Elle, nobre dos nobres luzitanos ;  
Ao lado do peão lá geme, expira !  
— A morte nivelou o throno e a choça !  
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...  
Este alarido e gritos de victoria...  
De triumpho infeliz os solta um povo !  
As mauras meias-luas lá tremulam  
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas ;  
Lá resôa o clarim cantando um hymno  
Que contentes os eccos o repetem  
Pelo negror das trevas que caminham  
A cubrir com o sudario da vergonha  
A purpura real, d'um rei o corpo !  
Ouve-se ainda um brado... extinto é tudo !  
A gloria e o nome portuguez morreram !  
E este tinir de ferros?! São algemas,  
São grilhões que nos vem lançar Castella !!  
Termos de supportar extranho jugo...  
Soffrer da escravidão a morte lenta...  
Um nobre portuguez responde — nunca !

ANTONIO.

(Á parte)

A febre do delirio que o devora !

CAMÕES.

Eu á patria sobreviver? Não quero.  
Quem d'este Portugal cantou as glorias  
Não póde a Portugal na mesma lyra  
Desferir o canto funebre saudoso.  
Se a patria é morta, hei de morrer com ella.  
Hei de sim, hei de sim, porque n'esta alma  
Era o affecto maior que ora existia.  
Oh! que a mesma mortalha nos envolva;  
E o canto d'alma apaixonado e terno,  
Em que humilde exaltei a fama tua,  
Que as chammas o consumam; que hoje mesmo,  
De Luiz de Camões não tenha o mundo  
Nem sequer uma trova de seus dias...  
Bem poucos de prazer, de dor bastantes!  
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,  
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes  
Com pranto amargo deslisado em bagas.  
Eia, coragem!  
(Lança ao fogo alguns manuscriptos e vai buscar os Luziadas)

ANTONIO.

Os Luziadas, nunca!  
Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço;  
Que não se queima assim n'um só momento  
D'um poeta immortal a rica c'rôa,  
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.  
Oh! vou salvar-os.  
(Corre para Camões)

CAMÕES.

(Lançando-os ás chammas)  
Jáo, nem mais um passo.



# OBRAS EM PROSA



# A VIRGEM LOURA

## PAGINAS DO CORAÇÃO

### I

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

N'essa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flores e perfumes, e tudo que vemos falla e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgueio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céu, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia! E que saudade, que funda saudade não temos d'esse tempo quando a nossa alma cheia de decepções e despoetizada pelas misérias da vida se recorda melancolica do passado!

Pelo menos a mim acontecer-me isso; toda a vez que me lembro dos meus bellos dias de infancia, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gósto d'essa lagrima; quando se chora é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensível que o lodo do mundo não pôde manchar.

Por isso gósto de chorar, e apraz-me ás vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento n'esse passado que já vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo, sinto e

góso tudo que vi, senti e gosei n'essa idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

## II

Nasci em... não, não digo o nome do logar onde eu nasci.

Para quê?... Hoje, na casa em que vi a luz, moram estranhos, e estranhos não sabem nem podem comprehender o encanto que eu achava n'essa pequena casa, para mim mais bella que todos os palacios do mundo. .

Moram estranhos, e quem sabe? talvez que suas mãos profanas fossem derribar a figueira velha que me viu nascer, e arrancar as roseiras que eu mesmo plantára no canto do jardim!

Oh! se eu entrasse agora n'essa casa, estou certo que ao transpôr a porta cahiria de joelhos, e que a minha alma, trasbordando de saudade, havia de romper em um d'esses choros prolongados e sentidos que revelam uma dor profunda. Algumas das recordações vagas que conservo se avivariam então; sanctas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, suffocado em pranto, julgaria ouvir o eêco de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancolico com que minha mãe acalentava a irmã pequenina!

Não quero entrar n'essa casa; far-me-ia mal...

## III

Nasci no campo, e ao desprender-me das faxas infantis, ao saltar do berço, vi quasi ao mesmo tempo o céu e o mar, os campos e as mattas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não; foi ao ar livre, e, infante ainda, senti a brisa da praia brincar com meus cabellos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.



Que deliciosa vida aquella ! Como eu corria por aquelles prados ! Que colheita que fazia de flores ! Que destemido caçador de borboletas !

Ah ! meus oito annos ! Quem me déra tornar a tel-os !.... Mas... nada, não queria, não ; aos oito annos ia eu para a escola, e confesso francamente que a palmatoria não me deixou grandes saudades.

#### IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo que vos quero contar, é uma cousa que de certo tem acontecido a todas as crianças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma graça encantadora que, sempre coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se aos nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pesares. Era uma virgem ; dizia-o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade da falla.

Apesar de tantos annos, vou tentar pintal-a como a vi na infancia. Se o retrato sahir imperfeito e as cores esmorecidas, desculpem-me ; a minha palheta não é variada, e ao tocar n'essas paginas do coração, a mão treme e o pincel enodôa a tela.

#### V

Já lestes aquelle lindo conto de fada que um espirituoso folhetinista escreveu a proposito de Thalberg ? Se o lestes, quasi que conheceis a minha virgem, porque desconfio que ella e a fada eram amigas muito intimas.

— Era bella, já vos disse, e não acho com que a possa comparar.

— Uma vestal ?

— Seria ! mas seu rosto divinamente bello, nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus

olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morria in de voluptuosidade, outras faiscaavam de colera.

N'aquelle tempo eu vi-a sempre bondosa, terna e ingenua.

Quando ella sacudia aquella cabeça digna da estatuaria antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, prêsos na frente por uma grinalda, fugiam e fluctuavam livres em graciosos anneis.

Travaa roupas talaes, tão alvas, e tão alvas, que todos nós temiamos manchal-as quando as tocavamos.

Era muito linda ; mas o que eu sobretudo admirava, ña minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a cor do céu. Como eram bellos ! Nas horas de oração, de joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como n'um extasis ; então eu via que suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravamos tambem, e uniamos nossas vozes fescas á sua voz melodiosa, que entoava o cantic da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando ; mas fazia-o com tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e immoveis, ficavamos presos a esse doce gorgeio, que nos despertava sensações desconhecidas.

## VI

— Mas, perguntará o leitor, quem era essa virgem ? D'onde tinha vindo ?

— Adivinhem. Vei do céu, e quando Deus concluiu o mundo, ella achou-se de pé no meio da criação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento : de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia e de noite ao clarão da lua.

Filha do céu, foi formada d'um sorriso do Eterno, brincou com as azas dos cherubins, e no Eden debruçou-se sobre o

hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Creador.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia ; chamava-a unicamente — a virgem loura.

## VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello vêr um grupo de crianças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa — virgem loura — a quem todos chamavam sua irmã.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza d'este céu brasileiro, se a brisa ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e iam folgar á beira do riacho. Ahi cada qual colhia flores ; um trazia rosas, outro açucenas, outro boas-noites ; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flores da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a — virgem loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flores, parecia um verdadeiro jardim ! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas cahidas no collo, no regaço, por toda a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhe davamos flores, ella pagavamos com beijos.

Outras vezes iam á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerizado bramia e recuava ; depois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

Se batia o sino — Ave-Marias — ella orava connosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a virgem mãe sorria-se satisfeita ás preces da infancia.

Muitas vezes acordando de noite achei a — virgem loura — á minha cabeceira ; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras crianças, por-

que ella reproduzia-se e apparecia em mais d'um logar ao mesmo tempo.

Tudo isso fez com que eu lhe consagrasse uma amizade terna, santa e profunda, que nada pôde apagar ; mas, creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos d'elles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos, que matizam o alvorecer da vida.

## VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento expandia-se livre a todos os affectos nobres e santos, como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos ?

Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente ? Se não fôra uma mulher, ha de ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa frente languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh ! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, e como a flor pendida uma gotta de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios que escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abraza.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti ; amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

N'essa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas d'um livro que

nunca havia aberto ; n'essa época em que a minha alma cheia de enthusiasmo nadava em ondas de harmonia ; n'essa época a — virgem loura — esteve constantemente a meu lado.

Horas longas e longas, no silencio augusto da noite, inclinada sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel procurando reproduzir o que me fervia na mente.

## IX

Fui feliz, muito feliz !

Ás vezes enebriada de tanta ventura, entumecida de tanto gôso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguém que me chamou poeta.

## X

Mas depois... a — virgem loura, — voluvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira d'um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento, o — dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia, negra hora !

Deste então fugiu-me a — virgem loura — e debalde a tenho procurado ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flores do prado, em tudo ; nunca mais a vi !

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim ! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gêlo : — *Nunca mais has de encontrar-a !*

---

— Mas quem era a — virgem loura ?

— A de olhos azues ?

— Sim.

— Aquella que eu amava ?

— Sim.

— Pois não adivinharam ?!

Era a — poesia !

---

# CAMILLA

## MEMORIAS D'UMA VIAGEM]

### FRAGMENTOS

Decididamente estamos na epoca dos romances. Está provado que não se póde passar sem elles ; todos são necessarios, porque todos são uteis. Uns, deleitam pela suavidade do estylo ; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade póde elle ser a um desgraçado que não durma ha tres dias, de certo não o escreveria.

É verdade que incommódo horrivelmente os pacificos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas, mas tenham paciencia : é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-hei que são apenas cinco ou seis capitulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio.

### I

Era uma noite de...

Ah ! é verdade ; ia-me esquecendo de lhes dizer que este capitulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar.

Era uma noite de fevereiro de 1856 ; noite tempestuosa, fria, aborrecida.

Fechado no meu quarto sósinho, ao lado a penna e o tinteiro, debruçado sobre um livro, eu estudava.

O relógio acabára de bater pausadamente onze horas. Fechei o livro, encostei a cabeça a uma das mãos e comecei a pensar.

A chuva fustigava fortemente os vidros, o vento zunia pelas frestas da janella, e aquella monotonia e aborrecimento d'uma noite chuvosa foi-me pouco a pouco entorpecendo o espirito até que cahi n'uma especie de tristeza, direi melhor d'indolencia, que me é frequente e que mesmo não sei definir.

Em que pensava eu ?

No Brazil, em minha mãe, na minha infancia.

É muito triste estar-se longe da patria, é. Sempre esse mesmo pensamento na mente, sempre essa mesma saudade no coração !

Abri maquinalmente a minha pasta e comecei a folhear distrahido os pobres manuscritos que a enchiam. Aqui era uma copia apaixonada, além um suspiro de proscripto, um canto de saudade ! No mesmo caderno de papel, d'um lado as primeiras scenas d'uma comedia, do outro o esboço d'um romance, entretenimento das minhas horas vagas.

Mocidade ! mocidade ! Quadra de sonhos, de esperanças, d'illusões !

E qual é o rapaz que á noite no meio d'um silencio austro, não pensa, não fantasia e não entrega ao papel as primeiras notas tremulas de sua lyra, as primeiras criações defeituosas da sua imaginação ardente ?

Nenhum.

E o proscripto ?

Oh ! esse medita e chora, e na oração da noite que rebenta fervorosa d'alma, pede a Deus que o leve a ver outra vez o céu sempre poetico da patria, os campos sempre formosos da terra que o viu nascer.



De repente entre os meus papeis deparei com um numero já antigo do *Braz Tisana*. Sorri-me como outro qualquer teria feito. Era a jovialidade que me vinha visitar, era o estylo estouvado, cheio de espirito e malicia do chistoso companheiro da Gertrudes que vinha arrancar-me das sombaticas reflexões em que eu estava atolado.

Depois de ler a carta do boticario que aponta sem dó os ridiculos d'esta sociedade enfatuada, continuei a remecher na pasta, que — sem ser preciso abrir parenthesis — era um bazar em miniatura, uma verdadeira torre de Babel de confusão.

Cousa estranha! Dou com outro numero do *Braz Tisana!*

Este não trazia correspondencia, mas em paga apresentava o começo d'um lindo capitulo do romance de Arnaldo Gama — *O Genio du mal*.

Li o folhetim com avidez e daria tudo para ler a continuação. Desde que este romance se começou a publicar no *Braz Tisana*, segui-o sempre com o vivo interesse que sabe despertar o seu talentoso author, e ora pensando no corpo airoso e flexivel de Maria a namorada de Philippe, ora sonhando com essa Mathilde endiabrada, ardente e caprichosa, comecei a sentir uma vontade extraordinaria de ver a cidade do Porto onde se desenrolam as scenas d'esse drama immenso.

Ora já vêem que a leitura do folhetim tinha mudado completamente o curso das minhas idéas. Comecei pois a fantasiar o Porto.

Vi a cidade invicta recostada soberba nas suas collinas, e o Douro que lhe banha os caes, estorcendo-se por entre margens pittorescas, lançar-se no oceano depois de espumar raivoso nos rochedos da Fez. Subi, no pensamento, a rua de Santo Antonio e entranhei-me no amago da cidade. Passei pelo decantado sitio das Fontainhas, sentei-me no jardim de S. Lasaro, vi a praça Nova, entrei no Guichard, orei

em Santo Ildefonso, debrucei-me na ponte pensil... e finalmente depois de muito cançado instalei-me na Aguia de Ouro!

E o vapor sahia no dia seguinte! E se eu fosse de passagem n'elle, como saudaria com alvoroço essas muralhas venerandas que supportaram o terrivel ribombo dos canhões d'um cerco violento! Como eu diria com enthusiasmo, de pé na popa do vapor: salve Porto! realisou-se emfim o meu sonho porque te vejo ainda melhor do que te fantasiara!...

Estava com estes pensamentos quando o relógio batia onze e meia.

Maldito relógio, vieste desfazer o meu poetico castello!

Onze e meia! murmurei eu, são horas de me deitar. Fechei a pasta, guardei os livros, despi-me e... com o maior socego do mundo enfronhei-me em valle de lençoes.

A chuva continuava a cahir, alguns relampagos de vez em quando allumiavam o espaço, e um silencio immenso só quebrado pela queda da agua, envolvia o meu quarto.

Como é bello estar na cama bem agasalhado n'uma noute de chuva! Dorme-se que é um regalo!

Foi por isso que não conversei muito tempo com o travesseiro. Dous minutos depois, se não estava morto, também não dava muitos signaes de vida. Podia chover, trovejar, tocarem musica ou dançarem, para mim era o mesmo. Dormia a bom dormir.

## II

Era uma bella manhã. O rio estava formoso, o sol brilhava vivido, e o *Duque do Porto*, coroadado por um pennacho de fumo, prompto a sahir, balançava-se nas aguas do Tejo.

Um bote impellido por dois remos afastava-me do caes das columnas, aproando direito ao vapor. Eu também ia para

o Porto ; ia ver a perola do Minho que se debruça graciosa sobre a corrente ligeira do Douro.

E o vapor cortava rapido a veia do rio e deixava apoz si Lisboa, Belem, Paço d'Arcos, e passando entre o Bugio e S. Julião barra fóra, affrontava destemido os vagalhões do oceano oscillando de popa á proa.

Gósto muito de estar embarcado : satisfaz-me o contemplar o oceano em toda a sua vastidão e isolamento ; acho poesia immensa no céu profundo d'uma noite de Maio, quando as estrellas espalham seus reflexos tremulos sobre as aguas agitadas : é-me grato ao ouvido o canto monotono do marujo repassado de saudade... mas todas as vezes que me embarco — enjôo.

Ora, não sei se sabem, o enjôo é a molestia mais estúpida do mundo ; torna o homem n'um estado quasi bruto, enfraquece ao mesmo tempo o corpo e o espirito.

Apenas tinha o vapor transposto a barra, já quasi todos os passageiros se haviam recolhido a seus beliches. Eu, a muito custo, resistia ainda. Sentado n'um banco, com os olhos fitos nas vagas que espumavam ao longe, não sei verdadeiramente dizer em que pensava n'aquelle nomento — se é que realmente eu pensava !

A meu lado estava um sugeito a quem nem sequer me dei ao incommodo de analysar as feições.

— O sr. vae para o Porto, não ? disse-me elle.

Levantei a cabeça e olhei para o homem admirado. A pergunta era tola. Para onde diabo havia eu ir senão para o Porto ! Só se me levasse a breca, porque n'esse caso ia para o outro mundo.

O meu amigo parecia esperar a resposta.

Respondi-lhe affirmativamente inclinando a cabeça.

— É a primeira vez que lá vae ? continuou elle.

O mesmo signal com a cabeça.

— Pois o sr. nunca foi ao Porto ?...

Signal negativo da minha parte.

— Pois olhe, admira.

Eu fiquei immovel.

— O Porto é uma bonita cidade.

Encolhi os hombros.

— Tem boas ruas, soberbos edificios, muito commercio, excellente vinho, grandes cebolas, raparigas lindissimas, etc. etc., etc., e o homem continuou, n'um tom de declamação theatral, a tecer o elogio do Porto. Logo vi pelas primeiras palavras, que estava a contas com um minhoto ; era preciso ser um santo para encarar a sangue frio a terrivel maçada que me ameaçava.

— Meu caro Senhor — disse-lhe eu erguendo-me e cambaleando já meio atrapalhado com os balanços do vapor, — queira desculpar-me, porém não me sinto bom, preciso estar deitado... e se me dá licença.

— Ah! ah! disse elle, rindo-se com um modo aparvalhado, já está enjoado, hein? é falta de costume. Olhe — continuou elle em quanto eu descia a escada da camara — a gente estar deitada é ainda peor; coma bem, beba melhor, passeie e o enjô vae-se.

Obrigado, respondi eu cortezmente; e cá comigo accrescentei — forte bruto!

Quanto tempo estive deitado, não sei; ergui-me só quando ouvi alguns passageiros exclamarem: avista-se o Porto!

Avista-se o Porto! repeti eu; então quero cumprir a promessa que fiz em Lisboa, quero de pé, sobre a popa do vapor, saudar a eidade invicta.

E nós avançavamos sempre, e eu dizia: eis o celebre Cabedello, eis o castello da Foz, ali é o pharol de N. S. da Luz; e quando entrei a barra accrescentei tambem: aqui, d'encontro a estes rochedos, tem naufragado muitos navios, tem perecido muitas pessoas! E a lembrança do vapor

*Porto* cruzou-se-me no pensamento, e inclinei-me insensivelmente sobre o abysmo para recolher um gemido, um ai pungente de agonia d'alguma victima, ou para descobrir as fórmias graciosas d'essa donzella pallida que as ondas engoliram.

A cidade do Porto é linda. Que magestade e que poesia não tem o Douro rolando impetuoso ! E a torre dos Clerigos, erguendo-se colosso por sobre tudo que a cerca !.. E ao fundo d'esse painel soberbo, a serra de Pilar com todas as suas recordações gloriosas !

E eu, de braços cruzados, contemplava mudo o theatro d'uma lucha gigante, fraticida sim, mas em que a liberdade havia campeado ; contemplava a cidade que recebera em seu seio o vencido de Novara, cuja morte inspirará ao grande lyrico portuguez um dos trechos mais sublimes da poesia moderna.

Quem ha ahi que não saiba de cór o — *Ave Cesar*— e que em frente do Porto não saúde com enthusiasmo

Esse berço de muralhas  
Que fez livre Portugal ?!

Uma hora depois desembarcava, e olhava para tudo com attenção, porque tudo para mim era novo. Eu que tinha quasi a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente ao dobrar uma esquina, dou cara a cara com um antigo condiscipulo meu.

— Ernesto !

— Casimiro !

— Dissemos ao mesmo tempo um e outro, e ambos nos abraçámos.

— Já cá estás ha muito ? perguntou-me elle.

— Agora mesmo desembarco ; e tu ?

— Ha mais d'um mez.

— Em que hospedaria ?

— Na Aguia de Ouro.

— Na Aguia de Ouro ?!

— Sim, na Aguia de Ouro. Porque diabo te espantas ?

— Com a fortuna ! É justamente para onde vou, e encontro-te logo para companheiro ! Na verdade, se tudo aqui me correr assim, sou feliz, não ha duvida.

— Vens tratar d'algum negocio ?

— Não, vim passear ; vim ver uma cidade que ainda não tinha visto.

— Então deixa estar, hei de mostrar-te o Porto por dentro e por fóra. Enfia o braço ; vamos á Aguia de Ouro.

— Pois vamos.

— E a tua bagagem ?

— Já lá vae adiante.

— Bom.

E depois de caminharmos um pedaço, olhando um para o outro, exclamámos ao mesmo tempo :

— Ora que ratice !... Encontramo-nos sem esperar, no fim de tanto tempo de separação !

E ambos soltámos uma gargalhada de rapaz estouvado.

### III

É rara a hospedaria de romance que não se chame Aguia de Ouro, Leão de Ouro, Urso Branco, Urso Vermelho, ou outra cousa semelhante ; no entanto affirmo que aquella em que me installei não é invenção minha, porque lá existe com effeito no Porto a hospedaria da Aguia de Ouro.

Foi pois para ella que caminhámos, Ernesto e eu, conversando alegremente, e no fim d'um quarto de hora estávamos a contas com o estalajadeiro que a pedido meu, alojou-me no mesmo quarto que Ernesto occupava.

Sem saber porque, ia fazendo o mesmo que o meu amigo fazia com toda a negligencia : mudava de toilette.

Não sei se sabes que me caso hoje, disse-me elle com a maior seriedade, em quanto arranjava o laço da gravata diante d'um espelho.

— Dou-te os parabéns, respondi eu rindo-me, porque tomava o negocio por brincadeira.

— Espero da tua amizade, continuou elle cada vez mais serio, que serás meu padrinho.

— Essa é boa ! tornei-lhe eu, não sabendo se devia acreditar ou não ; estou prompto. Mas dize-me, a noiva é moça ou velha ?

— Vinte e seis annos.

— Bonita ou feia ?

— Linda como os amores.

— E chama-se ?

— Camilla \*\*\*

— Ora essa ! disse eu, deixando cahir insensivelmente a bota que ia calçar.

— Tu conheces-a ? perguntou-me Ernesto,

— De nome... de nome ; tenho ouvido fallar muitas vezes n'essa mulher...

— Romantica, não ?

— Romantica, sim, romantica ; e mau grado meu, soltei uma gargalhada forçada.

— Pois é verdade, caso-me com ella hoje.

— Por amor ?

— Ora, filho, tornou-me Ernesto, deves saber que é palavra que não ha no meu dictionario. Ella casa-se comigo por capricho, por phantasia ; e eu cedo a essa phantasia, a esse capricho, porque ambiciono ser rico, porque casando-me venho a ser possuidor da fortuna colossal de Camilla. No entanto, accrescentou elle pensativo, ha uma cousa que me intimida. Esta mulher tem querido esposar tres rapazes e todos tres morreram horas antes da festa nupcial ; da quarta vez dizem que morre ella, mas póde muito bem suc-

ceder o contrario, e se a eubiça me impelle a dar este passo, a razão faz-me reeuar aterrado.

Ernesto estava pallido quando aeabou de fallar e tinha-se deixado cahir sobre uma eadeira, brineando com a corrente do relójio.

Eu, eneostado á eommoda, immovel como uma estatua, sentia que não estava no meu estado natural. Tinha visto em Lisboa Camilla, e a sua imagem tinha-me ficada gravada em fogo na mente. Não podia ficar impassivel vendo-a lançar-se nos braços d'outro homem: não podia a sangue frio ver desvanecer-se o mais bello sonho da minha vida.

E se a Camilla de Ernesto não fosse a mesma? Era quasi impossivel; mas emfim sempre era uma esperança.

Perguntei-lhe pois se tinha o seu retrato.

— Olha, disse-me elle apontando para a eommoda, abre essa segunda gaveta de cima; hade ahí estar.

Abri a gaveta, e peguei n'um retrato eravado no meio d'uma rica moldura. As mãos tremiam-me e o coração batia fortemente. Olhei... e apesar de não ser da moda, estive quasi a soltar um grito de raiva. O retrato era de Camilla.

— Meu querido Ernesto, disse-lhe eu, se te easares estimarei que sejas feliz; mas não posso ser teu padrinho, peço-te que me dispenses.

— Então porquê?

— Ora, Ernesto, se tu amasses uma mulher de certo não irias assistir ao seu easamento eom outro.

Ernesto levantou-se e travou-me da mão.

— Amas Camilla! ? perguntou-me elle.

— Amo-a, sim.

— E ella?

— Não sei; ou para melhor dizer: nem me eonhece, porque lhe fallei unieamente uma vez.



— Oh! Oh! fez Ernesto estalando um phosphoro e mordendo com todo o vagar um charuto de pataco, temos paixão romantica?! Estou com vontade de saber essa historia.

Pois eu t'a conto. É simples como o são todas as historias de amor. Camilla esteve em Lisboa, vi-a como todo o mundo a viu; mais o que talvez ninguem fez, fiz eu: amei-a: Cruzei um segundo os meus olhos com os d'ella, e aquelle olhar terno e languido fez-me mal. Desde a primeira vez que a vi pensei só n'ella, segui-a por toda a parte porque tinha necessidade de a ver, era um iman que me attrahia.

Escuta, Ernesto, era uma paixão louca, uma effervescencia dos sentidos, um desvario da razão. Teria dado metade da minha vida por um beijo d'aquella mulher; teria até dado a minha alma para rolar-me como um sibarita no divan em que ella tivesse estado reclinada, para aspirar os perfumes embriagantes que a cercavam.

Uma noite fui a S. Carlos, ella lá estava n'um camarote, bella, deslumbrante de joias e belleza, seductora! Representava-se o *Trovador*. No intervallo do 2.º acto fui apresentado por um amigo meu e ella recebeu-me com um sorriso.

A nossa conversação foi pouco a pouco caindo no amor. Eu estava extatico quando ella fallava; cada palavra d'aquella mulher, coada por entre dois labios extremamente voluptuosos, vibrava-me ao mesmo tempo no ouvido e no coração.

— O senhor já amou? perguntou-me ella.

— Amo, minha senhora; respondi-lhe eu.

— E o que daria a essa mulher que ama?

— Todos os meus pensamentos por um beijo seu.

— Oh! disse Camilla, como duvidando.

— Toda a minha vida por uma hora da sua, accrescentei olhando-a fixamente.

Ella guardou silencio.

— A salvação da minha alma, se na hora derradeira ella jurasse que me tinha amor.

Camilla sorriu-se e respondeu-me : é muito. Depois, erguendo os olhos, disse em voz muito baixa :

— Eu se amasse um homem, dava-lhe..... o meu amor.

E correu a platéa inteira com o seu oculo de marfim.

Desde essa noute, Ernesto, nunca mais a vi.

Mal tinha acabado estas palavras quando uma carruagem parou á porta do Hotel.

— Vem a proposito, disse Ernesto depois de ter chegado á janella.

— O que ? A carruagem ?

— Sim ; é o trem de Camilla que vem buscar-me.

— Deixas-me já ?

— Pelo contrario, levo-te comigo.

— Estás doido !

— O que ! Pois recusas acompanhar-me ?

— A casa d'ella, recuso.

— Mas é que nós não vamos agora lá.

— Então acompanho-te.

Descemos a escada, e dois minutos depois rodava a carruagem ao largo trote de dois magnificos cavallos.

# INDICE

I. Advertencia sobre a presente edição .....	7
II. Juizo critico de escriptores nacionaes e estrangeiros...	11
III. Apotheosis poetica ; poesias tributadas á memoria do author .....	69
IV. Noticia sobre o author e suas obras .....	85
V. Notas.....	109

## PRIMAVERAS

A F. Octaviano .....	151
A *** .....	155

## LIVRO PRIMEIRO

### CANÇÕES DO EXILIO

Exilio.....	157
Miua terra .....	159
Saudades.....	164
Meu lar .....	165
Miua mãe.....	167
Rosa murcha .....	169
Jurity.....	171

Meus oito annos.....	172
No album de J. C. M.....	175
Tres cantos.....	175
Ilusão.....	176
Suspiros.....	178

#### BRAZILIANAS

No lar.....	181
Moreninha.....	185
Na rede.....	189
A voz do Rio.....	191
Sete de Setembro.....	193

#### CANTICOS

Poesia e amor.....	195
Orações.....	198
Balsamo.....	199
Deus !.....	200

### LIVRO SEGUNDO

#### CANTOS DE AMOR

Primaveras .....	201
Scena intima.....	203
Juramento.....	206
Perfumes e amor.....	208
Segredos.....	209
A walsa.....	211
Borboleta.....	216
Quando tu choras.....	219
Canto de amor.....	220
Violeta.....	223
O que ?.....	224
Sonhos de virgem.....	225
Assim !.....	226
Quando.....	227
Sempre sonhos !.....	228
Palavras no mar.....	230
Pepita.....	232

Visão.....	234
Queixumes.....	235
Amor e medo.....	237
Perdão.....	240
Mocidade.....	243
Noivado.....	245
De joelhos.....	246
Sonhando.....	248
Lembras-te?.....	249
Desejos.....	252
Elisa.....	254
Hontem á noite.....	257

## LIVRO TERCEIRO

### POESIAS DIVERSAS

O baile.....	259
Palavras a alguém.....	261
Folha negra.....	262
Berço e tumulo.....	264
Infancia.....	265
A uma platea.....	266
No tumulo de um menino.....	267
A Macedo Junior.....	268
Uma historia.....	271
Pois não é?.....	273
Na estrada.....	274
No jardim.....	275
Clara.....	277
O que é sympathia?.....	278
A rosa.....	279
A Faustino Xavier de Novaez.....	280
A amizade.....	283
No album de N. V. Pereira.....	285

## LIVRO NEGRO

### POESIAS ELEGÍACAS

Horas tristes.....	287
Dores.....	291

*** .....	294
Fragmento.....	297
Lembrança.....	298
Anjo.....	299
Minh'alma é triste.....	300
A morte de Affonso Messeder .....	303
No leito.....	306
Risos l.....	311
A vida.....	312
A. J.....	315
Os meus sonhos.....	316
Ao author.....	320
Meu livro negro.....	323
Ultima folha.....	328

#### SCENA DRAMATICA

Camões e o Jáo.....	333
---------------------	-----

#### OBRAS EM PROSA

A virgem loura.....	353
Camilla, memorias de uma viagem ; fragmento.....	361

#### FIM DO INDICE







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).